



**MARCOS LUIZ WIEDEMER**

**VARIAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO NO USO DE PREPOSIÇÕES EM  
CONTEXTOS DE VERBOS DE MOVIMENTO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

**São José do Rio Preto  
2013**

**MARCOS LUIZ WIEDEMER**

**VARIAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO NO USO DE PREPOSIÇÕES EM  
CONTEXTOS DE VERBOS DE MOVIMENTO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística).

Bolsa FAPESP (Processo 2009/50819-0)

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves.

**São José do Rio Preto  
2013**

Wiedemer, Marcos Luiz

Varição e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro/ Marcos Luiz Wiedemer.

-- São José do Rio Preto, 2013.

250f. : il., gráfs., tabs.

Orientador: Sebastião Carlos de Oliveira Gonçalves

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Língua portuguesa - Gramaticalização. 3. Língua portuguesa - Brasil. 4. Língua portuguesa - Variação. 5. Língua portuguesa - Preposições. I. Gonçalves, Sebastião Carlos Leite. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 415.4

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE  
UNESP – Campus de São José do Rio Preto

## COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves – Orientador  
Universidade Estadual Paulista (UNESP – São José do Rio Preto/SP)

Profª. Dra. Rosane de Andrade Berlinck – Membro titular  
Universidade Estadual Paulista (UNESP – Araraquara/SP)

Prof. Dr. Marcelo Módolo – Membro titular  
Universidade de São Paulo (USP – São Paulo/SP)

Profª. Dra. Luciani Ester Tenani – Membro titular  
Universidade Estadual Paulista (UNESP – São José do Rio Preto/SP)

Profª. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos – Membro titular  
Universidade Estadual Paulista (UNESP – São José do Rio Preto/SP)

Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio – Membro suplente  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB – Redenção/CE)

Profª. Dra. Taisa Peres de Oliveira – Membro suplente  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS – Três Lagoas/MS)

Profª. Dra. Gisele Cássia de Sousa – Membro suplente  
Universidade Estadual Paulista (UNESP – São José do Rio Preto/SP)

## **DEDICATÓRIA**

*À minha esposa, Dayane Alves Wiedemer, por estar sempre ao meu lado e não me deixar esquecer o colorido da vida; e por me fazer sentir que, ao final de cada “batalha”, eu sempre terei um lar para onde eu possa retornar.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, que me proporcionou muito mais que aprendizado. Exemplo de ser humano, ao qual não tenho palavras para agradecer por tudo o que fez para eu chegasse até aqui.

Ao Prof. Dr. Christian Lehmann, da Erfurt Universität, na Alemanha, pela contribuição ao aprimoramento deste trabalho, principalmente no que envolve os pressupostos da gramaticalização.

Às Profª. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos e Profª. Dra. Luciane Ester Tenani, ambas da UNESP/IBILCE, pelas valiosas contribuições e críticas ao meu trabalho quando do exame de qualificação.

Aos Prof. Dr. Marcelo Módolo, da USP, e Profª. Rosane de Andrade Berlinck, da UNESP/Araraquara-SP, pelas contribuições e sugestões de melhorias por ocasião da defesa desta tese.

Aos professores da Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UNESP/IBILCE, que contribuíram imensamente para minha formação acadêmica, seja por meio de discussões promovidas ao longo das disciplinas cursadas, seja por meio de conversas pessoais.

Aos membros do Projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista.

A todos os funcionários da Seção de Pós-graduação do IBILCE/UNESP.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa de doutorado (FAPESP 09/50819-0), bem como pelo período de doutorado-sanduíche na Alemanha, junto à Universität Erfurt, sob a orientação do professor Dr. Christian Lehmann.

Aos meus familiares e à família da minha esposa.

Agradeço, em especial, a minha esposa, Dayane Alves Wiedemer, com amor e admiração.

*“Começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei ainda nos podemos mexer”.*

Graciliano Ramos

# SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS .....	10
RESUMO .....	13
ABSTRACT .....	14
INTRODUÇÃO .....	15

## CAPÍTULO I – VISÃO GERAL DAS PREPOSIÇÕES

<b>1 As preposições: definições e propostas</b> .....	22
1.1 Visão gramatical .....	26
1.2 Estudos linguísticos: a heterogeneidade semântica das preposições ..	30
<b>2 Para uma visão conceptual das preposições</b> .....	46
<b>3 O desenvolvimento das preposições: do latim ao português</b> .....	50
3.1 As preposições <i>ad, in e per ad</i> .....	56
3.2 O sincretismo do português brasileiro .....	60

## CAPÍTULO II – PANORAMA DOS ESTUDOS DAS PREPOSIÇÕES DE VERBOS DE MOVIMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

<b>1 Panorama das tendências de contextos de uso de preposições</b> .....	67
<b>2 Panorama diacrônico do fenômeno investigado</b> .....	82

## CAPÍTULO III – QUADRO TEÓRICO

<b>1 A sociolinguística variacionista</b> .....	89
1.1 Os princípios empíricos da mudança linguística .....	94
1.2 Olhando o passado e o presente de uma língua .....	98
<b>2 O paradigma da gramaticalização</b> .....	101
2.1 Mudança semântica .....	108
2.1.1 A mudança semântica motivada por pressões pragmáticas .....	108
2.1.2 Os mecanismos de mudança semântica: metáfora e metonímia ..	112
2.1.3 As noções de significado básico e genérico .....	115
2.2 Gramaticalização e unidirecionalidade .....	117
2.3 Gramaticalização <i>versus</i> lexicalização .....	120
2.4 Gramaticalização: princípios e parâmetros .....	121
2.5 Renovação e inovação .....	127
<b>3 O Sociofuncionalismo</b> .....	130

## CAPÍTULO IV - METODOLOGIA

<b>1 Definição de <i>corpora</i></b> .....	135
1.1 Amostra de fala do PB contemporâneo (século XXI) .....	136
1.2 Amostra de escrita do PB histórico (século XIX) .....	138
<b>2 Contextos variáveis</b> .....	142
2.1 Variável dependente .....	142
2.2 Variáveis independentes .....	143



2.2.1 Grupo de fatores extralinguísticos .....	143
2.2.1.1 Faixa etária.....	143
2.2.1.2 Sexo/gênero .....	144
2.2.1.3 Escolaridade.....	145
2.2.2 Grupo de fatores linguísticos .....	145
2.2.2.1 Tipo do verbo.....	145
2.2.2.2 Configuração do complemento locativo/ponto de referência	146
2.2.2.3 Concretude do movimento.....	147
2.2.2.4 Definitude do locativo .....	147
2.2.2.5 Pessoa do discurso .....	148
<b>3 Aplicação do critério da frequência .....</b>	<b>149</b>
<b>4 Tratamento quantitativo e análise de dados.....</b>	<b>150</b>

## **CAPÍTULO V – RESULTADOS DA AMOSTRA DE FALA DO PB CONTEMPORÂNEO (SÉCULO XXI)**

<b>1 Panorama do uso das preposições de complementos de verbos de movimento na fala do interior paulista .....</b>	<b>153</b>
1.1 Verbo <i>partir</i> .....	158
1.2 Verbo <i>caminhar</i> .....	160
1.3 Verbo <i>levar</i> .....	161
1.4 Verbo <i>mudar</i> .....	164
1.5 Verbo <i>entrar</i> .....	164
1.6 Verbo <i>sair</i> .....	165
1.7 Verbo <i>voltar</i> .....	168
1.8 Verbo <i>chegar</i> .....	169
1.9 Verbo <i>ir</i> .....	170
<b>2 Fatores sociais e linguísticos: correlação de fatores e a mudança implementada .....</b>	<b>171</b>
2.1 Grupo de fatores extralinguísticos .....	172
2.1.1 Faixa etária.....	172
2.1.2 Sexo/gênero .....	175
2.1.3 Escolaridade.....	177
2.2 Grupo de fatores linguísticos .....	179
2.2.1 Configuração do complemento locativo/ponto de referência ...	179
2.2.2 Concretude de movimento .....	183
2.2.3 Definitude .....	184
2.2.4 Pessoa do discurso .....	185
2.3 Tendências gerais de uso das preposições na fala do interior paulista	187
<b>3 Painel geral de uso das preposições <i>a/para/em</i> no complemento locativo do verbo <i>ir</i> no PB .....</b>	<b>190</b>
<b>4 Interpretando os resultados à luz da proposta de Lehmann (1992).....</b>	<b>192</b>

## **CAPÍTULO VI – RESULTADOS DA AMOSTRA DE ESCRITA DO PB HISTÓRICO (SÉCULO XIX)**

<b>1 Panorama do uso das preposições de complementos de verbos de movimento no PB do século XIX.....</b>	<b>199</b>
<b>2 Interpretando a variação/mudança das preposições <i>a/para/em</i> à luz do Sociofuncionalismo .....</b>	<b>211</b>

2.1 A gramaticalização por generalização da preposição <i>para</i> .....	217
2.2 A gramaticalização por especialização da preposição <i>em</i> .....	220
2.3 A lexicalização da preposição <i>a</i> .....	223

<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>226</b>
-----------------------	------------

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>232</b>
--------------------------	------------

## LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

(na numeração sequencial de figuras, gráficos e tabelas, indica-se primeiramente o capítulo a que pertencem)

### Esquema

Esquema 5.1 – Componentes conceituais da língua portuguesa .....	195
--	-----

### Figura

Figura 4.1 – Abrangência do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista)	136
---	-----

### Gráfico

Gráfico 5.1 – Comparação entre as frequências de usos de preposições associadas a verbos de movimento na amostra <i>Iboruna</i> .....	157
Gráfico 5.2 – Utilização das preposições <i>a/para/em</i> na introdução de complementos do verbo <i>ir</i> de movimento: atuação da variável <i>faixa etária</i> .....	174

### Quadros

Quadro 1.1 – Estrutura argumental do verbo de movimento .....	23
Quadro 1.2 – Sintagma preposicional encaixado num sintagma nominal.....	36
Quadro 1.3 – As preposições e o tratamento da categoria cognitiva de <i>espaço</i> .....	37
Quadro 1.4 – Traços semânticos associados à preposição <i>em</i> propostos por diferentes autores .....	43
Quadro 1.5 – Parâmetros de dinamicidade (LEHMANN, 1992) .....	47
Quadro 1.6 – Relações locais (LEHMANN, 1992).....	48
Quadro 1.7 – Regiões espaciais (LEHMANN, 1992) .....	48
Quadro 1.8 – Paradigma das preposições do Latim Clássico.....	53
Quadro 2.1 – Tendências de uso das preposições de verbos de movimento relacionadas à pessoa do discurso .....	76
Quadro 2.2 – Atuação dos fatores linguísticos e extralinguísticos no uso das preposições <i>a/para/em</i> de verbos de movimento em diferentes amostras do PB.....	81
Quadro 3.1 – Polissemia da palavra <i>asa</i> .....	116
Quadro 3.2 – Parâmetros de gramaticalização (LEHMANN, 1995 [1982]).....	122
Quadro 3.3 – Os processos de inovação e renovação no uso de preposições.....	129
Quadro 3.4 – Variação e mudança x Gramaticalização.....	132
Quadro 4.1 – Distribuição e identificação dos informantes da Amostra Censo por variáveis sociais (Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista – Banco de dados Iboruna) .....	137

Quadro 4.2 – Resumo das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas .....	149
Quadro 5.1 – Estrutura morfossintática do verbo <i>partir</i> e desenvolvimentos semânticos .....	159
Quadro 5.2 – Variáveis independentes sociais e linguísticas controladas.....	171
Quadro 5.3 – Contextos sociolinguísticos preferenciais de uso das preposições <i>a/para/em</i> na introdução de complementos de verbos de movimento na fala do interior paulista.....	188
Quadro 5.4 – Distribuição do uso das preposições segundo o verbo de movimento na amostra <i>Iboruna</i> .....	192
Quadro 5.5 – Relatores locais (preposições) de complementos de verbos de movimento no português brasileiro .....	193
Quadro 5.6 – Relações locais no português brasileiro.....	194
Quadro 6.1 – Processos de Renovação e Inovação da preposição <i>para</i> .....	214
Quadro 6.2 – Desenvolvimentos da variação/gramaticalização das preposições <i>a/para/em</i> do latim ao português .....	216
Quadro 6.3 – Amálgama das preposições <i>a</i> e <i>para</i> no PB .....	218
Quadro 6.4 – Significado do verbo <i>ir</i> (movimento/direção) e (movimento com propósito).....	220
Quadro 6.5 – Relatores locais (preposição <i>em</i> ) de complementos de verbos de movimento.....	222
Quadro 6.6 – Gramaticalização e lexicalização da preposição <i>a</i> .....	225

## Tabelas

Tabela 2.1 – Frequência de uso das preposições <i>a/para/em</i> de verbos de movimento em diferentes amostras do PB .....	80
Tabela 5.1 – Distribuição do uso das preposições segundo o verbo de movimento na amostra <i>Iboruna</i> .....	154
Tabela 5.2 – Influência da variável <i>idade</i> sobre o uso das preposições <i>a/para/em</i> na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra <i>Iboruna</i> ) .....	172
Tabela 5.3 Influência da variável <i>sexo/gênero</i> sobre o uso das preposições <i>a/para/em</i> na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra <i>Iboruna</i> ).....	176
Tabela 5.4 – Influência da variável <i>escolaridade</i> sobre o uso das preposições <i>a/para/em</i> na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra <i>Iboruna</i> ) .....	178
Tabela 5.5 – Influência da variável <i>configuração do complemento locativo/ponto de referência</i> sobre o uso de <i>a/para/em</i> na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra <i>Iboruna</i> ) .....	180

Tabela 5.6 – Influência da variável <i>concretude do movimento</i> sobre o uso de <i>a/para/em</i> na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra Iboruna) .....	183
Tabela 5.7 – Influência da variável <i>definitude</i> sobre o uso de <i>a/para/em</i> na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra Iboruna) .....	184
Tabela 5.8 – Influência da variável <i>pessoa do discurso</i> sobre o uso de <i>a/para/em</i> na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra Iboruna) .....	186
Tabela 5.9 – Frequência de uso das preposições <i>a/para/em</i> na introdução de complementos locativos do verbo <i>ir</i> em diferentes amostras do PB.....	190
Tabela 6.1 – Distribuição do uso das preposições segundo o verbo de movimento (Amostra diacrônica) .....	200
Tabela 6.2 - Influência da variável <i>configuração do complemento locativo/ponto de referência</i> sobre o uso de <i>a/para/em</i> com o verbo <i>levar</i> (Amostra diacrônica).....	206
Tabela 6.3 – Influência da variável <i>configuração do complemento locativo/ponto de referência</i> sobre o uso de <i>a/para/em</i> com o verbo <i>ir</i> (Amostra diacrônica) .....	210
Tabela 6.4 - Influência da variável <i>definitude</i> sobre o uso de <i>a/para/em</i> com o verbo <i>ir</i> (Amostra diacrônica) .....	211

## RESUMO

WIDEMER, M. L. **Variação e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro**. 2013. 250p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista (UNESP-São José do Rio Preto).

O objetivo desta tese é investigar a variação e a mudança, via gramaticalização, envolvendo as preposições *a/para/em* que introduzem complementos locativos de verbos de movimento (*caminhar, chegar, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair, voltar*). Embasam, portanto, esta investigação postulados da Gramaticalização (HOPPER, 1991, HOPPER; TRAUGOTT, 1993, LEHMANN, 2002) e da Sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, LABOV, 1972, 1978, 2001). Procurando conjugar presente e passado na busca de relações dinâmicas e fluidas entre forma e função, investigamos amostras do português brasileiro provenientes de duas sincronias: amostra de fala do século XXI, proveniente do português falado na região noroeste do estado de São Paulo (Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista: GONÇALVES, 2007, 2008a, 2008b), e amostra de escrita do século XIX, proveniente de textos escritos, com o objetivo de mapear os aclives de mudanças por que passam as preposições ligadas ao complemento locativo de verbos de movimento no português brasileiro. Os resultados demonstram que essas preposições designam exclusivamente relações espaciais, e a relação local, em vez disso, está implícita na valência semântica e sintática do verbo. As diferenças de significados nos usos das preposições decorrem de uma relação regular entre um significado básico e um significado genérico e do aumento gradual da pragmatização (inferência) e abstratização (estratégias metafóricas) no uso dessas preposições. No português contemporâneo, constatamos o processo de variação estável das preposições *em* e *para* com maior abstratização de significado, fato que explica a inserção de novos tipos de complementos e a atuação de fatores sociais e linguísticos na seleção de uma determinada preposição, e um processo de recuo gradativo da preposição *a*. Além disso, evidenciamos que há um processo de generalização por especificação, com indicadores de contextos particularizados para as três preposições: a preposição *a* associa-se mais a locativo *objeto, para*, mais a *espaço geográfico*, e *em*, mais a *evento*, corroborando que o funcionamento das preposições que introduzem complemento locativo dos verbos de movimento apresenta-se num *continuum* de variação/gramaticalização. A partir da análise da amostra do PB do século XIX, evidenciamos três tipos de mudança, via gramaticalização, em relação às preposições: (a) *gramaticalização por generalização* da preposição *para*; (b) *gramaticalização por especialização* da preposição *em*; (c) *lexicalização* da preposição *a*. Por fim, ratificamos que a mudança semântica envolvida na gramaticalização das preposições é geralmente uma extensão de significado muito regular: o significado básico de uma expressão é o ponto de partida do seu desenvolvimento semântico, enquanto o significado genérico é o resultado.

**Palavras-chave:** variação; gramaticalização; verbos de movimento; preposição; português brasileiro.

## ABSTRACT

WIDEMER, M. L. **Variation and grammaticalization in the use of prepositions in contexts of motion verbs in Brazilian Portuguese.** 2013. 250p. Thesis (PhD in Linguistics) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista.

The objective of this thesis is to investigate the variation and change of prepositions, involving prepositions *a/para/em* introducing locative complement of motion verbs (*caminhar* (walk), *chegar* (arrive), *entrar* (come in), *ir* (go), *levar* (take), *mudar* (move), *partir* (leave), *sair* (go out), *voltar* (come back)) through grammaticalization. Therefore, this investigation is supported by framework of Grammaticalization (HOPPER, 1991, HOPPER; TRAUGOTT, 1993, LEHMANN, 2002) and Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, LABOV, 1972, 1978, 2001). Aiming to combine present and past in search of dynamic and fluid relations between form and function, we investigated samples of Brazilian Portuguese from two synchronies: speech sample of XXI century extracted from samples of spoken Portuguese in the northwestern area of São Paulo state (Linguistic Sample from São Paulo State Project: GONÇALVES, 2007, 2008a, 2008b), and writing sample of XIX century, constituted by written texts. The objective is to reconstitute clines of changing occurred in the contexts of motion verbs in Brazilian Portuguese. The results demonstrate that these prepositions designate exclusively space notions, and the location notions is provided by the semantic and syntactic valency of the verb. The differences of meaning which update the prepositions are derived from a regular relationship between basic meaning and generic meaning, and the gradual increase of pragmatization (inference) and abstractization (metaphoric strategies) of meaning in the use of these prepositions. In contemporary Portuguese, we found the process of stable variation of the prepositions 'em' and 'para' with greater meaning abstractization, which explains the inclusion of new types of complements and the influence of social and linguistic factors in the selection of a specific preposition, and a process of decline the gradual preposition 'a'. Furthermore, we showed that there is a process of generalization by specification with indicators particularized contexts for the three prepositions: the preposition 'a' is associated more locative *object*, 'para' plus the *geographical space*, and 'em', more to the *event*, confirming that the functioning of the prepositions which introduce locative complement of verbs of motion presents a *continuum* of variation/grammaticalization. From the analysis of the sample of PB of XIX century, we evidenced three types of change by grammaticalization, in relation to prepositions: (a) *generalization grammaticalization* of the preposition 'para'; (b) *grammaticalization by specialization* of the preposition 'em' (c) *lexicalization* the preposition 'a'. Finally, we confirm that semantic change in the grammaticalization of the prepositions is generally a very regular extent of meaning: the basic meaning of an expression is the starting point of its semantic development while the generic meaning is the result.

**Keywords:** variation; grammaticalization; verbs of motion; preposition; Brazilian Portuguese.

# INTRODUÇÃO

Em março de 2004, iniciou-se o projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista)<sup>1</sup>, que vem tendo como desdobramento estudos de caracterização do português falado na região noroeste do Estado de São Paulo, a partir do uso do Banco de Dados *Iboruna*, que reúne amostras de fala de sete municípios fronteiriços, nucleados pela cidade de São José do Rio Preto, Bady Basitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde (GONÇALVES, 2007).

Esta tese insere-se no programa de estudos do projeto ALIP, sob a orientação do Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, e está vinculada à linha de pesquisa “Variação e Mudança Linguística”, área de concentração “Análise Linguística”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto (SP).

O objetivo deste trabalho é investigar, sob uma perspectiva variacionista, apoiada em pressupostos da gramaticalização, a variação/mudança envolvendo as preposições *a/para/em* que introduzem complemento locativo dos verbos de movimento *caminhar, chegar, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair, voltar*<sup>2</sup> em dados de amostras do português brasileiro (PB, daqui em diante) e, assim, contribuir com a descrição linguística da história do português, de modo geral, e com a descrição do português falado no interior paulista, de maneira mais específica.

---

<sup>1</sup> Projeto Financiado pela FAPESP (Processo 03/08058-6).

<sup>2</sup> Os verbos aqui investigados foram selecionados com base no critério de frequência *token* das preposições, em que consideramos somente aqueles que apresentaram alguma correlação entre *token/type*. Sabemos, no entanto, que outros verbos, como, por exemplo, *andar, trazer*, também preveem complemento locativo preposicionado.



Para dar conta deste objetivo, propomos: (i) investigar os contextos de usos das preposições dos verbos de movimento *caminhar, chegar, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair*, em duas sincronias do PB; (ii) identificar os fatores linguísticos e/ou extralinguísticos condicionantes que podem atuar na variação/gramaticalização dessas preposições; (iii) analisar e comparar os resultados desta pesquisa com os de outros estudos já realizados com diferentes amostras do PB; (iv) interpretar os resultados com base em uma abordagem sociofuncionalista; (v) a partir dos resultados encontrados para o PB contemporâneo, aplicar a abordagem tipológica e conceptual de Lehmann (1992); (e) confrontar os resultados das duas amostras sincrônicas, para constatar os contextos de variação e de mudança dos valores semânticos das preposições.

Procurando conjugar duas sincrônicas na busca de relações dinâmicas e fluidas entre forma e função, utilizamos, em nossa investigação, dados do português brasileiro provenientes de duas amostras: uma amostra, composta por dados de fala do século XXI, do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), e outra, constituída de textos escritos do século XIX, método que permite mapear os aclives de mudança por que passam as preposições ligadas ao complemento locativo dos verbos de movimento no PB.

Partindo da premissa funcionalista (GIVÓN, 1995) de que a linguagem é atividade sociocultural e sua estrutura é motivada por fatores diversos, o quadro teórico que dá sustentação a esta pesquisa está baseado nos postulados da Sociolinguística variacionista, contidos principalmente nos trabalhos de Weirinch, Labov e Herzog (1968) e de Labov (1972, 1978, 1994, 2001), e no paradigma da Gramaticalização (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; LEHMANN, 2002). A conjugação dessas duas perspectivas teóricas deve-se ao fato de que ambas priorizam tanto a língua em uso, cuja natureza dinâmica e heterogênea abriga a variação e a mudança linguística, quanto à frequência de ocorrências,

sob a consideração de que deslizamentos funcionais de estruturas permitem a apreensão de rotas de gramaticalização.

Apoiados em Hopper (1991), entendemos que a gramática nunca é produto acabado, e subjaz a esse pressuposto a concepção de língua como atividade em tempo real e em constante adaptação: novas formas estão constantemente emergindo para a codificação de antigas funções, bem como novas funções despontam para formas já existentes no sistema linguístico. É o que parece ocorrer com os usos das preposições no Português Brasileiro, conforme os resultados desta tese.

É sabido que o estudo acerca das preposições que complementam os verbos de movimento é um tema que tem recebido a atenção de pesquisadores de perspectivas teóricas variadas. Alguns destacam somente as preposições (*a/para/em*) de regência do verbo *ir*, outros salientam aquelas que complementam uma classe mais ampla de verbos de movimento, e ainda existem aqueles que discutem a utilização das preposições a partir de um quadro maior da realização de complementos nominais e verbais.

Sobre essa temática, de forma geral, os diversos trabalhos envolvendo o PB têm apontado um processo de recuo no uso da preposição *a*. Mais perceptível na oralidade e, em grau menor, na escrita, esse processo de recuo revela que a preposição *a* ou é apagada, como, por exemplo, em contextos de verbos causativos e perceptivos transitivos (DUARTE e GONÇALVES, 2001) e de orações relativas (MEIRELLES, 2001; TARALLO, 1983; KRESCH, 2008), ou é substituída por outras, como, por exemplo, à presença de verbos dativos, contexto em que prevalece a preposição *para* (SCHER, 1996; GOMES, 1998, 2003; CAVALCANTE, 2009), em complementos de verbos ditransitivos de transferência ou movimento (TORRES-MORAIS e BERLINCK, 2006; GONÇALVES, S., 2008) ou de verbos de movimento, contexto mais favorável ao uso das preposições *para* e *em* (PONTES, 1992, MOLLICA, 1996, RIBEIRO, 1996, 2008; BERLINCK, 2000b, GUEDES; BERLINCK,

2003, GONÇALVES, S, 2004, VALLO, 2004, VIEIRA, 2009, WIEDEMER, 2008a). Além desses, outros estudos versam sobre a variação de preposições com o objeto direto preposicionado (RAMOS, 1989) e com o objeto indireto (BERLINCK, 2000, 2001; GOMES, 2003).<sup>3</sup>

Vários estudos já mostraram que a variação no uso de preposições que introduzem complementos verbais não é recente no PB (GOMES, 2003; GUEDES e BERLINCK, 2003; CASTILHO, 2003; TORRES-MORAIS e BERLINCK, 2004; BERLINCK, 2007; KEWITZ, 2004, 2007). Já em documentos quinhentistas e em textos dos séculos XIX e XX (peças de teatro, amostras de língua falada e cartas) verifica-se o uso variável no emprego das preposições *a*, *até*, *em*, *para*, o que leva os autores a propor que tal fenômeno variável, existente na variedade do português trazido pelos primeiros colonizadores, vem se intensificando, com o acentuado uso das preposições *para* e *em*.

Diante desse quadro de estudos acima, é evidente que estudar os fenômeno de variação/gramaticalização atrelados aos usos das preposições no PB é sem dúvida um desafio e, ao mesmo tempo, uma necessidade de aprimoramento para os estudos linguísticos que envolvem essa temática. Assim, consideramos a necessidade de uma descrição detalhada mais adequada dos usos das preposições no PB, e, principalmente, a necessidade de sistematizar esses usos com base em um modelo sociofuncionalista. Com isso, sustentamos, nesta pesquisa, as seguintes hipóteses para o uso das preposições que introduzem verbos de movimento:

- a) há uma escalaridade de usos entre as preposições, sendo *para* e *em* mais usadas, seguida da preposição *a*. Essa escalaridade é decorrente da expansão de

---

<sup>3</sup> Somam-se a esses outros trabalhos empreendidos para outras línguas, que comprovam a variação das preposições equivalentes a *a*, *para* e *em* em complementos de verbos de movimento. A esse respeito, confira: Coelho (2002), para o italiano; Farias (2006), para o português europeu, o inglês, o francês e o italiano; Ferreira e Couto (2008), para o espanhol falado em Madri e em Buenos Aires; Viera (2007), para o português falado em Moçambique e Angola; Gomes (1997), para o português cabo-verdiano; e Silva (1956), para o dialeto crioulo de Cabo Verde.

significados de uso da preposição *para*, e do uso da preposição *em* associada a contextos locativos;

- b) fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam o uso de determinadas preposições associadas aos verbos de movimento, embora alguns usos sejam decorrentes de regras sintáticas ou derivados da semântica do verbo. Detalharemos na apresentação na análise dos resultados as hipóteses para cada grupo de fator controlado.
- c) as diferenças de significados nos usos das preposições decorrem de uma relação regular entre um significado básico e um significado genérico e do aumento gradual da pragmatização (inferência) e abstratização (estratégias metafóricas) no uso dessas preposições.

O presente trabalho está organizado em seis capítulos:

No Capítulo I, apresentamos uma visão geral do tratamento das preposições, revisitando alguns critérios que têm sido utilizados em suas análises, e na sequência, discorremos sobre as visões dos gramáticos e dos linguistas, procurando demonstrar o caráter polissêmico das preposições. Ao final, fundamentamos o processo de “substituição” das flexões de caso do latim por construções preposicionais nas línguas românicas, em especial, no português, por meio de uma revisão dos principais pontos da história do desenvolvimento da língua portuguesa.

No Capítulo II, apresentamos um panorama do nosso objeto de estudo, as preposições que complementam os verbos de movimento, bem como realizamos uma incursão pelos principais estudos que tratam do fenômeno investigado, abordando criticamente os pontos centrais dessas pesquisas.

No Capítulo III, traçamos a constituição do quadro teórico que embasa esta pesquisa, no qual associamos os pressupostos de duas fontes distintas: a Sociolinguística Variacionista,

também denominada de Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001) e o paradigma relacionado aos processos da Gramaticalização (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 1995; TRAYGOTT; DASHER, 2005; LEHMANN, 1985, 2002). O capítulo é concluído com a confluência dos paradigmas da Gramaticalização e da Sociolinguística Variacionista, o que delimita a perspectiva teórica assumida para guiar esta pesquisa, o Sociofuncionalismo (NARO; BRAGA, 2000; TAVARES, 2003; GÖRSKI; TAVARES, s/d).

No Capítulo IV, detalhamos os procedimentos metodológicos adotados. São descritas as etapas de análise, os grupos de fatores condicionadores testados, o instrumental estatístico utilizado e os *corpora* que nos serviram de investigação empírica.

No Capítulo V, apresentamos um panorama contemporâneo da utilização das preposições que complementam os verbos de movimento *caminhar, chegar, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair, voltar*, na fala semi-espontânea do português do interior paulista, buscando delinear a sistematicidade dessas preposições, bem como demonstrar quais verbos apresentam um padrão variável na complementação locativa. Na segunda seção deste capítulo, avaliamos o condicionamento variável dos grupos de fatores linguísticos e sociais associados aos verbos que apresentam alguma variação/mudança no complemento locativo, os verbos *entrar, ir, levar e voltar*; os resultados obtidos são comparados aos de outras pesquisas que tratam da mesma temática. Ao final, aplicamos a abordagem tipológica e conceptual proposta por Lehmann (1992) aos resultados que encontramos, buscando apreender um quadro conceptual para as preposições que complementam os verbos de movimento no português brasileiro.

No Capítulo VI, tratamos da ampliação dos valores semânticos das preposições e destacamos o desenvolvimento de alguns novos sentidos e funções que estas tomam, confirmando o processo de gramaticalização desses itens. Para tal, utilizamos o panorama

sincrônico do século XIX, através da abordagem qualitativa para ratificar os resultados evidenciados no panorama contemporâneo.

Por fim, seguem nossas conclusões e as referências bibliográficas.

# CAPÍTULO I

## VISÃO GERAL DAS PREPOSIÇÕES

Neste capítulo, discutimos alguns critérios que têm sido utilizados na análise do estatuto sintático e semântico das preposições. Sendo assim, destacamos, na primeira seção, definições e propostas de dois posicionamentos analíticos: a visão gramatical e a visão linguística. Nesta última, discorremos sobre o caráter polissêmico das preposições e evidenciamos que as preposições apresentam diferentes nuances por serem resultantes de processos de gramaticalização, algumas em estágios mais avançados do que outras, em função de pressões pragmáticas que ativam os processos de metáfora ou de metonímia. Após, na segunda seção, exibimos uma visão conceptual das preposições a partir do estudo de Lehmann (1992). Na terceira seção, revisamos alguns pontos centrais do desenvolvimento das preposições do latim ao português. Dessa forma, apresentamos os aspectos gerais do desenvolvimento das preposições do latim para o português, bem como o processo de substituição das flexões de caso do latim por construções preposicionais nas línguas românicas, em especial, no português.

### 1 AS PREPOSIÇÕES: DEFINIÇÕES E PROPOSTAS

No português brasileiro (doravante PB), complementos de verbos de movimento em predicados com interpretação direcional podem ser introduzidos por diferentes preposições.

Em todos os casos, os complementos das preposições são interpretados como ponto final de uma trajetória, conforme exemplos em (1.1).<sup>4</sup>

(1.1)

(a) ... até **chegá(r) à classe** tem uma escada imensa... são oitenta...

[AC-018; DE: L. 78]

(b) ...no dia seguinte a gente **foi pro Pão de Açú::car** fui no Cris::to... gosTEI assim (sabe?)

[AC-012; NE: L.37-38]

(c) ... eu tava com contração pediu pra mim **í(r) pra ca::sa...** tomá::(r) uns remédio e fica(r) marcan(d)o de quanto tempo tinha a contração... e **voltá(r) ao consultório** dele uma hora...

[AC-078; NE: L-30-31]

Os verbos de movimento representam a principal subclasse dos verbos *dinâmicos*. Assim, indicam a deslocação de um objeto no espaço e pressupõem, na sua estrutura argumental, um ponto de referência origem<sup>5</sup> e um ponto de referência meta, que podem ser classificados como ponto de partida e ponto de chegada, representados e exemplificados no quadro 1.1.

#### Quadro1.1 - Estrutura argumental do verbo de movimento

[X1 + V1 + ponto de referência origem + ponto de referência meta]

*Carlos partiu de Santa Catarina para São Paulo.*

Dessa forma, os verbos de movimento exprimem a direção *ao/de/em/para* em que se situa o enunciador e, com isso, têm, na sua significação, um forte componente dêitico. Além

<sup>4</sup>No decorrer deste trabalho, seguindo orientação do Projeto ALIP, empregamos os seguintes códigos para a identificação da fonte de onde a ocorrência foi extraída: AC, para identificar a Amostra Censo, seguida do número da amostra (de 01 a 152), do tipo de texto coletado (*narrativa de experiência* (NE), *narrativa recontada* (NR), *relato de descrição* (DE), *relato de opinião* (RO) e *relato de procedimento* (RP)) e do número da linha (L) da ocorrência.

<sup>5</sup> Resolvemos denominar ponto de referência em vez de locativo, baseados nos estudos funcionalistas de Lehmann (1992), Castilho (2010), dentre outros.



disso, as preposições contribuem, conjuntamente com o verbo, para a marcação do papel temático do sintagma nominal. Sobre o assunto, Poggio (2002) salienta que para o exame das preposições, é necessário considerar o paralelismo metafórico entre o tempo e o espaço e destacar as noções da dêixis espacial e temporal. Para a autora, o elemento nocional é também metafórico e decorre da orientação espacial.

Uma proposta de classificação dos verbos do PB e, como consequência, das preposições que os complementam, é a de Cançado (2005b), retomada por Godoy (2008), e de Cançado (2009). Tais autoras sugerem uma classificação tripartite para as preposições e para os verbos transitivos indiretos (VTIs) no PB<sup>6</sup>, sendo: *predicadoras*, *funcionais* e *inerentes*.

As preposições *predicadoras* introduzem um argumento que não é exigido pelo núcleo predicador da sentença. Tais preposições predicam esse argumento, ou seja, atribuem papel temático ao sintagma preposicionado, como a preposição *de* em *João correu de tênis*<sup>7</sup>. No enunciado, o verbo *correr* é intransitivo; a preposição *de* predica o complemento *tênis*, atribuindo-lhe papel temático<sup>8</sup>.

As preposições *funcionais*, por sua vez, não predicam. Neste caso, “a presença do argumento que introduzem é acarretada pelo núcleo predicador da sentença, e o argumento recebe deste seu papel temático” (GODOY, 2009, p. 208). Além disso, as preposições funcionais podem ser divididas em três subtipos. O primeiro subtipo consiste em preposições funcionais que introduzem o terceiro e o quarto argumentos do verbo, conforme o exemplo *João vendeu uma casa para Maria por 100 mil*, no qual o argumento é deslocado de um verbo que sofreu alternância de voz verbal, como em *João construiu a casa > A casa foi*

---

<sup>6</sup> Discordamos de Cançado (2005b) ao classificar, por exemplo, os verbos *ir* e *vir* como transitivos indiretos, pois eles não projetam o caso dativo, tanto que *de São Paulo* em *vir de São Paulo*, não é proporcional ao pronome *lhe*, como complementos desses verbos.

<sup>7</sup> Os exemplos são de Godoy (2008, p.50-55).

<sup>8</sup> No decorrer deste trabalho, utilizo a definição de *papel temático* apenas como rótulo, pois o seu conteúdo não é relevante para o objeto de estudo focado aqui. Remeto o leitor interessado sobre o tema à proposta de Cançado (2003a, 2003b, 2005a).

*construída por João*. O terceiro subtipo de preposição funcional, conforme descrito por Corrêa e Cançado (2006), constitui-se das preposições que introduzem o(s) argumento(s) de verbos de trajetória, como exemplificado em *Ele foi de Belo Horizonte a Florianópolis*. Segundo Godoy (2009, p. 52), as preposições *de* e *a*, nesse exemplo, são funcionais porque não predicam. Sobre isso, a autora destaca:

O verbo *ir* acarreta lexicalmente uma trajetória, descrita pelos argumentos *Belo Horizonte* e *Florianópolis*. As preposições *de* e *a* servem para delimitar os pontos de partida e chegada dessa trajetória. Assim, elas apenas especificam, mas não predicam, a trajetória acarretada pelo verbo. Isto é, estas preposições oferecem uma contribuição semântica à proposição, mesmo sem ter valor predicativo. [...] *predicar* é diferente de *ter sentido* (GODOY, 2009, p. 52).

As preposições *inerentes* não são predicadoras e não se encaixam em nenhum dos subtipos de preposições funcionais. Essas preposições, além de serem fixas, não podem ser trocadas por outras, têm uma existência idiossincrática, conforme o exemplo *Ele gosta de /\* para /\* a /\* em sorvete*<sup>9</sup>.

A distinção entre preposições predicadoras e funcionais (lexicais e gramaticais) apontada por Godoy (2009) é importante, pois as preposições funcionais, que não atribuem papel temático, podem ter conteúdo semântico, e, com isso, podem ser trocadas por outras, desde que os traços semânticos sejam compatíveis com a predicação verbal. Por exemplo, as preposições *a*, *para* e *em* expressam o sentido de trajetória que é compatível com o argumento do ponto de referência, e permitem ao analista tratar o assunto a partir da abordagem variacionista, desde que considere a noção de domínio funcional.

A partir da classificação das preposições de Godoy (2009), destacamos a estrutura interna do sintagma preposicional, por meio da qual podemos afirmar, em primeiro lugar, que

---

<sup>9</sup> “É o caso, por exemplo, de determinados verbos que ‘exigem’ sempre uma determinada preposição ou de certas unidades da língua ou palavras compostas que não dispensam a preposição” (PIRES, 1999, p. 34).

certos verbos são inerentemente preposicionados, como os próprios verbos de movimento *ir a* e *vir de* e como os verbos de localização *por em* e *colocar em*.

Após esclarecermos, brevemente, o estatuto das preposições, nesta seção, destacaremos as visões gramatical e, na sequência, linguística. Dessa forma, esperamos fornecer uma compreensão do fenômeno por ambas as visões.

### 1.1 VISÃO GRAMATICAL

De um ponto de vista tradicional, não há divergência a respeito do *status* da preposição como unidade funcional que relaciona elementos na sentença. É sabido que a maioria das gramáticas tradicionais enfatiza a função relacional das preposições (por exemplo, Rocha Lima [1980]), além de suas propriedades de invariabilidade. No entanto, o fato de serem consideradas unidades funcionais não implica que sejam desprovidas de valor semântico, pois privilegiar a forma de unidade linguística é “notável negligência de assuntos de conteúdo e de contexto” (SALOMÃO, 1990, p. 1).

Entre os gramáticos que consideram que a preposição é uma palavra invariável, encontram-se Góis (1957), Cunha (1970), Souza Lima (1937), Tôrres (1963), Melo (1970). Já Azevedo Filho (1966), Bechara (1983), Luft (1985) e Lima (1998) não assumem inteiramente que a preposição seja uma palavra invariável. Na perspectiva desses autores mais tradicionais, as preposições são tratadas exclusivamente em termos da sua função relacional, sem se atribuir propriamente um significado ou significados básicos a cada uma delas, o que os leva a fornecerem unicamente uma lista de preposições.

Particularmente, Bechara (1999) admite a possibilidade de esses itens ligarem orações.

Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, **quer nas orações** (BECHARA, 1999, p. 47, grifo nosso).

Porém, na perspectiva de Bechara (1999, p.298), na análise das preposições, é necessário distinguir entre *significado unitário* e *significado contextual* (sentidos), não devendo se “perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário da língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação”. Ainda segundo o autor, o desdobramento dos elementos preposicionais em outras acepções emerge “do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo” (p. 298)<sup>10</sup>. Assim, as preposições dispõem de uma significação interna e externa. A primeira é “de caráter abstrato e geral (referência ao espaço, ao tempo, ao modo, etc.)” e, a segunda “é sempre contextual” (BECHARA, 1999, p.79). A proposta de Bechara (1999) é, em alguns pontos, compartilhada por Borba (1971), para quem, mesmo as preposições consideradas esvaziadas de significado podem adquirir uma significação contextual:

[...] encontrarmos algumas preposições com sentido “esvaziado” (servindo apenas como morfemas classificatórios) não invalida a assertiva de que elas não têm uma significação. O problema é que a realização dessas significações é *sui generis*, dependente de certos fatores contextuais a que nem sempre estão sujeitas as chamadas palavras “cheias”. Mas isso não quer dizer que as nossas partículas sejam palavras vazias, pois realmente seria um contrassenso linguístico (BORBA, 1971, p. 77-78).

Outro ponto em que discordamos de Bechara (1999) é a defesa da ideia de que algumas preposições apresentam sentido dinâmico, e outras, estático e dinâmico. Contudo, ao

---

<sup>10</sup>Para fundamentar seus argumentos, Bechara cita a preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem os significados de “companhia” (estudei *com* Pedro), “modo” (estudei *com* prazer), “instrumento” (cortei o pão *com* a faca), “causa” (fugiu *com* medo do ladrão), “oposição” (lutou *com* o ladrão), entre outros. No entanto, essa preposição, por si, não significa instrumento, como, por exemplo, em “Everaldo cortou o pão *com* Rosa”, visto que Rosa não é instrumento cortante, mas elemento de “ajuda” ou “companhia” neste caso, “só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração” (1983 [1999], p. 298).

analisarmos determinados verbos e sua relação com as preposições, é mais conveniente tratarmos o assunto a partir de tendências de uso, ou considerarmos que as preposições possuem um sentido básico e outros genéricos, conforme Jakobson (1936). Rosário (2006) também assinala que nem sempre podemos correlacionar uma determinada preposição ao sentido proposto por Bechara. Vejamos os exemplos a seguir, extraídos de Rosário (2006, p.4).

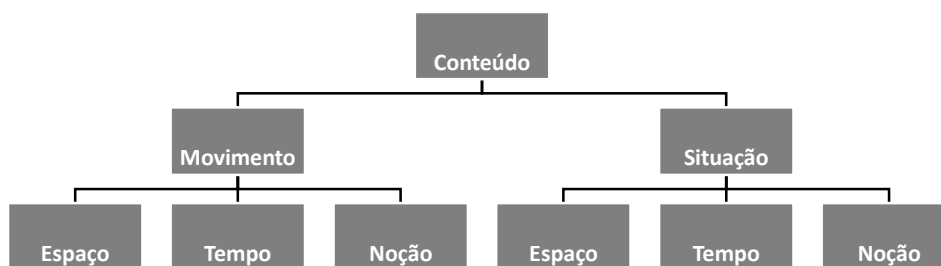
(1.2) *As crianças ficaram ao pé da laranjeira* [valor estático].

(1.3) *Por cima do muro, permaneciam duas pombinhas* [valor estático].

Em (1.2), conforme Rosário (2006), a preposição *a* não apresenta valor dinâmico, assim como a preposição *por*, em (1.3). Para o autor, o verbo em ambas as orações “desabona a interpretação dinâmica, afinal de contas, *ficar* e *permanecer* são verbos estativos” (ROSÁRIO, 2006, p. 4).

Da mesma forma que Bechara (1999), Cunha e Cintra (2001) também defendem a ideia de que as preposições são dotadas de significados. A partir dos estudos de Pottier (1976), Cunha e Cintra (2001) adotam a divisão tripartite, que considera as preposições em referência ao semas genéricos *tempo*, ao *espaço* e à *noção*, e postulam que as preposições possuem um significado fundamental inerente, o qual pode implicar a ideia de movimento ou de não movimento. A esse conteúdo fundamental, podem combinar-se outros significados diversos com base nos valores *temporal*, *espacial* e *nocional*.

Segundo a proposta de Cunha e Cintra (2001, p. 558), conforme esquema a seguir, é possível estabelecer, para cada preposição, um significado fundamental (conteúdo) marcado pela expressão de movimento ou de situação resultante, aplicáveis às noções de tempo, espaço e noção.



**Fonte:** Cunha e Cintra (2001, p. 558)

Avaliando o esquema proposto pelos autores, questionamos se todas as preposições possuem o valor fundamental de movimento ou de situação. Soma-se, aqui, o fato de que os autores não apresentam exemplos de uso dos valores semânticos de *repouso* (situação) para as preposições *até*, *para* e *a* (CUNHA; CINTRA, 2001).

Em nossa perspectiva, diferindo de Cunha e Cintra (2001), relacionamos o significado proposto pelos autores aos conceitos de “significado básico” e “significado genérico”, conforme Jakobson (1936) (ver Capítulo III). Dessa forma, o valor de movimento ou de situação é atualizado em conjunto com o verbo utilizado, e não diretamente em relação às preposições, como afirmam Cunha e Cintra (2001). Mesmo admitindo haver certa polêmica quanto ao fato de as preposições deterem carga semântica, esses autores chamam a atenção para o fato de que “as relações sintáticas que se fazem por intermédio de preposição obrigatória selecionam determinadas preposições exatamente por causa do seu significado básico” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 559).

De forma geral, percebe-se que a noção de *invariável* para a classe das preposições, adotada pelos gramáticos acima citados, está associada à ideia de *combinação* e *contração* desses elementos, ou seja, à ideia de que as preposições podem ser combinadas ou contraídas com artigos, pronomes ou advérbios de lugar, e estes, não as classificam como palavras variáveis.

## 1.2 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS: A HETEROGENEIDADE SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES

Como vimos até aqui, é sabido que a determinação das funções que as preposições desempenham no discurso, muitas vezes, refere-se à multiplicidade de relações semânticas que elas podem fazer emergir entre os termos que relacionam, e principalmente entre seus usos no discurso. Esta discussão envolve a consideração das preposições como elementos portadores de significado em si mesmos.

Rubba (1994), dentro do quadro da gramaticalização, defende que a preposição é um elemento invariável e que o resultado de sua amálgama com outros elementos deve ser chamado de clítico. Esse pensamento também é compartilhado por linguistas gerativistas, que defendem que o produto da amálgama da preposição com outro elemento é um clítico (KLEPPA, 2005, p. 5-6).

Catarino e Pinto (2004), na perspectiva do modelo Léxico Generativo, ao tratarem das restrições que condicionam a ocorrência de sintagmas preposicionados causativos introduzidos pelas preposições *de* e *com*, argumentam que a seleção das preposições é condicionada pela estrutura eventiva, e que estas preposições têm conteúdo semântico, uma vez que a substituição da preposição em enunciados idênticos origina diferenças de significados, conforme os exemplos dados pelos autores (grifo nosso), em (1.4). Os autores (*op. cit.*, p. 6) adicionam que “a seleção das preposições envolve mecanismos complexos e sutis, difíceis de captar e de formalizar”.

- (1.4)           a. *Morrer **de** fome;*  
                  b. *Morrer **com** fome.*

Nessa mesma linha de pensamento, Travaglia (2003, p. 186) argumenta que o valor semântico das preposições pode ser comprovado a partir da análise da diferença entre as frases em (1.5, grifo nosso).

- (1.5)
- a. *João falou **de** Maria;*
  - b. *João falou **para** Maria;*
  - c. *João falou **por** Maria;*
  - d. *João falou **perante** Maria;*
  - e. *João falou **sobre** Maria;*
  - f. *João falou **ante** Maria;*
  - g. *João falou **a** Maria;*
  - h. *João falou **junto a** Maria;*
  - i. *João falou **com a** Maria;*
  - j. *João falou **em** Maria.*

Em trabalho anterior, Travaglia (1985, p. 28) sustenta que a preposição é regida não só pelo seu argumento ou adjunto. Em consequência disto, a escolha da preposição se daria em dois níveis diferentes: no nível sintático, a preposição seria selecionada pelo verbo e, no nível semântico, ela se harmonizaria com o conteúdo semântico do adjunto ou do argumento do verbo. Porém, conforme demonstrado por Wiedemer (2008a, 2010a), que analisou as preposições do verbo *ir*, o verbo, no nível sintático, rege variavelmente três preposições (*a/para/em*). No nível semântico, o detalhamento do ponto de referência motiva o uso de uma ou de outra preposição. Além disso, sobre a seleção de preposições, o autor evidenciou a atuação de variáveis como *tempo-modo verbal*, cuja natureza é morfossemântica, além de fatores como *pessoa do discurso*, que está associado ao sujeito, mas que, de fato, é de natureza discursiva, assim como as variáveis *narratividade* e *finalidade*. Assim, o fenômeno sob a análise transita pelos níveis morfosintático e semântico-discursivo, além de ser sensível



a fatores extralinguísticos (WIEDEMER, 2008a, 2010a). Portanto, pode-se dizer que a escolha da preposição se dá em mais que dois níveis, diferentemente do que sugere Travaglia.

Retomando a classificação de Cançado (2005b), fica claro que a classificação de verbo desempenha um papel importante na seleção das preposições, ou seja, é possível que a relação entre um verbo, que pode exigir preposição específica, e seu complemento pode impor limites sobre o emprego de preposições. Assim, as preposições não dependem somente do contexto pragmático. Sobre o assunto, Swartley (2008, p. 4) comenta:

Se existe somente uma preposição apropriada para o contexto, esta preposição não traz consigo muito valor pragmático. No entanto, quanto mais possibilidades, mais valor pragmático se comunica. Então, se é possível utilizar várias preposições em uma oração, cada variação tem uma nuance distinta de sentido. O problema é que se pode aplicar cada preposição em vários tipos de referências, tal como para indicar tempo, modo, lugar, causa ou finalidade. Há uma grande lista de referências, e cada preposição assume significados distintos dependendo da referência. Como consequência, torna-se difícil apontar o valor essencial de cada uma delas e as características concretas por meio das quais se opõem entre si umas as outras<sup>11</sup>.

Poggio (2002), discorrendo sobre a atribuição da função relacional às preposições, esclarece que outras unidades morfológicas, tais como as conjunções, desempenham essa função. Para a autora (p. 123),

O conceito de relação refere-se mais a um fato sintático do que a um fato categorial, sendo, além do mais, vago, uma vez que outras categorias gramaticais, como substantivo, adjetivo e verbo, podem também estabelecer relações com outras unidades do texto. Desse modo, o valor relacional está ligado a uma função textual geral que não corresponde, exclusivamente, à classe das preposições.

Neves (2000, p. 601) também faz uso do critério semântico para definir a classe das preposições como pertencentes à “esfera semântica das relações e processos atuando na

---

<sup>11</sup> Cf. original: “Si existe sólo una preposición apropiada para el contexto, esta preposición no trae consigo mucho valor pragmático. Sin embargo, mientras más posibilidades, más valor pragmático se comunica. Entonces, si se puede utilizar varias preposiciones en una oración, cada variación tiene un matiz distinto de sentido. El problema es que se puede aplicar cada preposición en varios tipos de referencias, como para indicar tiempo, modo, lugar, causa o finalidad. Hay una gran lista de referencias así, y cada preposición toma significados distintos dependiendo de la referencia. Como consecuencia, resulta difícil apuntar el valor esencial de cada una de ellas y los rasgos concretos por los que se oponen entre sí unas a otras”.

junção de elementos dentro do discurso”. A autora distribui as preposições em três grupos: *preposições introdutoras de argumentos*, *preposições não-introdutoras de argumentos*<sup>12</sup> e *preposições acidentais*. Os dois primeiros agrupamentos equivalem às preposições essenciais da gramática tradicional. São elas: *a*, *ante*, *após*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*.

Segundo Neves (2000, p. 675-677), a preposição *em* estabelece relações semânticas no sintagma verbal (adjunto adverbial), ou seja, em uma estrutura formada por [verbo + preposição *em* + sintagma nominal]. De estruturas dessa natureza podem ser depreendidas relações de circunstanciação que apontam para várias situações: “as diversas indicações locativas expressas por *em* + sintagma nominal podem referir-se não a um espaço real, mas a um espaço abstraído (em + sintagma nominal com substantivo abstrato)” (NEVES, 2000, p. 676).

A preposição *a*, segundo a autora, introduz complemento do verbo, sendo que o complemento “se refere a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência (meta)”. Com verbos [+dinâmicos] indicam: “movimento em direção a um lugar” (p. 603-605). Já a preposição *para* introduz complemento do verbo, sendo que “o complemento se refere a um ponto de chegada, a um ponto de destino, a um ponto final”, e com verbos [+dinâmicos], indicam “movimento em direção a” (NEVES, 2000, p. 691). Neves (2000, p. 691) descreve a preposição *para* como introdutora de complemento verbal, que estabelece diversas relações, como: movimento em direção a algum lugar, de inclinação, direção para algum lugar entre outros.

Câmara Jr. (1976) e Castilho (2003) igualmente incluem as preposições no conjunto mais amplo dos conectivos subordinativos, considerando-as como itens que operam no âmbito

---

<sup>12</sup> Em Neves (2000), as preposições introdutoras de argumentos são aquelas que funcionam no sistema de transitividade, isto é, introduzem complemento bem como relações semânticas; as não-introdutoras não funcionam no sistema de transitividade, estabelecendo apenas relações semânticas. As primeiras são *a*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *em*, *entre*, *para*, *por*, *sob*, *sobre*. As segundas são *ante*, *após*, *desde*, *perante*, *sem*.

das relações semânticas entre porções do discurso, ou introduzindo tópicos no discurso. Sobre isso, Câmara Jr. (1976) enquadra as preposições e as conjunções na categoria de conectivos subordinativos: as preposições ligando palavras, e as conjunções ligando orações.

No entanto, na visão de Azeredo (1995), preposições e conjunções podem funcionar nos dois níveis de relação, no nível da palavra e no da oração. Esta crítica é reafirmada por Perini (1995) e por Castilho (2003), que apontam que ambas integram a classe dos nexos gramaticais.

Retomando Travaglia (2003), vimos que é plausível aceitar que o valor semântico das preposições pode ser comprovado a partir da análise da diferença entre as frases apresentadas em (1.5a-j). Esse pensamento é compartilhado por Rosário (2006, p. 11), para quem a diferença entre uma oração e outra emerge justamente do significado nocional de cada preposição, conforme exemplos abaixo, oferecidos do próprio autor (p. 11).

- (1.6)            a. *Maria foi sem o casaco para a escola.*  
                  b. *Maria foi com o casaco para a escola.*<sup>13</sup>

Avaliando as orações de (1.5a) a (1.5j) e (1.6a-b), podemos depreender que as preposições apresentam diferentes acepções e que elas não são totalmente destituídas de significado. Para Pottier (1976), a multiplicidade de realizações discursivas são efeitos do alargamento semântico das preposições e, para ilustrar, o autor apresenta um esquema, como o que segue.

---

<sup>13</sup> Exemplos extraídos de Rosário (2006, p. 11).

Base	Imagem representativa		
	Campos de Aplicação	<i>Espaço</i>	<i>Tempo</i>
Exemplos diferenciados no discurso	↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
	00000000000000000000	00000000000000000000	00000000000000000000

**Fonte:** Pottier (1976, p. 147)

Segundo o modelo de Pottier (1976), os campos semânticos *espaço*, *tempo* e *noção* são associados à ideia da *langue*, conforme proposto por Saussure (1916), e gerariam usos diferenciados no discurso, ligados à *parole*. Esse tipo de pensamento influenciou em grande medida os estudos gramaticais, como, por exemplo, aqueles de Cunha e Cintra (2001) e de Bechara (1999).

Dentro do quadro de estudos funcionalistas, um trabalho de bastante fôlego é o desenvolvido por Castilho (2003, 2010). O teórico (2003) inclui as preposições, juntamente com as conjunções, na classe dos nexos gramaticais, e considera que “ambas ligam palavras e sentenças, diferindo nisto que as preposições em seus usos prototípicos posicionam no espaço os referentes dos termos que relacionam, papel não desempenhado pelas conjunções” (p. 13). Além disso, o autor relaciona os significados das preposições aos usos prototípicos e, sobre o assunto, faz a seguinte declaração (2003, p. 13-14):

No quadro da gramaticalização menor, teríamos os significados unitários, e, no da gramaticalização maior, os significados resultantes da composição do significado unitário com os “traços semânticos dos dois termos em relação”. As preposições introdutoras de argumento exibiriam a face mais gramaticalizada, enquanto que as preposições não introdutoras de argumentos exibiriam a face menos gramaticalizada.

Conquanto o autor admita que as preposições possuam um sentido prototípico, que está presente na categoria cognitiva de espaço, e que estão sujeitas à mudança de sentido (de mais concreto para mais abstrato), ele rejeita a existência de uma unidirecionalidade

semântica no sentido de um significado ser derivado de outro e prefere analisar o fenômeno em termos de derivação radial (CASTILHO, 2003)<sup>14</sup>.

Para Castilho (2003), as preposições possuem um significado comum a todas as realizações que se atualizam em contextos diversificados de uso, e os usos radialmente derivados das preposições são gerados a partir desses sentidos prototípicos, que progressivamente se abstratizam, produzindo, dessa maneira, novos significados.

Em outro momento, Castilho (2010), em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, dedica todo um capítulo ao sintagma preposicional, retomando suas pesquisas anteriores. Um avanço na definição do autor é caracterizar as preposições na função discursiva, além das funções sintática e semântica. Com isso, ele admite existir um sentido de base, de localização espacial ou temporal, afastando-se da definição de preposições como palavras “vazias de sentido”, e assume que as preposições atuam como operadores de predicação e atribuem papel semântico às palavras que relacionam. Para representar essa visão, estipula que “as preposições, em suma, são operadores que realizam a relação assimétrica entre o objeto *A* que queremos localizar (a figura) e o objeto *B* com referência ao qual queremos localizar o objeto *A* (o ponto de referência)”, e apresenta o seguinte quadro, que transcrevemos como quadro 1.2, abaixo.

**Quadro 1.2 – Sintagma preposicional encaixado num sintagma nominal**

FIGURA	PREPOSIÇÃO	PONTO DE REFERÊNCIA
<i>Bicicleta</i>	<i>diante da</i>	<i>Igreja</i>
<i>Livro</i>	<i>Sobre</i>	<i>A mesa</i>
<i>Goiabada</i>	<i>Com</i>	<i>Queijo</i>

**Fonte:** Castilho (2010, p.584)

Conforme Castilho (2010, p.585), os sentidos prototípicos das palavras convivem com seus sentidos derivados; quanto às preposições, “o sentido de base é reconhecível quando elas expressam as categorias *posição no espaço*, *deslocamento no espaço* e *distância no espaço*”, e

<sup>14</sup> Remetemos o leitor interessado no tema (derivação radial) à proposta de Castilho (2004, 2006).

para representar essas relações de espaço que as preposições mobilizam em relação às categorias e subcategorias cognitivas, das quais resultam os papéis semânticos derivados, o autor apresenta a organização de um quadro transcrito aqui como quadro 1.3.

**Quadro 1.3 - As preposições e o tratamento da categoria cognitiva de espaço**

CATEGORIA COGNITIVA	ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA COGNITIVA <i>ESPAÇO</i>	SUBCATEGORIAS COGNITIVAS	PAPÉIS SEMÂNTICOS DERIVADOS
ESPAÇO	POSIÇÃO NO ESPAÇO	Eixo horizontal	/origem/, /meio/, /meta/
		Eixo vertical	/superior/ ~ /inferior/
		Eixo transversal	/anterior/ ~ /posterior/
	DISPOSIÇÃO NO ESPAÇO	Eixo continente / conteúdo	/dentro/ ~ /fora/
	PROXIMIDADE NO ESPAÇO	Eixo longe / perto	/proximal/ ~ /distal/
MOVIMENTO NO ESPAÇO	Eixo real / fictício	/dinâmico/ ~ /estático/	

Fonte: Castilho (2010, p. 585)

A partir desse quadro, Castilho (2010, p. 585-586, grifo nosso) apresenta os seguintes sentidos de base que podem ser captados por meio dos eixos:

1. Eixo espacial horizontal: localização lateral *à esquerda de, à direita de*. O eixo horizontal implica na imagem de percurso, de deslocamento, assinalado pelos traços PONTO INICIAL, ORIGEM (*de, desde, a partir de*), PONTO MEDIAL (*por, no meio de*), PONTO FINAL, META (*a, para, até, em, contra*).
2. Eixo espacial vertical: localização SUPERIOR (*sobre, por cima de, em cima de*), localização INFERIOR (*sob, embaixo de, por baixo de, debaixo de*).
3. Eixo espacial transversal: localização ANTERIOR (*ante, antes de, diante de, em frente de, em face de, defronte de, defronte a, à frente de*), localização POSTERIOR (*atrás (de), por trás de, após, depois (de), em pós de*). Liga-se a este eixo a categoria de TEMPO, associando-se imageticamente ao FUTURO o espaço à nossa frente, para o qual nos dirigimos, e ao PASSADO o espaço posterior, do qual nos afastamos.
4. Eixo espacial da proximidade: localização PROXIMAL (*perto de, acerca de, a cabo de, junto de, a par de, em presença de, à beira de*), localização DISTAL: (*longe de, distante de*).
5. Eixo espacial continente / conteúdo: localização DENTRO (*em, com, entre, dentro de, em meio de, em meio a*), localização FORA (*sem, fora de, na ausência de*).

Chamam-nos a atenção dois pontos na análise de Castilho (2010). O primeiro é que o autor considera que “a lista de preposições que aparece após cada eixo é **meramente**

**exemplificativa, pois um mesmo item pode integrar mais de um eixo.** Assim, *em* pode exemplificar tanto o eixo continente/conteúdo, como em *O doce está na geladeira*, quanto o eixo *horizontal*, em *Fui na feira*” (CASTILHO, 2010, p. 586, grifo nosso). Concordamos com o autor na sua afirmação de uma mesma preposição pode integrar mais de um significado, porém entendemos que isso é resultado de dois processos bem claros: primeiro, as preposições apresentam diferentes nuances por serem gramaticalizadas (ILARI et al., 2008), algumas em estágios mais avançados do que outras, em função de processos de inferência sugerida motivados por pressões pragmáticas que ativam os processos de metáfora ou metonímia, e, por sua vez, seu conteúdo semântico é mais desbotado; segundo, apesar de pertencer a mais de um eixo semântico, as preposições possuem um significado básico, o qual pode ser recuperado diacronicamente, e os demais significados são derivados desse significado básico, o que atesta a gramaticalização das preposições do PB. Dessa forma, o significado de continente/conteúdo, conforme apresentado por Castilho (2010), está na base diacrônica do significado da preposição *em*, por exemplo.

Na linha funcionalista e cognitivista, ainda podemos mencionar o trabalho de Ilari et al. (2008), que se aproxima, fortemente, da perspectiva de Castilho (2003, 2010), ao considerarem a representação do espaço da língua para a significação das preposições e argumentarem que as preposições possuem um sentido base, representado por entidades no espaço (real ou imaginário), e demais significados são derivados do significado de espaço.

Para Ilari et al. (2008, p. 32), “os sentidos de base ou prototípicos das palavras convivem com seus sentidos derivados: [...] o sentido de base das preposições é reconhecível, quando elas expressam as categorias relacionais *posição no espaço*, *deslocamento no espaço* e *distância no espaço*”. Para a análise das preposições do PB, os autores consideram seis eixos cognitivos para a distribuição das preposições. Os três primeiros eixos são dispostos em relação à posição no espaço *horizontal*, *vertical* e *transversal*. O eixo horizontal indica o

deslocamento do elemento: (i) origem: *de/desde*; (ii) percurso: *por*; (iii) destino: *a / para*; (iv) limite final do destino: *até*. O eixo vertical relaciona: (i) em cima: *sobre*; (ii) embaixo: *sob*. O eixo transversal indica a posição do elemento: (i) anterior: *ante, perante*; (ii) no meio: *entre*; (iii) posterior: *após, trás*. O quarto eixo organiza a disposição do espaço de continente/conteúdo: dentro (*em, com, entre*) e fora (*sem*). Já o quinto eixo (*longe/perto*) trata da proximidade do espaço (próximo e distante). O último eixo organiza o movimento no espaço em relação à distinção de esquemas imagéticos estáticos e dinâmicos.

A respeito dos sentidos das preposições *em* e *para*, Ilari *et. al.* (2008, p. 45) assim resumem os sentidos etimológicos da preposição *em*:

A preposição portuguesa *em* é proveniente da preposição latina *in*, que tinha as acepções de “**localização dentro de**” ou “**deslocamento em direção a**”, dentre outras, menos concretas e menos comuns, e portanto marcava sobretudo relações de espaço e tempo [...] Em português, a preposição *em* tomou o lugar de várias outras preposições latinas. Emprega-se *em* no lugar de *para* ou *a*, com verbos de movimento, com acepção diretiva (grifo nosso).

Esses mesmos autores, em outro momento, afirmam que “a preposição *em*, altamente gramaticalizada, é a única preposição simples que evoca o **esquema de caixa**, permitindo ocorrências [...] que trazem usos de continentes metafóricos” (p. 46, grifo nosso).

Quanto à preposição *para*, eles assim discorrem:

A preposição *para* é derivada da preposição latina (tardia) *pera* (ou *póra*), que é, por sua vez, resultado da junção de *per* + *ad* (ou *pro* + *ad*). Em latim, esta preposição marcava “percurso em direção definida”, ao passo que em português arcaico lhe são acrescentadas as acepções de “chegada” e “permanência” (ILARI, *et. al.*, 2008, p. 47).

Para Ilari *et al.* (2008), as preposições *para* e *em* apresentariam a possibilidade de atuarem na configuração de dois espaços: estático e dinâmico. Além disso, os autores mencionam que algumas preposições podem integrar mais de um desses eixos, pois algumas são mais gramaticalizadas e outras menos gramaticalizadas. Assim, eles dispõem as



preposições em uma escala de gramaticalização, em que a preposição *contra* é a menos gramaticalizada, e a preposição *de* é a mais gramaticalizada.

Apesar de os autores advogarem que as preposições possuem um sentido original (espacial), e os demais sentidos são derivados pela transposição de usos metafóricos, preferimos interpretar essa questão a partir da noção de sentido básico e sentido genérico, nos moldes de Jakobson (1936, ver quadro teórico, Capítulo III).

A partir de uma avaliação geral dos trabalhos de Ilari et al. (2008) e Castilho (2003, 2010), percebemos que, apesar de teorias apresentarem denominações diferentes, representam ideias bastante semelhantes em relação à representação das preposições, principalmente, no que se trata da representação dos esquemas para algumas preposições, porém discordamos em dois pontos desses autores: o primeiro ponto diz respeito à representação da preposição *em*, e o segundo, à representação dinâmica e estática. Tratamos disto, na sequência.

Aqui é necessário, primeiramente, esclarecermos que os esquemas imagéticos seriam estruturas abstratas que organizam os padrões recorrentes de nossa experiência sensório-motora (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; TAYLOR, 1989; TYLER; EVANS, 2003; EVANS; TYLER, 2005), e consideram que a estrutura semântica de palavras como *em* pode ser descrita como uma rede polissêmica, com sentidos esquemáticos e prototípicos (LANGACKER, 1987, 1991), da qual fazem parte usos baseados em domínios espaciais, da percepção sensorial, e em domínios abstratos, tais como tempo e estados emocionais, entre outros, que são cognitivamente motivados.

Nos significados atribuídos à preposição *em*, por Castilho (2010), o “eixo horizontal” representa “deslocamento em direção a”, e “o eixo de conteúdo” representa o “esquema de caixa” de Ilari et al. (2008). Porém, esses sentidos não cobrem todos os significados que podem emergir do discurso ao utilizarmos essa preposição.

Observemos que as noções *esquema de caixa* e *deslocamento em direção a* são tratadas como complementares pelos autores (CASTILHO, 2010; ILARI *et. al.*, 2008), porém, ao observarmos os exemplos a seguir, nem sempre é possível retomar o sentido de deslocamento e interioridade, conforme se pode observar nos exemplos de (1.7) a (1.13).

- (1.7) *O quadro vai **na** parede.*
- (1.8) *O professor está **no** céu.*
- (1.9) *O professor está **na** porta.*
- (1.10) *O professor vai **no** México.*
- (1.11) *Confio **em** mulheres.*
- (1.12) *Pensar **em** algo.*
- (1.13) *Vamos colocar o pingo **no** i.*

As noções de “deslocamento” ou de “interioridade”, como destacado pelos autores (CASTILHO, 2010; ILARI *et. al.*, 2008), parecem ser o sentido atribuído por *em*. Diferentemente, nos exemplos de (1.7) a (1.13), a preposição não designa claramente os supostos sentidos de deslocamento ou de interioridade. Nesses exemplos, percebe-se que a preposição *em* é interpretada com sentido mais abstrato (denominaremos esse significado como “inespecífico”), e por sua vez, mais dependente da sintaxe. Podemos fazer tal afirmação, se pensarmos que a preposição não depende somente da significação, mas também de critérios de seleção do predador, tais como o verbo, o substantivo ou o adjetivo, que podem exigir, por exemplo, uma preposição específica<sup>15</sup>.

Para complementarmos nossa avaliação dos significados de “deslocamento/direção” e “interioridade” associados à preposição *em*, vejamos os exemplos (1.14) e (1.15) abaixo.

---

<sup>15</sup> Avelar (2006) também considera que as diferenças de significado de determinada preposição não dependem somente de sua semântica, mas também de critérios de seleção do predador.

(1.14) *Você está **no** México.*

a. \*Você está [**dentro do**] México.

b. \*Você está [**sobre**] o México.

(1.15) *A mesa está **na** esquina.*

a. \*A mesa está [**dentro do**] da esquina.

b. \*A mesa está [**sobre**] a esquina.

Por meio desses exemplos, é possível verificar que as noções de “deslocamento/direção” e “interioridade” não são designadas. Porém, deve ser admitida a noção de que a preposição *em* marca um ponto de referência, pois os verbos, nestes exemplos, não acarretam uma trajetória. Dessa forma, parece mesmo fazer sentido a ideia de que as preposições, de modo geral, são semanticamente abstratas, por isso, são sintaticamente dependentes dos outros constituintes da sentença. Por conseguinte, seus significados são altamente dependentes do contexto sintagmático, o que confere a elas um caráter polissêmico<sup>16</sup>. Confirmam essa nossa interpretação os testes de substituição pelos valores de “interioridade” em (a e b), incompatíveis nesses exemplos.

Ainda sobre o assunto acima, Kleppa (2005, p. 5) adverte que “é preciso levar em conta, no entanto, que há preposições com comportamentos morfológicos e sintáticos e semânticos”. Ramos (2005, p. 23) compartilha da ideia de associar as preposições a valores espaciais primitivos, ao afirmar que:

Numa concepção das preposições como elementos portadores de significado, ganha relevo a noção de espaço, uma categoria semântica básica nas línguas humanas, como afirma Levinson (2003), para quem ‘a cognição espacial é o centro do nosso pensamento’. Há um consenso entre os linguistas (Hopper, Castilho, Svorou) em afirmar que os elementos prepositivos possuem uma base locativa, tendo desenvolvido noções mais abstratas via processos metafórico e metonímico.

<sup>16</sup> Assumimos a noção de polissemia não somente associada à variação do significado, mas também à concretização de significado regida pelo contexto sintagmático.

Em relação ainda sobre o uso da preposição *em*, as ideias de “esquema de caixa”, de Ilari *et.al.* (2008), e de “continente/conteúdo”, de Castilho (2010), se aproximam do traço semântico “fechado”, proposto por Mollica (1996), e a noção de “movimento”, de Mollica (1996), por sua vez, é semelhante aos traços semânticos de “deslocamento”, de Ilari *et al.* (2008), e ao “eixo horizontal”, de Castilho (2010), conforme comparamos no quadro (1.4) que segue.

**Quadro 1.4 – Traços semânticos associados à preposição *em* propostos por diferentes autores**

<b>Autores</b>	<b>Mollica (1996)</b>	<b>Ilari et al. (2008)</b>	<b>Castilho (2010)</b>
<b>Traços controlados</b>	[+fechado]	esquema de caixa	Eixo Continente/Conteúdo
	Movimento	Deslocamento	Eixo horizontal

Compreendemos que além da noção de movimento, a preposição *em*, quando acompanha o verbo *ir*, conota o sentido de “estar dentro”, representado pelo traço semântico [+ fechado], entretanto esse sentido está na base diacrônica da preposição, conforme vimos nos exemplos acima, os significados de “deslocamento” ou de “conteúdo” não são passíveis de interpretação.

Assim, em algumas situações, as preposições desempenham um papel puramente sintático; em outros contextos, podem satisfazer uma necessidade comunicativa e trazer o seu conteúdo semântico. Conceber que algumas preposições dependem mais do estatuto sintático ou semântico, e outras mais do contexto pragmático, é reafirmar a gradualidade da mudança linguística. Sobre o assunto, Lehmann (2002, p. 11), ao tratar do papel gradual da mudança, destaca que:

A categoria das preposições é um exemplo notável. Em muitas línguas, existem algumas preposições, como *beyond* da língua inglesa (*além*), que não precisam ser tratadas individualmente na gramática porque elas obedecem a regras gerais de sintaxe, como outros lexemas comuns, e há outras preposições, como *of* (representante de várias preposições, como: *de*, *por*, *sobre*), que exigem tratamento especial na gramática porque elas são obrigatórias num certo número de construções. O espaço entre elas é preenchido pela maioria das preposições, que se encontra em estágios diferentes em sua trajetória de lexema formativo gramatical. Portanto não vejo como evitar a conclusão de que a gramaticalização é um processo de mudança gradual e que seus produtos podem ter diferentes graus de gramaticalidade<sup>17</sup>.

Como já assinalado, concordamos com Lehmann (1991), quando afirma que, na representação oracional, há uma situação nuclear, também, denominada de participante, que é simbolizada, no caso mais simples, por um verbo. Aqui, ainda de acordo com o autor, a situação nuclear inclui um núcleo central de certificados de participação, que é codificado, no caso mais simples, por um sintagma nominal, e a situação local é aquela que está conceitualmente ligada ao ambiente, tido no espaço. Segundo Lehmann (1991), os parâmetros da dinamicidade, a situação do núcleo e toda a dinamicidade são avaliados em termos de ser *estático* ou *dinâmico*.

Em nossa análise, conjuntamente com Lehmann (1992), consideramos que a preposição é um componente constitutivo conceitual que representa a relação que existe entre o local da situação, incluindo o núcleo central de certificado de participação, e o objeto de referência, sendo sua função a de exprimir uma relação local entre o objeto localizado e o objeto de referência, este último, também, denominado de ponto de referência. Com isso, as preposições expressam regiões espaciais. Dentro de um quadro conceptual, algumas preposições, mais gramaticalizadas que outras, passam a possuir um significado mais

---

<sup>17</sup> Cf. Original: “The category of prepositions is a notable example. In many languages, there are some prepositions like English *beyond* which need not be treated individually in the grammar because they obey general rules of syntax like other ordinary lexemes; and there are other prepositions like *of* which require special treatment in the grammar because they are obligatory in a number of constructions. The space in between is filled by the bulk of prepositions, which are at different stages on their way from lexeme to grammatical formative. I therefore see no way to avoid the conclusion that grammaticalization is a process of gradual change, and that its products may have different degrees of grammaticality.”

inespecífico e são altamente dependentes de outros termos da oração com os quais se relacionam e da inferência pragmática no discurso. Detalhamos um pouco mais a visão de Lehmann, na seção seguinte, deste capítulo.

De forma geral, no escopo dos estudos de cunho cognitivista, podemos destacar duas propostas: 1) um modelo de interpretação a partir de esquemas cognitivos espaciais (LANGACKER, 2000; TALMY, 2000, entre outros), em que as preposições expressam as relações entre a percepção humana e o espaço físico que está à sua volta; 2) uma proposição que infere o significado básico das preposições a partir de resíduos linguísticos reconhecidos por meio da sua trajetória de gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; POTTIER, 1962, entre outros). Consideramos essas duas propostas complementares, pois ambas traçam o percurso de item, cuja origem é um ponto inicial de estatuto físico que evolui para outro de estatuto abstrato, e, com isso, podemos propor o seguinte esquema para as preposições de verbos de movimento:

- (i) as preposições *a*, *para* e *em* exprimem uma relação local (espaço) entre o objeto localizado e objeto de referência, e representam, dessa forma, uma função espacial. As demais interpretações são derivadas dessa primeira, por meio de processos cognitivos como metáforas, metonímias ou processos relacionais. Assim, as preposições possuem um esquema interpretativo que tem uma base físico-espacial;
- (ii) as preposições possuem um significado básico, mais específico, e os demais significados derivados são um conjunto de interseções de todos os sentidos que se atualizam no discurso.

Elaboramos esse pensamento, primeiramente, fundamentados no uso do latim vulgar, em que a utilização das preposições se expande como unidades funcionais, que passam a “substituir”, em grande parte, a marcação de casos (ver seção 3, a seguir). A partir dessa mudança para as línguas românicas, no português, em questão, ocorre a abstração do valor

semântico das preposições, que, mantêm, porém, sua função relacional e espacial. E por meio de processos metafóricos e/ou metonímicos, as preposições passam a exercer funções mais nítidas.

Para operar a visão apresentada acima, consideramos a proposta de Lehmann (1992) para análise das preposições, com base em um modelo conceptual, que mostramos, na sequência.

## **2 PARA UMA VISÃO CONCEPTUAL DAS PREPOSIÇÕES**

Lehmann (2002) observa que as classes de palavras menores, como as adposições e conjunções, não representam, necessariamente, um estatuto gramatical, mas que alguns membros serão mais gramaticais e outros mais lexicais. O autor acrescenta que nem todas as preposições complexas recém-criadas se tornam elemento gramatical automaticamente. Para ele, a construção original se lexicaliza, produzindo um novo item lexical, e este se gramaticaliza e passa a fazer parte do inventário gramatical. Essa proposta toma por base a análise conceptual para as preposições feito pelo autor (LEHMANN, 1992), a qual combina dois componentes de significados: um que designa certa região espacial, e outro, o objeto de referência (em alguns exemplos, de proximidade, em outros, de interioridade).

Como o PB não apresenta morfologia de casos, na codificação linguística de localizações espaciais ocorrem relatores locais ou termos responsáveis pela indicação de uma região espacial, representada pelas preposições, conforme defendemos neste trabalho. O relator é caracterizado pela sua função de exprimir uma relação local entre um objeto localizado e um objeto de referência, este último também denominado “ponto de referência”. Com verbos que exigem um objeto localizado que apresenta uma relação com um ponto de referência (essivo, alativo, ablativo ou perlativo) ocorrem as preposições. Segundo Lehmann

(1992), o relator local é uma característica particular do idioma e exprime uma relação entre o objeto localizado e o objeto de referência. Além disso, a valência<sup>18</sup> semântica e sintática dos verbos desempenha um papel importante na seleção das preposições, e, diante disso, podemos estabelecer um quadro, que é baseado nos apontamentos de Lehmann (1992) para tal situação. Consideremos o exemplo abaixo, oferecido pelo autor:

(1.16) *Erna conduziu o convidado para trás do instituto.*<sup>19</sup>

Primeiramente, neste exemplo, há uma situação nuclear, definida por um verbo. Após os parâmetros da dinamicidade, a situação definida pelo núcleo e toda a dinamicidade são avaliadas em termos de ser *estática* ou *dinâmica* (LEHMANN, 1991), conforme quadro (1.5) que segue.

**Quadro 1.5 - Parâmetros de dinamicidade** (LEHMANN, 1992)

Dinamicidade	
Estático	Dinâmico

Conforme Lehmann (1992), a situação nuclear inclui um núcleo central e seus participantes, codificados, no caso mais simples, por um sintagma nominal, que pode ter várias funções, ativa ou passiva; na situação, em (1.6), é paciente o sintagma nominal “o convidado”. Sobre isso, o autor apresenta que a situação local é aquela que está conceitualmente ligada ao local, ou seja, aquela que está representada no espaço. Além disso, podem ocorrer participantes (centrais ou periféricos) certificados pelo núcleo com diferentes papéis semânticos. No exemplo (1.16) anterior, *Erna* é agente, mas esse participante poderia

<sup>18</sup> Uma visão bastante esclarecedora da valência é a de Dik (1997). No modelo proposto pelo autor, há as valências quantitativa e qualitativa. A valência quantitativa é o número de argumentos selecionado por um predicado. Já a valência qualitativa do predicado refere-se às funções semânticas ou às restrições de seleção, modificadas na formação da predicação.

<sup>19</sup> O exemplo é uma tradução adaptada do original do autor: “Der Gast ist an der Rückseite des Instituts”.



ser negligenciado, por exemplo, em uma construção passiva. Um ponto de referência, como *do instituto*, em (1.16), é apenas mais um dos participantes certificados pelo núcleo (LEHMANN, 1992).

De acordo com Lehmann (1992), essa situação local, que se trata de um componente constitutivo conceitual, representa a relação que existe entre o local da situação, incluindo o núcleo central, seus participantes certificados e o objeto de referência.

Lehmann (1992) sugere o quadro (1.6) para mostrar as relações locais.

**Quadro 1.6 - Relações locais (LEHMANN, 1992)**

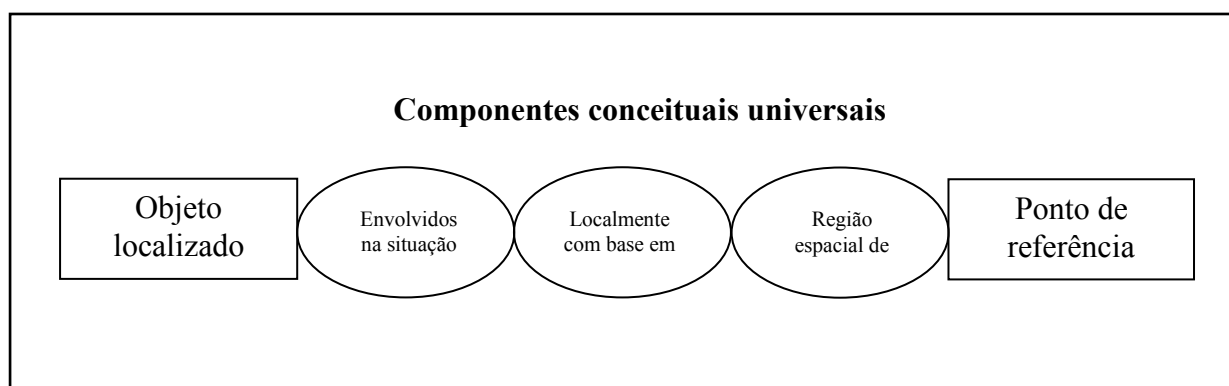
<b>Dinamicidade</b>			
Estático	Dinâmico		
Essivo	Locativa		
<b>Orientação</b>			
<i>em</i>	<i>a /para</i>	<i>de</i>	<i>por</i>
	Alativo	Ablativo	Perlativo

O espaço definido pelas propriedades espaciais de um objeto, mais notadamente o objeto de referência, e, como consequência, seu entorno imediato, é determinado pelas regiões topológica e dimensional conforme quadro (1.7), proposto por Lehmann (1992).

**Quadro 1.7 - Regiões espaciais (LEHMANN, 1992)**

Topológica	Vizinhança Contato Inerente/interior
Dimensional	Anterior/posterior Superior/inferior Esquerda/direita

Segundo Lehmann (1992), os componentes conceituais que compõem uma situação local devem ser interpretados não de uma forma simples como relações sintagmáticas das línguas naturais. Esses componentes são de natureza semiótica, ou seja, não fazem parte de um sistema de signos específicos, e, para representá-los, o autor ilustra a seguinte situação existente em uma rede local de contatos, conforme esquema.



**Fonte:** Lehmann (1992, p. 4)

Considerando o cenário até aqui apresentado, em consonância com Lehmann (1992), fica claro que, na representação das relações locais, ocorrem relatores locais, no caso do português, as preposições.

Como a sintaxe do PB não manifesta caso morfológico, na execução linguística das situações locais, ocorrem os relatores locais. Assim, as regiões espaciais são expressas por preposições, e os verbos exigem que o objeto localizado tenha uma relação com o objeto de referência (essivo, alativo, ablativo ou perlato).

Considerando a representação proposta por Lehmann (1992), percebemos que uma preposição com o sentido estático, como a preposição *em* (conforme Quadro 1.6), passa a ter caráter dinâmico em função do verbo que a seleciona, como os verbos de movimento, o que permite a sua seleção tanto para verbos dinâmicos ou como para verbos estáticos. De acordo com Evans e Tyler (2005), há possibilidade de ambas as preposições (*para* e *em*) apresentarem configuração espacial similar: “duas preposições são intercambiáveis em contextos selecionados porque elas codificam configurações espaciais muito similares”<sup>20</sup> (EVANS; TYLER, 2005, p. 32). Isso não difere do entendimento de Ilari et al. (2008) ou

<sup>20</sup> Cf. original: “two prepositions are interchangeable in select contexts because they encode very similar spatial configurations”.

Castilho (2003, 2010), mas é necessário considerarmos a correlação entre o verbo e a preposição, e não somente da preposição, pois, como já apresentamos, a relação local é apenas mais um dos certificados de participação, neste caso, representado pelo relator, as preposições. Assim, a configuração semântica (estático e dinâmico) pode apontar para a possibilidade de uso entre duas ou mais preposições em construções locativas, principalmente construções com a preposição *em* com verbos de movimento, consideradas como “erros”, por gramáticos tradicionais, ou como agramaticais, por pesquisadores de orientação formalista (FARIAS, 2006). Araújo (2009, p. 343-344) esclarece:

[...] mesmo que os falantes representem cognitivamente o espaço de forma diferente, há similaridade na forma como o falante faz a configuração de um ponto móvel [...], possibilitando assim um fenômeno variável com verbos de movimento, ao mesmo tempo também que a mesma similaridade permite alternância em construções locativas.

Para representarmos as relações espaciais codificadas por preposições que complementam os verbos de movimento do PB, utilizamos, nesta pesquisa, o aparato acima desenvolvido por Lehmann (1992).

### **3 O DESENVOLVIMENTO DAS PREPOSIÇÕES: DO LATIM AO PORTUGUÊS<sup>21</sup>**

As preposições, no PB atual, desempenham, no nível sintático, diversas funções em uma oração, como, por exemplo: no acusativo, para indicar o complemento direto de um verbo de ação; no ablativo, modificando ou limitando o significado de verbo; no dativo, para indicar o complemento indireto do verbo; no genitivo, para indicar posse. Dessa forma, avaliando os diversos trabalhos sobre as preposições em PB, sejam eles de cunho mais tradicional (BECHARA, 1983; ROCHA LIMA, 1980, entre outros), sejam eles baseados em

---

<sup>21</sup> Não é nosso objeto apresentar revisão sobre a história do desenvolvimento da língua portuguesa. Apenas destacamos alguns pontos centrais do desenvolvimento das preposições do latim para o português, pontos esses que acreditamos ser importantes neste trabalho. Para referências mais completas sobre o assunto, indicamos Said Ali (1964), Castro (1991; 2006), Teyssier (1982) e Mattos e Silva (2005).

análises funcionais (NEVES, 2000, KEWITZ, 2007, entre outros), é evidente a polifuncionalidade atual que desempenham as preposições. Isso se deve, provavelmente, ao desenvolvimento histórico por que passaram as preposições desde o latim até o seu estabelecimento dentro de um paradigma no PB, em que passam a desempenhar diversas funções, originadas pelo processo de substituição das flexões de caso do latim e pelo uso mais frequente nas línguas românicas. Compartilhamos a visão de Poggio (2002, p. 93), em sua afirmação de que o desenvolvimento do uso da preposição “foi paralelo à redução da declinação, [...] o alargamento de usos das preposições teve seu início em relações concretas (de lugar, de tempo, de instrumento, de causa, de origem [...]), e os casos que as expressavam se enfraqueceram, chegando a desaparecer”. Esse fato atesta a ocorrência do processo de gramaticalização no eixo diacrônico, no PB.

Mais especificamente, as preposições, em latim, advindas de advérbios, originalmente dependiam diretamente do verbo e não regiam nenhum caso. No latim, as funções sintáticas eram marcadas pelas desinências casuais, porém, com as modificações fonéticas e morfológicas, elas se tornaram opacas semanticamente. Em virtude desse processo, o número de preposições utilizadas para expressar as flexões casuais aumentou, de maneira a indicar determinadas circunstâncias, tais como: origem, instrumento, etc. Assim, a “substituição” de casos por preposições não ocorre de maneira *pari passu*, ou seja, não havia, para cada caso, uma preposição. Dessa forma, um número maior de preposições passa a ser utilizado no latim para estabelecer determinados sentidos, que foram esvaziados pelos casos, e, conseqüentemente, há alguma “diminuição” do valor semântico das preposições, ou seja, uma evidente polifuncionalidade de usos.

Retomando as funções atuais das preposições no PB, vimos que elas desempenham diversas funções na oração (acusativo, ablativo, dativo, genitivo). Porém, no latim clássico, outras formas gramaticais podiam desempenhar essas funções, como as formas finais dos

substantivos e alguns casos do adjetivo (WHELOCK, 2005). Ainda, os substantivos possuíam, no latim clássico, seis tipos de casos, com uma forma para o singular e uma plural, o que totalizava doze marcações morfológicas de caso, e cada caso tinha sua própria função. Dessa forma, em latim clássico, podiam-se demonstrar várias relações entre os substantivos sem depender tanto das preposições. Além dos casos acusativo, ablativo, dativo e genitivo, existiam o nominativo - para indicar o sujeito da oração -, e o vocativo - para marcar o direcionamento a uma pessoa ou coisa (WHELOCK, 2005).

Ao tratar do uso das preposições no latim clássico, Väänänen (1971, p. 181-182) aponta que “desde as origens, usos tais como o acusativo de movimento e o ablativo de separação necessitam do apoio de uma preposição, à exceção de algumas formas sobreviventes”<sup>22</sup>. Também abordando o uso das preposições no latim clássico, Wheelock (2005) menciona que uma preposição era empregada junto com o caso ablativo para indicar “acompanhamento”, “forma”, “lugar onde algo ocorre”, “lugar de onde a ação acontece”, “separação” ou, ainda, “seguindo numerais cardinais”. De acordo com Calabrese (1995), o que levava ou não ao uso da preposição associado ao ablativo era o fato de esse caso desempenhar papel espacial, indicado pelo uso de uma preposição, ou cumprir um papel instrumental, indicado pela ausência da preposição. Podemos, portanto, dizer que as preposições eram usadas para subordinar o complemento do verbo, com a função de reforçar relações de regência nos casos acusativo e ablativo.

Pottier (1976, p. 141), ao refletir sobre essa questão, aponta que o desaparecimento progressivo de casos “em benefício das preposições, quer dizer que entre ambas as categorias existiam *afinidades* suficientes” para que esta substituição ocorresse “de maneira inconsciente

---

<sup>22</sup> Cf. original: “desde los orígenes, usos tales como el acusativo de movimiento y el ablativo de separación necesitaban el apoyo de una preposición, a excepción de algunas formas supervivientes.”

nos falantes”<sup>23</sup>. Em resumo: preposições eram usadas para subordinar o complemento ao verbo, com a função de reforçar relações de regência nos casos acusativo e ablativo.

Costa (2006), em sua dissertação, apresenta um paradigma para as preposições do latim clássico, proposto com base na análise de obras *Metamorfoses*, de Ovídio, *Odes*, de Horácio e *Eneida*, de Virgílio. Esse paradigma pode ser observado no quadro 1.8.

**Quadro 1.8 - Paradigma das preposições do Latim Clássico**

Preposições que regem acusativo	Preposições que regem ablativo	Preposições que regem ambos os casos
<i>ad – per – ob</i>	<i>cum – a – ex – sine – pro – de – e</i>	<i>sub – in – ab – ante</i>

Fonte: Costa (2006, p. 22)

Com o aumento progressivo de uso do latim vulgar falado<sup>24</sup>, ocorre também o aumento da frequência de uso das preposições, principalmente para esclarecer “o que se quer dizer”. Penny (2002) documenta que há evidências do uso de preposições com fins substantivos nas peças de Plauto e na obra de outros escritores populares do final do século III a.C. O autor acredita que essa é uma evidência de que tal processo já vinha ocorrendo na fala há uma longa data.

A ampliação do uso das preposições no latim vulgar e a consequente mudança de flexões de casos para preposições nas línguas românicas inserem-se em um quadro maior de mudanças que ocorreram para o latim, e como sequência, para o português (CÂMARA Jr.,

<sup>23</sup> Cf. original: “si los casos han ido desapareciendo progresivamente en beneficio de las preposiciones, quiere decir que entre ambas categorías existían *afinidades* suficientes como para que esta sustitución tuviese lugar de manera inconsciente en los hablantes.”

<sup>24</sup> Não é nosso objetivo discutir a definição do que se supõe ser o latim vulgar. O tema é vastamente discutido em Maurer Jr. (1962), de modo que o autor considera o latim vulgar como a língua falada pelas classes mais baixas da população, a qual se havia constituído numa espécie de koinê da massa popular. Castilho (2013, p. 145), ao resenhar essa obra, comenta: “Elementos romanos primitivos constituem sua estrutura, ao que vieram somar-se a linguagem das populações rurais e a dos imigrantes que assimilavam o idioma de Roma, deixando-lhe as marcas daquela assimilação. Ao lado dessa língua da plebe (**sermo plebeius**) está o **sermo urbanus** ou **quotidianus**, praticado pela aristocracia romana, e que constitui o latim clássico quando em sua forma escrita. Com a queda do Império Romano, o latim literário se torna menos polido, sobrevivendo embora até a Idade Média, como língua da administração e dos escritores.”

1976; POTTIER, 1962). Ao tratar das mudanças ocorridas no latim vulgar, as quais influenciaram o uso das preposições no PB, Coutinho (1973, p. 33) assinala:

- (a) a redução das cinco declinações do latim clássico a três, proveniente da “confusão” entre a quinta declinação e a primeira e entre a quarta e a segunda declinação;
- (b) a redução dos casos, tendo-se igualado, em todas as declinações, o vocativo com o nominativo; e o genitivo, o dativo e o ablativo, já desnecessários pelo uso das preposições, com o acusativo.

Poggio (2002, p. 83) sustenta que a redução das declinações, criando morfemas homófonos, fez com que certos casos ficassem indistintos, o que dificultava a clareza das orações.

Há várias razões para o aumento e para a mudança de usos das preposições no latim. Primeiramente, os idiomas indoeuropeus apresentam, em geral, uma tendência de redução das terminações de caso (LLOYRD, 1987). Somado a isso, a amplitude de funções das preposições, em comparação às marcações de casos nos nomes, promove uma variedade de usos na língua falada, afastando, dessa maneira, a necessidade de se recorrer ao texto escrito para definição do significado da oração, conforme destacado por Penny (2002). Essa distinção é importante, pois a língua portuguesa irá se estabelecer a partir da península ibérica, e a língua que servirá de base ao seu desenvolvimento é o latim vulgar, que, como é sabido, é diferente da variedade utilizada pelo segmento culto da população durante o período romano.

Ainda sobre essas mudanças, Aguilar (2002) explica que há várias motivações para a alteração das terminações de caso em favor de preposições:

Como conjunto de formas, os ‘casos’ latinos eram um sistema complicado: havia numerosas homônias [...] e as desinências de cada ‘caso’ eram diferentes em cada declinação [...] ao mesmo tempo, carecia de flexibilidade para [...] expressar alguma nova relação. Frente a eles, as preposições, como marcas da relação funcional, se mantinham idênticas junto a qualquer nome e podiam incorporar-se novas unidades sem necessidade de reorganizar todo o sistema<sup>25</sup> (AGUILAR, 2002, p. 121).

Nesse contexto, trabalhos aprofundados sobre o assunto são os de Kulikov (2006; 2007) e de Barðdal (2008; 2009), que enfocam os principais aspectos dessa redução no uso dos casos. Barðdal e Kulikov (2009), retomando os achados de Kulikov (2006), apresentam como mecanismos gerais que levam ao sincretismo em diversas línguas: (i) processos fonéticos que resultam na perda da diferença entre duas ou mais formas, ou seja, a erosão da flexão de caso como conseqüente sincretismo de casos; (ii) a sobreposição de funções sintáticas e semânticas; (iii) a sobreposição semântica e funcional das estruturas; e (iv) uma série de desenvolvimentos analógicos e de nivelamento paradigmático.

Ainda a esse respeito, Barðdal e Kulikov (2009, p. 1) anotam:

**A última etapa do sincretismo de caso é tipicamente precedida por um período de variação e alternância entre formas de caso e estrutura argumental**, com as formas fontes sendo usadas de maneira intercambiável em algumas situações apenas com algumas distinções funcionais mínimas (ver Kulikov, 2007). A relação entre a erosão fonética e a sobreposição semântica/funcional de casos e estrutura de argumental pode ser demonstrada a partir de exemplos de vários grupos de línguas indoeuropeias, já que elas fornecem uma rica evidência para diversos cenários de queda e colapso do sistema de casos (grifo nosso)<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> Cf. original: “Como conjunto de formas, los ‘casos’ latinos eran un sistema complicado: había numerosas homonimias [...] y las desinencias de cada ‘caso’ eran diferentes en cada declinación [...] al mismo tiempo, carecían de flexibilidad para [...] expresar alguna nueva relación. Frente a ellos, las preposiciones, como marca de la relación funcional, se mantenían idênticas junto a cualquier nombre y podían incorporarse nuevas unidades sin necesidad de reorganizar todo el sistema.”

<sup>26</sup> Cf. Original: “The ultimate case syncretism is typically preceded by a period of variation and alternation between case forms or argument structures, with the source forms being interchangeably employed in some usages with only some minor functional distinctions (see Kulikov 2007). The interplay between phonetic erosion and the semantic/functional overlap of case forms and argument structure constructions can be demonstrated with examples from several Indo-European language groups, as these provide rich evidence for various scenarios of the decay and collapse of case systems.”



Especificamente em relação aos casos latinos, o resultado do sincretismo referido por Barðdal e Kulikov é que as desinências passaram a ser usadas de modo menos frequente no latim vulgar, cedendo lugar às preposições, e este já pode ser apontado como o primeiro índice do desenvolvimento de um processo de variação/mudança no sistema de preposições, a exemplo do apontado por Penny (2002), ao tratar da variação das preposições da língua espanhola.

Entre as mudanças ocorridas com o desenvolvimento do latim vulgar, mencionamos, anteriormente, que as desinências de dativo foram substituídas, no latim vulgar, pelas preposições *ad* e *in*, utilizadas junto com a terminação de acusativo. Outra mudança que envolve o uso da preposição *ad* é a função de esclarecer o papel de dativo e acusativo, embora isso tenha ocorrido apenas em alguns contextos (LAPESA, 1981). Ainda, no latim clássico, usava-se um termo sem preposição para indicar o caso ablativo (de comparação); no latim vulgar, adicionou-se a preposição *de* à oração para esclarecer essa imprecisão<sup>27</sup>.

### 3.1 As preposições *ad*, *in* e *per ad*

Entre as preposições existentes no latim clássico, interessam ao entendimento de nosso objeto de estudo três: *ad*, *in* e *per ad*. O significado de *ad* se opõe a *ab*, pois *ad* indica “aproximação de um limite” ou “movimento em direção a um limite” (ALVAR; POTIER, 1983; CLIMENT, 1981), enquanto *ab* expressa “longe”.

Sobre o assunto, Pereira (1916, p. 324) nos informa o seguinte:

---

<sup>27</sup> Ressaltamos, todavia, que, normalmente, o uso do ablativo requeria a ajuda de uma preposição, tanto em latim clássico como em latim vulgar, dependendo do sentido utilizado.

[...] na península ibérica, já desde o século XI, desenvolvia-se um processo novo, inteiramente estranho ao latim clássico, de se **reger o objeto com a preposição ad**, processo que se fixou em português com grande vantagem para a clareza e variedade de frases. **A preposição só se antepunha quando o objeto designava um ente animado** (*decepit ad suo germano*), e levava o intuito de lhe dar proeminência, mostrando o seu interesse na ação verbal, **<como a ponto a que ela se dirige**, ao passo que as coisas e os seres inanimados apenas a recebem pura e simplesmente (grifo nosso).

É relevante destacar, desse comentário de Pereira (1916), que o uso da preposição *ad*, que surge no latim clássico com a função de reger o objeto, já mostra certa variação, pois essa preposição podia ser usada com objetos tanto animados quanto inanimados. Com objetos animados, *ad* atribuía proeminência ao objeto, indicando o ponto a que a ação se dirige. O autor chama a atenção para o fato de que a evolução sintática e semântica das preposições não é notada somente entre o latim e o português, mas ainda na passagem do português antigo para o atual. Essa diferença de uso da preposição *ad* entre objeto animado e inanimado pode, então, representar uma pista para a compreensão da variação sincrônica atual das preposições no PB, pois a necessidade de dar proeminência ao objeto faz a preposição *para*, que é resultado da adição das preposições *per* + *ad*, ser considerada por alguns gramáticos como associada à ideia de “demora” ou de “permanência” (DIAS, 1970; BECHARA, 1997).

Já sobre a preposição *in*, Alvar e Pottier (1983, p. 294) afirmam que significa “inserção em algo desde o exterior”. A ideia oposta era representada pela preposição *ex*. Sobre a preposição *in*, os autores comentam ainda que ela pode ser combinada com o ablativo ou com o acusativo. A preposição *per*, por sua vez, possui vários significados em latim clássico, “tempo”, “causa”, “modo”, entre outros (ALVAR; POTTIER, 1983, p. 300).

A respeito do uso de preposições no latim, Pereira (1916) menciona que a preposição *em*, a qual na atualidade indica a relação “lugar onde”, deriva do latim *in* (onde). Segundo o autor (p. 562), “em lat. ela designava duas relações: a) *lugar onde*, regendo ablativo – *Sum in Italia=estou na Itália*; b) *lugar para onde*, regendo acusativo: *Devenit in Italiam=veio á Itália*”. Ainda abordando a mudança da preposição do latim para o português, o autor

comenta: “na ling. antiga subsistiram as duas construções; porém atualmente, no dialeto literário, só subsiste a primeira, a de ablativo ou de *lugar onde*: *estar na sala, ficar em casa, correr na raia, andar em terra, viajar no mar, ir no bonde, subir na escada*” (PEREIRA, 1916, p. 562).

Em relação à preposição *em*, Dias (1970), por sua vez, afirma o seguinte:

a) A prepos. *em* designa o lugar *onde* uma coisa está ou se põe, tanto no sentido próprio como no translato, ou *onde* acontece: *estar em casa*, [...] b) o termo do movimento (no sentido próprio e no translato) designa-se não como tal, mas como lugar onde, sendo que se considera prolepticamente, não o movimento, a que se referem aqueles verbos e locuções, mas o estado que se seguem aquele movimento. [...] A mesma sintaxe ocorre no port. arc. médio com outros verbos avulsos: *sair, ir, em terra* (DIAS, 1970, p. 142-144).

Nesse sentido, ao explicar o uso da preposição *em*, Dias (1970, p.143) faz a seguinte observação:

Júlio Moreira (*Est.*, cap. XXXIV) vê neste emprego do *em* a continuação do clássico da prepos. latina *in* com acusativo. Os textos que cito do latim da extrema decadência, aos quais pudei juntar outros (Vid. Os índices da edição Teubneriana de Marcello e de Anthimo), parece que justificam a minha interpretação.

As noções de “estado” e de “movimento”, mencionadas na citação acima e originariamente associadas ao uso da preposição *in*, acabam por levar a certa indefinição entre o uso das preposições *ad* e *in*, como veremos a seguir. Climent (1981), sobre esse aspecto, aponta que a distinção entre *ad* e *in* “se debilita em latim tardio chegando a converter-se em sinônimo de *ad* e *in*”<sup>28</sup>. Rocha Lima (1969), em seu ensaio *Sobre o sincretismo de a e em no exprimir direção*, retrança a história das duas preposições do indoeuropeu ao latim, e aponta que “no latim literário, uma e outra partícula [*ad* e *in*] serviam para indicar tanto a ideia de repouso como a de movimento” (p. 223). Diz o autor, ainda, que no latim vulgar:

<sup>28</sup> Cf. original: “se debilita en latín decadente llegando a convertirse en sinónimo de *ad* e *in*.”

Agravou-se a vacilação entre a ideia de repouso e a de movimento, e, pois, a confusão no emprego de *ad* e *in* – tudo favorecido, além do mais pelo amortecimento do *m* do acusativo, donde, foneticamente, *urbem* se igualava a *urbe*. Desde o século XI, deixaram, afinal, de distinguir-se construções do tipo IN URBE(M) IRE / AD URBE(M) IRE. [...] Por uma razão ou outra - e acima e além de quaisquer perquirições de causas -, esta verdade se impõe, incontestável: no latim do Império Romano, *ad* e *in* acumulavam, igualmente, a mesma “aptidão” para expressar repouso e movimento (ROCHA LIMA, 1969, p. 224).

Também comentando o uso dessas mesmas preposições, Furlan (2006, p. 98) apresenta as seguintes informações: “Ad – 1 *ad urbem (ad curiam) ire, ir à cidade (à cúria); ad caelum spectare*, olhar para o céu; *ad ripam stare*, estar junto à ribanceira; *ad familiares littēras scribēre*, escrever cartas aos familiares; [...]” (grifo nosso). A preposição *ad*, nesses casos mencionados pelo autor, rege o acusativo. Já a respeito das preposições latinas *in* (*e sub*), que podem reger o acusativo ou ablativo, o autor assim se manifesta: “*in* (*e sub*) levam ao acusativo os termos que exprimem **ideia de movimento para onde** – *quo*; levam para o ablativo os que exprimem **ideia de lugar onde** – *ubi*” (FURLAN, 2006, p. 101, grifo nosso). Nessa mesma linha, Barbadinho Neto (1977, p. 60) diz que:

Vem do latim imperial a indecisão no uso das preposições *ad* e *in* para expressar respectivamente repouso e movimento. Eis a razão por que, em sua fase arcaica, passaram as línguas românicas, inevitavelmente, por um período de sincretismo. À proporção, porém, que se estabilizavam literalmente, foi esse sincretismo a pouco e pouco desaparecendo, ou atenuando-se, até que cada uma, com o passar do tempo, veio a fixar a sua norma vernácula.

Observando os comentários acima (especialmente o fato de que na língua latina se usam *ad* e *in* para o caso acusativo), percebemos que, ainda no latim, *ad* e *in*, que regiam o acusativo, e *in*, que regia o ablativo, disputavam um mesmo espaço sintático, fato que pode explicar a multifuncionalidade da preposição *em*, em determinadas construções, na indicação de movimento, conforme exemplos abaixo.

- (1.17) *Entramos **no** rio* (equivalente a in + acusativo).  
 (1.18) *Nadamos **no** rio* (equivalente a in + ablativo).  
 (1.19) *Fomos **no** rio* (equivalente a in + acusativo).

Dessa forma, considerando a fixação dos termos oracionais, que se observara no latim tardio, as preposições do latim clássico que só eram usadas diante do acusativo e ablativo, caracterizando o adjunto adverbial, passam a ser empregadas diante do genitivo e dativo, o que enfraqueceu semanticamente as desinências número-casuais. Monteiro (1931, p. 62) faz menção a esse assunto, esclarecendo que “na Península Hispânica, em vez da declinação de dois casos, implantou-se o hábito de se distinguir o acusativo do nominativo, em se tratando de seres animados, por meio da preposição *ad*”. Enfim, o acusativo se generalizou e passou a ser empregado em lugar dos outros casos, convertendo-se em caso universal, nos termos de Poggio (2002, p. 86). Como resultado desse percurso, a associação de sentidos de *ad* e *in*, no desenvolvimento do latim até ao PB, confirma o início de um processo de variação e mudança das preposições brasileiras.

### 3.2 O sincretismo do português brasileiro<sup>29</sup>

Como vimos, em latim já se usavam preposições para subordinar o complemento ao verbo, com a função de reforçar relações de regência, nos casos acusativo e ablativo. Nas línguas românicas, a perda de casos levou à ampliação do uso das preposições também para complementos antes expressos pelos casos dativo e genitivo. Dessa maneira, a função de regência foi deixando de ser expressa de forma sintética (pelos casos), para ser expressa de forma analítica (pelas preposições) (TARALLO, 1990), processo de mudança que, instaurado no latim, pode constituir pista segura para o entendimento do desenvolvimento da variação no PB. Na mesma linha de afirmação, Torres-Morais e Berlinck (2002, p. 25-26) alegam que:

---

<sup>29</sup> Destacamos aqui somente os aspectos referente à língua portuguesa, porém é importante frisar que o processo de sincretismo ocorreu também em outras línguas românicas.

[...]o latim clássico já possuía um sistema de preposições expressivo das relações que se estabeleciam entre alguns tipos de complementos, ou adjuntos, com o predicador verbal. No entanto, as marcas de caso morfológico, acusativo e ablativo, nos sintagmas nominais, por si sós eram suficientes para expressá-las. Desta forma, o papel das preposições era restrito, consistindo principalmente em delimitar as relações já estabelecidas, como em: *ire ad silvam* – “ir à floresta”; *ire in silvam* – “ir pela floresta a dentro”. Com a perda das flexões casuais nas línguas românicas, o papel das preposições se amplia consideravelmente.

Dessa forma, a substituição das flexões de caso do latim por construções preposicionais nas línguas românicas trouxe consequências para o sistema das preposições do PB, como o enriquecimento funcional das preposições<sup>30</sup>. Porém, conforme observa Lehmann (2002), as preposições nas línguas românicas não são funcionalmente idênticas aos casos no sistema latino. O fato resultante dessa mudança é a utilização de diferentes preposições em um mesmo contexto, embora a tendência seja cada preposição buscar uma especialização no sistema linguístico do PB.

Sobre o assunto, Câmara Jr. (1975, p. 25) comenta que “as partículas conectivas, ditas “preposições”, e a ordem dos vocábulos na frase tornaram-se o meio de expressão das relações sintáticas, que no tipo linguístico flexional assenta essencialmente as desinências nominais específicas.”

Além do enriquecimento funcional das preposições, as línguas românicas, entre elas o português, passam a utilizar diferentes recursos sintáticos para expressar as relações entre os constituintes da sentença, entre eles, destaca-se a ordem das palavras, além da ampliação de uso na realização de complementos nominais e verbais no PB. Sobre a ordem das palavras, Lehmann (1985, p. 8) comenta: “representantes da tipologia diacrônica sobre ordem básica (p.

---

<sup>30</sup> Torres-Morais e Berlinck (2006), sobre o enriquecimento funcional das preposições, comentam que “o latim tinha um quadro variado de preposições, regendo o caso ablativo e acusativo. No entanto, o papel por elas desempenhado é bastante distinto do que acabam por adquirir nas línguas românicas. Nestas, o seu uso se amplia consideravelmente na realização dos complementos nominais e verbais.”

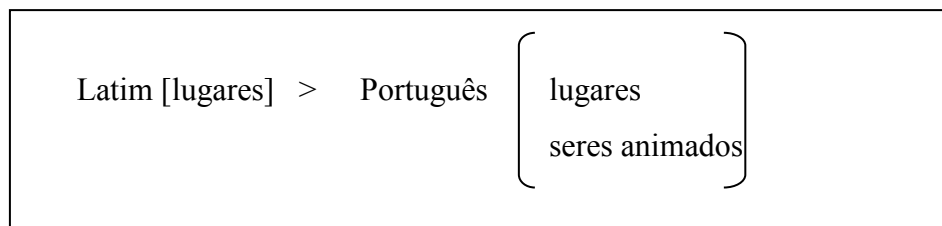
ex. Lehmann, 1978) contarão com generalizações translinguísticas (também conhecidas como universais implicacionais), como o seguinte: se uma língua tem a ordem básica VO, tem preposições (o que é uma simplificação do terceiro universal de Greenberg)”<sup>31</sup>.

Berlinck (2000, p. 1), avaliando os aspectos da caracterização do objeto indireto no português, destaca que:

Com a derrocada do sistema casual latino, implementa-se, ao lado do recurso da ordem, a utilização da preposição para estabelecer relações entre os constituintes da sentença. Esse novo sistema depende fortemente do valor semântico de cada preposição, cuja presença/ausência será responsável, em grande parte pela indicação da função desempenhada pelos elementos nominais.

Em termos gerais, além do fenômeno de ampliação de funções para os casos do latim, conforme constatado por diversos autores (MONTEIRO, 1931; ROCHA LIMA, 1969; entre outros), em que uma e outra partícula (*ad* e *in*) serviam para indicar tanto a ideia de repouso como a de movimento, também se deve observar que, na passagem do latim para o português, as preposições, além de indicar *lugares*, passam a indicar *lugares e seres animados*, conforme o esquema abaixo.

#### Desenvolvimento dos significados das preposições do latim ao português



Fonte: elaboração própria.

<sup>31</sup> Cf. original: “Representatives of diachronic basic order typology (eg. W. Lehmann, 1978) will rely on cross-linguistic generalizations (otherwise known as implicational universals) such as the following if a language has basic order VO, it has prepositions (this being a simplification of Greenberg’s (1963) universal 3).”

As alterações gramaticais decorrentes de tal mudança levam a uma ampliação do sistema preposicional do PB, fazendo surgir novas formas ou mesmo novas funções a serem exercidas pelas preposições<sup>32</sup>. São palavras de Câmara Jr. (1985, p. 178-179) sobre o assunto:

Em referência à direção, houve a ampliação do emprego de *a*, correspondente a lat. AD, cuja distribuição era limitada por IN regendo acusativo com a noção de movimento com entrada. Em vez de – *ire in Silvan*, temos em português moderno – *ir à floresta*, embora o emprego clássico fosse mais próximo do modelo latino e a língua coloquial do Brasil conserve a construção anterior (*ir na floresta* onde na equivale a *em+a*) [...] Noutro sentido, a extensão de *a* foi limitada pelo advento de *para*, de criação românica.

Ainda sobre o assunto, Câmara Jr. assinala que o “enriquecimento funcional das preposições” levou a um “empobrecimento quanto às formas”, “grande parte das preposições latinas se perderam” e outras preposições tiveram seu emprego aumentado, “num processo de simplificação e economia” (CÂMARA JR, 1976, p. 177). Segundo o autor, o sistema “funciona em dois planos de significação gramatical. Um primeiro, mais concreto, é o das localizações no espaço e, por extensão, de tempo” (CÂMARA JR, 1976, p. 177).

Tarallo (1990, p. 134) avalia esse quadro de mudança da seguinte maneira:

[...]o aumento do número de preposições em português se deveu provavelmente ao fato de essas partículas terem começado a desempenhar uma função na organização gramatical portuguesa que existia somente como um esboço no sistema do latim clássico.

Para fundamentar ainda mais a noção de enriquecimento funcional das preposições, retomamos as palavras de Diório Junior (2002a, p. 17):

---

<sup>32</sup> Adotamos a noção de *função/significado* de Nichols (1984), que remete ao papel discursivo dos elementos linguísticos. Dessa forma, não são os itens em estudo que carregam funções/significações, mas essas são depreendidas a partir do contexto de ocorrência daqueles.



[...] as preposições têm seu valor definido no interior do seu sistema. Em um dado momento, pode surgir uma nova palavra empregada como preposição, ocupando uma parte do domínio de alguma outra preposição já existente no sistema. A nova palavra também pode ocupar parte dos domínios de várias preposições ao mesmo tempo. Outra possibilidade é a de alguma preposição alargar seu domínio, avançando sobre o de outra. Em qualquer das hipóteses, há a necessidade de reorganização do sistema. Ou seja, o sistema de preposições encontra-se todo arranjado de maneira que permaneça coerente. À menor alteração, o sistema precisa redefinir-se.

Como vimos até aqui, parece clara a influência do latim, não somente na constituição, mas também na conseqüente ampliação de funções do sistema preposicional, e, por sua vez, no processo de variação/mudança hoje constatado sistema preposicional do PB, no que concerne à mudança ainda em andamento com recuo, gradativo da preposição *a* e com o aumento de frequência de uso das preposições *para/em*, como já fartamente atestado por diversos autores (PONTES, 1992; MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996, 2008; GUEDES e BERLINCK, 2003; VALLO, 2004; VIERA, 2009; WIEDEMER, 2008a; entre outros).

Tentamos capturar os passos da gramaticalização dos relatores de caso desde o latim até o português, por meio dos estágios de desenvolvimento propostos a seguir.<sup>33</sup>

### Estágio 1

- |                |                                  |
|----------------|----------------------------------|
| a. (latim)     | Laura <b>ad</b> portum uadit.    |
| b. (português) | A Laura vai <b>ao</b> porto.     |
| c. (português) | A Laura vai <b>para</b> o porto. |
| d. (português) | A Laura vai <b>no</b> porto      |

### Estágio 2

- |                   |   |
|-------------------|---|
| a. (latim)        | Laura librum inoanni dedit.             |
| b. (latim vulgar) | Laura librum <b>ad</b> loannem dedit.   |
| c. (português)    | A Laura deu o livro <b>ao</b> João.     |
| d. (português)    | A Laura deu o livro <b>para</b> o João. |

---

<sup>33</sup> Os estágios são uma junção das ideias de Lehmann (1985, 2009) e desenvolvimentos nossos, que são: (c) e (d) no estágio I, e (d) no estágio 2.

### Estágio 3

- a. (latim vulgar)      Laura laborat **per ad** Ioannem.
- b. (português)        A Laura trabalha **para** o João.
- c. (português)        A Laura deu o livro **para** o João.

No estágio 1, na passagem de (a) a (b), Lehmann (1985, p. 4) relaciona o conceito da atribuição para exemplificar a passagem do latim *ad* ao Romance *a*: “na gramaticalização do Latim *ad* ao Romance *a*, a erosão suprimiu a consoante final, enquanto a dessemantização é responsável pela perda do traço de local concreto presente em *ad* e ausente em *a*”<sup>34</sup>. Originalmente, a preposição *a* tem a função “alativa”; além disso, outras preposições (*para* e *em*) passam a desempenhar a indicação de movimento. No estágio 2, há expansão de significados, e renovação do dativo em português, e a preposição *para* passa a competir na indicação do dativo. No estágio 3, se gramaticaliza como objeto indireto<sup>35</sup>.

Tarallo (1990, p. 135), sobre a passagem do latim para o português, comenta:

Nosso sistema deve ter experimentado momentos em que uma mesma preposição latina cumpria, além de sua função relacional, outras funções semânticas que, no latim clássico, eram mapeadas a outras formas. E essa tendência, uma mesma forma com várias funções ou uma mesma função marcada por diferentes e várias formas, na realidade, subjaz à organização gramatical das línguas naturais, embora contra ela se posicionem (ou se tenham posicionado) alguns gramáticos da língua portuguesa.

Também é salutar mencionar que várias preposições surgem no português. Como exemplos, Neves (2001, p. 120) cita as preposições *durante* e *mediante* e as locuções prepositivas *apesar de*, *a par de*, *a fim de*, *a despeito de*. O que se nota nesses casos é que são palavras funcionais originadas de palavras de conteúdo lexical. Sobre o assunto, Oliveira (2004) analisa as preposições oriundas do participio presente latino, em que essa forma latina

---

<sup>34</sup> Cf. Original: “[...] in the grammaticalization of Latin *ad* to Romance *a*, erosion has deleted the final consonant, while dessemantization is responsible for the loss of the concrete local feature present in *ad* and absent from *a*.”

<sup>35</sup> Sobre o desenvolvimento do objeto direto, indicamos a leitura dos estudos realizados por Berlinck (2001).

era híbrida, pertencendo ao sistema verbal latino como forma verbo-nominal, devido a suas características ora de nome, ora de verbo. Essa particularidade de tais preposições favoreceu mudanças de recategorização em nomes (adjetivos e substantivos) e em preposições, ou sua substituição pelo gerúndio. São exemplos de preposições oriundas do particípio presente latino: *durante*, *mediante*, *salvante*, *tirante* (OLIVEIRA, 2004), classificadas pelas gramáticas tradicionais como preposições acidentais. No que se refere à função sintática das preposições originadas do particípio presente latino, Oliveira (2004) afirma que tal papel é de estabelecer relação semântico-adverbial. Ou seja, essas preposições não introduzem complemento, porém encabeçam as orações adverbiais, além de, conseqüentemente, não pertencerem ao sistema de transitividade.

Tarallo (1993), ao tratar das mudanças e tendências de uma gramática brasileira que, ao final do século XIX, mostrava claras diferenças estruturais em relação à gramática portuguesa, mostra que tais diferenças tornaram-se ainda mais acentuadas no final do século XX.

### **Em resumo ...**

Neste capítulo, oferecemos uma revisão de dois posicionamentos analíticos (visão gramatical e visão linguística) para o entendimento das preposições, e evidenciamos o caráter polissêmico dessa classe de palavras. Além disso, para desenvolvermos uma análise mais ampla das preposições, lançamos mão da abordagem tipológica e conceptual proposta por Lehmann (1992). Para justificarmos a multifuncionalidade das preposições já em estágios iniciais do latim, e do desenvolvimento do processo de variação/mudança do latim ao português, revisamos alguns pontos centrais do desenvolvimento das preposições do latim para o português. Feito isto, como estamos considerando a língua sob a perspectiva interacional, no próximo capítulo, tratamos, especificamente, dos estudos que tratam de preposições que complementam verbos de movimento no PB.

# CAPÍTULO II

## PANORAMA DOS ESTUDOS DAS PREPOSIÇÕES DE VERBOS DE MOVIMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, com base nos principais estudos do Português Brasileiro que tratam das preposições que complementam verbos de movimento, apresentamos, na primeira seção, um panorama geral do fenômeno investigado, abordando criticamente os pontos centrais dessas pesquisas. Na segunda seção, ratificamos o fenômeno de variação/mudança das preposições que complementam os verbos de movimento por meio da apresentação dos estudos diacrônicos. Com isso, evidenciamos um painel rico para o processo de variação/mudança das preposições no PB.

### 1 PANORAMA DAS TENDÊNCIAS DE CONTEXTOS DE USO DAS PREPOSIÇÕES

Sobre a variação das preposições de complemento do verbo *ir*, um trabalho de bastante repercussão no âmbito da pesquisa sociolinguística é o de Mollica (1996), desenvolvido com base em 710 dados extraídos da fala de 64 informantes da Amostra Censo/UFRJ (46% são da preposição *em*, e 54% de *a* ou *para*). A autora busca identificar quais fatores condicionam a escolha das preposições *em* e *a/para*<sup>36</sup>, bem como procura verificar a pertinência das seguintes variáveis linguísticas: *configuração do espaço*, *grau de definitude* e *traço de permanência*.

---

<sup>36</sup>Mollica (1996) não separa as preposições *a* e *para* na análise.

Em relação à variável *configuração no espaço*, Mollica (1996) constata que os locativos são distribuídos por traços [+fechado] e [-fechado]. Para a pesquisadora, a intenção na postulação desses traços baseia-se na hipótese de que a preposição *em*, além da noção de movimento quando acompanha o verbo *ir*, conota o sentido de “estar dentro”, sendo seu uso mais provável de ocorrer com locativos de traço [+ fechado], o qual compreende recintos cujo espaço seja mais demarcado. Os resultados dessa variável apoiam a hipótese da autora de que a preposição *em* associa-se a determinado traço semântico do nome do complemento locativo ao qual a preposição acrescenta valor significativo de “estar dentro”, além do valor previsto de “movimento”.

Já no que tange à variável *grau de definitude*, o estudo da autora testa a hipótese de que quanto mais definido o referente do locativo, mais chance ele tem de ser regido por *em*, já que indica “lugar onde”, além da noção de “movimento” dada pelo verbo *ir*. Por outro lado, quanto mais indefinido, vago e/ou impreciso for o referente, tanto maior a chance de ocorrer *a/para*, já que nesses contextos, apenas a noção de movimento está presente. Assim, relativamente a essa variável, os traços controlados por Mollica (1996) foram: *presença/ausência de determinante de N* e os traços de natureza semântica *definido/não definido*. Mais explicitamente, os critérios usados para essa variável foram os seguintes: a) [+ definido], para “referente conhecido do falante e do ouvinte, facilmente identificável” (*MEC, o sindicato, Copacabana*); b) [- definido] compreende “referente vago, impreciso, pouco identificável pelo falante e/ou ouvinte” (*qualquer lugar, psiquiatras, teatro*); c) [+ determinado], para casos de presença de artigos e pronomes em um SN (*a tia, uma festinha, qualquer lugar*); e d) [-determinado], para ausência de artigos e pronomes (MOLLICA, 1996, p. 159-160). Observe-se que, da conjugação de traços dessa variável de natureza complexa, por envolver fatores de natureza morfossintática e semântico-discursiva, resultam *graus de definitude dos referentes*: maior grau de definitude identifica referentes [+ definidos, +

determinado]; grau intermediário corresponde a referentes [+ definidos, – determinado]; menor grau de definitude envolve referentes [- definido, - determinado]. Os resultados da pesquisa mostram que os referentes do complemento locativo do verbo *ir* distribuem-se em graus de definitude hierarquicamente dispostos: quanto mais definido e acompanhado de determinante for o nome locativo, menor a chance de ser antecedido pelas preposições *a/para*; quanto menos definido e acompanhado de determinante for o N locativo, maior a tendência de vir antecedido pelas preposições *a/para*.

Os resultados de Mollica (1996) para os dois grupos de fatores (*Configuração do espaço* e *Grau de definitude*) ratificam sua hipótese de que a preposição *em*, variante não-padrão, é condicionada por ambos os fatores.

No que concerne à variável [ $\pm$  permanência], os resultados de Mollica (1996) não apresentarem nenhuma ocorrência de [+ permanência] com *em*, o que levou a autora a analisar somente a concorrência entre *a* vs. *para*. A autora não esclarece quais foram os critérios usados para identificar esses traços, apenas menciona que eles se associam à “ideia de fim ou permanência”. Exemplificando esses traços, tem-se: a) uso de *para* [+ permanência], como em: *Ela vai ter que ir embora, ir pra terra dela*; b) uso de *a* [- permanência], como em: *Só uma vez ela foi à praia conosco* (MOLLICA, 1996, p. 163). A partir dos resultados, a autora conclui que a regra que estabelece que a preposição *para* deve acompanhar o verbo *ir* quando há ideia de fim ou de permanência ainda está bastante presente na fala carioca e, dessa forma, pode-se afirmar que os falantes cariocas continuam sensíveis a ela.

Verifica-se que Mollica (1996) considera a diferença de uso entre *a* e *para* associada à ideia de “demora”, “permanência”, com base nos moldes das gramáticas tradicionais (ALMEIDA, 1969; DIAS, 1970<sup>37</sup>; BECHARA, 1997 entre outros). Ao nosso ver, pensar que

---

<sup>37</sup> “Depois de alguns verbos, e nomes, de movimento para um lugar [...], *a* dá a entender que a ida, etc., é só para certo fim, voltando-se depois, ao passo que *para* não envolve tal ideia”. (DIAS, 1970, p. 117).

os falantes captam uma diferença de uso associada ao traço semântico [permanência] é algo discutível, principalmente porque esse tipo de regra opera abaixo do nível de consciência do falante. É evidente que podemos considerar algumas pistas contextuais que podem auxiliar a identificar a intenção do falante, mas essa inferência nem sempre é possível e nem sempre temos certeza de que é verdadeira.

Kewitz (2007, p. 24), analisando exemplos da gramática descritiva de Neves (2000), argumenta que “em alguns casos, a categoria baseia-se apenas no sentido do verbo, como no exemplo abaixo, com a preposição *para*: a ideia de permanência se dá pelo verbo ficar, e o que *para* denota parece ser mais a ideia de localização ou direção”.<sup>38</sup>

(2.1) *A metade do corpo ficou para fora da porta (permanência).*

Distanciando-se da ideia de [ $\pm$  permanência], Fiorin (2002, p. 172-177) propõe a seguinte categorização para as preposições ou locuções prepositivas temporais: *concomitância e não concomitância (anterioridade vs. posterioridade)*. Outra categoria utilizada para a organização das preposições temporais é o *aspecto*. O autor organiza a categoria aspecto da seguinte forma: *pontual vs. durativo (incoativo vs. terminativo)*. Tem-se, para o aspecto incoativo-durativo, o começo de processo em duração temporal, sendo indicado por *desde, a partir de, a começar de*. O aspecto terminativo-durativo marca o ponto final do processo em duração temporal, sendo indicado pela preposição *até*. As preposições *a* e *em* podem ser consideradas, dessa forma, pontuais e durativas, pois marcam um momento inscrito no enunciado. Esse conceito defendido por Fiorin (2002) dá sustentação para não reunirmos em nossa análise as preposições *a/para* em oposição a *em* (como fazem Mollica [1996] e Ribeiro

---

<sup>38</sup>Exemplo retirado do trabalho de Kewitz (2007, p. 24).

[1996; 2008], por exemplo), pois, conforme demonstramos em Wiedemer (2008a), pode haver contextos claros de retenção do uso da preposição *a* associada ao tipo de locativo.

Em relação aos fatores sociais, Mollica (1996) mostra que a escolarização desempenha papel social preponderante sobre a seleção das preposições *ae para* em detrimento da variante *em*. A influência da escolaridade estabelece uma oposição entre os falantes do Ensino Fundamental (séries iniciais e séries finais) e do Ensino Médio: estes favorecem as formas *a/para* e aqueles as desfavorecem. Já sobre a atuação de escolarização e de sexo/gênero sobre a escolha das preposições, os dados indicam que as mulheres são mais sensíveis à escolarização, obedecendo desde o início, à pressão escolar. No que tange ao fator idade, a escolha das variantes *a/para* também está correlacionada à escolaridade, embora as crianças, em termos probabilísticos, evidenciem leve tendência a usar mais as formas *a/para* que os jovens de 15 a 25 anos. Já os adultos apresentam maior polarização das variantes. Em suma, Mollica (1996) mostra que os fatores *escolaridade*, *sexo* e *idade* foram relevantes em sua pesquisa, destacando-se o uso de *a/para* pelos informantes mais escolarizados, principalmente pelas mulheres.

Com o objetivo de traçar um quadro complementar ao de Mollica (1996), Ribeiro (1996; 2008) analisa as preposições de complemento do verbo *ir* na fala culta carioca, tendo recolhido 734 ocorrências do *corpus* do Projeto NURC da cidade do Rio de Janeiro. Para tal finalidade, o autor testou as mesmas variáveis de Mollica (1996) quanto à caracterização do locativo alvo do movimento (*configuração do espaço* e *grau de definitude*), além das variáveis sociais clássicas. Assim como aquela autora, Ribeiro também considerou a oposição *para/a vs. em*, com base no critério padrão *vs.* não-padrão, tendo obtido os seguintes resultados gerais: 86% de frequência de *para/a* e 14% de frequência de *em*.

Comparando os resultados dos dois trabalhos, notamos que o percentual de uso de *para/a* sobe significativamente 32 pontos percentuais na fala culta carioca (amostra NURC)



em relação à fala popular (amostra Censo) analisada por Mollica (1996). Em contrapartida, os informantes do NURC utilizam apenas 14% de *em*, enquanto os falantes do Censo chegam a 46%, abonando o *status* não-padrão atribuído à preposição *em*.

Os resultados de Ribeiro (1996; 2008) ratificam as tendências apresentadas por Mollica quanto aos fatores linguísticos: a preposição *em* tende a ocorrer com espaço [+fechado] e também com lugar [+definido] e [+determinado]. Dessa forma, pode-se dizer, então, que na fala carioca, independentemente do grau de escolaridade dos informantes, as variantes linguísticas *configuração do espaço* e *grau de definitude* atuam da mesma maneira sobre o uso da preposição *em*. Vale lembrar aqui que, assim como Mollica (1996), Ribeiro adota critérios de natureza morfossintáticos e semântico-discursivos conjuntamente na avaliação dessa variável.

Quanto às variáveis sociais, Ribeiro (1996; 2008) mostra que, enquanto o comportamento dos homens oferece indícios de implementação da mudança, com uma distribuição linear decrescente – os mais jovens usando mais a preposição *em* que os mais velhos, o comportamento das mulheres apresenta um quadro de variação estável – as mulheres da faixa etária intermediária (36 a 55 anos) tendem a evitar o uso da variante *em*, enquanto as faixas etárias situadas nos extremos a utilizam mais. Esse comportamento feminino mais conservador, mais sensível ao prestígio social, é explicado pelo autor com base em pressões do mercado do trabalho.

Vallo (2004) se detém na análise de questões similares em seu estudo realizado a partir da análise de uso das preposições vinculadas ao verbo *ir* na língua falada pessoense, com base em dados presentes no *corpus* VALPB – *Varição Linguística no Estado da Paraíba*. O autor encontrou 610 ocorrências, assim distribuídas: 82 casos de uso de *a*, 441 casos de *para* e 87 casos de *em*, correspondendo a uma porcentagem de 13%, 72% e 15%, respectivamente.

Pode-se observar um comportamento bastante diferenciado entre os falantes cariocas (MOLLICA, 1996) e os pessoenses (VALLO, 2004) no uso das preposições: enquanto no Rio de Janeiro há 46% de uso da preposição *em*, em João Pessoa esse percentual cai significativamente para 15%; enquanto 56% dos cariocas usam as preposições *a/para*, os pessoenses preferem, de forma acentuada, a preposição *para* (72%) e utilizam menos a preposição *a* (13%).

O estudo de Vallo (2004) revela ainda que, a exemplo dos resultados encontrados por Mollica (1996), o uso de um nome locativo de conhecimento do falante e do ouvinte favorece o uso da forma *em*. No entanto, diferentemente desse mesmo trabalho da autora, a pesquisa de Vallo aponta que o referente que possui o traço [+fechado] favorece o uso das formas *a/para*. Vallo (2004) mostra ainda que a não-narratividade do discurso favorece o uso das preposições *a/para* e que a narratividade do discurso favorece o uso da preposição *em*. Sobre essa variável, o autor, com base em Tarallo (2001), considera a hipótese de que o informante, ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, desvencilha-se da preocupação com a forma do padrão gramatical. Em relação aos fatores sociais, o autor constata o papel dos anos de escolarização como variável social significativa, apresentando um resultado bastante polarizado: quanto maior o nível de educação formal, mais frequente é o uso de *a/para*, e quanto menor é esse nível, mais frequente é o uso de *em*.

Wiedemer (2008a), diferentemente de Mollica (1996) e de Ribeiro (1996, 2008), analisa separadamente as preposições *a/para/em* no complemento locativo do verbo *ir*, buscando identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam na seleção dessas preposições. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, o autor utiliza amostras de fala de 72 entrevistas do banco de dados do Projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil (VARSUL), considerando as localidades de Florianópolis, Blumenau e Chapecó, cada cidade representada por um conjunto de 24 entrevistas, correspondentes a 12 perfis sociais

(masculino e feminino, três níveis de escolarização e duas faixas etárias), com dois informantes para cada perfil. Além da relevância dos grupos de fatores sociais sobre a regência variável do complemento locativo do verbo *ir*, controla um conjunto diferente de variáveis linguísticas que condicionam a seleção das preposições, tais como: (i) configuração do locativo (ponto de referência); (ii) pessoa do discurso; (iii) tempo-modo-verbal; (iv) indeterminação do sujeito. Os resultados de Wiedemer (2008a), além de confirmarem a evidência de que outros fatores linguísticos atuam no condicionamento do uso das preposições *a/para/em* do verbo *ir*, fornecem fortes evidências em favor da interrelação de uma multiplicidade de fatores, sejam linguísticos ou extralinguísticos, que envolvem o fenômeno em pauta.

Em relação à configuração do locativo (ponto de referência), Wiedemer (2008a), a partir dos resultados para o uso alternado das preposições em vários trabalhos, procura detalhar a configuração do espaço, tentando captar diferenças mais sutis e, com isso, detectar eventuais condicionamentos nos padrões de uso. Assim, foram controladas diferentes propriedades, que, conjuntamente, configuram os espaços que compõem as situações representadas nos enunciados que contêm o verbo *ir*. Essas propriedades foram controladas a partir da identificação de traços semântico-discursivos, resultando nas seguintes codificações: (i) [*lugar/objeto*], termo que remete a lugares, objetos sem nomes definidos, tais como: *casa*; (ii) [*lugar/instituição*], que abrange nomes definidos de lugares, como, por exemplo: *UFSC*; (iii) [*lugar/instituição personificada*], que remete tanto à personificação de instituição (*médico* = consultório) quanto à personificação de lugar (*sogra* = casa da sogra); (iv) [*lugar/evento*], que considera acontecimentos que se passam em certos lugares, como, por exemplo, *missa, futebol, festa*, e também processos/acontecimentos; (v) [*lugar/espaço sócio-geográfico*], que se refere a lugares com referência geográfica, tais como: *comunidade, interior, centro* e localidades específicas. Em relação a essa variável, os resultados mostram

que o contexto que está se delineando como particular da preposição *a* é [lugar/evento]; já o contexto que está despontando como característico para a preposição *em* é [lugar/objeto]; porém, a preposição *para* não apresenta nenhum contexto particularizado de uso. Além disso, há um comportamento distinto entre as preposições *a/para* vs. *em* diante do fator [espaço geográfico] que desfavorece fortemente o uso de *em*. Assim, pode-se dizer que as preposições *para/em* estão claramente em variação nos contextos [lugar/evento] e [lugar/instituição].

As ocorrências de (2.2) a (2.5) ilustram a tendência de uso apontada por Wiedemer (2008a).

(2.2) *É, sou torcedor de rádio de pilha. Torço pelo Figueirense, mas **não vou ao jogo**.*  
[lugar/evento]

(2.3) *Eu lembro, eu era pequena ainda, não ia na ah! **ia na escola**, sim, já ia na escola, é. Só sei que minha mãe estava esperando neném, ela chorou muito, né?* [lugar/objeto]

(2.4) *Eles vieram pra Florianópolis porque todo mundo dizia que Florianópolis era bom. Ilusão, né? Todo mundo dizia: "Ah, **vai pra Florianópolis**, Florianópolis é bom, é melhor, tem serviço, isso e aquilo." Aí então eles vieram. Mas na época que eles vieram pra cá não tinha ônibus, não tinha nada.*  
[espaço geográfico]

(2.5) *Lá eu trabalhei. Depois **eu fui a Curitiba**, trabalhava no balcão, vendia tecidos e aviamentos.*  
[espaço geográfico]

Com isso, Wiedemer (2008a) conclui que o locativo identificado como espaço geográfico favorece *a/para* e desfavorece *em*; a preposição *em* é favorecida em contexto de lugar/instituição personificada (ou não), porém o fator lugar/objeto condiciona o uso de *em* e inibe o uso de *a*, mostrando-se indiferente ao uso de *para*. Além disso, o autor evidencia uma oposição entre as preposições *a* e *para*: [lugar/instituição personificada] e [lugar/evento] privilegiam o uso de *a*, ao passo que inibem o uso de *para*; por outro lado, [lugar/instituição] e [lugar/objeto], principalmente o primeiro fator, desfavorecem *a* e favorecem *para*. É com

cautela que o autor afirma que a preposição *a* está cedendo terreno para a preposição *para*, que, por sua vez, estaria em competição com *em*; ou que *a/para* devem ser reunidas em oposição a *em*, como considerou Mollica (1996), por exemplo.

Já em relação ao sujeito da oração e à configuração da expressão locativa, Wiedemer (2008a) considera a importância de se analisar a composicionalidade de uma sentença. Assim, aponta como critério a ser considerado na configuração da expressão locativa a presença de outros constituintes oracionais, tais como, a expressão do sujeito e sua possível relação com o uso das preposições. Para tanto, lança mão das seguintes variantes: (i) Primeira pessoa (eu, nós); (ii) Segunda pessoa (tu, você, vocês); (iii) Terceira pessoa (ele(s), ela(s), SN singular e plural); (iv) *A gente* (como pronome). No controle dessa variável, os resultados apontam para uma tendência de uso de sujeito *a gente/nós/eu* correlacionado mais ao uso da preposição *a* (PR = 0,57), enquanto *tu/você* correlacionam-se um pouco mais sutilmente à preposição *em* (PR = 0,59), e *ele/eles*, a *para* (PR = 0,65). Diante desses resultados, o autor traça uma tendência de uso das preposições relacionadas à pessoa do discurso, conforme quadro (2.1), abaixo.

**Quadro 2.1 - Tendências de uso das preposições de verbos de movimento relacionadas à pessoa do discurso**

<b>Pessoa do discurso</b>	<b>Preposição</b>
<i>A gente+eu/nós</i> (P1)	A
P2	EM
P3	PARA

Além dos fatores *configuração do espaço e pessoa do discurso*, Wiedemer (2008a) testa três grupos de fatores concernentes ao verbo (*frequência aspectual, perfectividade e tempo verbal*), e apenas o grupo de fatores *tempo verbal* mostrou-se relevante para o condicionamento do uso das preposições *a/para/em*, com a seleção das preposições *a* e *para*

associadas ao tempo passado. O autor mostra uma evidente distribuição complementar em relação às duas preposições (*para/em*), ou seja, o *pretérito imperfeito*, na seleção de *para*; e os percentuais mais baixos associados à preposição *em* são justamente os de tempo passado.

Reinterpretando os resultados dessa variável (*tempo-modo verbal*) de Wiedemer (2008a), uma hipótese explicativa poderia ser a seguinte: a flexão do verbo *ir* tem por base um fenômeno que é denominado de supletivismo verbal, pois estão na base de sua constituição, em português, três radicais verbais latinos diferentes: *ire* (ia, irei, iria, indo, ido); *vadere* (vou, vais, vai, vamos, vão, vá, vás, vades) e *fu-*, radical do perfeito do verbo *esse*, “ser” (fui, fora, fosse, etc.), que foram reunidos em única forma verbal (MACHADO, 1995). Uma das confluências desse processo, por exemplo, é que os verbos *ser* e *ir* têm a mesma forma verbal no pretérito perfeito (fui, fosse, foi, fomos, fostes, foram). Por sua vez, as preposições estariam apresentando uma regularização de uso associadas aos verbos de origem, com o uso da preposição *para* com o tempo verbal *pretérito imperfeito*, e da preposição *a* com o tempo verbal *pretérito perfeito*, ou seja, pode-se pensar em uma abstratização do significado das raízes associadas ao verbo *ir*.

Vejamos, por exemplo, o enunciado em (2.6):

(2.6) *O sujeito foi na batalha.*

Nesse contexto, o verbo *foi*, com o sentido original *ser*, passou para o significado de *esteve*. Assim, uma das causas da manutenção da preposição *em* pode estar associada ao verbo de origem. Porém, aqui traçamos apenas uma hipótese explicativa.

Outro estudo que trata do mesmo tema para o português do sul do Brasil é o de Vieira (2009). A autora considera 39 entrevistas do Banco de Dados VARSUL, provenientes das três capitais da região Sul, distribuídas da seguinte maneira: 12 de Curitiba, 12 de Florianópolis e

15 de Porto Alegre. Vieira (2009) procura identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a escolha das preposições dos verbos de movimento *chegar*, *vir*, *levar* e *ir*.

Vieira (2009) obtém os seguintes resultados gerais para os verbos de movimento: o uso bastante frequente das preposições *a/para* associado aos verbos *levar* e *vir*, com a frequência de 88% e 83%, respectivamente. Nessas ocorrências, somente em três situações o verbo *levar* é acompanhado pela preposição *em*, que se observa em nove situações relativamente ao verbo *vir*. Já no que se refere ao verbo *chegar*, das 58 ocorrências observadas, somente em dois contextos ele foi usado com a preposição *para*. Diferentemente do que ocorreu com os outros verbos, o verbo *ir* apresenta variação significativa, com preferência pelo uso das preposições *a/para*, conforme indicado pelo peso relativo de 0,60.

Em relação aos fatores linguísticos, a utilização da preposição *para* é condicionada pelo fator [+permanência]. Esses resultados coadunam parcialmente com os achados de Mollica (1996), uma vez que, em sua pesquisa, Vieira (2009) não encontrou casos de utilização da preposição *em* associada ao traço [+permanência]. Por outro lado, vale lembrar que o estudo de Mollica refere-se somente ao verbo *ir*, enquanto o de Vieira contempla um grupo maior de verbos de movimento.

No quadro dos fatores linguísticos investigados por Viera (2009), os resultados ainda indicam que o traço semântico [-fechado] favorece a escolha das preposições *a/para*, e o traço [+fechado] favorece a escolha da preposição *em*. Esses resultados confirmam a tendência apontada por Mollica (1996) e Ribeiro (1996, 2008) para o verbo *ir*, mas diferem daqueles obtidos por Vallo (2004), que constatou o uso das formas *a/para* associadas ao traço [+fechado].

Outro resultado de Vieira (2009) que se assemelha, parcialmente, àqueles de Mollica (1996) e de Ribeiro (1996, 2008) refere-se ao *grau de definitude e determinante do locativo*. Na análise do comportamento das preposições que acompanham o verbo *ir*, os resultados

demonstram que, quanto mais definido e mais conhecido for o referente do locativo, maior a possibilidade de emergir a preposição *em*, e que a indeterminação do locativo, bem como o fato de seu referente não fazer parte do universo de conhecimento do falante, favorecem as variantes *a/para*. Vallo (2004) também aponta a correlação entre o uso de um nome locativo de conhecimento do falante e do ouvinte e o uso da forma *em*.

No que concerne aos resultados para os fatores sociais desse estudo de Vieira (2009), o único fator que se mostrou relevante foi a variável *geográfica*, a qual indicou que os falantes de Porto Alegre são os que mais usam verbos de movimento com as preposições *a/para*, enquanto os falantes de Florianópolis são os que mais usam a preposição *em*. Já o uso das preposições pelos falantes de Curitiba, nessa amostra, sinaliza que a cidade tem um papel praticamente neutro em relação aos índices gerais de preservação ou substituição da preposição que rege os verbos de movimento.

Também dentro do quadro variacionista, há o trabalho de Assis (2009), que, a partir do controle de variáveis linguísticas, procura caracterizar o processo de variação das preposições que complementam os verbos de movimento *ir, chegar, levar, vir, retornar, voltar*. O *corpus* é constituído por 24 entrevistas de duas comunidades rurais isoladas (Helvécia e Cinzento), do estado da Bahia, pertencentes ao *Corpus Base do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia*. A análise de Assis (2009) tem como principal embasamento teórico o trabalho de Mollica (1996) e considera as mesmas variáveis linguísticas (*permanência; definitude do N locativo*). Com isso, a autora investigou 728 ocorrências de verbos de movimentos com complementos locativos, e confirma a relevância da variável [+permanência] associada à preposição *para*, conforme demonstrado por Mollica (1996).

Porém em relação à defnitude do nome locativo, os resultados evidenciam que a preposição *em* é mais frequente quando o local de destino tem o traço [-definido],



diferentemente dos resultados de Mollica (1996), Ribeiro (1996; 2008) e Vieira (2009), que evidenciaram que a preposição *em* tende a ocorrer com lugar [+definido].

A partir da exposição dos resultados apresentados acima, comparamos a frequência de uso das preposições relacionadas ao verbo *ir*. Iniciemos pela exposição dos dados na Tabela 2.1 abaixo.

**Tabela 2.1 - Frequência de uso das preposições *a/para/em* de verbos de movimento em diferentes amostras do PB**

<b>Autores</b>	<b>Mollica (1996) Rio de Janeiro</b>	<b>Ribeiro (1996; 2008) Rio de Janeiro</b>	<b>Vallo (2004) João Pessoa</b>	<b>Assis (2009) Bahia</b>	<b>Wiedemer (2008a; 2010b) Santa Catarina</b>
<b>Preposição</b>					
<b>A</b>			13%	0%	13%
<b>PARA</b>	54%	86%	72%	46%	44%
<b>EM</b>	46%	14%	15%	54%	43%

De imediato, chama a atenção o baixo percentual de uso da preposição *a* em relação às preposições *para* e *em*. Os resultados de Wiedemer (2008a, 2010b) se aproximam dos resultados de Vallo (2004), em relação à preposição *a*, com 13% cada, porém diferentemente dos resultados de Assis (2009), que constatou a ausência da preposição *a*. Sobre a preposição *em*, os resultados são semelhantes para as amostras das falas catarinense, carioca e baiana, em que se percebe alto índice de utilização desta preposição (de 43% a 54%). Como na pesquisa de Mollica (1996) e de Ribeiro (1996, 2008), há uma vinculação entre as preposições *a* e *para*, tomamos como parâmetro de comparação apenas a preposição *em*.

Já os resultados de João Pessoa diferem em termos de frequência de uso das preposições *para* e *em* dos resultados encontrados por Wiedemer (2008, 2010b) e por Assis (2009). A preposição *em* é bem menos usada em João Pessoa que em Santa Catarina e na Bahia. Porém, os resultados de Wiedemer se aproximam mais dos resultados de Mollica (1996), com 46% de frequência de uso para a preposição *em*, que dos de Assis (2009), para essa mesma preposição.

A partir desse cenário, fica evidente a maior ocorrência de uso das preposições *para* e *em* em relação à preposição *a*. Esse resultado inicial abaliza o processo em curso de recuo e de desaparecimento da preposição *a* no PB, conforme já destacado por diversas pesquisas. Retomando os resultados de Mollica (1996), Ribeiro (1996, 2008), Vallo (2004), Assis (2009) e Wiedemer (2008, 2010b), algumas tendências podem ser apontadas em relação aos contextos de uso das preposições correlacionados aos fatores linguísticos e extralinguísticos nas diferentes amostras do PB, conforme Quadro 2.2.

**Quadro 2.2 - Atuação dos fatores linguísticos e extralinguísticos no uso das preposições *a/para/em* de verbos de movimento em diferentes amostras do PB**

Preposição Autores	Fatores linguísticos e extralinguísticos		
	A	PARA	EM
<b>Mollica (1996)</b>	[-permanência] [SN-definido] [+escolarizados] [sexo feminino]	[+permanência] [SN-definido] [+escolarizados] [sexo feminino]	[+fechado] [SN+definido]
<b>Ribeiro (1996, 2008)</b>	[-permanência] [SN-definido] [+escolarizados] [sexo feminino]	[+permanência] [SN-definido] [+escolarizados] [sexo feminino]	[+fechado] [SN+definido] [+determinado]
<b>Vallo (2004)</b>	[não-narratividade] [+fechado] [+escolarizados]	[não-narratividade] [+fechado] [+escolarizados]	[+narratividade] [+determinado]
<b>Assis (2009)</b>		[+permanência]	[-definido]
<b>Wiedemer (2008, 2010b)</b>	[+fechado] [+direção] [+escolarizados] [1ª. do discurso] [-finalidade] [+50 anos]	[-fechado] [-direção] [+narrativo] [3ª.pessoa] [25 a 49 anos]	[+fechado] [-narrativo] [2ª.pessoa do discurso]

Como se pode perceber no quadro 2.2, cinco grupos de fatores foram relevantes em diferentes pesquisas: *definitude do sintagma nominal*; *noção de permanência*; *demarcação do espaço*, *escolaridade* e *idade*.

A hipótese da atuação da definitude do sintagma nominal está baseada nos resultados encontrados por Mollica (1996), Ribeiro (1996; 2008) e Vallo (2004), que relacionam o uso da preposição *a/para* ao nome locativo vago ou impreciso. Porém, em Wiedemer (2008a) o resultado para essa variável contradiz os resultados, pois o autor apontou que o uso de nome

locativo vago e/ou impreciso para o falante e/ou o ouvinte favorece o uso da preposição *em* com (0.70 PR) de atuação.

Sobre as noções de permanência, conforme já discutimos, a permanência é associada ao sentido do verbo, como já demonstrado por Kewitz (2007), e muitas vezes o sentido da preposição *para* é de localização ou direção.

Em relação à *demarcação do espaço*, as pesquisas de Mollica (1996), Ribeiro (1996; 2008) e Vallo (2005) controlam esta variável associada à ideia que espaços menos demarcados, ambiente [-fechado], favorecem o uso das preposições *para/a*, e espaços mais demarcados, ambiente [+fechado], o uso da preposição *em*. Essa hipótese se sustenta nos fatos de que o sentido pode “estar dentro”, ou seja, pode associar-se ao traço [+fechado] e de que a preposição *em* é derivada do latim *in*, indicando “lugar onde”, conforme Pereira (1916, por exemplo). Discordamos dessa hipótese, pois o significado básico da preposição *em* é locativo, e a relação dinâmica é sustentada pelo verbo, como nos verbos de movimento. Já o sentido genérico da preposição *em* relaciona-se com as regiões espaciais, por exemplo, interioridade, que, por sua vez, pode ser recuperado diacronicamente. Além disso, outros sentidos podem emergir, por processo de extensão, como sentidos menos específicos, que são derivados de processos metafóricos, metonímicos ou ainda por inferências pragmáticas sugeridas.

## **2 PANORAMA DIACRÔNICO DO FENÔMENO INVESTIGADO**

Embora um dos objetivos de nossa pesquisa seja o de investigar o comportamento variável das preposições *a/para/em* de verbos de movimento em duas sincronias do PB (séculos XXI e XIX), o uso alternante das preposições *para* e *em*, por exemplo, já era atestado nos séculos XVI e XVII, como mostram os exemplos de (2.7a) a (2.7d).

(2.7)

- (a) ... e a mais mandou que se **fosse para** outra fortaleza  
[Crônicas dos Reis de Bisnaga – Teatro Anchieta – Crônica 1- Século XVI]
- (b) ... como quem hia fugindo **pera** Penagundy a elrey d ellei...  
[Crônicas dos Reis de Bisnaga – Teatro Anchieta – Crônica 4 Século XVI]
- (c) ... e as asy damdo aviso aos adarqueyros, o qual tanto que **foy na horta**...  
[Crônicas dos Reis de Bisnaga – Teatro Anchieta – Crônica 3 Século XVI]
- (d) ... se **foi para** suas aldeias...  
[Fernando Trancoso – Diálogos das Grandezas do Brasil – Século XVII]

Paiva (1988), ao tratar das preposições, no século XV e no começo e século XVI, comenta que esses itens apresentavam muita flutuação, sendo difícil, pois, organizar um quadro bastante abrangente e bem definido das variadas regências. Segundo a autora, havia uma série numerosa de verbos que, de modo geral, admitia a preposição *de* ou *complemento direto*, principalmente antes de infinitivo. Em todos os autores deste período *ir*, *ir-se*, *sair*, *sair-se*, podiam estar acompanhados de *a* ou *em*. Como forma de ilustrar o pensamento de Paiva, apresentamos os exemplos (2.8a) e (2.8b) da utilização dessas preposições, extraídos da pesquisa da autora.

(2.8)

- (a) ... **fosse (foi se) ao Paaço do meestre**....  
[Fernão Lopes, Crônica de D. João I, p. 91]
- (b) ... **veeo (veio) pera embarcar em Lisboa, e se hir em sua terra**...  
[Rui de Pina, Crônica de El-Rei de D. João II. P. 70]

Outro estudo sobre o desenvolvimento das preposições é a pesquisa empreendida por Poggio (2002). A autora, por meio dos estudos dos diálogos de São Gregório Magno (século VI) e de sua versão mais antiga em português arcaico (século XIV), buscou evidenciar as semelhanças e diferenças do uso, da função e dos aspectos sintático-semânticos das preposições no latim e, em particular, no português antigo. A autora, na versão latina, notou que, do ponto de vista semântico, algumas preposições foram intensamente gramaticalizadas, destacando *ad*, *in* e *de*, que não possibilitavam uma clareza de sentido na análise, enquanto as preposições *ante*, *cum*, *contra*, *excepto*, *inter*, *per*, *pro*, *secundum*, *sine*, *sub*, *super* eram evidentes na expressão do sentido, por isso, transparentes. Além disso, verificou que há um entrecruzamento do sistema preposicional, em que várias preposições podem expressar a mesma relação, mesmo cada uma dessas preposições possuindo um sentido fundamental e sendo distintas entre si. Para a autora, as preposições foram gramaticalizadas em sua maioria, na passagem do latim ao português, por extensão metafórica, e em alguns casos, por extensão metonímica, processo por meio do qual as preposições expandem sua função básica de relacionar vocábulos para relacionar sentenças.

Berlinck (2000), ao investigar dados do português dos séculos XIX ao XX, verifica a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* nos complementos de papel semântico “meta”. Todos os fatores selecionados pela autora envolvem propriedades semânticas: natureza semântica do predicador, animacidade do nome, concretude do movimento e a noção de permanência. Os resultados obtidos revelam que a preposição *a*, *para* e *em* variam quando o movimento é [+concreto] e que há uma tendência ao uso de *a* com nomes de traço [+humano] e de *para* e *em* com nomes de traço [-animado]. Além disso, a autora considera que “com a crescente diminuição no uso de *a*, constatada nos estudos relativos ao PB moderno, a situação de variação deve ter se resolvido com a manutenção de *em* para indicar a meta-localização e o uso cada vez mais significativo de *para*, marcando a meta-destino”.

Em outra pesquisa a respeito do português do século XIX, Berlinck (2004) verificou o comportamento variável em construções com predicadores que subcategorizam complementos preposicionais com valor “meta” e “origem”, e conclui que, embora a preposição *a* seja a dominante na expressão do espaço, já aparecem como fortes concorrentes as preposições *para* e *em*<sup>39</sup>.

Também Diório Jr. (2002b) mostra que a frequência de uso preposicional em português do Brasil aumentou ao longo dos séculos. O autor ressalta ainda que o uso da preposição *a* aumenta no século XVII e diminui no século XVIII.

Oliveira (2002), a partir da análise de adjuntos e complementos verbais introduzidos pela preposição *a*, em textos do século XIX (anúncios e cartas), observou que no uso das preposições *a*, *para* e *em* diante dos verbos *ir* e *subir*, assim como o verbo *chegar*, ocorre a variação de uso das preposições *para* e *em*. A autora também observou um aumento considerável do uso da preposição *para* no português escrito do século XIX ao século XX. Além disso, a autora mostra que verbos que admitem variação no uso da preposição parecem admitir a sua omissão no contexto de um dêitico locativo. Sobre o uso da preposição *a*, a autora encontrou no *corpus* analisado, a ocorrência acima de 70% de uso nas localidades de São Paulo, Minas Gerais e Bahia, porém, o Rio de Janeiro apresentou a mais baixa frequência dessa variante. Já sobre *para*, a autora encontrou o uso dessa preposição em todas as localidades, exceto dados do Paraná. Porém, a pesquisadora alerta para o baixo percentual de dados considerados na análise e adverte que não se pode afirmar que para a localidade do Rio de Janeiro, a mudança linguística esteja mais avançada, em função de poucos dados analisados na pesquisa.

---

<sup>39</sup> Pontes (1992) comenta que no final do século XX, a preposição *a* já não constitui a opção mais usada nesse tipo de construção, cedendo lugar para as variantes *para* e *em*.

Os achados de Oliveira (2002), em síntese, apontam que, nos casos dos verbos de movimento, os dados apresentam variação entre as preposições *a*, *para* e *em*. A preposição *para* parece ter entrado no sistema com o valor de direção, sem estar associada ao movimento do verbo. Segundo ela, a preposição *em*, com verbo de movimento, parece ter entrado no sistema a partir de verbos apresentativos, uma vez que verbos como *chegar*, além de serem verbos de movimento, podem ser considerados apresentativos, como “aparecer” e “comparecer”, que ocorriam com a preposição *a* e *em*.

Kewitz (2007) analisou a distribuição das preposições *a* e *para* no PB nos séculos XIX e XX, em relação a fatores sintáticos, semânticos e textuais. Os resultados quantitativos gerais por século estão de acordo com aqueles encontrados em vários outros estudos: diminuição do uso da preposição *a* e aumento progressivo de *para*. No entanto, as preposições apresentaram distribuição distinta em alguns documentos, sobretudo no século XX. Nos inquéritos orais, a preposição *para* é mais frequente. Nos documentos escritos, um conjunto de cartas particulares do final do século, os resultados revelam maior uso da preposição conservadora *a*, indo contra a tendência de mudança. Para a pesquisadora, o que pode explicar a manutenção da forma conservadora nesse caso é a escolaridade dos remetentes: todos estavam terminando o ensino médio ou prestando vestibular, fase em que a prescrição da gramática normativa é mais intensa. Outro conjunto de cartas particulares do século XX não apresentava essa particularidade e seus resultados evidenciam a tendência de mudança.

Ignácio (1992), ao analisar as preposições que complementam os verbos *chegar* e *ir*, em um *corpus* de ocorrências registradas no jornal *Folha de São Paulo*, durante o ano de 1997, conclui que a língua escrita contemporânea apresenta um uso bastante significativo desses verbos de movimento, com a utilização de 30% de preposição *em* com o verbo *ir* e 35% com *chegar*.

A trajetória dos estudos diacrônicos evidencia o aumento da frequência das preposições *para* e *em* e o processo de recuo de uso da preposição *a*. À vista disso, os resultados apontam para uma tendência de uso da preposição *para* associada à meta-destino, e a preposição *em* associada à meta-localização, bem como confirmam o desbotamento semântico desses itens e o processo de gramaticalização das preposições no PB. Além disso, sabe-se que a língua escrita, em geral, tende a ser mais conservadora que a falada no que diz respeito à mudança, fato que pode explicar, em parte, a manutenção do uso da forma *a*.

Apesar de analisar os verbos de movimento e as preposições que complementam esses verbos, alguns estudos, como o de Kewitz(2007) e de Oliveira(2009), excluem de suas análises a preposição *em*, apesar do uso dessa preposição ser frequente com os verbos *chegar* e *ir*, por exemplo. Geeraerts (1993), sobre a análise da preposição *em*, adverte que o estudo dessa preposição pode desconcertar o linguista porque pode ocorrer em contextos dos mais variados. Além disso, muitos de seus significados podem ser considerados usos convencionalizados da preposição, ou seja, usos polissêmicos ou nuances contextuais distintas de um mesmo sentido (vagueza), dependendo do ponto de vista teórico.

Acreditamos que a opção de excluir a preposição *em*, como fazem Kewitz (2007) e Oliveira (2009) na análise dos verbos de movimento, se dê em função do seguinte entendimento: as formas *a/para* apresentam formas de valor semântico equivalente. Diversamente do pensamento das autoras, as preposições *a*, *para* e *em* não apresentam formas de valores semânticos equivalentes, e sim revelam uma situação de ambiguidade, na qual existe uma mesma forma com várias possibilidades de interpretação, em que as ambiguidades são dependentes do contexto pragmático.



**Em resumo ...**

Neste capítulo, oferecemos um panorama dos principais estudos que tratam do fenômeno de variação/mudança das preposições que complementam verbos de movimento, no PB, o que permitiu constatar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos na seleção de determinada preposição em diferentes comunidades de fala do PB. Assim, tendo evidenciado que a estrutura linguística é motivada por fatores diversos, apresentamos, no próximo capítulo, o quadro teórico que subsidia nossa pesquisa.

# CAPÍTULO III

## QUADRO TEÓRICO

Neste capítulo, apresentamos os principais pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa: a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001), o paradigma da Gramaticalização (HOPPER, 1991, 1996; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 1995; TRAUGOTT e DASHER, 2005; LEHMANN, 1985, 2002) e o Sociofuncionalismo (NARO e BRAGA, 2000; TAVARES, 2003, GÖRSKI e TAVARES, inédito). Na seção 1, segue breve introdução da Sociolinguística, mais especificamente, da Teoria da Variação e Mudança. Na seção 2, apresentamos o paradigma da gramaticalização, e tratamos do princípio da unidirecionalidade, dos mecanismos responsáveis pela mudança semântica (metáfora e metonímia). Ainda nesta seção, explanamos os parâmetros de gramaticalização de Lehmann (1995 [1982]) e os princípios de Hopper (1991). O papel da inovação e da renovação proposto por Lehmann (2002) são retomados e, além disso, destacamos as noções de significado básico e genérico de Jakobson (1936). Por fim, na terceira seção, sustentamos a relação possível de ser feita entre a Teoria da Variação e Mudança e o paradigma da Gramaticalização, que vem sendo denominada de Sociofuncionalismo.

### 1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística Variacionista, conhecida também como Teoria da Variação e Mudança, surge a partir dos estudos de Labov<sup>40</sup> e dos postulados de Weinreich, Labov e

---

<sup>40</sup> “The social motivation of a sound change” (1963) e “The social stratification of English in New York city” (1966) publicados em *Sociolinguistic Patterns* (1972).

Herzog (1968), doravante WLH, com o objetivo de descrever a variação e a mudança linguística, levando em conta a linguagem inserida em seu contexto social, observando-se o uso da língua dentro da comunidade de fala<sup>41</sup> e utilizando-se um método de análise quantitativa de dados, obtidos a partir da fala espontânea dos indivíduos (na medida em que isso é possível), ou seja, do *vernáculo*, estilo em que o mínimo monitoramento é dispensado à produção linguística (LABOV, 1972, p. 208)<sup>42</sup>.

Esse modelo teórico-metodológico rompe com as correntes anteriores (estruturalismo e gerativismo) que analisavam a língua como uma estrutura homogênea, resultante da aplicação de regras categóricas, passíveis de serem estudadas fora de seu contexto social. A Sociolinguística permitiu uma nova abordagem, mostrando a variação sistemática motivada por pressões sociais e também linguísticas e postulando que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o funcionamento do sistema.

Esse novo modo de “olhar” a língua permitiu analisar e descrever o uso de variáveis linguísticas pelos indivíduos em uma determinada comunidade de fala, como também mostrou que a presença da heterogeneidade governada por regras variáveis é o que permite ao sistema linguístico se manter em funcionamento mesmo nos períodos de mudança linguística. Dessa forma, para WLH (1968), é necessário aprender a ver a linguagem, do ponto e vista diacrônico e/ou sincrônico, como objeto heterogêneo, porém sistematizável. Em outras palavras, a variação é inerente ao sistema linguístico, sendo passível de descrição e explicação mediante a correlação dos dados empíricos com o contexto social e linguístico. Assim, fatores

---

<sup>41</sup>Para Labov, “membros de uma comunidade de fala partilham um conjunto comum de padrões normativos mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (1972, p. 192). Essas normas correspondem a avaliações sociais acerca das variantes, que são vistas, basicamente, como formas estigmatizadas ou de prestígio. De acordo com o autor (1968), “[a] comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela **participação em um conjunto de normas estabelecidas**. Tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e na uniformidade de modelos abstratos de variação, que são invariantes com relação aos níveis particulares de uso” (grifo nosso).

<sup>42</sup> Labov (1997) apresenta outra definição de vernáculo: primeira forma de linguagem adquirida, plenamente aprendida e empregada apenas entre falantes de um mesmo grupo.

linguísticos e sociais refletem os subsistemas gramaticais, e estes refletem e constituem a organização social das comunidades a que os usuários da língua pertencem. Além disso, a variação sincrônica é, muitas vezes, um reflexo da mudança diacrônica, conforme Labov (1994). Em suma, a Sociolinguística tem como preocupação estudar a língua na produção real, no âmbito de uma comunidade, buscando entender a regularidade dentro da variação da fala.

Em termos metodológicos, a Sociolinguística busca descrever e explicar o processo de variação/mudança, por meio do controle de fatores sociais/extralinguísticos (classe social, sexo/gênero, faixa etária, escolaridade entre outros) e fatores linguísticos (variantes internas à língua), procurando-se identificar aqueles fatores que influenciam a escolha de uma ou de outra variante, de modo a se explicitar aquilo que é sistemático e governado por um conjunto de regras, não categóricas.

Labov (1966) apresenta o conceito de regra variável, substituindo a noção estruturalista de variação livre, já que, segundo o autor, toda variação é condicionada. Uma regra variável deve apresentar frequência expressiva de uso e modelar-se à interferência de fatores linguísticos e extralinguísticos. Formas linguísticas alternantes são chamadas de *variantes*, e para um fenômeno ser considerado variável, há dois requisitos: manutenção do significado e possibilidade de ocorrência em um mesmo contexto (LABOV, 1978). Ou seja, trata-se, de diversas maneiras, de dizer a mesma coisa em um *mesmo contexto* e com o *mesmo valor de verdade* (TARALLO, 2001), i.e., com o *mesmo significado referencial*.

Os primeiros trabalhos de Labov (1963; 1966; 1972) estão focados em análises de fenômenos variáveis do nível da fonologia e mostram que as variações são motivadas por fatores sociais ou estilísticos. Os resultados desses estudos de Labov abriram portas para a investigação da variação em outros níveis linguísticos. Entretanto, as dificuldades de adaptação do modelo em campos diferentes do fonológico esbarram na premissa da

manutenção do mesmo significado referencial das formas alternantes. Sobre essa questão é importante mencionar a discussão travada entre Labov (1978) e Lavandera (1978), a partir do trabalho de Weiner e Labov ([1977]1983) sobre as estruturas ativa e passiva do inglês, uma variável de natureza sintática. Nesse trabalho, os autores tratam a construção ativa e passiva sem agente como variantes linguísticas, portanto portadoras de mesmo significado representacional, considerando que diferenças de sentidos observadas são matizes de foco ou ênfase que não afetam o significado referencial. Como resultado de seu estudo, Weiner e Labov ([1977]1983) apontam que construções passiva e ativa são semanticamente equivalentes e não condicionadas socialmente, mas sim por fatores internos, no caso, pelo que chama de *paralelismo estrutural*<sup>43</sup>. Tais resultados implicaram a reformulação de pressupostos teóricos: o postulado de que a variação, que pode ser explicada em termos sociais, cede lugar a considerações de ordem interna relativas ao funcionamento da gramática.

Lavandera (1978), pondo em questão a adequação de se estender a noção de variável sociolinguística a outros níveis de análise além do fonológico, defende que toda construção sintática possui seu significado próprio e propõe um alargamento da condição de “mesmo significado” para condição de “comparabilidade funcional”. Sob tal proposta, considera alternantes sintáticas como variáveis sociolinguísticas, desde que elas veiculem alguma informação não-referencial (significado social e estilístico) e sejam semelhantes às variáveis fonológicas, com covariação quantitativa e frequências significativas.

Em resposta a essa proposição de Lavandera, Labov (1978) enfatiza a noção de significado referencial, também chamado *significado representacional* ou *estado de coisas*, sob a consideração de que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas tem mesmo valor de verdade. Além do significado representacional, o autor ainda propõe outras funções: a função de “identificação do falante” e a função de “acomodação ao ouvinte”.

---

<sup>43</sup> Segundo esse princípio, se o falante emprega logo de início na fala uma marca gramatical, ele tende a continuar empregando-a, e se a apaga, tende a repetir esse procedimento.

Afirma, também, que o objetivo da teoria linguística é predizer a distribuição provável na língua de informação nos níveis fonológico, prosódico, morfológico, sintático etc. A teoria, mais que medir o peso dos fatores sociais, preocupa-se em obter um retrato da estrutura gramatical da língua, e a maneira como regras gramaticais cumprem funções de acomodação/identificação é um passo posterior na análise. Por fim, o autor acrescenta que há evidências de que a competência linguística do falante inclui restrições quantitativas e que o reconhecimento de tais restrições permite-nos construir uma teoria gramatical. Assim, abre-se espaço para análises variacionistas nos diferentes níveis gramaticais e para se descrever e explicar um fenômeno variável com base em fatores condicionantes estruturais (linguísticos), e sociais (nem sempre relevantes).

Ao término desse embate, é de se observar, portanto, que a extensão do modelo variacionista para tratar dos fenômenos sintático-discursivos “abriu as portas à incorporação de hipóteses funcionalistas, no sentido de atribuir a motivações fora da estrutura da língua, decorrentes de necessidades comunicativo-funcionais, à origem da variação” (PAREDES, 1993, p. 885). Assim, pode-se estender a noção de significado para o *mesmo significado/função*, e abordar um objeto de estudo por meio das premissas do funcionalismo linguístico<sup>44</sup>.

No presente trabalho, as variantes que introduzem o complemento de verbos de movimento possuem o mesmo significado referencial ou a mesma função<sup>45</sup>, no sentido de que introduzem o complemento locativo dos verbos de movimento.

Uma segunda discussão foi engatilhada pelo trabalho de Kay e McDaniel (1979), seguido pela réplica de Sankoff e Labov (1979) e pela tréplica de Kay e McDaniel (1981). O

---

<sup>44</sup> Nos últimos anos, essa conciliação teórica vem ganhando força no Brasil (NARO; BRAGA, 2001). Uma discussão bastante aprofundada e uma proposta de conciliação teórica pode ser conferida em Tavares (2003) e também em Görski e Tavares (inédito).

<sup>45</sup> Adotamos a noção de *função/significado* de Nichols (1984), que remete ao papel discursivo dos elementos linguísticos. Dessa forma, não são os itens em estudo que carregam funções/significações, mas essas são depreendidas a partir do contexto de ocorrência daqueles.

objeto da crítica dos autores mirava a incompatibilidade entre o modelo gerativista e o variacionista,<sup>46</sup> que trabalhavam, respectivamente, nos níveis da competência e do desempenho. A principal crítica de Kay e McDaniel (1979) referia-se ao estatuto metodológico da teoria variacionista, e questionava como a regra variável, que é probabilisticamente regida, podia ser inserida adequadamente dentro de um modelo de competência (CAMACHO, 2003). Esse segundo embate permitiu a interface da perspectiva formal e variacionista, explicitada, por exemplo, na hipótese de *gramáticas em competição* (KROCH, 2001) ou na *variação paramétrica* (TARALLO, 1986, 1987).

Contudo, desde os estudos pioneiros de Labov (1963), a sociolinguística variacionista tem presenciado ampliações que vão da análise quantitativa de dados de fala ao exame das redes sociais (MILROY, 2002), das práticas sociais (ECKERT, 2000) e de diferentes estilos de fala (COUPLAND, 2007). Porém, os diferentes olhares e desenvolvimentos da área compartilham pelo menos dois aspectos centrais: o tratamento estatístico de dados, na busca de regularidades e tendências de mudanças, e a interrelação com o aspecto social. Por fim, o que percebemos é que a área manteve a coerência interna apesar de todos os desenvolvimentos existentes.

### **1.1 Os princípios empíricos da mudança linguística**

Para captar o curso da mudança, segundo WLH (1968), é necessário, primeiramente, ver a língua como dotada de *heterogeneidade sistemática* (parte da competência linguística do falante). O segundo passo é descobrir o mecanismo da mudança, ou seja, quais fatores a condicionam; para tal, os princípios empíricos, propostos por WLH (*op. cit.*), *transição*,

---

<sup>46</sup> Uma discussão da proposta de conciliação teórica entre as teorias sociolinguística e a gerativista pode ser conferida em Tarallo (1986; 1987).

*restrições, encaixamento, implementação e avaliação*, a seguir especificados, devem nortear toda e qualquer investigação de fenômenos variáveis.

Por *transição*, os autores entendem a mudança de um estado da língua a outro, e problematizam: se uma língua tem de ter estrutura para funcionar, como as pessoas continuam falando enquanto a língua muda? Ou seja, como uma mudança acontece? Chamam esse processo de fase de maior sistematicidade. Nota-se, contudo, que um mesmo falante usa ora uma forma, ora outra, sem se ater ao fato de que a língua (aquela categoria) está mudando. Nesse estágio de transição, uma forma alternativa passa a ser utilizada em alguns contextos, até ser primordial em todos e tornar a outra obsoleta.

Além disso, segundo os autores, um grande número de variáveis estudadas revela uma estrutura sociolinguística complexa, na qual o valor da variável é determinado por vários fatores linguísticos e sociais, os quais entram como ferramentas básicas para explicar o mecanismo da mudança. Enquanto a língua muda, não há nenhum problema de comunicação, então, a sistematicidade não é perdida, como poderíamos erroneamente supor. Mas deve haver algo que justifique a mudança. Se não é uma questão de economia, nem de resolução de ambiguidade, por que a língua muda?

O *problema da transição* foi revigorado pelos estudos funcionalistas sobre gramaticalização. Nas décadas de 1980 e 1990, autores como Lichtenberk (1991), por exemplo, retomam a discussão do *problema da transição* e defendem ser inerente aos fenômenos estudados de gramaticalização o gradualismo das mudanças/variações, e que isso remete ao fenômeno contínuo da gramaticalização, em outras palavras, ao seu caráter unidirecional. Sobre isso, WLH (1968) defendem que os fatores que produzem mudanças não são abruptos e repentinos, mas atuam lenta e gradualmente, e com isso, a observação da mudança requer a verificação de dois ou mais estágios de uma língua. Assim, no fluxo da mudança, há estágios intermediários em que formas “em conflito” se distribuem



irregularmente entre os membros de uma determinada comunidade de fala em um processo que pode aparentemente durar séculos.

Se descobrirmos o que pode mudar ou o que está mudando (estado de transição), podemos delinear as condições de mudança (*restrições*), ou seja, os possíveis condicionamentos e restrições linguísticas ou extralinguísticas, além das restrições gerais de processamento da mudança, as quais determinam as alterações possíveis e sua trajetória de mudança/variação – aquilo que determina possíveis mudanças ou que propicia condições para que a mudança ocorra.

Sobre o *encaixamento* do fenômeno em mudança, é fundamental descobrir como formas alternantes se encaixam no sistema de relações linguísticas e extralinguísticas. Esse princípio aparece problematizado pelos autores por meio das seguintes questões: (i) que outras mudanças podem estar associadas com certa alteração de modo que o resultado não possa ser atribuído à coincidência? (ii) quais as possíveis relações em cadeia decorrentes do encaixamento da variável na estrutura linguística? (iii) como identificar grupos sociais aos quais as formas se vinculam (encaixamento da variável na estrutura social). Em suma: qual a importância da mudança em termos estruturais e em termos sociais e quais as correlações entre ambos?

Segundo Faraco (1998), pode-se verificar o encaixamento estrutural quando contextos linguísticos que favorecem um determinado tipo de mudança desencadeiam outras mudanças, possíveis relações em cadeia, e pode-se constatar o encaixamento social quando há relação entre o fenômeno de mudança e a estrutura sociolinguística (grupo socioeconômico; faixa etária; sexo/gênero; etnia; localização geográfica; escolaridade). Assim, é na busca de tais relações que se observa como os estudos empíricos revelam a língua como um sistema que muda em associação com mudanças na estrutura social.

Ainda, no processo de mudança, é preciso verificar como uma determinada variante se espalha na comunidade e como esta é avaliada pelos falantes em termos de significância social, questões relacionadas à *implementação* e à *avaliação* da mudança, respectivamente.

A *implementação* está atrelada às causas/motivações da mudança; sob esse viés, procura-se identificar em que parte da estrutura social e linguística a mudança se originou. Nas palavras de Labov (1994, p. 3), “para se entender as causas da mudança, é necessário saber onde ela se origina na estrutura social, como se espalha para outros grupos sociais e quais grupos resistem a ela”.

Nessa etapa, uma mudança pode se iniciar como um padrão local e espalhar-se por grupos vizinhos; a oposição entre duas variantes, em muitos casos, simboliza uma oposição entre valores sociais, resultando em normas sociais, etárias, estilísticas. Busca-se responder na *implementação*: Por que uma dada mudança linguística ocorre em certa época e lugar? Como ela se espalha para outros grupos? Que grupos se mostram mais resistentes a ela?

Sobre a *avaliação*, WLH (1968) defendem que estágios iniciais da mudança estão abaixo do nível de representações sociais; e os falantes não os percebem. Como característica essencial da mudança linguística, o nível de consciência dos membros da comunidade de fala constitui fator a ser considerado na análise. Para Labov (1982), somente em estágios posteriores, os falantes apresentam desvios estilísticos, resultando na estratificação social. WLH (1968) traduzem o problema da avaliação nas seguintes questões: como os membros de uma comunidade de fala avaliam uma mudança particular? Avaliações negativas podem efetuar o curso da mudança? Ela pode ser detida e revertida como consequência do estigma social?

Ainda sobre a avaliação da mudança, são vários os meios de detectá-las em relação às formas variantes: (i) *indicadores* – traços linguísticos socialmente estratificados, mas não sujeitos à variação estilística, como pouca força avaliativa; (ii) *marcadores* – traços

linguísticos social e estilisticamente estratificados, que produzem respostas regulares em testes de reação subjetiva; (iii) *estereótipos* – traços socialmente marcados de forma consciente (LABOV, 1972, p. 314). Os dois primeiros são decorrentes de julgamentos sociais inconscientes, mas, mesmo assim, podem ser medidos por meio de várias técnicas<sup>47</sup>.

Assim, a preocupação central da área é com “as formas das regras linguísticas e com as restrições impostas sobre elas, sua combinação dentro de sistemas, e a evolução dessas regras e sistemas ao longo do tempo” (LABOV, 1972, p. 184).

## 1.2 Olhando o passado e o presente de uma língua

Como vimos, na Sociolinguística a língua deve ser entendida como um fenômeno social, que reflete, condiciona e configura as diferenças representadas pelos grupos sociais. Quanto a isso, as variáveis linguísticas atuam como indicadores dos diferentes tipos de comportamentos sociais, e alguns desses associados à mudança/variação. Labov (1972, p. 271) aponta que as variações sociais e estilísticas desempenham um papel importante na mudança linguística e apresenta como definição de *variação social* “os traços linguísticos que caracterizam os distintos subgrupos de uma sociedade heterogênea” e como de *variação estilística*, “as modificações mediante as quais um falante adapta sua linguagem no contexto imediato do seu ato de fala”.

Se é possível buscar no passado indícios para explicação do presente, é possível olhar o presente para projetar o futuro, ou seja, verificar uma mudança em tempo aparente. Conforme Labov (1994), esse tipo de mudança refere-se à predominância de uma das variantes nos grupos mais jovens. Sobre isso, Labov (1963) escreveu que fatores sociais ou

---

<sup>47</sup> Segundo Görski e Coelho (2009, p. 81) “algumas variáveis se revelarão na sociedade como *estereótipos*, isto é, como alvos de comentários sociais estigmatizados. Outras variáveis se revelarão como *marcadores*, por receberem uma consistente valoração social e estilística, como marca de prestígio, por exemplo. E outras variáveis, ainda, se revelarão como *indicadores* apenas, não sendo reconhecidas nem comentadas pela sociedade”.

estilísticos são mantidos constantes, e as diferenças linguísticas entre diferentes gerações de uma determinada população (diferenças em tempo aparente) seriam um reflexo real da evolução diacrônica da língua (mudanças em tempo real). Esse tipo de estudo permite ao analista verificar os diversos padrões de comportamento linguístico, em diferentes grupos etários, em um determinado espaço de tempo. É importante que se frise que a distribuição em tempo aparente corresponde à distribuição por faixas etárias, e não à *gradação etária* (comportamento linguístico característico de uma faixa de idade, como, por exemplo, da adolescência).

A utilização do presente para explicar o passado, denominado de princípio do *uniformitarismo*,<sup>48</sup> deriva de constantes da fisiologia e da psicologia humanas e de relações comuns às comunidades de fala, bem como de seu encaixamento numa matriz espacial e temporal mais ampla. Os eventos linguísticos a nossa volta são do mesmo tipo que os que se desenvolveram em épocas passadas. Embora os padrões gerais de mudança sejam os mesmos, há especificidades em cada época que não podem ser desprezadas, por exemplo, como as formas e regras são aplicadas (LABOV, 2001, p. 35).

De acordo com Labov (1981), a análise da mudança em tempo aparente é apenas um prognóstico, uma projeção que o pesquisador se arrisca a fazer, portanto, constitui-se como uma hipótese. Identificada uma situação de mudança em progresso, deverá o pesquisador voltar no tempo (eixo do tempo real) para obter dados com os quais possa desvelar as características do processo histórico visualizado no recorte sincrônico (FARACO, 1998, p. 117).

A mudança em *tempo real* relaciona-se ao aspecto diacrônico da língua. Segundo Tarallo (2001, p. 70) “uma vez atestada a mudança com base em dados do tempo aparente,

---

<sup>48</sup> Segundo esse princípio, as forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deveriam ser) as mesmas que atuaram no passado, e vice-versa (LABOV, 1975). Portanto uma teoria da mudança linguística deve guiar-se por uma articulação teórica e metodológica entre presente-passado e presente, conforme Tarallo (2001).

deve-se proceder a um encaixamento histórico da variável no tempo real”. Para tal empreendimento, são apontadas algumas soluções. A primeira delas é investigar a mudança em textos escritos em prosa, que se aproximem, em certa medida, do vernáculo (cartas pessoais, diários, peças históricas), ou seja, complementar a pesquisa com um *corpus* diacrônico.

Outras duas abordagens são sugeridas por Labov (1994, p.75-77): o *estudo de tendência* e o *estudo painel*. No *estudo de tendência* retorna-se à comunidade analisada depois de um intervalo de tempo e repete-se a mesma investigação, considerando-se os mesmos perfis sociais anteriormente investigados e procurando-se detectar possíveis padrões de mudança. Labov (1994, p. 76) chama a atenção para o fato de que, para tal estudo produzir um retrato significativo do desenvolvimento linguístico, é essencial que a comunidade tenha permanecido num estado mais ou menos estável no período. Na segunda abordagem, o *estudo de painel*, o pesquisador procura localizar os mesmos indivíduos que participaram do primeiro estudo e controlar todas as alterações no seu comportamento por meio da coleta de mesmo tipo de material.

A articulação entre presente e passado permite evidenciar estágios variáveis e mudanças que aconteceram (tempo real) e que estão em curso (tempo aparente). As observações em tempo aparente, conectadas às observações em tempo real, permitem que se verifique a mudança em progresso.

Além disso, convém, contudo, deixar claro que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade” (WLH, 1968, p. 188).

## 2 O PARADIGMA DA GRAMATICALIZAÇÃO<sup>49</sup>

Diversos estudos estão assentados sob o escrutínio da gramaticalização em variados modelos teóricos, e a preocupação com a transição de itens de uma categoria a outra é bastante antiga. Heine *et. al.* (1991) atribuem a estudiosos chineses o mérito dos primeiros passos sobre gramaticalização. Segundo os autores, “desde o século décimo, escritores chineses têm estabelecido distinção entre símbolos linguísticos plenos e vazios, e Zhou Bo-qi (Yuan dynasty, A.D. 1271-1368) argumenta que todos os símbolos vazios eram anteriormente símbolos plenos” (HEINE *et. al.*, 1991, p. 5)<sup>50</sup>.

Contudo, Meillet (1912) foi o primeiro a introduzir o termo *gramaticalização*, e também a defini-lo como a “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (p. 131). Além disso, Meillet sugere que a mudança de uma ordem livre de palavras para uma ordem relativamente fixa é uma instância de gramaticalização.

Lehmann (2002) também rememora dos estudos feitos no século XVII, realizados por Condillac (1746), filósofo francês, a ideia de que os lexemas concretos teriam originado tanto vocábulos abstratos quanto as complexidades gramaticais, e a percepção de que as flexões verbais, como os sufixos, teriam vindo de palavras independentes mais antigas. Lehmann (2002) ainda se refere a John Horne Tooke, que afirma que os advérbios, as preposições e as conjunções resultariam de nomes e de verbos. Posteriormente a esses clássicos, a evolução dos estudos da gramaticalização foi desenvolvida na Alemanha (com Bopp, Schlegel, Humboldt, Gabelenz) e nos Estados Unidos (com Whitney).

---

<sup>49</sup> Não é objetivo nosso apresentar todos os aspectos que envolvem o paradigma da gramaticalização. Para maiores detalhes remetemos o leitor aos textos de Lehmann (1985, 2002), Neves (1997), Gonçalves et al.(2007) e Narrog e Heine (2011).

<sup>50</sup>Cf. Original: “At the latest, since the tenth century, Chinese writers have been distinguishing between ‘full’ and ‘empty’ linguistic symbols, and Zhou Bo-qi (Yuan dynasty, A.D. 1271-1368) argued that all empty symbols were formerly full symbols”.

Um importante passo para os estudos da gramaticalização deu-se a partir do início de 1970, por meio do trabalho pioneiro de Talmy Givón (1971, 1979), em que o autor argumenta que, para compreender a estrutura da linguagem, é preciso ter conhecimento de como ela evoluiu, e esta ideia é representada pelo seu *slogan* “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”<sup>51</sup>. Esta nova compreensão da gramática deu início a uma nova perspectiva de análise da gramática.

A concepção de Givón (1979) está centrada na visão de uma mudança que vai do discurso > sintaxe e da sintaxe > morfologia. Essa formulação posta por Givón (1979) foi um importante catalisador para os trabalhos sobre mudança, os quais passam a tomar o discurso em conta em suas análises. A hipótese que norteia a orientação givoniana é a de que a sintaxe é o resultado de cristalização ou de regularização de estratégias discursivas recorrentes. Para o autor, o discurso é interpretado como um conjunto de estratégias criativas empregadas pelo falante ao organizar seu texto para determinado ouvinte em determinada situação comunicativa.

A nosso ver, a gramaticalização pode ser facilmente rastreada dentro do quadro de estudos funcionalistas em diferentes perspectivas<sup>52</sup>, pois surgiram vários desenvolvimentos teóricos a partir das ideias de Givón dentro do quadro funcionalista, conforme revisamos brevemente a seguir.

Para Heine e Kuteva (2002, p. 377), “gramaticalização consiste na evolução do léxico para formas gramaticais e do gramatical para formas mais gramaticais”<sup>53</sup>. Os autores (p. 378), ao descreverem as mudanças decorrentes do processo de gramaticalização, relacionam-nas com três mecanismos: dessemantização (*bleaching*) ou perda do significado; decategorização

---

<sup>51</sup> Cf. Original: “Today’s morphology is yesterday’s syntax” (GIVÓN, 1971, p. 413).

<sup>52</sup> É importante mencionarmos que há abordagens gerativistas e formais que estudam gramaticalização. Sobre o tema, ver Vitral (1999) e Ramos e Vitral (2006).

<sup>53</sup> Cf. Original: “grammaticalization concerns the evolution from lexical to grammatical forms and from grammatical to even more grammatical forms”.

(*downgrading*) ou perda de propriedades categóricas; erosão (*phonetic reduction*) ou perda de substância fonética.

Lehmann (2013) relaciona as mudanças linguísticas aos seguintes níveis e direções: semantização (inferência de traços); fonologização (alteração fonética); gramaticalização (operadores discursivos e material lexical); morfologização (alterações fonológicas); e lexicalização (combinações gramaticais).

Também Hopper e Traugott (2003, p. 15) comentam que a gramaticalização pode ser entendida como um processo pelo qual “itens e construções lexicais passam, em certos contextos linguísticos, a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”<sup>54</sup>, envolvendo mudanças pragmáticas e sintáticas. Em Kurylowicz (1975 [1965], p. 52), a gramaticalização é definida como a elevação de um morfema a um estatuto mais gramatical a partir de um item lexical menos gramatical.

Bybee e Hopper (2000) afirmam que a gramaticalização é o mecanismo pelo qual as estruturas emergem a partir da língua em uso. Em outro momento, Bybee (2003) relaciona, ainda, a noção de frequência de uso à gramaticalização. Entretanto, a própria Bybee (2003) adverte que a frequência não é resultado da gramaticalização, mas apenas uma contribuição primária para a identificação do processo.

Martelotta (2010, p. 140), ao tratar do estatuto da gramaticalização, comenta que a “gramaticalização é apenas um tipo de mudança linguística, que convive com outros processos, como, por exemplo, a lexicalização e a mudança fonética, que, muitas vezes, são ativados por fatores diferentes daqueles que motivam a gramaticalização”.

Ainda sobre isso, Gonçalves et al. (2007, p. 36), apoiados nas ideias de Heine (1991) sobre o processo de gramaticalização, assinalam:

---

<sup>54</sup> Cf. Original: “lexical items and constructions come in certain linguistic contents to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions”.



[quanto às] diferenças de significado verificadas entre o uso de forma-fonte (lexical) e o uso de uma forma-alvo (gramatical), o que parece certo é que traços semânticos não desaparecem, mas são substituídos por traços discursivo-pragmáticos. Isso implica reconhecer para a forma-alvo funções antes não cumpridas pela forma-fonte, principalmente nos casos em que as duas coexistem no sistema de uma língua.

A partir dessas acepções, a gramaticalização pode ser considerada, então, como regularidade e convencionalização, ou ainda, como rotinização. Além disso, retomando as definições expostas, percebemos que há um ponto comum entre elas: todas consideram as unidades/itens gramaticais como resultados de um processo. Em linhas gerais, a maioria dos autores trata a gramaticalização como um fenômeno diacrônico, em que um item lexical passa a um item funcional.

Concordamos com Keizer (2007, p. 38) que, ao analisar as definições de gramaticalização, conclui: “parece plausível, no entanto, que a verdadeira fonte de gramaticalização não é a mudança semântica de um item ou construção, mas uma alteração no seu uso”<sup>55</sup>. Com isso, a gramaticalização é descrita como relacionada à cognição e à pragmática, nos moldes de Heine e Kuteva (2002), ou ainda, como resultado de inferência pragmática, por exemplo, como posto por Bybee, Perkins e Pagliuca (1994).

Traugott (2001), também nesta linha de pensamento, propõe uma revisão do conceito de gramaticalização, de modo a complementar e revisar os principais pontos fracos da teoria, e relaciona a gramaticalização a um tipo de mudança na qual itens lexicais e construções desempenham, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais, ou itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais.

Conquanto a pesquisa em gramaticalização, inicialmente, tenha voltado seu estudo para as propriedades estruturais deste processo (LEHMANN, 1995 [1982]; HEINE; REH, 1984), a atenção às origens lexical ou discursiva, por conseguinte, levou à exploração da

---

<sup>55</sup> Cf. Original: “It seems plausible, however, that the real source of grammaticalization is not the change in the semantics of an item or construction, but a change in use”.

mudança semântica, que, por exemplo, daria origem a preposições (TRAUGOTT; DASHER, 2002).

Dessa forma, no que concerne à mudança sob a ótica da gramaticalização, uma abordagem ideal consiste no exame da trajetória histórica de um item ou de uma construção: em um primeiro momento, descrevendo sua multifuncionalidade no plano sincrônico; e, em um segundo momento, captando os estágios de mudança, seja de natureza semântico-pragmática, seja de natureza categorial. Para referir ao caráter panocrônico, Hopper e Traugott (1993) apontam para a necessidade de o estudo da gramaticalização considerar as duas perspectivas, a histórica e a sincrônica, e fazem a seguinte referência ao assunto:

A gramaticalização tem sido estudada de duas perspectivas. Uma dessas é a histórica, investigando as fontes das formas gramaticais e os caminhos típicos de mudança que os afetam. Dessa perspectiva, a gramaticalização é pensada normalmente como um subconjunto de mudanças linguísticas pelas quais um item lexical em certos usos se torna um item gramatical, ou pelo qual um item gramatical se torna mais gramatical. A outra perspectiva é mais sincrônica, vendo a gramaticalização principalmente como um fenômeno sintático ou discurso-pragmático, a ser estudado do ponto de vista de padrões fluídos de uso da língua<sup>56</sup> (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 2).

Lehmann (1985) também correlaciona o conceito de gramaticalização à variação sincrônica e à mudança diacrônica. Para o autor, no aspecto diacrônico, a gramaticalização é um processo que “transforma lexemas em formativos gramaticais e torna formativos gramaticais em mais gramaticais ainda” (p. 303)<sup>57</sup>. Já do ponto de vista sincrônico, a gramaticalização fornece “um princípio de acordo com o qual subcategorias de uma dada categoria podem ser ordenadas” (p. 303)<sup>58</sup>.

---

<sup>56</sup> Cf. original: “Grammaticalizations has been studied from two perspectives. One of these is historical, investigating the sources of grammatical forms and typical pathways of change that affect them. From this perspective, grammaticalization is usually thought of as that subset of linguistic changes through which a lexical item in certain uses becomes a grammatical item, or through which a grammatical item becomes more grammatical. The other perspective is more synchronic, seeing grammaticalization as primarily a syntactic discourse pragmatic phenomenon, to be studied from the points of view of fluid patterns of language use”.

<sup>57</sup>Cf.original: “which turns lexemes into grammatical formatives and makes grammatical formatives still more grammatical”.

<sup>58</sup> Cf. original: “a principle according to which subcategories of a given grammatical category may be ordered”.

É justamente essa a perspectiva que é adotada nesta pesquisa, em que consideramos as abordagens sincrônicas e diacrônicas, para explicar, sob o viés da gramaticalização, o uso variável atual das preposições do complemento locativo dos verbos de movimento, principalmente no que concerne ao enriquecimento funcional desses itens associado ao aumento de significados do sistema preposicional do PB, motivado pela passagem do latim ao português<sup>59</sup>.

Com isso, para o desenvolvimento desta pesquisa, consideramos, para a noção de gramaticalização, a definição apresentada por Torres-Cacoullos (2011), e a entendemos como um processo diacrônico pelo qual uma construção existente, composta de um item lexical particular, experimenta aumento de frequência de uso e torna-se uma nova construção, assim como também ocorre com o conjunto de processos estruturais e semânticos, que acompanham o desenvolvimento de novas construções, incluindo a erosão fonológica, juntamente, com as mudanças nas estruturas de constituintes, e o desgaste de significados lexicais específicos com implicações na convencionalização textual. Ressaltamos que a autora deduz que muitas das mudanças são interlinguísticas, e cita como exemplo de criação de expressões a utilização do tempo-modo-aspecto (TAM) em diversas línguas. Nesse sentido, é de conhecimento geral que, em muitas línguas, podem ser encontradas as mesmas origens da categoria TAM, como em línguas de uma mesma vertente ou sem qualquer relação genética, como tem sido constatado por estudos tipológicos (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; BYBEE, 2004).

Relacionar a concepção de gramaticalização à análise dos aspectos semânticos e pragmáticos é privilegiar o caráter dinâmico e unidirecional pelos quais itens lexicais, no curso do tempo, adquirem novos *status*, como formas gramaticais e morfossintáticas, e

---

<sup>59</sup> Borba (2007, p. 140) defende que “a gramaticalização, entendida como mudança de classe/subclasse lexical para classe/subclasse gramatical, amplia a classe preposicional e adverbial, especialmente no conjunto mais amplo que é o das relações espaciais. Os conceitos espaciais são concebidos pelo falante em termos relativos, ou seja, relacionados a um ponto de referência que tanto pode ser o falante, ou melhor, a posição do falante ou um ponto do ambiente [espaço] físico. Isso traz como consequência imediata o fato de que as relações espaciais se traduzem *in abstracto* na língua, o que configura conceito gramatical enquanto relações que se processam no âmbito do sistema”.

passam a desempenhar novos significados, ou seja, é considerar a gramaticalização associada ao processo histórico, como fazem, por exemplo, Traugott (1982) e Traugott e König (1991), de acordo com os quais o processo de gramaticalização envolve uma pragmatização crescente do significado por englobar mecanismos como inferência pragmática e estratégias metafóricas de aumento de abstração (*bleaching*). Assim, a mudança é concebida como unidirecional.

Uma mudança categorial, via de regra, é acompanhada e/ou precedida de mudanças semânticas e/ou pragmáticas. Nesse caso, alguns autores falam em perda de significado ou “desbotamento semântico” (*bleaching*). A perda de clareza semântica das construções que estão passando por gramaticalização leva à ampliação do seu contexto de uso. Nem todos os estudiosos da gramaticalização, porém, concordam com a ideia de que, no processo de gramaticalização, possa haver perda de significado. Por exemplo, Sweetser (1990) fala de projeção metafórica, que vai de um domínio-fonte para um domínio-meta. Nessa projeção, já há aquisição de novos significados, o que descartaria a consideração da existência de perda durante o processo (ver seção 2.1.1).

Este é um ponto importante a ser considerado. A perda completa do valor semântico pode ser relativizada, considerando o modelo de Sweetser (1990), se pensarmos no resultado herdado do valor semântico inicial supostamente extinto. Neste modelo, os falantes atuais podem não reconhecer o valor semântico nominal (características inferidas) de uma expressão supostamente gramaticalizada. No entanto, durante o processo de sua maturação e de sua efetivação como partícula, a expressão criou vínculos relacionais que participam de sua manifestação sintática atual.

## **2.1 Mudança semântica**

Conforme anunciamos, sob a visão adotada neste trabalho, a mudança semântica é de considerável importância dentro do paradigma da gramaticalização. Há diversos autores

representativos desta visão, como Sweetser (1990), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Hopper e Traugott (1993), Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), Traugott e Dasher (2005), aos quais recorreremos neste trabalho. De uma forma geral, a preocupação central desses autores é a análise de regularidades ou de semelhanças de significados expressos por palavras ou construções entre domínio alvo e domínio fonte.

### **2.1.1 A mudança semântica motivada por pressões pragmáticas**

Considerar a mudança semântica dentro do escopo da gramaticalização como o faz, por exemplo, Sweetser (1990), é aceitar, ao mesmo tempo, uma ampliação da noção de gramaticalização, e também do caráter polissêmico relacionado à forma linguística<sup>60</sup>. A autora considera que “na mudança semântica, uma forma adquire historicamente uma nova função para substituir as antigas ou concorrer com elas [...] no caso da polissemia (a relação sincrônica de múltiplos sentidos relacionados a uma única forma)<sup>61</sup>” (p.1). Além disso, para a autora “a polissemia sincrônica e a mudança histórica de significado realmente produzem os mesmos dados por vias diferentes”<sup>62</sup> (p. 9). Dessa forma, na teoria de Sweetser (1990), a questão não é saber se há ou não regularidades a serem observadas no que tange ao mapeamento de uma forma para múltiplas funções. Segundo a autora:

As regularidades não podem ser adequadamente capturadas dentro de uma teoria semântica objetivista, em que o significado é visto como basicamente uma relação entre palavra e palavra – ou seja, entre a forma linguística e um objeto ou estado de coisas referido ou descrito por uma forma. No entanto, as regularidades observadas são naturais e prontamente motivadas dentro de uma teoria de base cognitiva que leva em conta não o objeto do “mundo

---

<sup>60</sup> Hasan (2009) é um dos defensores da relevância da mudança semântica na sociolinguística. Para o autor, a variação semântica pode ser percebida no papel das instituições sociais, principalmente nas variações nos modos de contato ou interação com outro.

<sup>61</sup> Cf. original: “in semantic change, a form historically acquires a new function to replace or argument its old ones [...] In the case of polysemy (the synchronic linking of multiple related senses to a single form)”.

<sup>62</sup> Cf. original: “synchronic polysemy and historical change of meaning really supply the same data in many ways”.

real”, mas a percepção e a compreensão do mundo tendo como base a estrutura da linguagem humana<sup>63</sup> (SWEETSER, 1990, p. 1-2).

Para fundamentar mais a proposição da mudança semântica, também faz sentido retomarmos a proposta de Traugott (1999), reafirmada em Traugott e Dasher (2002), de um modelo denominado *Teoria da Inferência Sugerida para a Mudança Semântica* (TISMS)<sup>64</sup>, segundo o qual os casos de mudança semântica podem ser tratados de forma unificada como em determinadas situações em que uma dada forma codificadora de um dado significado passaria a ser polissêmica, e, conseqüentemente, a codificar novos significados relacionados ou motivados ao significado anterior. Para Traugott e Dasher (2002, p. 11), uma “mudança semântica não pode ser estudada sem se recorrer a uma teoria de polissemia, por conta da natureza da mudança”<sup>65</sup>. Assim, de acordo com a TISMS, a coexistência de significados associados à mesma forma é motivada pela mudança semântica via polissemia, e a grande força motivadora de tal processo é de ordem pragmática. Sob tal proposição, um processo de mudança desse tipo se daria quando uma *inferência apenas sugerida* em um evento de fala (contexto) específico passasse por um processo de generalização até que se tornasse uma referência convencionalizada.

Nas considerações de Traugott e Dasher (2002, p. 12) de que “significados mais velhos coexistindo com significados mais recentes, como por exemplo, os significados de *since* (temporal é o mais velho, e o causal o mais recente), podem influenciar um ao outro”<sup>66</sup>, percebe-se o eco teórico do *princípio de estratificação* tal qual proposto por Hopper (1991),

---

<sup>63</sup> Cf. original: “the regularities cannot be appropriately captured within an objectivist semantic theory, wherein meaning is thought of as basically a relationship between word and word – i.e, between a linguistic form and an object or state of affairs referred to or described by that form. However, the observed regularities are natural and readily motivated within a cognitively based theory which takes not the objective “real word”, but human perception and understanding of the world to be basis for the structure of human language”.

<sup>64</sup> Cf. original: “Invited Inferencing Theory of Semantic Change (IITSC)” (TRAUGOTT e DASHER, 2002, p. 5).

<sup>65</sup> Cf. original: “semantic change cannot be studied without drawing on a theory of polysemy because of the nature of change”.

<sup>66</sup> Cf. original: “Older meaning coexist with newer meanings of the same item, as for example, older and newer meanings of *since* (the temporal is older, the causal more recent) and they may influence each other”.

segundo o qual, em um domínio funcional amplo, novas camadas estão sempre emergindo, sem que camadas mais velhas sejam necessariamente descartadas; camadas novas e antigas passam a coexistir e a interagir entre si.

O principal objetivo da TISMS é dar conta do processo de convencionalização e de reanálise dos significados pragmáticos. Nas palavras dos autores (TRAUGOTT; DASHER, 2002, p. 35), “historicamente, há um caminho que vai dos significados codificados àqueles disponíveis na ocorrência (inferência sugerida), que passa, por sua vez, a tipos de significados específicos, pragmaticamente polissêmicos (inferências sugeridas generalizadas), até se chegar a novos significados (codificados) semanticamente polissêmicos”<sup>67</sup>. Enquanto o processo se dá entre os estágios de *inferência sugerida* e de *inferência sugerida generalizada*, o novo significado codificado estaria sujeito às pressões dos falantes/ouvintes, que produzem inferências contextualmente situadas em determinado valor social mais relevante; essas mesmas pressões agiriam, ainda, na transformação da *inferência sugerida generalizada* em um novo significado semanticamente codificado.

Em suma, em nossa visão, reconhecemos, com Traugott e Dasher (2002), que a principal força motriz em processo de mudança semântica regular é a pragmática. Sobre isso, os autores afirmam: “a dependência contextual do significado estrutural abstrato permite mudanças nas situações de uso, mais particularmente no papel do falante em escolher estratégias nessa dinâmica de uso”<sup>68</sup> (p. 24). Por exemplo, Coates (1995), ao analisar verbos modais do inglês, considera que, nos casos em que o verbo modal *may* permite duas possibilidades de interpretação em um mesmo enunciado, o interlocutor pode processar ambos os significados disponíveis, constituindo o que o autor denomina de “fusão” (*merger*).

---

<sup>67</sup> Cf. original: “historically there is a path from coded meanings to utterance-token meanings (invited inference) to utterance-type, pragmatically polysemous meanings (generalized invited inference) to new semantically polysemous (coded) meanings”.

<sup>68</sup> Cf. original: “the context-dependency of abstract structural meaning allows for change in the situations of use, most particularly the speaker’s role in strategizing this dynamic use”.

Nesses casos, porém, não se trata de ambiguidade, já que o ouvinte processa os dois significados disponíveis, o significado de raiz e o significado epistêmico resultante.

Outros autores que relacionam o processo de gramaticalização às necessidades comunicativas são Heine *et. al.* (1991 p. 19-30). Para eles, o processo decorre de situações comunicativas em que as formas existentes no sistema linguístico não satisfazem a essas necessidades comunicativas e também à existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas. Vale apontar que a concepção de gramaticalização de Heine se aproxima, em certa medida, de uma concepção cognitiva. Traugott (1982, 1999) e Traugott e König (1991) também relacionam a gramaticalização ao processo de pragmatização crescente de significados e de recategorização do item (mudança sintática). Givón (1979), por sua vez, defende a tese de que a gramática das línguas resulta de constantes mudanças motivadas por necessidades do discurso.

Focando nosso objeto de investigação sob essa ótica da mudança de significado por motivação pragmática, pretendemos comprovar a gramaticalização das preposições recorrendo, principalmente, ao caráter da mudança semântica que as envolve, na medida em que seus diversos valores vão se especificando por meio de inferências pragmáticas de sentido que se desenvolveram diacronicamente, em decorrência da ampliação de suas funções/significados, na passagem do latim ao português, e resultaram na polifuncionalidade da maioria delas no PB. A hipótese que procuramos defender é a da necessidade do contexto discursivo para atribuição de eventuais significados polissêmicos às preposições, ou seja, determinar o contexto discursivo favorece a expansão de significados das preposições, vindo, assim, a configurar sua multifuncionalidade de uso. Posto isto, parece-nos claro que a mudança semântica seja resultado de diversas modificações no sistema linguístico, entre elas, a ampliação de significados das preposições no PB, e o percurso histórico das preposições nas



línguas românicas sugere que já haveria multifuncionalidade das preposições, nos estágios iniciais, possivelmente, uma das razões do processo de gramaticalização.

### 2.1.2 Os mecanismos de mudança semântica: metáfora e metonímia

Entre os mecanismos de mudança semântica, dois são geralmente reconhecidos como motivadores de tal processo: a transferência conceptual (metáfora), que opera “entre os domínios” (SWEETSER, 1990, p. 19) cognitivos diferentes em termos de comparação entre “fonte” e “alvo”, e a motivação pragmática, que envolve a reinterpretação de um contexto (metonímia).

Para muitos linguistas (SWEETSER, 1990; BYBEE *et. al.*, 1994, HEINE *et. al.*, 1991 entre outros), o processo de metaforização é considerado o principal fator na mudança semântica, por envolver conceituar um elemento de uma estrutura conceitual  $C_a$  em termos de um elemento de outra estrutura conceitual  $C_b$  (TRAUGOTT; DASHER, 2002).

Segundo Heine et al. (1991) e Heine (1991), a mudança metafórica envolvida no processo de gramaticalização, diferentemente daquela relacionada às figuras de linguagem, respeita uma sequência de categorias conceituais (cognitivas) e é motivada pragmaticamente com o objetivo de atender a uma função na gramática. Na disposição dessas categorias cognitivas em cadeia do tipo *pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade*, cada categoria pode ser conceptualizada em termos daquela outra posicionada a sua direita, unidirecionalmente, permitindo, assim, que elementos do mundo concreto (léxico) migrem para um mundo mais abstrato (gramática), conforme sugerem os autores (p. 157). No plano sintático, a mudança metafórica costuma ser associada à *analogia*, que atua na regularização do eixo paradigmático, no nivelamento do paradigma conforme a regra mais produtiva.

A metonímia, também reconhecida como de natureza conceptual (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 80-81), relaciona-se à motivação pragmática, que, envolvendo

“permuta” e “adequação” (TRAUGOTT; DASHER, 2002), remete à associação conceptual de inferência/reinterpretação propiciada pelo mundo discursivo ou a uma transferência semântica licenciada por uma dada contiguidade conceptual (TRAUGOTT; KÖNNIG, 1991). Assim, a metonímia envolve relações de contiguidade, relações sintagmáticas e indexicalidade dentro de um mesmo domínio. Nesses casos, a metonímia atua na especificação de um significado em termos de outro que está presente no contexto, mesmo que sob a forma de inferência, diferentemente da metáfora, que envolve o mapeamento de um domínio conceitual em outro (TRAUGOTT, 1988). No plano sintático, a mudança metonímica está associada à *reanálise*, mecanismo atuante nas mudanças na estrutura de uma expressão ou da classe de uma expressão, sem envolver mudança imediata ou intrínseca na manifestação superficial. Assim, as relações entre as unidades linguísticas envolvem, no nível sintagmático, a contiguidade e, no nível paradigmático, a similaridade (ou analogia).

Frequentemente, a reanálise e a analogia atuam em conjunto nos casos de gramaticalização. Por exemplo, Hopper e Traugott (1993) ilustram a atuação conjunta da reanálise e da analogia no caso de gramaticalização *be going to*, do inglês (p. 61), processo também semelhante ao da gramaticalização de *ir + infinitivo* como marca de futuro, no português (conforme SILVA, 2002, GIBBON, 2001, FONSECA, 2010).

De forma geral, metáfora e metonímia estão relacionadas com a subjetividade presente na língua. Subjetividade, para Traugott e Dasher (2002, p.31),

[...]é o processo semasiológico por meio do qual falantes/ouvintes desenvolvem ao longo do tempo significados que codificam ou externalizam suas perspectivas e atitudes restritas ao mundo comunicativo do ato de fala, e não ao chamado “mundo-real” característica do evento ou do referente da situação<sup>69</sup>.

---

<sup>69</sup> Cf. original: “is the semasiological process whereby speakers/writers come over time to develop meanings for Ls that encode or externalize their perspectives and attitudes as constrained by the communicative world of the speech event, rather than by the so-called “real-word”.

Trata-se, pois, de um processo mais generalizado de mudança semântica acionado para explicar os diversos significados que uma língua sincronicamente possa apresentar, significados que se implementam por meio da metáfora ou metonímia.

Alternativamente, falantes/ouvintes, ao fazerem uso de uma gramática (sistema linguístico) mobilizam recursos metafóricos, metonímicos e recursos da subjetividade, que podem levar a inovações relacionadas a um significado alvo. Esses recursos, que propiciam a mudança semântica, estão relacionados às estratégias comunicativas presentes, seja no discurso falado, seja no escrito (TRAUGOTT; DASHER, 2002). A partir de usos da “forma inovadora” em um ambiente linguístico, essa passa a desenvolver um valor social e torna-se saliente em uma comunidade de fala, se espalhando para outros contextos linguísticos, que são reforçados pelas implicaturas pragmáticas. Assim, apesar da mudança semântica, a forma inovadora mantém seu significado original acessível, e torna-se polissêmica.

Portanto, conforme defende Hopper (1987), e como também assumimos nós, a gramática de uma língua nunca é produto acabado; é sempre resultado de uma atividade em tempo real e está em constante adaptação. Novas formas estão constantemente emergindo para a codificação de antigas funções, bem como novas funções despontam para formas já existentes no sistema linguístico, oferecendo opções de expressão aos falantes, o que reflete o caráter variável da linguagem. Destarte, acreditamos nessa concepção de gramática como estrutura dinâmica decorrente das pressões de uso, conforme também defendem teóricos como Bybee (2003), Lichtenberk (1991), Hopper (1987, 2001), Givón (1979), entre outros.

### **2.1.3 As noções de significado básico e genérico**

Por meio do processo de extensão de significado, novos usos emergem e as formas linguísticas utilizadas nessa interação assumem, em determinado momento, uma

generalização de contextos de usos. Logo, a extensão de significado envolve mecanismos de natureza semântica, pragmática e sociolinguística. Uma palavra polissêmica é sempre assim: quanto menor sua intenção, maior o seu significado, o que acarreta generalização. Isso corresponde a dizer que a adição de nova extensão de significado aumenta a importância de uma palavra no sistema linguístico.

Para tratar do desenvolvimento do caráter polissêmico relacionado à forma linguística e da relação sincrônica de múltiplos sentidos, utilizamos as noções de significado básico e de significado genérico desenvolvidas por Jakobson (1936).

Em resumo, o *significado básico* (al. *Grundbedeutung*) de uma expressão ambígua é aquele que está na base (diacrônica) de todos os seus outros sentidos, os quais podem ser resultado de mudanças de vários tipos (como extensões, metáforas, etc.) do significado básico. O significado básico é tipicamente mais específico que as outras versões; o *significado genérico* (al. *Gesamtbedeutung*), pelo contrário, é o conjunto de intersecção de todos os sentidos; no entanto, o que estes têm em comum é que podem ser muito abstrato. Dessa maneira, na investigação da variação semântica de uma palavra, podem ser perseguidos critérios metodológicos para a identificação de seu significado básico. Portanto, características conjuntivamente ligadas ampliam a intenção<sup>70</sup> de um conceito, disjuntivamente conectando-os.

---

<sup>70</sup> Conforme Duque (2011): “O conjunto de características é a intensão de um termo, o que corresponde à extensão ou alcance. Unidades lexicais podem, nessa concepção, ser compreendidas como possuidoras de significado, por força de extensão semântica ou em termos da intenção semântica entre as unidades. A unidade lexical ‘cachorro’ pode ser descrita em sua intensão quando dela se diz que designa um animal mamífero doméstico de estatura mediana, de quatro patas, focinho e rabo; e, em extensão, quando se diz que há várias raças de cachorro: Boxer, Bulldog, Cairn Terrier, Dálmata, Dornboman, etc. A intensão fornece um *argumento oracional* com condições necessárias e suficientes, permitindo que uma coisa seja qualificada como membro de alguma extensão de unidades lexicais. Grosso modo, as funções proposicionais são as instruções abstratas que norteiam o intérprete em assumir as variáveis livres de uma sentença aberta, preenchendo-as, o que resulta na compreensão correta da frase”

Assim, uma expressão polissêmica pode ser descrita como um conjunto ( $M_0$ ) de traços semânticos resultante da somatória de subconjuntos alternativos ( $M_1 \vee M_2 \vee \dots M_n$ ) de traços, como mostrado a seguir.

$$M_0 \& (M_1 \vee M_2 \vee \dots M_n)$$

O conjunto  $M_0$  constitui-se de todos os sentidos da expressão polissêmica juntos. O montante remanescente é caracterizado, por sua vez, pelos subconjuntos de cada alternativa, cada um com seu sentido. Essa situação ilustra o seguinte esquema para alguns significados da palavra *asa*:

**Quadro 3.1 - Polissemia da palavra *asa***

M <sub>0</sub> Parte de um todo		
M <sub>0</sub> Membro lateral		
M <sub>1</sub> . (quando a coisa toda é parte de um animal) A besta bateu as asas.	M <sub>2</sub> . (quando a coisa toda é uma extremidade de algo) Asa dois do Prédio.	M <sub>3</sub> . (quando a coisa é parte saliente de um todo) A asa da xícara.

Nas duas primeiras linhas desse exemplo encontram-se os dois sentidos básicos  $M_0$  da palavra *asa*; na terceira linha,  $M_1$  contém, em seu sentido, os próprios significados básicos  $M_0$  “membro lateral” e “parte de um todo”;  $M_2$  representa o significado genérico “extremidade de algo”, e contém, em seu sentido, os dois significados básicos  $M_0$ ;  $M_3$  representa o significado genérico “parte saliente de um todo”, e também contém os dois significados básicos  $M_0$ . Isso significa, no exemplo em questão, que o significado básico de *asa* é somente o dado por  $M_1$  e o significado genérico os dados por  $M_2$  e  $M_3$ , ambos sempre contendo os significados básicos  $M_0$ . Essa representação pode ser relacionada com a teoria dos protótipos<sup>71</sup>.

<sup>71</sup> A Teoria dos Protótipos postula que as categorias não são estruturas homogêneas. De acordo com evidência experimental (LABOV, 1973; ROSCH, 1978; TAYLOR, 1989), as categorias exibem um melhor exemplar de uma estrutura prototípica, ou seja, há membros centrais e membros marginais de uma dada categoria. Os membros centrais, aqueles que os falantes primeiro evocam ao escutar ou ver o nome de uma categoria, são os membros em torno dos quais os demais membros se organizam. Por exemplo, “caderno” é um membro

Relativamente ao caso das preposições de verbos de movimento, como exemplo, citamos o significado básico e o significado genérico da preposição *em*, que devem ser assim compreendidos:

- o significado básico da preposição *em* é locativo; no nível sintático, expressa uma relação essiva, a qual representa o significado dinâmico dado pelo verbo *ir*.
- o significado genérico da preposição *em* relaciona-se com as regiões espaciais, por exemplo, interioridade, que pode ser recuperadas diacronicamente. Outros sentidos podem emergir como sentidos inespecíficos.

Ambos os significados representam uma relação estática, localizados dentro de uma relação dinâmica dada por um verbo de movimento, por exemplo, o verbo *ir*.

## 2.2 Gramaticalização e unidirecionalidade

Nos estudos de gramaticalização, a mudança é tipicamente representada por um *continuum*, cujo objetivo é apenas o de representar as etapas do processo. Em consonância a este aspecto, Hopper e Traugott (1993, p. 6-7) apontam o conceito de *cline* como básico em gramaticalização e afirmam que:

[...] do ponto de vista da mudança, as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas passam por uma série de transições graduais, que tendem a ser interlinguisticamente semelhantes em tipo<sup>72</sup>.

---

prototípico da categoria “material escolar”. Dado o caráter difuso das categorias, sua aprendizagem e compreensão sobre a base dos protótipos (membros mais centrais das categorias de nível básico) tem utilidade prática, visto que permite aos falantes manter suas categorias o mais distintas possível, fazendo-as assim mais informativas (TAYLOR, 1989). Além disso, sua extensão, no campo da polissemia, através da noção de *semelhança de família*, favorece o surgimento de uma flexibilidade que lhe priva do elemento definidor essencial da versão padrão, o protótipo.

<sup>72</sup>Cf. original: “Basic to work on grammaticalization is the concept of a ‘cline’ [...] From the point of view of change, forms do not shift abruptly from one category to another, but go through a series of gradual transitions, transitions that tend to be similar in type across languages”.

Esses autores apresentam o seguinte *cline* de gramaticalização: *item pleno* > *palavra gramatical* > *clítico* > *afixo flexional*. Assim, a unidirecionalidade prevê que as mudanças linguísticas ocorrem em um *continuum*, do menos gramatical para o mais gramatical, e não vice-versa.

Uma proposta interessante envolvendo unidirecionalidade e gramaticalização para nosso objeto de estudo é a que formas lexicais ou gramaticais são recrutadas para codificação do espaço (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; SVOROU, 1993; POGGIO, 2001; CASTILHO, 2004), e, nessa trajetória de deslizamentos de significados, as formas, progressivamente, tendo como ponto de partida a noção de espaço, passam pela noção de tempo e chegam às categorias mais abstratas como a de texto, conforme representado no *cline*: *espaço* > *tempo* > *texto*. Segundo esse modelo, por exemplo, as preposições, de uma interpretação espacial, como em “Vai *do* Rio *a* São Paulo”, recebem uma interpretação temporal, como em “Ele viaja *de* manhã”, e, ainda, podem ser interpretadas no nível textual, como em “*De* fato, precisamos nos organizar para o próximo ano”. Nessa visão, a categoria espaço é considerada a mais básica da cognição humana, sendo possível pressupor que a derivação de outros significados se dê por meio da trajetória que vai do mais concreto (o espaço) para o menos concreto.

A hipótese da unidirecionalidade geralmente é relacionada à ideia da dessemantização de determinado item associada à redução da referencialidade concreta ao nível abstrato. Entretanto Sweetser (1990) argumenta que se, por um lado, há perda de especificidade concreta, por outro, não há perda de complexidade semântica, pois há alguns traços que permanecem, sendo transferidos para outro mundo ou domínio. Este conceito alocado por Sweetser (1990) é semelhante à escala de categorias cognitivas de Heine *et. al.* (1991): *pessoa* > *objeto* > *atividade* > *espaço* > *tempo* > *qualidade*, que serve para caracterizar o modo de conceptualização da estrutura da experiência humana.

É de Hopper e Traugott (1993, p. 104) a divisão dos itens linguísticos em três categorias: Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção]. Em uma extremidade desse *cline*, encontram-se itens prototípicos da classe dos verbos de sentido pleno, substantivos e adjetivos; na outra extremidade, encontram-se, itens altamente gramaticalizados identificados com a categoria dos clíticos e afixos flexionais. De um ponto a outro desse *continuum*, de acordo com Hopper e Traugott (1993), é possível reconhecermos certos “clusters” ou “áreas focais”.

Uma discussão importante relacionada à gradualidade das mudanças diz respeito à dificuldade de se alocarem as formas e suas funções em pontos precisos de um *continuum* de gramaticalização e/ou de gramaticalidade. Aqui também se somam as divergências em relação às propriedades, às motivações ou aos mecanismos responsáveis pelo processo de gramaticalização.

Mais especificamente, em nosso caso, sabe-se que as algumas preposições, em latim, advêm dos advérbios. Essa trajetória corrobora a escala de Hopper e Traugott (1993), evidenciando o processo de gramaticalização das preposições<sup>73</sup>. Sobre essa constatação, Pereira (1916, p. 135), em sua *Gramática Histórica*, já chamava atenção para a mudança de classe envolvendo advérbio e preposição:

As preposições são advérbios, que, pouco a pouco, com o enfraquecimento de seu valor adverbial, foram adquirindo feição conectiva, até se destacarem francamente como partículas de ligação, exigindo sempre o seu conseqüente para lhe completar o sentido. Embora, pois, sejam ainda sensíveis as circunstâncias adverbiais de *lugar*, *tempo*, *companhia*, etc., que exprimem, todavia, diferenciam-se do *advérbio* em serem conectivas.

Sobre essa consideração do autor, recordemos que, em latim, já se usava preposição para subordinar o complemento ao verbo, reforçando relações de regência nos casos acusativo

---

<sup>73</sup> Castilho (2006) menciona que as preposições constituem uma classe de palavras frequentemente gramaticalizadas, sendo *a*, *com*, *de*, *em* e *para* as que se encontram em etapas mais avançadas desse processo.



e ablativo. Com a perda dos casos, ampliou-se o uso das preposições também para complementos expressos pelos casos dativo e genitivo, nas línguas românicas. Dessa feita, a função de regência foi deixando de ser expressa de forma sintética (pelos casos) em favor da forma analítica (pelas preposições), revelando, de algum modo, a passagem de usos adverbiais para usos preposicionais já no latim, o que significa que essa mudança de classe gramatical não ocorreu na passagem do latim para o português, evidenciando o caminho da unidirecionalidade.

Assim sendo, a hipótese da unidirecionalidade na mudança e na gramaticalização oferece evidência para os desenvolvimentos de usos mais abstratos das preposições no português, bem como para a estabilidade dos mecanismos inferenciais que propiciam as extensões de sentido dessas preposições.

### **2.3 Gramaticalização *versus* lexicalização**

De acordo com Lehmann (2006), *gramaticalização* é a constituição de formativos e construções gramaticais a partir de estruturas textuais compostas de elementos lexicais (ou, em todo caso, menos gramaticais), e *lexicalização* é a formação de lexemas a partir de expressões complexas. Os dois processos têm em comum o fato de serem processos redutivos. Em ambos, a reanálise pode intervir. Mas, enquanto a lexicalização destrói a estrutura de entrada e reserva, assim, as unidades em questão para um acesso holístico, a gramaticalização generaliza o significado, cria estruturas e, com isso, combinações susceptíveis de um acesso analítico. Em resumo, gramaticalização e lexicalização são mudanças redutoras no sistema da linguagem.

Embora a lexicalização se aproxime do aspecto da gramaticalização, esta leva determinado elemento a assumir função gramatical, funcional, não referencial, enquanto aquela conduz à função lexical, referencial, menos produtiva.

Brinton e Traugott (2003, p. 96) apresentam a seguinte definição de lexicalização:

[...] a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam uma construção sintática ou uma formação de palavras como uma nova forma significativa, contendo propriedades formais e semânticas que não completamente deriváveis ou previsíveis a partir dos constituintes da construção ou do padrão da formação de palavras. Através do tempo, pode ocorrer mais perda da constituição interna e o item pode se tornar mais lexical.

Portanto o resultado da lexicalização é um item lexical (de caráter representacional) armazenado no inventário linguístico e que tem de ser aprendido pelos falantes, ou seja, seu valor não é previsível a partir dos elementos constituintes da sentença, apresentando alto grau de idiomaticidade.

## **2.4 Gramaticalização: princípios e parâmetros**

A teoria da gramaticalização tem por objetivo descrever como as formas e as construções gramaticais surgem e se desenvolvem no tempo e, ainda, explicar porque elas são estruturadas da forma como são. A fim de entender e descrever essas evoluções de padrões de uso e categorias gramaticais, encontramos, na bibliografia referente ao tema, diferentes propostas para aferir o processo de gramaticalização.

Com o objetivo de medir o grau de autonomia de um item, Lehmann (1995 [1982]) propõe seis parâmetros formais (integridade, paradigmaticidade, variabilidade paradigmática, escopo, vinculação e variabilidade sintagmática) relacionados à atuação dos mecanismos de mudança em gramaticalização. Diferentemente de medir o grau de gramaticalização, Lehmann (1995 [1982]) se propõe a investigar a autonomia de um signo que é contrária ao

seu estatuto de “gramatical”, com base nos eixos paradigmático e sintagmático. Assim, seus parâmetros conjuntamente possibilitam investigar a identificação da gramaticalização, bem como da autonomia de um item.

Os parâmetros de Lehmann (1995 [1982]) consideram os aspectos formais da língua (formalismo), associados a forças externas (funcionalismo), conforme quadro 3.2 a seguir.

**Quadro 3.2 – Parâmetros de gramaticalização (LEHMANN, 1995 [1982])**

	<b>Parâmetros</b>	<b>Gramaticalização Incipiente</b>	<b>Processo</b>	<b>Gramaticalização Avançada</b>
<b>Eixo paradigmático</b>	<b>Integridade (peso)</b>	Conjunto de propriedades semânticas	Atrição (desgaste)	Poucos traços semânticos
	<b>Paradigmaticidade (coesão)</b>	Participação “frouxa” em um campo semântico dentro de um paradigma	Paradigmaticidade	Paradigma pequeno, altamente integrado
	<b>Variabilidade paradigmática (variabilidade)</b>	Escolha livre dos itens, segundo as necessidades comunicativas	Obrigatoriedade	Escolhas sistematicamente restritas, uso obrigatório
<b>Eixo sintagmático</b>	<b>Escopo (peso)</b>	Item relaciona-se aos constituintes de complexidade arbitrária	Condensação	Item modifica palavra ou a raiz
	<b>Conexidade (coesão)</b>	O item é justaposto independentemente	Coalescência (união)	O item é afixo ou traço fonológico
	<b>Variabilidade sintagmática (variabilidade)</b>	Liberdade de movimento do item	Fixação	O item ocupa uma posição fixa

**Fonte:** Adaptado de Lehmann (1995 [1982], p. 164).

A proposta de Lehmann (1995 [1982]) se distingue daquela elaborada por Hopper (1991), na medida em que o primeiro visa a investigar as formas em estágios incipientes, enquanto o segundo propõe-se a aferir o grau de autonomia de formas em estágios mais avançados de gramaticalização. De forma geral, os parâmetros de Lehmann (1995 [1982]) se relacionam à seleção (eixo paradigmático) e à combinação (eixo sintagmático) de signos linguísticos, bem como são capazes de medir o grau de autonomia de um item por meio da

combinação dos aspectos *peso*, *coesão* e *variabilidade* aos dois eixos (paradigmático e sintagmático), que assim se definem:

- (a) *Peso*: para ser autônomo, um item deve ter certo peso, propriedade que o distingue dos demais membros de sua classe, proporcionando-lhe proeminência no sintagma.
- (b) *Coesão*: a autonomia de um item diminui de acordo com as relações de coesão que ele sistematicamente contrai com outros itens.
- (c) *Variabilidade*: a autonomia de um item aumenta quanto maior sua variabilidade (mobilidade/alternância) com outros itens.

Em relação ao eixo paradigmático, o parâmetro *integridade* (peso) pode ser interpretado pela atrição ou erosão fonológica e pela dessemantização (*bleaching semântico*). O parâmetro *paradigmaticidade* (coesão) é relacionado ao inventário de formas pertencentes a paradigma; paradigmas altamente gramaticalizados tendem a ser menores que os menos gramaticalizados. Já o parâmetro *variabilidade paradigmática* (variabilidade) refere-se à possibilidade de uso de outro item em lugar daquele em processo de gramaticalização e se reporta à obrigatoriedade de uso do item pelo usuário da língua ao escolher entre aqueles pertencentes a um mesmo paradigma.

No eixo sintagmático, o parâmetro *escopo* (peso) se refere à extensão da construção que ele ajuda a formar. A esse respeito, Lehmann (1995 [1982]) comenta que o avanço da gramaticalização de um item diminui seu escopo. O parâmetro *conexidade* (coesão) se relaciona à coesão/relação sintagmática que um item mantém com outro. A *variabilidade sintagmática* (variabilidade) diz respeito à mobilidade/restrrição de um item dentro da construção que integra.

Hopper (1991) retoma os estudos sobre gramaticalização e analisa os parâmetros de Lehmann (1982), afirmando que eles são de extrema valia, no entanto, não são aplicáveis às

formas que se encontram no início de um processo de gramaticalização, mas apenas aos processos já adiantados. Assim, para analisar as formas não contempladas por Lehmann, Hopper (1991, p. 17-35) formula cinco princípios aplicáveis à mudança, de maneira geral, sendo: *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *decatégorização* com o objetivo de avaliar os estágios iniciais de gramaticalização. Hopper (1991) ressalta que esses princípios são gerais e aplicáveis a qualquer processo de mudança linguística, e não unicamente à gramaticalização.

O princípio de *Estratificação* é verificado quando, em um domínio funcional, amplo, novas camadas emergem continuamente. À medida que isso acontece, as camadas mais velhas não são necessariamente descartadas, mas passam a coexistir e a interagir com as camadas mais novas. Essas diversas camadas codificam funções similares ou idênticas. A partir dessa noção de ‘camadas’, é possível pensarmos em uma aproximação com a noção de ‘variável’ da sociolinguística laboviana (ver seção 3 *Sociofuncionalismo*), e operacionalizar a noção laboviana de variável; isolando formas variantes que cumprem uma mesma função/significação<sup>74</sup>, que é o caso das preposições que desempenham a função de complemento locativo dos verbos de movimento, considerando, principalmente, o domínio referencial das preposições de complemento de verbos de movimento que são “formas alternantes de realização das categorias existentes dentro de um determinado domínio funcional na mesma etapa histórica de uma língua” (NARO; BRAGA, 2000, p. 129).

Sobre esse princípio, Tavares (2003, p. 24) menciona:

Os itens inovadores passam a conviver e a competir por espaço com os demais tanto na gramática dos indivíduos quanto na gramática da comunidade. Têm seu uso condicionado pela interação de motivações cognitivas, comunicativas, estruturais e sociais, que se constituem em armas que cada item possui, fazendo-o avançar, estacionar ou recuar em seu processo de mudança.

---

<sup>74</sup>Givón (1995) admite, no entanto, não haver uma relação categórica de um-para-um entre função e forma e, nesse processo adaptativo de mudança, a língua pode apresentar mais de uma forma para uma função ou vice-versa. Esse é o campo visível da variação. Assim, a noção funcionalista de ‘domínio funcional’ se aproxima, em certa medida, da noção laboviana de ‘variável’.

O princípio da *Divergência* refere-se ao fato de que uma entidade, ao sofrer gramaticalização como clítico ou afixo, não elimina sua congênere lexical, que pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns. Um exemplo desse princípio pode ser observado nos seguintes exemplos: “Ele vai à festa”; e “A gente vai ficar na festa”, em que a forma verbal “vai”, embora fonologicamente idêntica, apresenta função distinta em cada sentença, mais gramatical (como verbo auxiliar), que convive com o uso lexical (verbo, indicação de deslocamento no espaço).

O princípio da *Especialização* se verifica a partir das várias formas que podem apresentar nuances semânticas diferentes. No momento da gramaticalização, essa variedade de formas se estreita e um menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais. O resultado disso é que uma forma acaba sendo a escolhida em detrimento de outras para uma determinada função gramatical, em um determinado contexto. Considerando a atuação de determinados contextos na escolha de cada preposição, podemos pensar na possibilidade de especialização de formas. Um indício da especialização de uso das preposições é o aumento na frequência de uma determinada forma em um determinado contexto.

Segundo Hopper (1991, p. 26), a especialização se dá por meio de um processo de generalização, em que uma forma linguística se especializa por abarcar todas as nuances semânticas do domínio funcional de que faz parte, levando-a a suprimir as demais formas do mesmo domínio. Nessa perspectiva, pode-se pensar em generalização da preposição *para*, uma vez que vários estudos comprovam o aumento significativo de uso dessa preposição (MOLLICA, 1996, RIBEIRO, 1996, 2008, BERLINCK, 2000b, GUEDES; BERLINCK, 2003, VALLO, 2004, VIEIRA, 2009, WIEDEMER, 2008a, entre outros).

No entanto, Tavares (2003, p. 74) admite a possibilidade de haver, também, a especialização por especialização, que ocorre quando:

[...] as formas adversárias adquirem significados mais específicos e/ou passam a ser empregadas em contextos semânticos-pragmáticos e/ou morfossintáticos específicos, eliminando-se assim a competição. Nesse caso, nenhuma forma seria excluída ou generalizada para cobrir todas as funções pertinentes a um domínio particular, mas cada uma seria empregada em certas funções e/ou contextos particulares pertinentes ao domínio.

O princípio da *Persistência* mostra que, quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical, na medida do possível, alguns traços do seu significado lexical tendem a aderir a ela; e detalhes de sua história lexical podem se refletir em restrições sobre a sua distribuição gramatical, ou seja, acontece a permanência de vestígios do significado lexical refletido no comportamento da forma gramaticalizada.

O princípio da *Decategorização* é percebido quando formas que estão se gramaticalizando tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos de categorias plenas (nome e verbo) e a assumir características de categorias secundárias tais como adjetivos, advérbios (categorias intermediárias), participípios, preposições e conjunções.

Os princípios (HOPPER, 1991) e os parâmetros (LEHMANN, 1995 [1982]), aqui apresentados, revelam o caráter dinâmico da gramática, representando as constantes mudanças da língua que refletem as necessidades comunicativas dos falantes na estruturação de novas expressões adequadas às diferentes situações comunicativas.

Com vistas a aferir o grau de gramaticalização dos itens aqui pesquisados, utilizamos, nesta pesquisa, tanto os princípios propostos por Hopper (1991), quanto os parâmetros alocados por Lehmann (1995 [1982]).

## **2.5 Renovação e Inovação**

Como vimos, a gramaticalização é a constituição de formativos e de construções gramaticais a partir de estruturas textuais compostas de elementos lexicais (menos gramaticais) (LEHMANN, 2006). Geralmente, o processo de gramaticalização pode envolver alterações de construções analíticas para construções sintéticas, direção inversa da seguida pelo surgimento das preposições.

Na língua latina se usavam preposições para subordinar o complemento ao verbo, com a função de reforçar relações de regência nos casos acusativo e ablativo. Nas línguas românicas, por exemplo, o português, a perda de casos levou à ampliação do uso das preposições também para complementos antes expressos pelos casos dativo e genitivo. Dessa maneira, a função de regência foi deixando de ser expressa de forma sintética (pelos casos), para ser expressa de forma analítica (pelas preposições). Sobre essa mudança, Lehmann (2002) pondera se tais alterações do sintético para o analítico não são casos de degramaticalização.

Lehmann (1995a [1982]) afirma que degramaticalização não existe. Mais recentemente, autores, como Hopper e Traugott (1993), Traugott (1991), Heine (2003) e Brinton e Traugott (2005), têm tido certa cautela no tocante à existência de degramaticalização, embora reconheçam que possam haver alguns exemplos genuínos de degramaticalização, mas em número escasso.

Porém, conforme observa Lehmann (2002), as preposições nas línguas românicas não são funcionalmente idênticas aos casos no sistema latino, e a evolução do sintético ao analítico já é posta pela teoria de aglutinação, pois, se a escala de gramaticalização toma a forma de um espiral, as configurações são dadas ao fim da escala e podem ser substituídas por novos contornos que entram no seu início. Para que esse processo seja considerado degramaticalização, as formas analíticas devem ser constantes históricas das formas sintéticas, e segundo Lehmann (2002), isto nunca realmente acontece.



Para tratar do assunto, Lehmann (2002) retoma a distinção feita por Meillet (1912) entre “criação” e “renovação”, explicando que a primeira é a mudança inovadora, em que as categorias gramaticais podem desaparecer ou surgir pela primeira vez, enquanto a última é a mudança conservadora, na qual as categorias são apenas formalmente “renovadas”.

Sobre isso, Lehmann (2002, p. 18) afirma:

Isto pressupõe que nós fazemos uma distinção clara entre as duas relações diacrônicas ‘y continua x’ e ‘y substitui x’. Dentro de uma escala de gramaticalização, a relação ‘y continua x’ é equivalente a relação ‘x é gramaticalizado por y’. No entanto, a relação ‘y substitui x’ não é nem uma relação de gramaticalização nem de degramaticalização. Vamos chamá-la de “renovação”<sup>75</sup>.

Ainda sobre a distinção entre inovação e renovação, o autor esclarece que a diferença é totalmente clara e define: “inovação é revolucionária; cria categorias gramaticais que não estavam na língua antes. Renovação é conservadora; que só introduz novas formas para categorias antigas” (LEHMANN, 2002, p. 19)<sup>76</sup>. Porém, para ele, na prática, ocorrem vários casos de fronteira entre inovação e renovação.

Ao tratar da substituição das flexões dos casos latinos por construções preposicionais nas línguas românicas, Lehmann (2002) considera que tal substituição é renovadora, pois, como já apresentamos, as preposições não são funcionalmente idênticas aos casos do sistema latino. Para o autor, as preposições, por um lado, possuem menos função que os sufixos, e a ordem de palavras nas línguas românicas supre as funções que essas não são capazes de cumprir, como, por exemplo, de papéis sintáticos de sujeito ou de objeto. Por outro lado, as preposições expressam distinções semânticas mais finas porque são em maior número que os sufixos latinos.

---

<sup>75</sup> Cf. Original: “This presupposes that we make a clear distinction between the two diachronic relations ‘y continues x’ and ‘y replaces x’. Within a grammaticalization scale, the relation ‘y continues x’ is equivalent to the relation ‘x is grammaticalized to y’. However, the relation ‘y replaces x’ is neither a relation of grammaticalization or of degrammaticalization. We shall call it, [...] ‘renouvellement’”.

<sup>76</sup> Cf. Original: “Innovation is revolutionary; it creates grammatical categories that had not been in the language before. Renovation is conservative; it only introduces new forms for old categories”.

Sobre essa questão, Tarallo (1990, p.136) esclarece:

A evolução das preposições nas línguas românicas caracteriza uma situação de ganho morfológico *encaixado*. Isto é, o emprego das preposições no estabelecimento das relações entre os constituintes tornou-se frequente no latim vulgar e, a partir daí, se gramaticalizou nas línguas românicas, como resultado da eliminação dos casos do latim clássico, cujas desinências garantiam a independência dos constituintes na sentença.

Avaliando, então, que as preposições *a/para/em* já apresentavam variação no latim (cf. POGGIO, 2002) e que houve perda da marcação de caso para o estabelecimento do português, podemos pensar em uma especialização de usos das preposições motivada pela atuação de diversas variáveis, sejam linguísticas ou sociais, e por sua vez, a ocorrência dos processos de inovação e de renovação das preposições.

Considerando as noções inovação e renovação, podemos pensar no seguinte esquema para as preposições, conforme quadro 3.3, abaixo.

**Quadro 3.3 - Os processos de inovação e renovação no uso de preposições**

Renovação	Inovação
<p>a) As preposições românicas sobrepõem, em parte, as funções dos casos latinos;</p> <p>b) À medida que a frequência de uso da preposição <i>para</i> (<i>per ad</i>) aumenta, essa renova o significado da preposição <i>a</i> (<i>ad</i>), e ao mesmo tempo, inova, pois passa a representar outros significados, bem como a constituir novas construções, por exemplo, “movimento com propósito”, ‘finalidade’, entre outros.</p>	<p>a) As preposições românicas passam a representar novas funções não desempenhadas pelos casos latinos, podendo ser índices sintáticos de adjuntos adverbiais, adjuntos adnominais, complementos nominais, objetos indiretos e indiretos, assim, recategorizando sintaticamente os termos que a elas sucedem. Com isso, as preposições, em combinação com verbos e nomes, além de complementarem os sentidos de seus antecedentes, passam a ter seus sentidos originários estendidos, modificados ou recategorizados.</p>

**Fonte:** desenvolvimento próprio.

### 3 O SOCIOFUNCIONALISMO

A importância dos pressupostos funcionalistas que podem ampliar o horizonte teórico-metodológico da sociolinguística é o reconhecimento da relevância de pressões funcionais nos fenômenos de variação e mudança. Com isso, sustentamos a relação possível de ser feita entre a Teoria da Variação e Mudança e o paradigma da Gramaticalização, denominada Sociofuncionalismo (TAVARES, 2003; GÖRSKI; TAVARES, inédito).

Fenômenos de variação de forma e de significado são previstos em processos de gramaticalização, principalmente quando uma dada forma ainda não cumpriu toda a trajetória de mudança prevista. É o que se verifica nos princípios empíricos postulados por Hopper (1991, 1996) para o reconhecimento de estágios incipientes de gramaticalização, dentre os quais, o da *Estratificação* e o da *Divergência*, que procuram dar conta da variação nas formas e nas funções, respectivamente, de itens que se encontram em processo de mudança.

Como já mencionado, o *Princípio da Estratificação* prevê que “dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo” e quando isso acontece, “camadas antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as novas camadas que surgem”, o que significa reconhecer a coexistência de diferentes formas para uma mesma função. Já o *Princípio da Divergência* postula que, ao iniciar um processo de gramaticalização, uma forma desenvolve funções variadas, além daquela que originalmente cumpria.

Adotando-se um sentido mais lato de variação, *Estratificação* e *Divergência* representam o ponto de contato para abordagem da Gramaticalização na interface com a Sociolinguística. Embora, na perspectiva laboviana, a mudança decorra da variação, e, na perspectiva da gramaticalização, a variação é que decorre da mudança, ambas as abordagens preveem a existência de formas em variação e de mudança linguística gradual. O que muda é o foco central de cada perspectiva teórica. Enquanto a primeira se ocupa basicamente de

formas alternantes para um mesmo significado e da possibilidade de a mudança ocorrer em função da extinção de uma das formas, a segunda trata basicamente da trajetória de uma forma e das múltiplas funções que esta vai adquirindo, podendo tal forma, em um determinado estágio, competir com outras formas para o desempenho de uma função específica.

Sobre isso, são palavras de Görski *et. al.* (2003, p. 107):

A relação entre *mudança por gramaticalização e variação* pode ser assim resumida: no decorrer de sua evolução um dado item passa a desempenhar múltiplas funções, que podem abranger apenas mudanças semânticas ou ser acompanhadas de mudanças categoriais (*uma forma* com mais de uma função – foco da gramaticalização). Nessa trajetória, seu uso pode expandir-se para um domínio funcional já codificado por outro item, passando a disputar com ele o direito à representação da função/significado (*mais de uma forma* com uma função/significado – foco da variação).

Dessa forma, a interface Sociolinguística/Gramaticalização, denominada *Sociofuncionalismo*, é uma perspectiva que se mostra produtiva para a investigação da variação e da mudança das preposições no PB, nosso objeto de estudo, tendo em vista que oferece um conjunto de princípios, os quais, neste trabalho, servem-nos de aparo teórico-metodológico<sup>77</sup>.

Porém, considerando as preposições *a/para/em* que complementam, por exemplo, o verbo *ir*, de acordo com Naro e Scherre (2006, p. 242), “há distinção semântica parcialmente significativa entre formas alternativas. Assim, do ponto de vista da sociolinguística laboviana, não estamos lidando com casos de variação clássica, nos quais se pressupõe equivalência semântica das formas variantes em todos os contextos”. Com isso, parece-nos claro que os autores consideram, nesse caso, a variação no seu sentido mais estrito de equivalência de significado referencial, que teria refletido na forma da divergência semântica. Como solucionar o aparente “problema”, na abordagem sociofuncionalista?

---

<sup>77</sup> Outras aproximações entre a área da Sociolinguística e o paradigma da gramaticalização são discutidas em Nevalainen e Palander-Collin (2011).

Na interface sociofuncionalista, tem sido considerada a definição de Nichols (1984) para o termo *função/significado*, expandindo-se a definição de variantes de Labov (1978) de “mesmo significado” para “mesma função”, a qual remete ao papel discursivo das variáveis. Assim, não são formas que desempenham funções ou codificam significados, mas é a *função/significado* das formas que é atualizada no contexto (GÖRSKI *et. al.*, 2003, p. 120). Na mesma linha, Hopper (1991) afirma que formas gramaticalizadas mudam seu significado de “proposicional” para “textual”, isto é, “as formas mudam para ter um significado ou função que está relacionada ao texto ou a alguma construção local” (p. 31).

Relativamente à variação das preposições que complementam os verbos de movimento, essas podem ser consideradas camadas de um mesmo domínio funcional<sup>78</sup>: o da “complementação locativa de verbos de movimento”; em outros termos, funcionam como variantes de uma mesma variável, constatação que remete ao *Princípio da Estratificação* em gramaticalização, tal como proposto por Hopper (1991, 1996) e assumido por outros pesquisadores, que mostram a pertinência de estudos na interface Variação/Gramaticalização (NARO; BRAGA, 2000; TAVARES, 2003; GÖRSKI; TAVARES, inédito, WIEDEMER, 2008a; FONSECA, 2010; FERNANDES, 2010 entre outros).

A respeito do foco de cada perspectiva que compõe a interface sociofuncionalista, Görski e Tavares (inédito) assinalam que essa diferença de abordagem se deve às preocupações centrais de cada teoria, que podem ser resumidas do seguinte modo:

#### Quadro 3.4 - Variação e mudança X Gramaticalização

VARIAÇÃO e MUDANÇA → UM SIGNIFICADO E AS DIFERENTES FORMAS QUE O CODIFICAM.

GRAMATICALIZAÇÃO → UMA FORMA QUE DESEMPENHA DIFERENTES FUNÇÕES.

**Fonte:** adaptado de Görski e Tavares (inédito)

<sup>78</sup> O termo ‘domínio funcional’ é tomado no sentido atribuído por Givón (1984), em referência a uma área funcional geral, como as categorias TAM (tempo/aspecto/modalidade), caso, referência etc. Nesse sentido, ‘domínio funcional’ é entendido como um conjunto de elementos unificados funcionalmente, isto é, que desempenham o mesmo ou semelhante papel.

Considerando o quadro acima, a noção laboviana de variável linguística se aproxima da noção de domínio funcional: em termos variacionistas, duas ou mais *variantes* (formas em competição) constituem uma *variável linguística*. Em termos funcionalistas, duas ou mais *camadas* podem coexistir num *domínio funcional*. A passagem a seguir, extraída de Görski e Tavares (inédito), esclarece essa aproximação.

O princípio de estratificação, proposto por Hopper (1991) como uma das maneiras de se diagnosticar a ocorrência da gramaticalização, permite a convergência entre os objetos de estudo variacionista e funcionalista, pois prevê que, dentro de um domínio funcional, emergem continuamente novas camadas para marcar funções que em geral já são marcadas por outras formas, mais antigas no ramo. Se, por conta da gramaticalização, um elemento se torna uma das camadas de um certo domínio, a análise somente será completa se também forem levadas em conta as demais formas que competem com o elemento mais recente, pois são as inter-relações entre todas as camadas que definem os rumos do domínio como um todo e de cada elemento em particular. Aproximando as terminologias das duas abordagens em foco, temos que ‘camadas’ funcionais correspondem a ‘variantes’ sociolinguísticas (GÖRSKI; TAVARES, inédito).

Como vimos, ambas as abordagens preveem a solução da variação. Na Teoria da Variação e Mudança, as regras tendem a se tornar categóricas; na Gramaticalização, situações em que uma função é desempenhada por duas ou mais formas tendem a mudar para uma em que haja correlação entre uma forma e uma função. A variação pode ser solucionada devido à especialização<sup>79</sup> (ou desaparecimento) sofrida por uma ou mais das formas alternantes, como bem esclarecem Görski e Tavares (inédito) na seguinte passagem:

Hopper (1991) prevê a *especialização* como capaz de suavizar ou mesmo extinguir uma situação de estratificação funcional. Uma das camadas sofreria abstração e generalização, passando a se sobrepor às demais. Desse modo, poderia assumir a totalidade ou grande parte dos papéis abarcados pelo domínio, o que levaria à diminuição do uso ou mesmo eliminação das concorrentes. Além da *especialização por generalização*, há também a possibilidade de *especialização por especificação*, em que cada camada adquiriria significados específicos e/ou preponderaria em contextos sociolinguísticos distintos, o que também acarretaria o fim da competição (GÖRSKI; TAVARES, inédito).

---

<sup>79</sup> Segundo Hopper e Traugott (1993, p. 114), as diferenças especializações das formas são manifestadas por preferências textuais, condicionadas por contextos sociolinguísticos.

Tavares (2003, p. 132-134), ao realizar uma síntese de características da interface entre a Sociolinguística e o Funcionalismo, propõe:

[A abordagem] pode ser considerada sociofuncionalista, uma vez que articula pressupostos do funcionalismo (estudo da função, análise de aspectos discursivos e processo mentais, tendências de uso entendidas como reflexo da organização do processo comunicativo, dentre outros) e da sociolinguística (variação, quantificação dos dados de acordo com variáveis sociais e estruturais, motivação social da mudança, dentre outros).

Em nosso estudo, as preposições *a/para/em* são consideradas camadas de um domínio funcional que podemos identificar como “complementação locativa de verbo movimento”; em outros termos, funcionam como variantes de uma mesma variável.

### **Em resumo ...**

O ponto de vista teórico adotado neste trabalho é sociofuncionalista, o que permite congregiar, na análise do fenômeno investigado, a Teoria da Variação e Mudança e o paradigma da Gramaticalização, quadros teóricos que priorizam a língua em uso, cuja natureza dinâmica e heterogênea abriga a variação e a mudança linguística. É com base nessa perspectiva teórica que, na sequência, apresentamos os procedimentos metodológicos da nossa pesquisa.

# CAPÍTULO IV

## METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos empregados no presente trabalho. Na primeira seção, definimos os *corpora* e critérios utilizados para sua composição. Na seção seguinte, destacamos os grupos de fatores controlados na análise das ocorrências dos verbos de movimento e, na sequência, na seção terceira, como se deu nossa análise de dados, com o objetivo de testar a significância dos efeitos dos grupos de fatores sobre o fenômeno variável considerado.

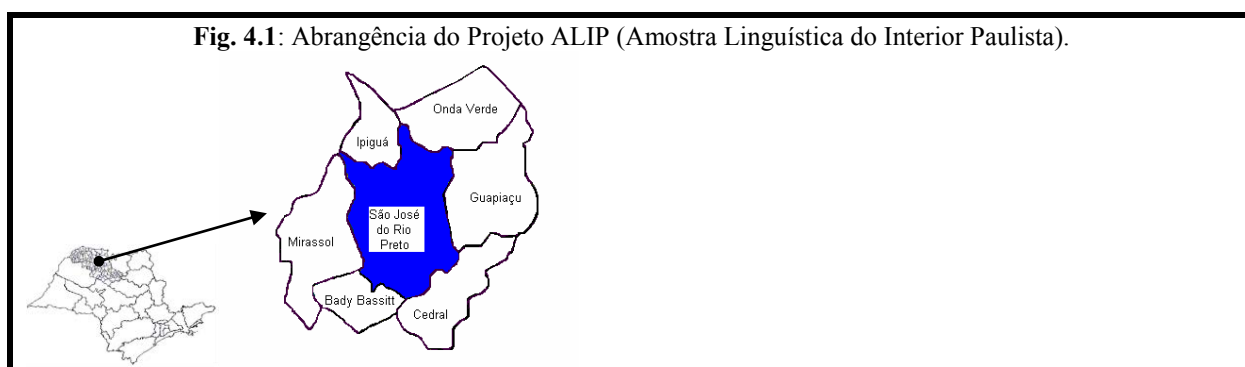
### 1 DEFINIÇÃO DE *CORPORA*

Para o estudo pancrônico a que nos propomos, utilizamos duas amostras: uma amostra sincrônica do PB contemporâneo (século XXI), cuja constituição obedeceu a critérios sociolinguísticos rígidos, e outra amostra diacrônica, constituída de diversos textos escritos da história do português, datados do século XIX. Esse tipo de metodologia, aliar sincronia à diacronia, vem apresentando resultados positivos, conforme se pode constatar em Casseb-Galvão (1999), Mendes (1999), Tavares (2003), Gonçalves (2003), Carvalho (2004), entre outros. Assim, presente e passado são tomados em conjunto para a constituição de um quadro que reflita as relações dinâmicas e fluidas entre formas e funções. O objetivo é o mapeamento e a reconstituição dos aclives de mudança/gramaticalização por que passam as preposições ligadas ao complemento locativo dos verbos de movimento.



### 1.1 Amostra de fala do PB contemporâneo (século XXI)

Os dados que utilizamos para a amostra do PB contemporâneo são provenientes do Banco dos Dados *Iboruna*<sup>80</sup> do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), que tem documentado a variedade do PB falado na região noroeste do Estado de SP, abrangendo sete municípios, São José do Rio Preto e seis cidades que lhe fazem fronteira: Bady Basitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol e Onda Verde (GONÇALVES, 2007, 2008a, 2008b), conforme mapa abaixo.



**Fonte:** Gonçalves (2008b, p.2).

Do banco de dados, selecionamos, para nossa investigação, apenas as gravações que integram a amostra tecnicamente denominada **Amostra Censo** ou **Amostra Comunidade (AC)**,<sup>81</sup> que, obedecendo aos critérios da Sociolinguística laboviana (LABOV, 1972), foi coletada sob rigoroso controle das seguintes variáveis sociais: a) *sexo/gênero* (masculino/feminino); b) *faixa etária*, estratificada em 5 níveis (7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos, + de 55 anos); c) *escolaridade*, estratificada em 4 níveis (1º. ciclo do

<sup>80</sup>«O nome *IBORUNA* (= Rio Preto) tem motivação histórica: é um topônimo de origem tupi-guarani que se pretendeu atribuir à cidade de São José do Rio Preto, por ocasião da comemoração do seu cinquentenário, para diferenciá-la de duas outras cidades homônimas em outros estados. A contundente intervenção do episcopado riopretano não só impediu a mudança como conquistou de maneira definitiva a denominação primitiva, São José do Rio Preto, reduzida a Rio Preto de 1906 a 1944” (GONÇALVES, 2008a, 2008b).

<sup>81</sup> O banco de dados *Iboruna* comporta um segundo tipo de gravação de fala: as gravações que compõem a amostra tecnicamente denominada Amostra de Interação (AI), coletada secretamente em contexto de interação livre, e, portanto, sem controle de variáveis sociais (GONÇALVES, 2008a, b).

EF, 2º. ciclo do EF, Ensino Médio e Ensino Superior); d) *renda familiar*, estratificada em 4 níveis (até 5 SM, 6 a 10 SM, 11 a 25 SM, + 25 SM).

Do cruzamento das variantes de cada nível resultou um total de 152 células, que definiram os perfis sociais contatados na comunidade, conforme quadro 4.1 dado a seguir. Na constituição de AC, as entrevistas com os informantes foram direcionadas para obtenção de cinco tipos de texto de cada informante, com base na metodologia exposta em Votre e Oliveira (1995), a saber: *narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de descrição, relato de procedimento e relato de opinião* (GONÇALVES, 2008a).

**Quadro 4.1. Distribuição e identificação dos informantes da Amostra Censo por variáveis sociais (Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista – Banco de dados Iboruna)<sup>82</sup>**

RENDA/GÊNERO FAIXA ETÁRIA /ESCOLARIDADE		+ 25 SM		11 A 24 SM		6 A 10 SM		ATÉ 5 SM		SUB-TOTAL DE INF.	TOTAL DE INF.
		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM		
7 A 15 ANOS	1o.CEF	001	002	003	004	005	006	007	008	8	24
	2o.CEF	009	010	011	012	013	014	015	016	8	
	ENSINOM	017	018	019	020	021	022	023	024	8	
16 A 25 ANOS	1o.CEF	025	026	027	028	029	030	031	032	8	32
	2o.CEF	033	034	035	036	037	038	039	040	8	
	ENSINOM	041	042	043	044	045	046	047	048	8	
	SUPERIOR	049	050	051	052	053	054	055	056	8	
26 A 35 ANOS	1o.CEF	057	058	059	060	061	062	063	064	8	32
	2o.CEF	065	066	067	068	069	070	071	072	8	
	ENSINOM	073	074	075	076	077	078	079	080	8	
	SUPERIOR	081	082	083	084	085	086	087	088	8	
36 A 55 ANOS	1o.CEF	089	090	091	092	093	094	095	096	8	32
	2o.CEF	097	098	099	100	101	102	103	104	8	
	ENSINOM	105	106	107	108	109	110	111	112	8	
	SUPERIOR	113	114	115	116	117	118	119	120	8	
+ 55 ANOS	1o.CEF	121	122	123	124	125	126	127	128	8	32
	2o.CEF	129	130	131	132	133	134	135	136	8	
	ENSINOM	137	138	139	140	141	142	143	144	8	
	SUPERIOR	145	146	147	148	149	150	151	152	8	
SUB-TOTAL DE INF.	1o.CEF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	152
	2o.CEF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	ENSINOM	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	SUPERIOR	4	4	4	4	4	4	4	4	32	
TOTAL DE INFORMANTES		19	19	19	19	19	19	19	19	152	
		38		38		38		38			
		76				76					

<sup>82</sup> O número em cada uma das células identifica o perfil social de um informante, resultante do cruzamento das variantes sociais.

## 1.2 Amostra de escrita do PB histórico (século XIX)

Na área de estudos linguísticos de variação/mudança, sabe-se que é impossível analisar a variação em tempo real de longa duração com base em registros gravados falados representativos de séculos anteriores ao século 20. Dessa forma, para o empreendimento do fazer histórico, o pesquisador depende, essencialmente, de materiais de natureza escrita.

Labov (1994), ao tratar do uso de dados diacrônicos baseados em *corpora* escritos, é enfático ao mencionar as restrições impostas pela natureza dos dados disponíveis, nos quais o pesquisador tem de se basear para deles fazer o melhor uso em suas análises. Nesse sentido, registros mais próximos da oralidade são mais prováveis de serem encontrados em texto provenientes de peças de teatros, diários e crônicas. Porém, ao adotarmos a visão pancrônica da língua, automaticamente, emerge a questão sempre presente numa investigação diacrônica: como documentos escritos oferecem representatividade e confiabilidade em relação à língua falada da época em que foram escritos? Nesta linha de questionamento, Mendonça (2010, p. 58) comenta que:

se estados pretéritos da lingual(s) analisada(s) estão envolvidos, necessariamente esbarrar-se-á na limitação inerente à área dos estudos diacrônicos e históricos: é necessário que os documentos escritos forneçam pistas gráficas do que se processava na fala, admitindo que os mesmos representam, bem ou mal, o que se falava.

Para responder a esta questão, retomamos a nota feita por Finegan e Biber (2001, p. 266) sobre o assunto: “Existe pouca razão teórica ou empírica para suspeitar que registros escritos sejam produzidos por uma gramática diferente daquela que rege os registros falados”.<sup>83</sup>

Também Mattos e Silva (2008) anota que o ato de escrever, prioritariamente, não é totalmente independente do ato de falar. Silva Neto (1946), ao também tratar do assunto, esclarece que “de certo, a língua escrita não reflete, com perfeição, a linguagem viva de sua

---

<sup>83</sup> Cf. original: “Little theoretical or empirical reason exists to cause suspicion that written registers are produced by a different Grammar from the one that governs spoken registers”.

época, mas, ainda assim, pelo estudo estilístico de cada texto, podemos reconstituir, tanto quanto possível a língua viva de cada fase”. (1946, p. 123-124).

Outra observação importante a ser feita é de que, nos primeiros séculos do PB, o fato de pequena parte da população brasileira ser alfabetizada pode nos levar a supor que os textos escritos nessa época constituem uma tentativa de reprodução do padrão culto da língua. Como estamos tratando de um fenômeno variável manifestado em um ambiente sintático, se encontramos exemplos das formas consideradas não padrão em textos escritos, isso é sinal de que o fenômeno ocorria na fala. Reforçam essa hipótese o processo de recuo da preposição *a* e o aumento da frequência das preposições *para/em* atestados tanto na fala quanto na escrita do PB contemporâneo, com a predominância de *a* mais na escrita que na fala.

Cohen (1998) também faz a mesma afirmação, conforme passagem abaixo:

Cumprir observar, no entanto, que o simples fato de determinado texto ter sido escrito no Brasil não o livra dos vieses da norma lusitana, que ainda atualmente se faz sentir na língua culta brasileira; que a norma escrita era, e ainda é, lusitana, e que qualquer pessoa que escrevesse nos séculos XVIII e XIX estaria, de alguma forma, imbuída dos padrões ensinados pela gramática. Mesmo textos como cartas ou peças de teatro, escritos no Brasil, por escritores brasileiros, não estariam livres desse viés (conforme FÁVERO, 1996). Por causa de todas essas questões, é que se impõe a descrição e o consequente conhecimento da língua portuguesa escrita no Brasil nos séculos passados, apesar dos vieses da norma lusitana nela presentes.

Além desses cuidados, descartamos a separação discreta entre fala e escrita, e nos aproximamos da visão que aborda diferenças entre essas modalidades em termos de um contínuo tipológico, conforme Marcuschi (2001). Com isso, optamos por selecionar dois tipos de textos para compor nosso *corpus* diacrônico: peças de teatro e textos diversos (coletânea de artigos, relatório, crônica, cartas<sup>84</sup>, discurso).

---

<sup>84</sup> Segundo Berlinck et al. (2008, p. 191), “um texto produzido em situações reais, por falantes que desejam se comunicar, com um caráter interativo (uma espécie de “diálogo”), em que a presença do receptor está constantemente marcada no texto”.

Destacamos que estamos considerando os apontamentos de Esperança Cardeira (2005, 2009) e Ivo Castro (2006), que consideram ser mais interessante e próximo da verdade repartir a história do português em dois ciclos ou movimentos sucessivos de crescimento. O primeiro é o ciclo de *formação da língua* (séculos IX a XV), em que a língua acompanha o movimento da Reconquista, virando-se para sul de Portugal. O segundo ciclo, da *expansão da língua*, correspondente ao período de descobrimentos, quando o português se consolida em Portugal e se instala fora da Europa, caso em especial, no Brasil, época denominada por Esperança Cardeira (2005, 2009) de Português Médio, e define que “o português médio é um período, relativamente curto, em que se registram mudanças que anunciam, já, o português que hoje falamos” (CARDEIRA, 2009, p. 108).

Ainda sobre o assunto, Mattos e Silva (2008) comenta que, até meados do século XVIII, o território brasileiro é marcado por um multilinguismo influenciado pelas línguas africanas e indígenas, e que somente a partir da metade desse século se inicia, no Brasil, uma língua nacional, pensamento compartilhado por Teysier (1982). Posição diferente é defendida por Tarallo (1993), que defende que a constituição da gramática brasileira se dá do século XIX para o século XX. Dessa forma, decidimos considerar o século XIX como limite de recuo diacrônico de nossa investigação.

Cientes da problemática envolvente na pesquisa diacrônica, nosso *corpus* diacrônico, então, é composto por dois *corpora* de textos escritos de gêneros discursivos variados. A opção por esses gêneros deve-se à busca de uma aproximação, em certa medida, da representação da fala na escrita. Representamos, abaixo, nosso *corpus*.

*Corpus Diacrônico do Português*<sup>85</sup>, constituído por um banco de textos informatizados que reúne material representativo dos séculos XIII ao XX. Para nossa amostra, utilizamos apenas os textos provenientes do século XIX, a saber:

- a) **A Ideia Republicana no Pará**. Coletânea de artigos publicados no Diário de Notícias, do Pará, em 1988. Organizados por Lauro Sodré in: *Crenças e Opiniões*. Belém: Typographia do Diário Oficial, 1896. [19IRP]
- b) **Relatório de viagem exploradora de Matto-Grosso ao Pará pelo rio Xingu**, apresentado ao Ministro da Guerra, em 1885, pelo então Capitão Francisco de Paula Castro. Revista O Arquivo, vol. I. Cuiabá: Fundação Júlio Campos, 1904. [19RV]
- c) **Chrônica Geral e Minuciosa do Império do Brazil**. Desde a descoberta do Novo Mundo ou América até o anno de 1879. Pelo Dr. Mello Moraes (A.J. de). Rio de Janeiro: Dias da Silva Júnior, Typographo-editor, 1879. [19CGM]
- d) **Cartas de Antero de Quental** com um prólogo<sup>86</sup> de Teixeira de Carvalho. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1887 [1921]. [19CAQ]
- e) **Relatório da Repartição dos Negócios da Guerra**, apresentado à Assembleia Geral Legislativa, em 14 de janeiro de 1843, pelo respectivo Ministro e Secretário do Estado José Clemente Pereira. Rio de Janeiro: Na Typographia Nacional, 1845. [19RNG]
- f) **Discurso recitado pelo Exmo Presidente Miguel de Souza Mello e Alvim**, no dia 07 de janeiro de 1842, por ocasião da abertura da Assembleia Legislativa da Província de São Paulo. São Paulo: Typographia Imperial de Silva Sobral, 1812. [19DMA]

*Corpus do Grupo de Morfologia Histórica do Português*<sup>87</sup>, constituído de obras da literatura de língua portuguesa, que estão organizadas por séculos (medievais, XVI ao XX). O *corpus* é vinculado à Universidade de São Paulo (USP), sob a coordenação do Professor Dr. Mário Eduardo Viaro. Para o século XIX, utilizamos os seguintes textos, na sua maioria peças de teatro:

- a) **Artur de Azevedo**. *A almanjarra. A pele de lobo. Amor por anexins. Entre a missa e o almoço. O liberato.*
- b) **França Junior**. *A lotação dos bondes. Amor com amor se paga. As doutoras. Caiu o mistério. Como se fazia um deputado. Direito por linhas tortas. Dois proveitos em um saco. Entrei para o clube. Ingleses na costa. Maldita parentela. Meia hora de cinismo. O defeito de família. O tipo brasileiro. Tipos de atualidade.*
- c) **Joaquim Manoel de Macedo**. *Amor e pátria. O primo da Califórnia.*
- d) **Martins Pena**. *A família e a festa da roça. As casas solteiras. As desgraças de uma criança. Comédia sem título. O caixeiro da taverna. O cigano. O diletante. O jogo de prendas. O*

<sup>85</sup> Disponível em <<http://www.cdp.ibilce.unesp.br/>> (Acesso em fev. 2013). O banco informatizado de textos diacrônicos disponível nesse site da UNESP de São José do Rio Preto é de responsabilidade da Profa. Dra. Sanderléia Thomazzi.

<sup>86</sup> É importante esclarecer que mantivemos aqui as informações extraídas do site. Nessa amostra, em particular, o objeto de registro no *corpus* é o “Prólogo de Teixeira de Carvalho” e não as “Cartas de Antero de Quental”.

<sup>87</sup> Disponível em <[www.usp.br/gmhp/corp.html](http://www.usp.br/gmhp/corp.html)> (Acesso em fev. 2013). O banco informatizado de textos diacrônicos disponível nesse site da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) é de responsabilidade do Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro. O banco de dados não fornece as datas de publicação de cada peça de teatro.

*Judas em sábado de aleluia. O juiz de paz da roça. O namorador e a noite de São João. O noviço. O usuário. Os ciúmes de um pedestre. Os dous e o inglês maquinista. Os irmãos das almas. Os meirinhos. Os três médicos. Quem casa quer casa. Um sertanejo na corte.*

- e) **Qorpo Santo.** *As relações naturais. Certa identidade em busca de outra. Eu sou a vida, eu sou a morte. Hoje sou um e amanhã outro. Lanterna de fogo. Mateus e Mateusa. Um assovio. Um credor da fazenda nacional. Um parto.*

## 2 CONTEXTOS VARIÁVEIS

Após a coleta, os dados foram codificados de acordo com um conjunto de variáveis independentes (ou grupo de fatores), linguísticas e extralinguísticas. Segue, abaixo, a explicitação das variáveis que foram utilizadas no presente trabalho.

### 2.1 Variável dependente

A variável dependente é ternária e compõe-se das preposições de complemento dos verbos de movimento: *a*, *para* e *em*, sem distinção de usos variantes da preposição *para* (*para*, *pra*, *pa*) e também da preposição *em* nas amostras de fala (*em* e *ne*, realizado como “ni”).

Variante 1: Preposição *a*.

- (a) *...eu autorizei ele **foi ao banhe(i)ro...** até ele demorô(u) muito pra í(r) ao banhe(i)ro..*  
[AC-088; NE: L. 69]

- (b) *...o meio... meio diferente assim... éh:... pra até **chegá(r) à classe tem uma escada imsesa...são oitenta...***  
[AC-018; DE: L. 78]

Variante 2: Preposição *para*.

- (c) *...uma pessoa da família foi tentá(r) **levá(r) o cavalo... pro sítio...** junto com o(u)tros...*  
[AC-84; DE: L. 123-124]
- (d) *...ela vai fazê(r) quatorze anos... aí é/ elas **vão pra festa do biscoito né?***  
[AC-001; DE: L.144]

Variante 3: Preposição em.

- (e) ... a gente *foi lá no:: na casa d'um amigo do meu primo d'um amigo nosso sei lá...*

[AC-001; NE: L. 47]

- (f) ... a muito de cavalgada... o amigo dele chamô(u) pra saí(r) em/ em *Bálsamo* numa cavalgada lá que ia tê(r)...

[AC-112; NR: L. 120-121]

## 2.2 Variáveis independentes

### 2.2.1 Grupo de fatores extralinguísticos

Após revisarmos os estudos de cunho sociolinguístico, controlamos, nesta pesquisa, as variáveis extralinguísticas apresentadas a seguir (faixa etária, sexo/gênero, escolaridade) para a amostra de fala (amostra sincrônica).

#### 2.2.1.1 Faixa etária

Desde o trabalho pioneiro de Labov (1972), em *Martha's Vineyard*, o qual comprovou a relevância da variável idade no fenômeno de variação, diversos trabalhos de cunho sociolinguístico foram empreendidos na verificação dessa variável. A utilização dessa estratificação se baseia no conceito de *mudança em tempo aparente* e na hipótese de que se pode detectar mudanças linguísticas em progresso através da comparação da fala de pessoas de diferentes idades, integrantes de uma mesma comunidade de fala (LABOV, 2001). Sobre isso, Naro (2003) esclarece que um grupo de falantes mais velhos tende a preservar as formas mais antigas, enquanto o grupo de falantes mais jovens tende a buscar formas mais atuais, inovadoras. Controlamos o grupo de fator idade, obedecendo à segmentação proposta na composição do banco de dados Iboruna.



- a. de 7 a 15 anos
- b. de 16 a 25 anos
- c. de 26 a 35 anos
- d. de 36 a 55 anos
- e. mais de 55 anos.

A divisão em cinco faixas etárias permite-nos diferenciar variantes em retração ou difusão, em que normalmente se verifica um padrão de curva ascendente ou descendente, e variantes de variáveis estáveis, em que normalmente se observa um padrão de curva em “U”.

### 2.2.1.2 Sexo/gênero

Dentre as variáveis sociais, a pesquisa sociolinguística já demonstrou que as mulheres usam variantes menos estigmatizadas mais frequentemente do que os homens em um mesmo grupo social, nas mesmas circunstâncias (ECKERT, 1989, CHAMBERS 1992, 1995). Labov (1972, p. 243) também afirma que “as mulheres estão claramente mais preocupadas com a pressão exercida pelas normas locais e afirmam seu status dentro da [...] estrutura social”.<sup>88</sup> Paiva (2003), sobre esse mesmo assunto, diz que “não raro, as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens” (p. 36). Controlamos as seguintes variáveis:

- a. masculino
- b. feminino.

De forma geral, pesquisas no campo sociolinguístico apontam as seguintes correlações esperadas: (i) nas sociedades ocidentais, a frequência de variantes prestigiadas ou avaliadas positivamente pela comunidade de fala é maior na fala das mulheres; (ii) nas mudanças linguísticas “de baixo”, as mulheres podem se revelar mais conservadoras, e nas mudanças “de cima”, tendem a se revelar mais inovadoras (GUY, 1990; LABOV, 2001).

---

<sup>88</sup> Cf. original: “females are clearly more concerned with pressure exerted by local norms and asserting their status within the [...] social structure”.

### 2.2.1.3 Escolaridade

Segundo Oliveira, Silva e Scherre (1996), a escolarização tem efeito sobre o uso da forma padrão. Sobre a relevância da escolaridade, Votre (2003, p. 51) comenta:

A observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável de escolarização, ou a escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança.

Também de modo indireto, essa variável tem sido empregada na avaliação da classe social do falante (RODRIGUES, 2009). Nesta pesquisa, controlamos as seguintes variáveis, pressupondo que, quanto mais alto o grau de escolarização do falante, maior a tendência de emprego da regra prevista pela norma padrão:

- a. até 4 anos
- b. de 5 a 8 anos
- c. de 8 a 11 anos
- d. superior

## 2.2.2 Grupo de fatores linguísticos

### 2.2.2.1 Tipo de verbo

Por meio dessa variável, buscamos verificar o comportamento dos verbos abaixo em relação à seleção das preposições. Esse controle baseia-se em um conceito fundamental na abordagem quantitativa que é o “princípio da responsabilidade” (LABOV, 1972, p. 72), segundo o qual é necessário contar o número de ocorrências (*tokens*) de todos os tipos (*types*) relevantes nos subsistemas da gramática; esse procedimento tem como alvo de investigação não apenas a variante de interesse. Nesta pesquisa, investigamos os seguintes verbos de movimento que regem preposição:

- a. caminhar
- b. chegar
- c. entrar
- d. ir
- e. levar
- f. mudar
- g. partir
- h. sair
- i. voltar

### 2.2.2.2 Configuração do complemento locativo/ponto de referência

Como mostrado em vários trabalhos (MOLLICA, 1996; PEREIRA, 1998, 2004; VALO, 2004; WIEDEMER, 2008a entre outros), as características do locativo se mostram relevantes para o uso alternado das preposições em estudo. Na definição desse contexto variável, procuramos detalhar a configuração do espaço, com a finalidade de captar diferenças sutis e detectar eventuais contextos condicionantes, bem como contextos de especialização das preposições. Assim, em relação ao complemento locativo/ponto de referência, caracterizamos o que podemos chamar de “configuração do espaço”, definida por diferentes propriedades semânticas que, conjuntamente, configuram os espaços que compõem as situações representadas pelos complementos dos verbos de movimento. Essas propriedades são controladas a partir da identificação dos fatores semântico-discursivos que compõem a variável *Configuração do complemento locativo/ponto de referência*.

Aqui é pertinente destacar que o uso da preposição *ad* (a), que surge no latim clássico, já mostra certa variação, pois essa preposição podia ser usada tanto com objetos animados como inanimados, sendo que, com objetos animados, *ad* atribui proeminência ao objeto, indicando o ponto a que a ação se dirige. Como a maioria dos locativos aqui controlados é de ordem *inanimada*, preferimos refinar os fatores para diferenciarmos os tipos de locativos, o que resultou nas variantes abaixo apresentadas:

- a. [objeto]: remete a objetos sem nomes definidos. Exemplos: *cadeira, arquibancada*.
- b. [instituição]: remete a nomes definidos de lugares. Exemplo: *UNESP*.
- c. [instituição personificada]: remete tanto à personificação de instituição (médico = consultório) quanto à personificação de lugar (sogra = casa da sogra).
- d. [evento]: refere-se a eventos que ocorrem em certos lugares. Exemplos: *missa, futebol, festa*.
- e. [espaço sócio-geográfico]: designa lugares geograficamente definidos. Exemplos: *Paraguai*.
- f. [lugar]: remete a ponto de referência definido espacialmente. Exemplos: *centro, interior*.

### 2.2.2.3 Concretude do movimento

Acreditamos que a diminuição da preposição *a*, considerando a escala de gramaticalização (do mais concreto ao abstrato), está relacionada à expansão do sentido mais abstrato dessa preposição. Dessa forma, deveríamos esperar que ela ocorresse em contextos em que o movimento fosse [-concreto], e mais metafórico.

Considera-se uma dada situação de movimento concreta quando o verbo envolvido expressa seu sentido básico de movimento para algum lugar. Os demais casos são analisados como movimento não-concreto.

- a. [movimento concreto]

*... eu autorizei ele **foi ao banhe(i)ro**... até ele demorô(u) muito pra í(r) **ao banhe(i)ro**...*

[AC-088; NE: L. 69]

- b. [movimento não-concreto]

*....tem que tê(r) uma companhia boa... porque:: se **fô(r) pa í(r) po mau caminho** eu acho que hoje tem um...*

[AC-071; NR: 1.115-116]

### 2.2.2.4 Definitude do locativo

Entendemos como [+ definido] o ponto de referência conhecido do falante e do ouvinte, facilmente identificável, enquanto [-definido] como o ponto de referência vago, impreciso, pouco identificável pelo falante e/ou ouvinte. Conforme já avaliado em Wiedemer (2008a), diferentemente de Mollica (1996) e de Ribeiro (1996, 2008), que trataram essa

variável como escalar e composta por fatores semânticos e formais, optamos por isolar os traços semântico-discursivos centrando neles a nossa atenção. As informações de ordem formal podem nos auxiliar na identificação da definitude do locativo, como, por exemplo, referentes [- definido] podem vir precedidos de artigos indefinidos, pronomes indefinidos, enquanto os [+ definido] podem ser precedidos de artigo definido, pronomes possessivos e demonstrativos, mas não necessariamente, como mostra a ocorrência em (b), abaixo.

a. [+definido]

*...ei no CEASA muito tempo... me aposentei... e hoje **voltei pra minha cidade** eu tenho meus filho... Não me ca..*

[AC-142; NE: L.11-12]

b. [-definido]

*..tem um compro/ compromisso... então:.... quando **chega na reunião** a pessoa já fala –“ah eu vi a senhora...*

[AC-152; NE: L. 88]

### 2.2.2.5 Pessoa do discurso

Em diversas pesquisas sociolinguísticas, a análise dos fatores linguísticos apontou a pertinência de grupos de fatores ligados ao locativo que antecede a preposição, como, por exemplo, “*configuração do espaço*”, “*grau de definitude*” do referente, ou a atribuição do traço *permanência*; outros fatores, pouco considerados, dizem respeito à interação da expressão locativa com outros constituintes da sentença. Assim, a composicionalidade de uma sentença aponta para a importância de ter de se considerar a presença de outros constituintes oracionais na configuração da expressão locativa. Sobre isso, Wiedemer (2008a) mostra a pertinência do controle da variável *pessoa do discurso* e, motivados por esses resultados, mantivemos o controle dessa variável, sem distinção de referência específica e genérica no uso das pessoas do discurso.

a. [Primeira pessoa (eu, nós) – P1]

... *marido chega tipo se::te sete e me::ia... inclusive HOje... hora que eu sai(r) do meu serviço... **eu vô(u) chegá(r) em casa e hoje e num vai dá(r)**...*

[AC-032; DE: L.148-149]

b. [Segundo pessoa (tu, você, vós) – P2]

...*tem o banhe(i)ro... naQUEle quarto... **você voltan(d)o à sala e indo pra cozinha você tem uma cozinha**...*

[AC-117; DE: L. 276-277]

c. [Terceira pessoa (ele, eles) – P3]

...*ela vai fazê(r) quatorze anos... aí é/ **elas vão pra festa do biscoitoné?**...*

[AC-001; DE: L.144]

d. [a gente]

... *aí a gente... quan/ a gen/ fomo(s) lá pra::...**a gente foi lá no:: na casa d'um amigodo meu primo d'um amigo nosso sei lá**...*

[AC-001; NE: L. 46-47]

No quadro abaixo, encontra-se um resumo das variáveis investigadas.

**Quadro 4.2. Resumo das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas**

Variáveis Sociais	Variáveis linguísticas
<b>Faixa etária</b> 7 a 15 anos 16 a 25 anos 26 a 35 anos 36 a 55 anos mais de 55 anos	<b>Configuração do complemento locativo/ponto de referência</b> [lugar] [objeto] [instituição] [instituição personificada] [evento] [espaço sócio-geográfico]
<b>Sexo</b> Masculino Feminino	<b>Movimento</b> [movimento concreto] [movimento não-concreto]
<b>Escolaridade</b> até 4 anos de 5 a 8 anos de 8 a 11 anos superior	<b>Definitude</b> [+definido] [-definido]
	<b>Pessoa do discurso</b> P1, P2, P3, a gente

### 3 APLICAÇÃO DO CRITÉRIO DE FREQUÊNCIA

O papel dos efeitos da frequência na difusão de fenômenos linguísticos variáveis tem sido objeto de diversos estudos na literatura linguística. Sobre o assunto, Bybee (2002, 2003)

argumenta que a mudança está sujeita a um padrão de difusão lexical e tende a ocorrer primeiro em itens de alta frequência lexical, espalhando-se depois para os menos frequentes.<sup>89</sup> Considerando essa afirmação, o controle da frequência do item se dá por meio do seguinte procedimento:

- i) análise da frequência total do item (*token*) em cada período analisado;
- ii) análise da frequência do item em relação à função/significado do complemento locativo em relação ao total das ocorrências do item (*type*);
- iii) análise da frequência dos fatores linguísticos, em cada período analisado.

A aplicação desse critério nos permitirá verificar:

- i) se a frequência *token* do item aumenta ou diminui ao longo dos períodos analisados;
- ii) se a frequência do item *type* aumenta ou diminui ao longo do período, em função de sua generalização;
- (iii) a visualização da abstração do item ao longo do período.

#### 4 TRATAMENTO QUANTITATIVO E ANÁLISE DE DADOS

Para o tratamento quantitativo, utilizamos o pacote estatístico *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE e SMITH, 2005), versão para ambiente *Windows*, que fornece os percentuais e peso relativos (PR) associados a cada variável independente testada, de modo a permitir o estabelecimento de correlações entre os diversos fatores controlados, caracterizando os diferentes contextos de uso das variantes analisadas. Sankoff (1988, p. 2-6)

---

<sup>89</sup>Bybee (2002), analisando dados da língua inglesa, argumenta, por exemplo, que tempos passado e participio tendem a ocorrer antes de palavras que iniciam com uma vogal, ou em contextos que desfavoreçam a redução.

comenta que esse programa é uma ferramenta estatística para a modelagem do efeito de múltiplos fatores de uma regra variável, também conhecida como análise multivariada.<sup>90</sup>

Uma vez codificados os dados em conformidade com os grupos de fatores que acabamos de apresentar, procedemos, então, à utilização do programa estatístico *GoldVarb X*. Como a variável em estudo é ternária, foram realizadas rodadas binárias, para cada um dos verbos, em que escolhemos como ‘aplicação da regra’ a variante *a*, versus *para/em*. Depois, elegemos *para* versus *a/em*, e, por fim, *em* versus *a/para*.<sup>91</sup> Obtivemos, assim, resultados que permitem um olhar comparativo entre as três preposições e os respectivos condicionadores.

Os resultados são apresentados na forma de frequências de distribuição no cruzamento da variável dependente (cujas formas variantes são as preposições) com as variáveis independentes, e de pesos relativos, que constituem índices de aplicação de determinada variante em um dado contexto. O valor do peso relativo pode variar entre 0 e 1, com valores próximos de zero indicando contextos de desfavorecimento da aplicação da regra preestabelecida, e valores próximos de 1, significando o contexto que mais favorece a aplicação da regra. Note-se, porém, que os valores dos pesos relativos não devem ser interpretados de forma absoluta, e sim relativizados (como a própria denominação sugere) dentro de cada grupo. O programa *GoldVarb X*<sup>92</sup> utiliza um modelo de interação entre as variáveis, selecionando, ao final da análise, aquelas mais relevantes e excluindo as que não se mostrarem significativas, baseando-se em cálculos de *chi-quadrado* e *log-likelihood*. Com isso, o programa possibilita ao analista três tipos de evidências que podem ser usados para

---

<sup>90</sup> Este tipo de análise permite ao analista “separar, quantificar, e testar a significância dos efeitos dos fatores ambientais sobre uma variável linguística” (GUY, 1993, p. 237).

<sup>91</sup> Por exemplo, para o verbo *ir*, foram realizadas três rodadas: *a x para/em*; *para x a/em*; *em x a/para*. Assim, para cada preposição, como fator de aplicação, é possível extrair *frequência*, *peso relativo* e *significância* em relação às variáveis independentes controladas. Tal procedimento permite comparar os pesos relativos (PR) das variantes de um dado grupo de fator para cada uma das preposições analisadas individualmente e também os PRs que se destacam para cada uma das preposições, analisadas uma em relação às outras.

<sup>92</sup> Disponível em: [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm).



interpretar uma análise de regra variável (POPLACK e TAGLIAMONTE, 2001, p. 92, TAGLIAMONTE, 2002, p. 731):

a) *significância estatística*: o programa avalia os fatores que são estatisticamente significantes e os que não estão ao nível de 0,05 de significância;

b) *restrição de ranking*: representa a hierarquia dos fatores dentro do grupo de fatores. Em essência, “esta é a ‘gramática’ que subjaz às manifestações superficiais variáveis”<sup>93</sup> (POPLACK e TAGLIAMONTE, 2001, p. 94, TAGLIAMONTE, 2007, p. 203);

c) *peso relativo*: permite a interpretação do peso relativo (*força*) de cada fator dentro de um grupo de fatores e a consequente ordem de seleção de fatores na restrição de ranking.

Dessa forma, este tipo de análise permite que se encontrem as escolhas recorrentes que são tomadas para representar a gramática subjacente à variável do indivíduo, ou seja, o discurso da comunidade de fala à qual ele pertence (TAGLIAMONTE, 2007).

---

<sup>93</sup> Cf. original: “this is the “grammar” underlying the variable surface manifestations”.

# CAPÍTULO V

## RESULTADOS DA AMOSTRA DE FALA DO PB CONTEMPORÂNEO (SÉCULO XXI)

Neste capítulo, na primeira seção, apresentamos um panorama sincrônico do uso das preposições que introduzem complementos dos verbos de movimento *caminhar, chegar, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair, voltar*, na fala de São José do Rio Preto, com o objetivo de verificar quais desses verbos admitem variação de preposição. Na sequência, mapeamos as situações de estratificação/variação, avaliando os contextos variáveis no uso das preposições que complementam os verbos *entrar, ir, levar* e *voltar*. Na seção seguinte, nossos resultados são comparados aos de outros autores que tratam da mesma temática. Como última seção, aplicamos a abordagem tipológica e conceptual de Lehmann (1992) aos resultados alcançados para o PB, buscando evidenciar um quadro conceptual para as preposições que complementam os verbos de movimento.

### 1 PANORAMA SINCRÔNICO DO USO DAS PREPOSIÇÕES DE COMPLEMENTOS DE VERBOS DE MOVIMENTO NA FALA DO INTERIOR PAULISTA

De início, procuramos determinar a frequência de uso de preposição que complementa os verbos de movimento *caminhar, chegar, entrar, ir, levar, mudar, partir, sair, voltar*, buscando avaliar, no *corpus* Iboruna, a produtividade das formas de modo a se ter um panorama de ocorrências segundo o verbo de movimento. Assim, delineamos a sistematicidade de uso dessas preposições, bem como demonstramos quais verbos apresentam algum padrão de variação na complementação locativa. Os resultados obtidos com a tabulação dos dados recolhidos são observados na tabela 5.1, abaixo.

Tabela 5.1 - Distribuição do uso das preposições segundo o verbo de movimento na amostra *Iboruna*

Preposições Verbo	A		PARA		EM		POR		ATÉ		DE		TOTAL
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
<b>Caminhar</b>	-	-	2	25	3	37,5	1	12,5	2	25	-	-	8
<b>Chegar</b>	7	2,35	2	0,675	276	93,25	-	-	2	0,675	9	3,05	296
<b>Entrar</b>	-	-	13	7,5	154	89,5	5	3	-	-	-	-	172
<b>Ir</b>	19	3,05	299	44,85	270	49,85	1	0,2	13	2,05	-	-	602
<b>Levar</b>	23	12,15	88	46,55	70	37	-	-	8	4,3	-	-	189
<b>Mudar</b>	-	-	24	100	-	-	-	-	-	-	-	-	24
<b>Partir</b>	-	-	8	100	-	-	-	-	-	-	-	-	8
<b>Sair</b>	-	-	5	6,05	10	12,20	1	1,25	-	-	66	80,50	82
<b>Voltar</b>	5	6,10	57	68,70	13	15,65	-	-	-	-	8	9,55	83
<b>TOTAL</b>	<b>54</b>		<b>498</b>		<b>796</b>		<b>8</b>		<b>25</b>		<b>83</b>		<b>1464</b>

A primeira observação a considerar é a desproporção em relação ao número de ocorrências das preposições de um verbo e de outro. Dos verbos investigados, na Tabela 5.1, encontramos quatro verbos (*chegar, ir, levar e voltar*) em que a preposição *a* ocorre como complemento, com um total de 54 ocorrências da amostra investigada. Vejamos algumas ocorrências em (5.1a-e) de uso dessa preposição.

(5.1)

(a) *pra até chegá(r) à classe tem uma escada imsesa...são oitenta...*

[AC-018; DE: L. 78]

(b) *a hora que ela chegô::(u) à:: a:: uma cidade aqui perto assim ela:: vi...*

[AC-087; NR: L. 161]

(c) *...eu autorizei ele foi ao banhe(i)ro... até ele demorô(u) muito pra í(r) ao banhe(i)ro...*

[AC-088; NE: L. 69]

(d) *... então a gente cozinha toda a:: lasanha... e:: depois dela cozida... aí então põe numa:: numa travessa grande de vidro destes éh:: vidro pra::... que possa levá(r) ao forno...*

[AC-127; RP: L. 121-123]

(e) *.....eu tava com contração pediu pra mim í(r) pra ca::sa... tomá::(r) uns remédio e fica(r) marcan(d)o de quanto tempo tinha a contração... e voltá(r) ao consultório dele uma hora... aí quando foi...*

[AC-078; NE: L. 30-31]

Esse resultado impede-nos de admitir na comunidade de fala do interior de São Paulo a existência de uma regra categórica de não utilização da preposição *a*. É esperado que apareçam dados dessa preposição na língua falada, apesar de poucos, por causa de sua presença mais frequente na língua escrita. Por outro lado, também não podemos afirmar que estamos diante de uma regra variável, já que o percentual de ocorrências de *para* é categórico com os verbos *mudar* e *partir*, conforme os dados da tabela acima. Aqui, cabe uma decisão do pesquisador: a) admitir que os dados são suficientes para afirmar que se trata de um caso de variação; ou b) acreditar que essa baixa incidência retrata, na verdade, uma regra categórica. Ao analisar os tipos de regras linguísticas, Labov (2003) apresenta uma solução para esse impasse da produtividade das variantes de variável, apresentando três tipos de regras linguística: categórica (100% de aplicação), semi-categórica (95 a 99% de aplicação), com certas violações passíveis de interpretação, e variável (5 a 95% de aplicação).

Como se observa, os resultados para alguns verbos apresentaram pouca variação, o que, provavelmente, se deve à semântica do próprio verbo ou mesmo ao gênero discursivo que compõe as amostras do banco de dados Iboruna. Por exemplo, o verbo *chegar* não é o processo de deslocamento, mas o seu fim, e a preposição que parece marcar esse significado é a preposição *em*.

Conforme evidenciamos na tabela 5.1, ocorrem apenas duas ocorrências da preposição *para* como complemento do verbo *chegar*, porém associadas ao complemento locativo [*evento*], conforme (5.2a), ou seja, casos de complementos mais metafóricos, que parecem favorecer o aparecimento dessa preposição. Porém localizamos na amostra, que a abstratização de sentido (processo metafórico) associa-se mais à preposição *a*, conforme (5.2b). Acreditamos que o resultado desse uso da preposição *a*, neste contexto, com o verbo *chegar*, deve-se a confluência de duas motivações: a primeira, a própria semântica desse verbo,

conforme já referimos, e a segunda é que o uso dessa preposição mantém no seu significado básico, que é recuperado diacronicamente, a função de reger o objeto, e conforme Pereira (1916), no latim clássico, podia ser usada com objetos tanto animados quanto inanimados. No caso de (5.2b) podemos representar o referente “conclusão” como um “estado”, ou seja, ponto de referência “inanimado”.

(5.2)

(a) ..já tinha uma reunião marcada e que ela:::... **tinha chegado pra reunião...**

[AC-088; NR: L.185-186]

(b) e minha mãe... aí ela conversô(u) com meu pa::i... acabaram... **chegan(d)o à conclusão** aí de levá(r) o:::... o:::... jogo mas...

[AC-053; NR: L. 165-166]

Além disso, alguns usos da preposição *a*, com o verbo *chegar*, *levar* e *ir*, ocorrem quando o complemento é um [*objeto*]. Vejamos os contextos (5.3a-c). Discutiremos esse grupo de fator, na seção seguinte.

(5.3)

(a) ..despejo esse creme co/ vai ao/ **vai a gelade(i)ra...** aí eu de(i)xo lá na geladeira...

[AC-038; RP: L. 236-237]

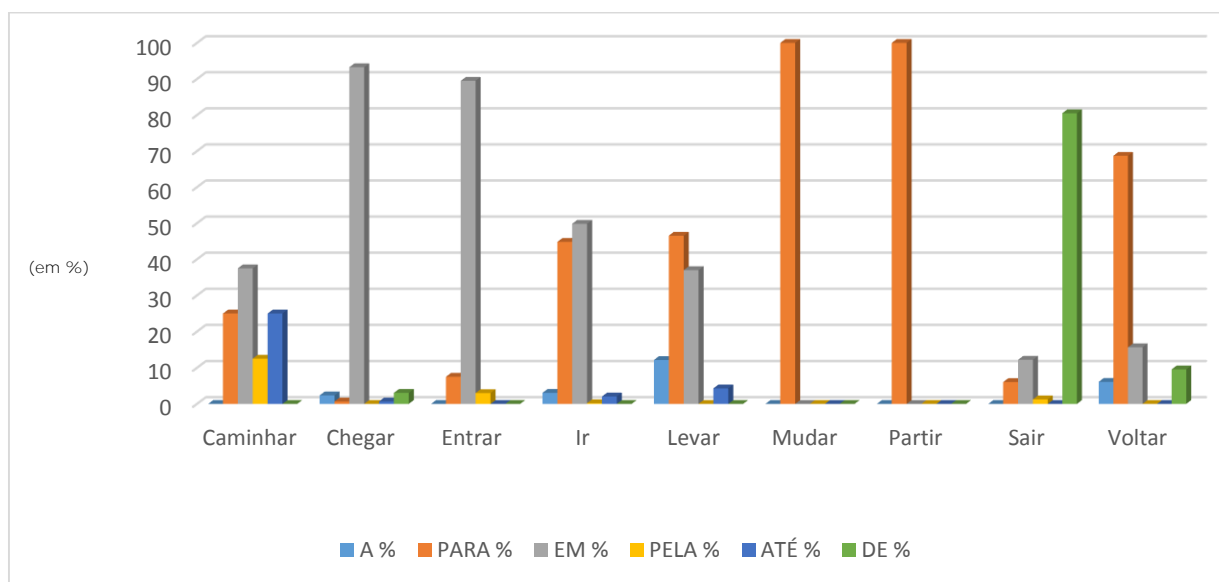
(b) ... despeja a massa... e **vai ao forno** quente que já... o forno já foi ligado...

[AC-150; RP: L. 379-380]

(c) depois di::sso passa no granulado **leva à gelade::(i)ra** e espera ele gelá(r)...

[AC-044; RP: L. 192-193]

Consideremos, agora, o gráfico (5.1), abaixo, em que procuramos comparar as frequências de ocorrências das preposições com o objetivo de evidenciarmos um cenário mais objetivo de usos.



**Gráfico 5.1 – Comparação entre as frequências de usos das preposições associadas a verbos de movimento na amostra *Iboruna***

A partir desses dados iniciais, sem considerarmos, neste momento, nenhuma variável associada ao uso das preposições, evidenciamos uma maior ocorrência das preposições *para* e *em*, em relação à preposição *a*, no que concerne aos verbos *ir*, *levar* e *voltar*. Esse resultado inicial abaliza o processo em curso de recuo de uso da preposição *a* relacionada ao verbo *ir* na comunidade de fala do interior paulista, o que coaduna com os resultados de outras pesquisas, conforme evidenciamos em nossa revisão da literatura. Além disso, o uso da preposição *para* confirma seu estatuto mais genérico, pois pode complementar todos os verbos aqui analisados, e não sofre restrição sintática ou semântica nesta seleção. Já a preposição *em*, apesar de recorrente, com alguns verbos, como *caminhar* e *entrar*, não está associada ao ponto de trajetória final, mas sim ao estatuto sintático de seleção de determinada preposição.

Já para os verbos *entrar* e *sair*, os resultados apontam, em primeiro lugar, para o início da variação/mudança na indicação de complemento, e em segundo, para uma maior generalização de uso da preposição *para*, o que coaduna com o princípio posto por Weinreich, Labov e Herzog (1968), em que algumas mudanças iniciais estão abaixo do nível de representações sociais, e os falantes não as percebem. Aqui, é importante frisar que uma determinada variante, no caso a preposição *para*, que é usada com outros verbos, pode influenciar a implementação em outros contextos, como no caso dos verbos *entrar* e *sair*, e ser aceita pela comunidade de fala, caso da comunidade do interior paulista.

Os demais verbos pesquisados não evidenciaram um padrão de variação ou mudança. Na sequência, passamos a apresentar os resultados e a análise concernentes a cada verbo e as preposições que eles selecionam.

### 1.1 Verbo *partir*

O verbo *partir* apresentou somente oito ocorrências de uso de preposições, sendo todas com a preposição *para*. Dessas, apenas duas ocorrências estão acompanhadas de complemento preposicional, sendo: *[lugar]*, em (5.4a), e *[lugar/evento]* em (5.4b), e as demais indicam usos mais abstratos do complemento locativo, conforme exemplo em (5.4c). Além desses usos, também encontramos usos do verbo sem preposição, porém acompanhado de advérbio, como (5.4d).

(5.4)

- (a) ...fizemos uns desenhos diferenciados lá... e e agora vamo(s) **partí(r) pa cozinha** na minha cozinha eu num fiz...

[AC-77; DE: L. 154]

- (b) *...os noivos foram hospitalizados... na Santa Casa de Rio Preto... não puderam nem **partí(r)** para a lua-de-mel... ficaram ali... hospitalizados mas...*

[AC-113; NR: L. 90-91]

- (c) *Inf.: tem que tê(r) uma... rivalidade sadia não uma:: rivalidade ignorante igual igual tá ten(d)o agora... eu acho que num:: precisa **partí(r)** pra esse princípio não de de violência dessas coisa não...*

[AC-131; RO: L. 257-259]

- (d) *daí eu pegava ia lá vendia... entregava o dinhe(i)ro pra ele ele soltava a minha parte... e eu **partia embora**.*

[AC-031; RP: L. 162-164]

Apesar de poucos dados, esses resultados mostram que, na variedade rio-pretense, com o verbo *partir*, a preposição *para* é categórica e não apresenta nenhum contexto particularizado de uso. Além disso, conforme exemplo em (5.4c), quanto maior o processo de dessemantização de uma preposição, maior é a possibilidade da ocorrência de complementos locativos diversos. Assim, o verbo *partir* que pressupõe, na sua estrutura argumental, um ponto de referência “meta”, conforme (5.4a), passa a admitir outros tipos de complementos locativos mais abstratos, conforme (5.4b-c). Essa interpretação delinea o processo de especialização da forma *para*, e, com isso, seus significados passam a representar significados gramaticais mais gerais, motivando a generalização desse item e, portanto, o processo de gramaticalização, conforme demonstramos abaixo.

#### **Quadro 5.1 – Estrutura morfossintática do verbo *partir* e desenvolvimentos semânticos**

Estrutura morfossintática: SN<sub>sujeito</sub> + SV<sub>(partir)</sub> [(SN<sub>pr</sub>complemento)]

(a) Estrutura semântica: Argumento + Predicado + Locativo<sub>(meta-destino)</sub> (5.4a)

(b) Estrutura semântica: Argumento + Predicado + Locativo<sub>(meta-evento)</sub> (5.4 b)

(c) Estrutura semântica: Argumento + Predicado + Locativo<sub>(meta-inespecífico)</sub> (5.4c)



Avaliando o esquema acima, temos em (a), a representação semântica de (5.4a), em que a preposição *para* atua como introdutora de complemento do verbo *partir*, e se refere a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência, ou seja, indicação de “meta-destino”. Já em (b), a representação semântica de (5.4b), temos já um complemento com a significação de “meta-evento”, o que confirma os achados de Wiedemer (2008a), em relação à configuração do locativo (ponto de referência), em que há uma tendência de condicionamento no padrão de uso de determinada preposição em função do tipo de complemento. Por fim, em (c), a representação semântica de (5.4c), o significado do complemento é bastante abstrato em relação a um ponto de referência ou locativo, denominado aqui de “inespecífico”, o que demonstra o “desbotamento semântico (*bleaching*)” dessa preposição, bem como dá margem a novos significados/usos.

Assim, os novos significados da preposição *para* atualizam novos complementos, e quanto mais abstratos os complementos, maior a possibilidade de ocorrência da preposição *para* na indicação do papel temático “meta”. Percebemos, assim, que o *princípio da divergência* de Hopper (1991) para as funções da preposição *para* dá sustentação aos nossos resultados, pois é essa a preposição empregada em complementos com função “meta”, “meta-evento” ou “meta-inespecífico”. Com isso, a forma *para* passa a ser a preferida pela comunidade de fala na indicação desses significados, além daquele que originalmente cumpria. Verificamos que este processo de dessemantização da preposição *para* ocorre com outros verbos, conforme destacaremos mais adiante.

## 1.2 Verbo *caminhar*

As ocorrências para o verbo *caminhar* somam apenas oito casos no total, porém, esse verbo apresenta um padrão mais diversificado de uso de preposições, com a utilização das preposições *até* (5.5a), *por* (5.5b), *para* (5.5c) e *em* (5.5d).

(5.5)

(a) ...São Domingos deságua... no Tietê... do Tietê **caminha até... o Rio Paraná...**

[AC-146; NE: L. 38-39]

(b) *porque lá a gente num **caminha pelas calçadas...** as calçadas são jardinadas...*

[AC-152; DE: L. 325]

(c) .. *pra que não **caminhem pro::... prum buraco sem fundo...** como tá in(d)o...*

[AC-080; RO: L.276-277]

(d) *às vezes eu vô(u) **caminhá(r) na represa...** aí eu dô(u) duas voltas lá... super animada né?...*

[AC-042; RP: L. 238-239]

Os usos das preposições *em*, indicadora de localização na superfície, sem entrar em questão o tipo de contato com a superfície, estabelecem uma relação semântica no interior do sintagma verbal. Dessa relação, podem ser depreendidas relações de circunstâncias que apontam para várias situações, entre elas, contato, conforme (5.5d). Isso atesta o caráter dessa preposição de indicar “lugar”, e não de “movimento”. Já em (5.5a), a preposição *até* funciona como “delimitadora de espaço físico, e indica os limites geográficos, podendo vir correlacionada com uma preposição indicativa do ponto de partida”, segundo sugere Lima-Hernandes (2010, p. 99), e parte de seu significado é formado pelo antigo sentido da preposição *a*, conforme Houaiss e Villar (2001) demonstram: *ad tenes* > *atêe* > *atees* > *atés* > *até*. Assim, temos: *ad* (proximidade) + *tênũs* (locativo) > *até*, que retoma parte do significado da preposição *a*, o que justifica o uso dessa preposição no contexto (5.5a).

### 1.3 Verbo *levar*

Os resultados para o verbo *levar* são bem mais expressivos em relação aos usos dos verbos *partir* e *caminhar*. As 189 ocorrências do verbo *levar*, distribuídas entre os empregos

combinados *coma*, *até*, *para* e *em*, conforme (5.6a-d), demonstram que os processos de variação e de mudança não se restringem ao verbo *ir*, e que outros usos de verbos de movimento podem apresentar um quadro de variação de usos das preposições.

(5.6)

- (a) *...éh:: conseguiram tirá(r) eles de lá entendeu? e levá(r)... até a barranca...*

[AC-141; NR: L. 51-52]

- (b) *...ele estava com uma caixa de LÂmina... aqui da Faculdade de Medicina que ele levava pra São Paulo... final de semana.*

[AC-101; NR: L. 80-81]

- (c) *o meu cunhado num prédio prime(i)ro e foi... levá(r) minha cunhada em casa pa pegá(r) as mala...*

[AC-131; NR: L. 71-72]

- (d) *depois di::sso passa no granulado leva à gelade::(i)ra e espera ele gelá(r).*

[AC-044; RP: L-191-192]

Os resultados para o verbo *levar* confirmam os achados de Vieira (2009) e de Assis (2009), que também evidenciam o processo de variação no uso de preposições com esse verbo. Assim como os demais verbos de movimento, *levar* ocorre com advérbios locativos, o que comprova seu caráter de substituição de ponto de referências por expressões locativas. Isso é exemplificado em (5.7a-b).

(5.7)

- (a) *...uma... jibóia... né?...e acho que eles precisaram levá(r) ela lá e depois ela morreu...*

[AC-097; NR: L. 77]

- (b) *ficamo(s) toman(d)o até umas quatro quatro e po(u)quinho... pegamos... fomos embora... o I. foi me levá(r) **embora***

[AC-27; DE: L. 154]

Também é importante observar a estrutura sintática da construção [V (levar) SN Sprep (a/para/em) SN (complemento locativo/ponto de referência)], representada pelo exemplo em (5.8a), tipo estrutural bastante recorrente no *corpus* analisado.

(5.8)

- (a) *. uma pessoa da família foi tentá(r) levá(r) o cavalo... pro sítio... junto com o(u)tros...*

[AC-84; DE: L. 123-124]

- (b) *a gente foi criado sempre no serviço... os pais apertado e levava pra trabalhá(r)... e::... estudá(r) né? e ia na esco::la...*

[AC-140; RO: L. 372-373]

Na escala de desenvolvimento de gramaticalização da preposição *para*, seu conteúdo inova o significado e passa a se combinar com novos constituintes sintáticos, que não somente nomes, por exemplo, verbos infinitivos, como em (5.8b). Com isso, essa preposição passa a ter um domínio funcional mais abstrato, gerando a estrutura [SN V levar *para* (sujeito elíptico) Vinf.], conforme (5.8b). Podemos, ainda, realizar o seguinte raciocínio: com o desenvolvimento da estrutura de (5.8a) > (5.8b), ocorre um maior “desbotamento semântico”, da preposição *para* com a finalidade de introduzir novos complementos, levando à generalização de seu significado com conseqüente restrição de seleção, já que não podemos substituir a preposição *para* por outra na complementação infinitiva.

#### 1.4 Verbo *mudar*

Em relação aos usos do verbo *mudar*, todos (24 ocorrências) ocorrem com a preposição *para*, conforme referenciado na Tabela 5.1, e exemplificado em (5.9) abaixo.

(5.9)

(a) *em algum lugar... até se mudá(r) pra:: pra Rio Preto você se lembra pode descrê...*  
[AC-046; DE: L. 336-338]

(b) *depois de um certo tempo meu irmão... mudô(u) pra Cuiabá... s o::u qualque...*  
[AC-051; NE: L. 23-24]

(c) *...ela não sabia que a sala tinha mudado para outro bloco...*  
[AC-088; DE: L. 153-154]

Os locativos associados a esse verbo expressam, em geral, espaço geográfico, como em (5.9a) e (5.9b), ou lugar, como em (5.9c).

#### 1.5 Verbo *entrar*

O verbo *entrar*, com um total de 172 ocorrências, ocorre combinado com as preposições *para*, *em* e *por*, conforme os exemplos em (5.10), sem nenhum uso registrado com a preposição *a*. Em função da regência permitida por esse verbo, a preposição mais frequente é *em* (154/172=89,5%). São mais raras combinações do verbo com as preposições *para* (13 casos) e *por* (5 casos).

(5.10)

(a) *...soco um no o(u)tro lá aqueles negócio o professor entrô(u) na classe e viu falô(u) assim ou pode pará(r)*

[AC-014; NR: L. 131-132]

- (b) *...entraram aí eles saíram corren(d)o foram aí e **entraram pra pra/... pra casa de::le e:: eu acho que essa...***

[AC-001; NR: L. 73-74]

Para o verbo *entrar* evidenciamos, com esse resultado, um início de variação na indicação de complemento e uma maior generalização de uso da preposição *para*, conforme já mostradopara outros verbos. Avaliando o uso da preposição em (5.10a), percebemos o significado “conteúdo/interioridade”, porém esse é o significado que está na base diacrônica do significado da preposição *em*.

## 1.6 Verbo *sair*

Para o **verbo *sair***, encontramos 82 ocorrências na indicação de movimento, com uso da preposição *de* em 80,50 % das ocorrências, conforme (5.11) abaixo.

(5.11)

*...quando a minha mãe **saiu do interior de Minas Gerais...** pra trabalhar em...em São Paulo... ela não conhecia nada de aparelhos eletrônicos*

[AC-013; NR: L. 36-37]

Além dos usos da preposição *de*, encontramos usos do verbo *sair* com as preposições *em*, *para* e *por*, conforme (5.12) abaixo.

(5.12)

- (a) *...em Rio Preto assim a gente tá acostumado a... a **sai(r) pra balada pra festa pra bar/ barzinho...***

[AC-046; DE: L. 287-288]

- (b) ....*ai entrava pela por/ eu entrava pela janela e **saiu pela porta**...* [Doc.: ham] *ai eu fui/ ai eu....entrei... com ela... com a cachorra pesada pela janela...*

[AC-006; NE: L. 85-86]

- (c) ...*o amigo dele chamô(u) pra **sai(r) em/ em Bálamo** numa cavalgada lá que ia tê(r)...*

[AC-112; NR: L. 120-121]

- (d) ...*também porque nada mais justo do que ela **sai(r) pra trabalhá(r) e eu ficá(r) em casa***

[AC-036; NE: L.120-121]

- (e) *meu pai **saiu pa trabalhá(r)** e ela... desapareceu... sumiu...*

[AC-103; NR: L. 221-222]

Em (5.12a), temos um complemento do verbo *sair* com a significação de “meta-evento” introduzido por *para*. Nesse caso, a sintaxe da complementação aduz um ponto de origem representado pela preposição *de*, e um ponto final (meta), representado pela preposição *para*. Aqui, é importante destacar que não encontramos usos da preposição *a* relacionados à indicação de “ponto final/meta”, e, com isso, tendemos a afirmar uma mudança na variação das preposições *a/para* na indicação de “ponto final/meta”. Em síntese, a preposição *para* parece ser categórica na indicação do papel semântico “meta”, tanto com *sair* quanto com *partir*.

Em (5.12b), exemplificamos o uso de *sair* com a preposição *por*, cuja significação está associada ao movimento “ponto medial”, conforme Castilho (2010). Assim, temos para o verbo *sair* os três papéis semânticos previstos: “origem”, representado pela preposição *de*, “meio”, representado pela preposição *por*, e meta, representado pela preposição *para*.

Além desses usos, encontramos dez ocorrências de *sair* com a preposição *em*, conforme (5.12c). Sobre esse uso, é importante retomar as palavras de Dias (1970), que

informa que, para os verbos *sair* e *ir*, este tipo de sintaxe já ocorria no português arcaico médio. Conforme nossa revisão da literatura, o emprego dessa preposição é uma continuação da preposição latina *in* com acusativo do latim clássico.

Considerando a representação proposta por Lehmann (1992), percebemos que uma preposição com o sentido estático, como a preposição *em* (conforme Quadro 1.6, Capítulo I), passa a ter caráter dinâmico em função do verbo que a seleciona, como o verbo de movimento *sair*, o que justifica o uso dessa preposição associada a verbos de movimento.

Assim, na comunidade de fala do interior paulista, a representação dos relatores locais (preposições) de complemento do verbo *sair* mobiliza categorias cognitivas de espaço que resultam dos sentidos básicos das preposições selecionadas: origem (ablativo), sentido dado pela preposição *de*; percurso/contato (perlatoivo), sentido dado pela preposição *por*; percurso/meta (alativo), sentido dado pela preposição *para* e inerente/contato (essivo), sentido dado pela preposição *em*.

Diferentemente de Oliveira (2002), que apresentou como variantes do verbo *sair* as preposições *a*, *em* e *para*, tendemos a afirmar que os usos dessas preposições associados a esse verbo não representam casos de variação, uma vez que cada preposição possui uma significação bastante clara.

Ainda sobre as preposições associadas ao verbo *sair*, encontramos o uso de *para* em construção [V(*sair*) *para* V(infinitivo)], representada pela ocorrência (5.12d-e). Já evidenciamos este tipo de uso associado ao verbo *levar*, em que a preposição *para* passa a complementar novos constituintes sintáticos, nesse caso, verbos infinitivos: é o que parece ocorrer também com o verbo *sair*.



### 1.7 Verbo *voltar*

Associadas ao **verbo *voltar*** ocorrem as preposições *de*, *a*, *para* e *em*, conforme (5.13a-d), com um total de 83 ocorrências.

(5.13)

(a) *pra mim voltá(r)... de Porto Velho eu fui pa Manaus...*

[AC-119; NE: L. 27-28]

(b) *Depois domingo nós voltô::(u)... na igreja de novo pa rezá(r)*

[AC-061; NE: L.75-76]

(c) *...saiu daqui... escreven(d)o o nome dela... ela voltô(u) pra Rio Preto novamente... largô(u) o marido*

[AC-086; RO: L. 677-678]

(d) *... marcan(d)o de quanto tempo tinha a contração... e voltá(r) ao consultório dele uma hora... aí quando....*

[AC-78; RO: L. 677-678]

Também com *voltar*, o uso da preposição *de* (oito ocorrências) presta-se à indicação de “fonte/origem”. As demais preposições, *a/para/em*, são usadas na indicação de “ponto final de uma trajetória”, conforme (5.13d-b), podendo assim, ser considerados usos variantes, resultado que confirma os achados de Assis (2009), que caracterizou, para o verbo *voltar* na fala baiana, o processo de variação no uso das preposições *para* (62%) e *em* (38%), com a diferença de que, na fala do interior paulista, prevalece, para esse verbo, o uso da preposição *para*, com uma frequência de 68,7% no *corpus* investigado.

## 1.8 Verbo *chegar*

Quanto às preposições que complementam o verbo *chegar*, ocorrem no *corpusa*, *para* e *em*, na indicação de “ponto final de uma trajetória”, conforme exemplos em (5.14).

(5.14)

- (a) ...*minha cunha::da... minha mãe e eu... a::í:: chegamo(s) em Noronha pista pequena tudo... mui-to se-co.*

[AC-051; DE: L.219-220]

- (b) ...*já tinha uma reunião marcada e que ela::... tinha **chegado pra reunião...** e aí ela contô(u) que:: o secretário...*

[AC-088; NR: L.185-186]

- (c) .... . *ela::... falô(u) que a hora que ela **chegô::(u) à:: a:: uma cidade aqui perto assim ela:: vi...***

[AC-087; NR: L. 161-162]

Esse resultado não abaliza processo de variação/mudança na fala do interior paulista, e sim, uma implementação da mudança. Conforme já referenciamos no início desta seção, alguns usos para as preposições *para* e *a* ocorrem em contextos específicos e representam baixa frequência de uso, o que não nos permite afirmar que se trata de um processo de variação/mudança. Esse panorama de usos das preposições que complementam o verbo *chegar* se aproxima dos resultados de Vieira (2009), que constatou, para fala da região Sul do Brasil, que a preposição característica na indicação de direção é a preposição *em*.

De acordo com Módolo et al. (2011) e Oliveira (2002), o verbo *chegar*, por ser um verbo apresentativo, como *aparecer* e *comparecer*, pode favorecer o uso da preposição *em*.

### 1.9 Verbo *ir*

Associadas ao **verbo de movimento *ir***, conforme exemplos em (5.15), ocorrem as preposições *a*, *para* e *em*, caracterizando um processo de variação/mudança nesse contexto, o que é fartamente documentado por outros estudos e em outras comunidades de fala do PB (cf. Capítulo II). Também encontramos associadas ao verbo *ir*, as preposições *até* (5.15d) e *por* (5.15e).

(5.15)

(a) .... no o(u)tro di::a... eu meu::... pai e meu irmão **fomos à::... à avenida Liberdade::de...**

[AC-013; NE: L. 9-10]

(b) **fui na PRAIA** aqui num tem pra::ia...

[AC-012; NE: L. 38-39]

(c) *ai ele pegô(u) ônibus e foi pra Atiba::ia... foi po pai de::le... ai cheguei...*

[AC-022; NE: L. 90]

(d) a gente sai daqui de ca::sa... **vai até até a esquina DESce até na na na rua do Cris::to...**

[AC-010; RP: L. 315-316]

(e) e:: quando **fui pela Cenobelino...** eu tava procurando uma rua ...

[AC-050; NE: L. 20-21]

Diante dos resultados expostos na tabela 5.1, as preposições que complementam os verbos de movimento *entrar*, *ir*, *levar*, *voltar* foram as que apresentaram alguma variação, razão que nos conduziu a uma seleção apenas desses verbos para uma investigação mais detalhada dos condicionantes sociais e linguísticos, nos moldes labovianos, assunto que passamos a abordar na próxima seção.

## 2 FATORES SOCIAIS E LINGUÍSTICOS: CORRELAÇÃO DE FATORES E A MUDANÇA IMPLEMENTADA

O percurso que queremos traçar para o uso das preposições que complementam os verbos de movimento requereu o controle de grupos de fatores potencialmente condicionadores, cuja análise ofereceu resultados estatísticos que nos permitiram oferecer um quadro da correlação de fatores. Retomando o que foi exposto na metodologia, reunimos, no quadro (5.2), abaixo, para uma melhor visualização, os grupos de fatores testados.

**Quadro 5.2 - Variáveis independentes sociais e linguísticas controladas**

Variáveis Sociais	Variáveis linguísticas
<b>Faixa etária</b> 7 a 15 anos 16 a 25 anos 26 a 35 anos 36 a 55 anos mais de 55 anos	<b>Configuração do complemento locativo/ponto de referência</b> [lugar] [lugar/objeto] [lugar/instituição] [lugar/instituição personificada] [lugar/evento] [lugar/espaco sócio-geográfico]
<b>Sexo</b> Masculino Feminino	
<b>Escolaridade</b> até 4 anos de 5 a 8 anos de 8 a 11 anos superior	
	<b>Movimento</b> [movimento concreto] [movimento não-concreto]
	<b>Definitude</b> [+definido] [-definido]
	<b>Pessoa do discurso</b> P1 P2 P3 a gente

Nas próximas seções, apresentamos e discutimos os resultados para cada variável controlada. Expomos os resultados organizados em tabela a partir das variáveis selecionadas. Primeiramente, apresentamos os resultados referentes aos fatores sociais, e na sequência, aos fatores linguísticos.

## 2.1 Grupo de fatores extralinguísticos

### 2.1.1 Faixa etária

Para este grupo de fatores, estamos testando a hipótese de que as preposições *a/para* devem ser mais usadas por informantes mais velhos, e *em* por informantes mais jovens. Na tabela 5.2, apresentamos os resultados da influência dessa variável.

**Tabela 5.2 - Influência da variável *idade* sobre o uso das preposições *a/para/em* na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra Iboruna)**

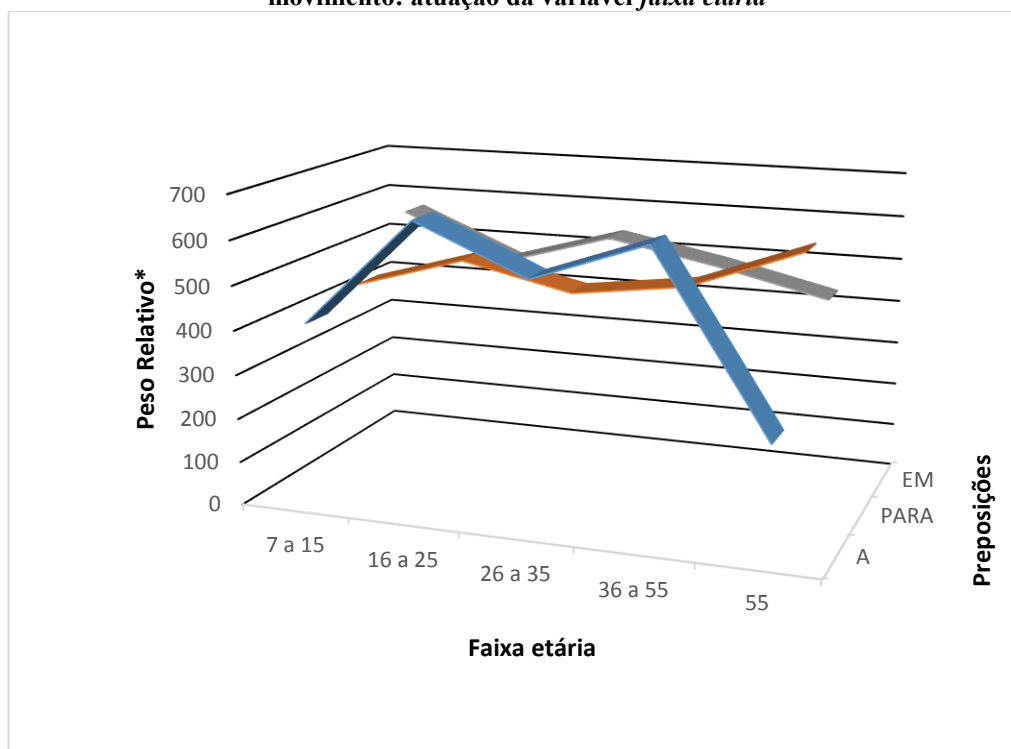
Verbo	Faixa etária	A			PARA			EM			
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	
ENTRAR	7 a 15	0/0	0	-	5/31	16.1	<b>0.687</b>	26/31	83.9	0.313	
	16 a 25	0/0	0	-	1/40	2.5	0.227	39/49	97.5	<b>0.773</b>	
	26 a 35	0/0	0	-	0/44	0	-	44/44	100	-	
	36 a 55	0/0	0	-	3/32	9.4	0.541	29/32	90.6	0.459	
	+55	0/0	0	-	4/25	16	<b>0.685</b>	21/25	84	0.315	
<b>TOTAL</b>					159/172	92.4		13/172	7.6		
<b>Significância</b>								Input: 0.919 Sig.: 0.089			
Verbo	Faixa etária	A			PARA			EM			
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	
IR	7 a 15	2/104	1.9	0.409	47/104	45.3	0.443	55/147	52.9	<b>0.569</b>	
	16 a 25	6/118	5.1	<b>0.654</b>	62/118	52.5	0.517	50/118	42.4	0.465	
	26 a 35	5/151	3.3	0.547	71/151	47	0.462	75/151	49.7	0.538	
	36 a 55	5/105	4.8	0.638	53/105	50.5	0.496	47/105	44.8	0.489	
	+55	1/110	0.9	0.245	66/110	60	<b>0.591</b>	43/110	39.1	0.431	
<b>TOTAL</b>		19/588	3.2		299/588	50.9		270/588	45.9		
<b>Significância</b>				Input: 0.028 Sig.: 0.280			Input: 0.509 Sig.: 0.195			Input: 0.459 Sig.: 0.233	
Verbo	Faixa etária	A			PARA			EM			
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	
LEVAR	7 a 15	2/23	8.7	0.416	12/23	52.2	0.536	9/23	39.1	0.506	
	16 a 25	5/34	14.7	0.564	15/34	44.1	0.456	14/38	41.2	0.527	
	26 a 35	2/38	5.3	0.294	22/38	57.9	<b>0.593</b>	14/38	36.8	0.482	
	36 a 55	8/50	16	0.588	26/50	52	0.534	16/50	32	0.429	
	+55	6/36	16.7	<b>0.600</b>	13/36	36.1	0.375	17/36	47.2	<b>0.588</b>	
<b>TOTAL</b>		23/181	12.7		88/181	48.6		70/181	38.7		
<b>Significância</b>				Input: 0.118 Sig.: 0.444			Input: 0.486 Sig.: 0.386			Input: 0.385 Sig.: 0.700	
Verbo	Faixa etária	A			PARA			EM			
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	
VOLTAR	7 a 15	1/11	9.1	0.621	9/11	81.8	<b>0.605</b>	1/11	81.8	0.310	
	16 a 25	1/24	4.2	0.416	18/24	75	0.506	5/24	20.8	0.541	
	26 a 35	1/26	3.8	0.396	20/26	76.9	0.532	5/26	19.2	0.516	
	36 a 55	2/8	25	<b>0.845</b>	4/8	50	0.255	2/8	25	<b>0.599</b>	
	+55	0/6	0	-	6/6	100	-	0/6	0	-	
<b>TOTAL</b>		5/75	6.7		57/75	76		13/75	17.3		
<b>Significância</b>				Input: 0.057 Sig.: 0.338			Input: 0.746 Sig.: 0.439			Input: 0.182 Sig.: 0.762	

Para o verbo *entrar*, os informantes de 26 a 35 anos não utilizam a preposição *para*, diferentemente dos informantes com maior idade que apresentam usos dessa preposição, bem como os informantes mais novos. Este resultado assinala uma polaridade de uso da preposição

*para* nos extremos das faixas etárias (P.R. 0.68 para as duas faixas). Além disso, os informantes de 16 a 25 anos são os que mais promovem a manutenção de *em* (P.R. 0.77). Como os mais novos apresentam um maior uso da forma inovadora (preposição *para*), podemos interpretar este resultado a partir do quadro de estudos sociolinguísticos, que mostra que os mais jovens tendem a buscar formas mais atuais, inovadoras. Por outro lado, os com mais de 55 anos usam essa variável com a mesma força, o que corrobora seu processo variável.

Para o verbo *ir*, ocorre uma distribuição mais delineada das três preposições em função de variantes de faixa etária: informantes de 16 a 25 anos são os que mais condicionam o uso da preposição *a* (P.R. 0.65), informantes da menor faixa etária utilizam mais a preposição *em* (P.R. 0.56), e informantes da faixa etária mais elevada são os que mais empregam a preposição *par a*(P.R. 0.59). Observemos o Gráfico 5.2, em que procuramos verificar se o fenômeno de variação/mudança das preposições que complementam o verbo *ir* se trata de uma variante estável ou de uma mudança.

**Gráficos 5.2 – Utilização das preposições *a/para/em* na introdução de complementos do verbo *ir* de movimento: atuação da variável *faixa etária***



\*Os índices dos pesos relativos devem ser interpretados numa escala de 0.0 a 1.0.

A divisão em cinco faixas etárias fornecidas pelo *Iboruna* permitiu-nos interpretar que os usos da preposição *a* configuram um fenômeno de mudança implementado, quando se comparam os pesos relativos das diferentes faixas etárias: indivíduos de faixas etárias intermediárias parecem não recorrer às preposições *a/para/em* como indicador de sua classe, ao passo que indivíduos da faixa mais elevada (+ 55 anos) rejeitam a preposição *a*, fenômeno facilmente visualizado no gráfico acima pela queda abrupta de uso da preposição *a*. Essa constatação permite afirmar que, em relação às preposições *a/para/em*, há variação estável entre *para* e *em*, e mudança implementada em relação à preposição *a*. Dessa forma, é importante considerarmos se as preposições *para* e *em* são motivadas por um mesmo contexto ou se há entre elas algum índice de especialização de uso. Para avaliarmos isso, discutiremos a avaliação de outros contextos sociais ou linguísticos.

Já os resultados para o verbo *levar* revelam que apenas os informantes de 26 a 35 anos demonstraram leve tendência de uso da preposição *para* (P.R. 0.59), sendo também os que menos influenciaram o uso da preposição *a* (P.R. 0.29). Para a complementação desse verbo, concorrem com praticamente a mesma força as preposições *a* e *em*, nas faixas etárias mais nova e mais velha.

Quanto ao verbo *voltar*, a variável *faixa etária* se mostrou significativa na seleção das preposições. A tendência de uso situa-se entre os informantes de 36 a 55 anos, que demonstram uma inclinação de uso da preposição *a* (P.R. 0.84), e uma perda pouco significativa da preposição *em* (P.R. 0.59); por outro lado, informantes mais novos apresentaram uma tendência de uso da preposição *para* (P.R. 0.60). Já, os informantes mais velhos (+ de 55 anos) fazem uso categórico da preposição *para*, sendo esta a forma mais frequente entre as preposições que se combinam com o verbo *entrar* (76%).

### **2.1.2 Sexo/gênero**

Conforme evidenciamos em nossa metodologia, para esse grupo de fatores, nossa expectativa é de que as ocorrências de determinada preposição seja condicionada por algum padrão social/gênero. Seguem na tabela 5.3 os resultados de atuação dessa variável.



Tabela 5.3 - Influência da variável *sexo/gênero* sobre o uso das preposições *a/para/em* na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra Iboruna)

Verbo	Sexo	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
ENTRAR	Masc.	0/0	0	-	6/97	6.2	0.452	91/97	93.8	<b>0.548</b>
	Femin.	0/0	0	-	7/75	9.3	<b>0.562</b>	68/75	90.7	0.438
TOTAL					159/172	92.4		13/172	7.6	
Significância								Input: 0.926 Sig.: 0.455		
Verbo	Sexo	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
IR	Masc.	7/242	2.9	0.473	116/242	47.9	0.471	119/242	49.2	<b>0.532</b>
	Femin.	12/346	3.5	<b>0.519</b>	183/346	52.9	<b>0.520</b>	151/346	43.6	0.477
TOTAL		19/588	3.2		299/509	45.9		270/588	45.9	
Significância		Input: 0.032 Sig.: 0.697			Input: 0.509 Sig.: 0.243			Input: 0.459 Sig.: 0.189		
Verbo	Sexo	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
LEVAR	Masc.	15/108	13.9	<b>0.527</b>	48/108	44.4	0.458	45/108	41.7	<b>0.532</b>
	Femin.	8/73	11	0.460	40/73	54.8	<b>0.561</b>	25/73	34.2	0.453
TOTAL		23/181	12.7		88/181	48.6		70/181	38.7	
Significância		Input: 0.126 Sig.: 0.574			Input: 0.486 Sig.: 0.179			Input: 0.386 Sig.: 0.318		
Verbo	Sexo	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
VOLTAR	Masc.	3/34	8.8	<b>0.586</b>	23/34	67.6	0.387	8/34	23.5	<b>0.607</b>
	Femin.	2/41	4.9	0.429	34/41	82.9	<b>0.594</b>	5/41	12.2	0.411
TOTAL		5/75	6.7		57/75	76		13/75	17.3	
Significância		Input: 0.064 Sig.: 0.497			Input: 0.768 Sig.: 0.131			Input: 0.166 Sig.: 0.198		

Em relação ao uso das preposições *a/para/em* associadas aos verbos *levar* e *voltar*, informantes do sexo masculino apontam para uma tendência de uso das preposições *a* (P.R. 0.52 *levar* e P.R. 0.58 *voltar*) e *em* (P.R. 0.532 *levar* e P.R. 0.60 *voltar*), enquanto informantes do sexo feminino tendem ao uso da preposição *para* (P.R. 0.56 *levar* e P.R. 0.59 *voltar*). Já para o verbo *ir*, informantes do sexo feminino apontam para um uso muito discreto da preposição *para* (P.R. 0.52), tendência que se repete para os demais verbos.

Avaliando esses resultados, percebemos que as mulheres inovam e que é possível desenvolvermos a hipótese de que a partir dessa inovação, a mudança se espalha pela comunidade de fala. Este pensamento é assinalado pelos estudos desenvolvidos por Labov (2001), que demonstrou o *paradoxo do gênero*, o qual compreende duas afirmações: (a) quando se trata de mudanças vindas de cima, as mulheres utilizam mais formas de prestígio que os homens; (b) quando se trata de mudanças vindas de baixo, as mulheres são as líderes da mudança linguística, o que significa que, quando as mudanças iniciam, as mulheres são

mais rápidas que os homens em empregarem um novo símbolo social, e com isso, ao iniciarem a mudança linguística, produzem uma diferenciação de sexo/gênero. No primeiro caso, o autor (LABOV, 2001) demonstrou que as mulheres utilizam variáveis menos estigmatizadas que os homens, e no segundo caso, o autor aponta as mulheres como líderes da mudança, pois possuem uma posição central em suas redes sociais, capaz de influenciar amigos e parentes.

### **2.1.3 Escolaridade**

Dentro do quadro sociolinguístico, determinada variável pode receber avaliações negativas, que podem afetar o curso da mudança, bem como pode ser detida como uma consequência do estigma social. Sobre isso, Martelotta (2011, p. 29) comenta que “é claro que não podemos negar a influência dos padrões de correção impostos pela gramática normativa sobre as restrições de combinação dos elementos linguísticos, sobretudo em falantes com nível de escolaridade mais alto”. Para esse grupo de fatores, nossa expectativa é a de que as ocorrências da variante *a* sejam mais frequentes entre os mais escolarizados. Seguem, na tabela 5.4, os resultados de atuação dessa variável.

Tabela 5.4 - Influência da variável *escolaridade* sobre o uso das preposições *a/para/em* na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra Iboruna)

Verbo	Escolaridade	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
ENTRAR	1ºCEF	0/0	0	-	6/29	20.7	<b>0.811</b>	23/29	79.3	0.189
	2ºCEF	0/0	0	-	3/39	7.7	0.578	36/39	92.3	0.422
	EM	0/0	0	-	1/48	2.1	0.259	47/48	97.9	<b>0.741</b>
	SUPERIOR	0/0	0	-	3/56	5.4	0.482	53/56	94.6	0.518
<b>TOTAL</b>					13/172	7.6		159/172	92.4	
<b>Significância</b>		Input: 0.943 Sig.: 0.043								
Verbo	Escolaridade	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
IR	1ºCEF	2/116	1.7	0.359	53/116	45.7	0.448	61/116	52.6	<b>0.567</b>
	2ºCEF	5/179	2.8	0.478	83/179	46.4	0.455	91/179	50.8	0.550
	EM	5/152	3.3	0.520	78/152	51.3	0.504	69/152	45.4	0.496
	SUPERIOR	7/141	5	<b>0.624</b>	85/141	60.3	<b>0.594</b>	49/141	34.8	0.387
<b>TOTAL</b>		19/588	3.2		299/50.9	45.9		270/588	45.9	
<b>Significância</b>		Input: 0.030 Sig.: 0.515			Input: 0.509 Sig.: 0.052			Input: 0.458 Sig.: 0.012		
Verbo	Escolaridade	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
LEVAR	1ºCEF	5/50	10	0.462	31/50	62	<b>0.636</b>	14/50	28	0.385
	2ºCEF	9/43	20.9	<b>0.672</b>	16/43	37.2	0.388	18/43	41.9	0.537
	EM	6/36	16.7	0.607	10/36	27.8	0.292	20/36	55.6	<b>0.668</b>
	SUPERIOR	3/52	5.8	0.322	31/52	59.6	0.612	18/52	34.6	0.460
<b>TOTAL</b>		23/181	12.7		88/181	48.6		70/181	38.7	
<b>Significância</b>		Input: 0.115 Sig.: 0.126			Input: 0.483 Sig.: 0.003			Input: 0.383 Sig.: 0.068		
Verbo	Escolaridade	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
VOLTAR	1ºCEF	2/11	18.2	<b>0.760</b>	5/11	45.5	0.268	4/11	36.4	<b>0.666</b>
	2ºCEF	0/0	0	-	18/18	100	-	0/18	0	-
	EM	2/14	14.3	0.704	9/14	64.3	0.441	3/14	21.4	0.488
	SUPERIOR	1/32	3.1	0.315	25/31	78.1	<b>0.610</b>	6/32	18.8	0.446
<b>TOTAL</b>		5/75	6.7		57/75	76		13/75	17.3	
<b>Significância</b>		Input: 0.066 Sig.: 0.184			Input: 0.695 Sig.: 0.059			Input: 0.222 Sig.: 0.293		

Os resultados para os verbos *entrar* e *levar* mostram que os informantes menos escolarizados apresentam maior uso da preposição *para*, enquanto a preposição *em* seu uso mais condicionado pelos informantes do ensino médio.

Para os usos das preposições em relação ao verbo *voltar*, a influência da variável *escolaridade* aponta para um padrão sistemático de uso das preposições, diverso de nossa hipótese, segundo a qual seria de se esperar maior uso da preposição *a* entre os mais escolarizados, porém os resultados apontam para um processo inverso, com um maior uso da preposição *a* entre os que possuem o menor índice de escolaridade (P.R. 0.76); os mais escolarizados tendem a um maior uso da preposição *para*, e os informantes que possuem de 5 a 8 anos de estudos (2º. CEF) empregam categoricamente a preposição *para*. Por outro lado,

os resultados para os de menor escolarização devem ser relativizados, pois esses também condicionam o uso da preposição *em*.

Quanto ao uso das preposições associadas ao verbo *ir*, as preposições *a* e *para* são mais empregadas por informantes mais escolarizados (ensino superior), num crescente que acompanha o aumento do grau de escolarização (P.R. 0.62 para preposição *a* e P.R. 0.59 para preposição *para*), enquanto a preposição *em*, em caminho inverso, acompanha a diminuição do grau de escolarização, sendo mais empregada por informantes de grau mais baixo de escolarização (P.R. 0.56). De fato, essa é uma forte evidência de que a preposição *a* compete, em mesmos contextos, com a preposição *para*, resistindo mais na fala de indivíduos com maior nível de escolaridade.

Sobre a hipótese subjacente à variável *escolaridade*, é importante frisar que se *a* é a preposição prevista pela tradição gramatical, o uso das demais variantes pode ter avaliações diferentes segundo o verbo. Porém, o uso de *em* parece ser fortemente condenado com o verbo *ir*, mas parece não ter a mesma avaliação em relação ao verbo *levar* ou ao verbo *entrar*. Já para a preposição *para* não parece sofrer avaliações negativas, fato já observado no estudo de Mollica (1996), por exemplo.

## **2.2 Grupo de fatores linguísticos**

### **2.2.1 Configuração do complemento locativo/ponto de referência**

Conforme referenciamos em nosso segundo capítulo, as características do locativo se mostram relevantes para o uso alternante das preposições *a/para/em*. Nesta pesquisa, procuramos detalhar a configuração do espaço, tentando captar diferenças mais sutis e detectar eventuais condicionamentos.

A proposição desse grupo de fatores leva em conta, inicialmente, os resultados apresentados em Wiedemer (2008), que demonstra haver a atuação favorável desse fator no condicionamento da seleção da preposição que complementa o verbo de movimento. Dessa forma, a hipótese que perseguimos é a de que os traços semânticos do complemento locativo/ponto de referência atuam na seleção das preposições. Os resultados para a variável *configuração do ponto de referência/locativo* são apresentados na tabela 5.5, a seguir.

**Tabela 5.5 - Influência da variável *configuração do complemento locativo/ponto de referência* sobre o uso de *a/para/em* na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra Iboruna)**

Verbo	Configuração Ponto de referência	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
ENTRAR	Lugar	0/0	0	-	7/102	6.9	0.442	95/102	93.1	<b>0.558</b>
	Objeto	0/0	0	-	0/9	0	-	9/9	100	-
	Instituição	0/0	0	-	1/13	7.7	0.473	12/13	92.3	0.527
	Inst.personif.	0/0	0	-	5/14	35.7	<b>0.857</b>	9/14	64.3	0.143
	Evento	0/0	0	-	0/25	0	-	25/25	100	-
	Espaço geog.	0/0	0	-	0/9	0	-	9/9	100	-
<b>TOTAL</b>					13/172	7.6		159/172	92.4	
<b>Significância</b>		Input: 0.915 Sig.: 0.011								
Verbo	Configuração Ponto de referência	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
IR	Lugar	4/243	1.6	0.382	111/243	45.7	0.447	128/243	52.7	0.573
	Objeto	4/33	12.1	<b>0.835</b>	11/33	33.3	0.324	18/33	54.5	0.591
	Instituição	1/53	21.9	0.415	28/53	52.8	0.518	24/53	45.3	0.500
	Inst.personif.	1/39	2.6	0.492	17/39	43.6	0.426	21/39	53.8	0.584
	Evento	4/57	7	0.735	15/57	26.3	0.255	38/57	66.7	<b>0.707</b>
	Espaço geog.	5/163	3.1	0.538	117/163	71.8	<b>0.709</b>	41/163	25.2	0.289
<b>TOTAL</b>		19/588	3.2		299/588	50.9		270/588	45.9	
<b>Significância</b>		Input: 0.026 Sig.: 0.086			Input: 0.510 Sig.: 0.000			Input: 0.453 Sig.: 0.000		
Verbo	Configuração Ponto de referência	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
LEVAR	Lugar	4/72	5.6	0.340	40/72	55.6	0.570	28/72	38.9	0.514
	Objeto	13/27	48.1	<b>0.890</b>	10/27	37	0.384	4/27	14.8	0.225
	Instituição	1/22	4.5	0.294	7/22	31.8	0.331	14/22	63.6	0.744
	Inst.personif.	4/29	13.8	0.583	13/29	44.8	0.463	12/29	41.41	0.540
	Evento	1/9	11.1	0.522	3/9	33.3	0.347	5/9	55.6	<b>0.675</b>
	Espaço geog.	0/22	0	-	15/22	68.2	<b>0.694</b>	7/22	31.8	0.437
<b>TOTAL</b>		23/181	12.17		88/181	48.6		70/181	38.7	
<b>Significância</b>		Input: 0.103 Sig.: 0.000			Input: 0.485 Sig.: 0.083			Input: 0.375 Sig.: 0.013		
Verbo	Configuração Ponto de referência	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
VOLTAR	Lugar	1/42	2.4	0.435	35/42	83.3	<b>0.529</b>	6/42	14.3	0.494
	Objeto	1/3	33.3	-	2/3	66.7	-	0/0	0	-
	Instituição	0/2	0	-	0/2	0	-	2/2	100	-
	Inst.personif.	1/6	16.7	<b>0.863</b>	4/6	66.7	0.310	1/6	16.7	<b>0.539</b>
	Evento	2/5	40	-	3/5	60	-	0/0	0	-
	Espaço geog.	0/17	0	-	13/17	76.5	-	4/17	23.5	-
<b>TOTAL</b>		5/75	6.7		57/75	76		13/75	17.3	
<b>Significância</b>		Input: 0.031 Sig.: 0.136			Input: 0.817 Sig.: 0.206			Input: 0.146 Sig.: 0.609		

Para o verbo *entrar*, evidenciamos alta frequência de uso da preposição *em* na introdução do complemento locativo (92,4%). Apesar disso, a configuração do espaço locativo/ponto de referência revela um resultado interessante, à medida que correlaciona o emprego de *para* a locativos representados por *instituição personificada* (P.R. 0.85) e o emprego de *em* a locativos representados por *lugar*, propriamente ditos. Apesar do que é posto pela gramática tradicional, que o complemento do verbo *entrar* deve ser a preposição *em*, os usos da preposição *para* com o verbo *entrar* evidenciam um início de variação e de generalização de significado dessa preposição na fala do interior paulista.

No que concerne ao verbo *voltar*, os resultados mostram que complementos com a semântica [*objeto*] e [*evento*] não selecionam a preposição *em*; por outro lado, pontos de referência que denominam [*espaço geográfico*] ou [*instituição*] não selecionam a preposição *a*. O fator [*instituição personificada*] condiciona a seleção tanto da preposição *a* (P.R. 0.86) quanto da preposição *em* (P.R. 0.53). Já a preposição *para* é condicionada pelo fator [*lugar*].

Os resultados para a variável *configuração do complemento locativo/ponto de referência* para o verbo *ir* indicam o seguinte padrão de correlação: a preposição *a* está correlacionada com completo [*objeto*], *para* com [*espaço geográfico*], e *em* com [*evento*].

Para o verbo *levar*, o fator [*objeto*] é relevante também na seleção da preposição *a* (P.R. 0.89), ao passo que a seleção das preposições *para* e *em* são motivadas, respectivamente, pelos fatores [*espaço geográfico*] e [*evento*]. Os exemplos abaixo ilustram as tendências de usos das preposições associadas ao fator *configuração do complemento locativo/ponto de referência*, que seria *objeto* (a), no caso da preposição *em*, *espaço geográfico* (b), no caso da preposição *para*, e *evento* (c), no caso da preposição *em*.

- (a) ...espera esfriá(r) um po(u)quinho cê pode **tá levrã/ levando à geladei::ra ou ao freezer pra ele esfriá(r) mai...** [objeto]

[AC-040; RP: L-96-97]

- (b) ...porque quan/ quando (a gente foi) pra lá a gente passô(u) por Reci::fe né? depois agente **foi pra Natal então..** [espaço geográfico]

[AC-044; DE: L-157-158]

- (c) .. **ai num tem que esperá(r)...** mas eu... **sábado mesmo ele foi num baile né?...** [Doc.: aham ((concordando))] [evento]

[AC-058; RP: L. 287-288]

Sobre os resultados para a variável *configuração do ponto de referência/locativo*, aqui é importante a distinção entre complementação e adjunção, como exposta em Ilari et al. (2008), para o tratamento geral das preposições. Segundo os autores, na estratégia sintática de complementação, há uma forte previsibilidade da escolha da preposição em função do predicado complementado, enquanto na adjunção, a escolha da preposição se faz em função da natureza do adjunto (e não do predicado), permitindo diferenciar, respectivamente, preposições de natureza mais funcional de preposições de natureza mais lexical. Relativamente aos nossos resultados, todos casos de complementação de verbos de movimento, não somente o predicado, mas também o tipo de complemento/ponto de referência, exerce influência na seleção de determinada preposição. Assim, podemos considerar que, de um lado, atua a valência semântica e sintática do verbo, e, de outro, os diferentes significados que podem ser gerados pelas preposições, combinadas com determinado tipo de complemento. Isso evidencia um processo regular entre o significado básico de uma preposição e os demais significados genéricos que se atualizam a partir da pragmatização do uso.

## 2.2.2 Concretude de movimento

Wiedemer (2008a) mostra que há uma tendência de a preposição *a* manter seu significado básico de direção, a preposição *para* apresenta uma expansão semântica (abstratização), e a preposição *em* não apresenta nenhum contexto particular de condicionamento de uso. Com isso, a hipótese que testamos com esse grupo de fatores é a de que a preposição *para* deve aparecer associada a movimento menos concreto.

Tabela 5.6 - Influência da variável *concretude do movimento* sobre o uso de *a/para/em* na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra Iboruna)

Verbo	Movimento	A			PARA			EM			
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	
ENTRAR	Concreto	0/0	0	-	6/82	7.3	0.492	76/82	92.7	0.508	
	Não-concreto	0/0	0	-	7/90	7.8	0.508	83/90	92.2	0.492	
<b>TOTAL</b>					13/172	7.6		159/72	92.4		
Input: 0.924 Sig.: 0.912											
Verbo	Faixa etária	A			PARA			EM			
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	
IR	Concreto	17/573	3	0.490	293/573	51.1	0.503	263/573	45.9	0.500	
	Não-concreto	2/15	13.3	0.828	6/15	40	0.392	7/15	46.7	0.507	
<b>TOTAL</b>		19/588	3.2		270/588	45.9		299/588	50.9		
			Input: 0.031 Sig.: 0.090			Input: 0.508 Sig.: 0.411			Input: 0.459 Sig.: 0.954		
Verbo	Faixa etária	A			PARA			EM			
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	
LEVAR	Concreto	4/133	3	0.308	68/133	51.1	0.525	61/133	45.9	0.585	
	Não-concreto	19/48	39.6	0.904	20/48	41.7	0.431	9/48	18.8	0.278	
<b>TOTAL</b>		23/181	12.7		70/181	38.7		70/181	38.7		
Significância		Input: 0.065 Sig.: 0.000			Input: 0.486 Sig.: 0.266			Input: 0.375 Sig.: 0.001			
Verbo	Faixa etária	A			PARA			EM			
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	
VOLTAR	Concreto	2/59	3.4	0.401	45/59	76.3	0.504	12/59	20.3	0.571	
	Não-concreto	3/16	18.8	0.863	12/16	75	0.487	1/16	6.2	0.258	
<b>TOTAL</b>		5/75	6.7		57/75	76		13/75	17.3		
			Input: 0.050 Sig.: 0.051			Input: 0.760 Sig.: 0.920			Input: 0.161 Sig.: 0.158		

De acordo com os resultados acima, podemos extrair a tendência geral de que a preposição *a* é mais retida em contextos de movimento [não-concreto] para todos os verbos com as quais ocorre, ao passo que contextos de movimento [concreto] se associam ao emprego tanto de *para* quanto de *em*. Mais especificamente, a preposição *a* aparece associada a movimento [não concreto] para os verbos *ir* (P.R. 0.82), *levar* (P.R. 0,9) e *voltar* (P.R. 0.86), sem registro de ocorrências para o verbo *entrar*; as preposições *para* e *em* são



indiferentes à concretude do movimento, pois apresentam, para todos os verbos, P.R. muito próximos de 0.5. Vejamos os exemplos.

- (a) *...religião:: eu:: eu num faço crítica de nenhuma... eu acho que toda religião que te leva à Deus... num faça nada de:: errado e nada de ruim po seu próximo...* [não-concreto]  
[AC-092; RO: L.229-230]

- (b) *e aí eles foram pa Tocantins... eles falaram que lá eles po(u)saram em hote::l... e lá po(u)saram em hotel todo mundo...* [concreto]  
[AC-037; NR: L.-141-142]

## 2.2.3 Definitude

Para esse grupo de fatores, testamos a seguinte hipótese: *para/a* devem ocorrer com nome locativo vago e/ou impreciso, [- definido] para o falante, e *em* com nome locativo de conhecimento do falante, [+ definido], hipótese baseada nos resultados de Mollica (1996), Ribeiro (1996; 2008) e Vallo (2005). Os resultados estão dispostos na tabela 5.7, abaixo.

**Tabela 5.7 - Influência da variável *definitude* sobre o uso de *a/para/em* na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra Iboruna)**

Verbo	Definitude	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
ENTRAR	[+definido]	0/0	0	-	3/46	6.5	0.462	43/46	93.5	<b>0.538</b>
	[-definido]	0/0	0	-	10/126	7.9	<b>0.514</b>	116/126	92.1	0.486
<b>TOTAL</b>					13/172	7.6		159/172	92.4	
<b>Significância</b>								Input: 0.075 Sig.: 0.758		
Verbo	Definitude	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
IR	[+definido]	5/193	2.6	0.446	136/193	70.5	<b>0.694</b>	52/193	26.9	0.308
	[-definido]	14/395	3.5	<b>0.526</b>	163/395	41.3	0.401	218/395	55.2	<b>0.598</b>
<b>TOTAL</b>					19/588	3.2		270/588	45.9	
<b>Significância</b>								Input: 0.032 Sig.: 0.541		
<b>Significância</b>								Input: 0.512 Sig.: 0.000		
<b>Significância</b>								Input: 0.453 Sig.: 0.000		
Verbo	Definitude	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
LEVAR	[+definido]	6/51	11.8	0.479	25/51	49	<b>0.504</b>	20/51	39.2	<b>0.505</b>
	[-definido]	17/130	13.1	<b>0.508</b>	63/130	48.5	0.499	50/130	38.5	0.498
<b>TOTAL</b>					23/181	12.7		88/181	48.6	
<b>Significância</b>								Input: 0.127 Sig.: 0.814		
<b>Significância</b>								Input: 0.486 Sig.: 0.948		
<b>Significância</b>								Input: 0.387 Sig.: 0.930		
Verbo	Definitude	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
VOLTAR	[+definido]	1/47	2.1	0.319	37/47	78.7	<b>0.536</b>	9/47	19.1	<b>0.533</b>
	[-definido]	4/28	14.3	<b>0.782</b>	20/28	71.4	0.439	4/28	14.3	0.446
<b>TOTAL</b>					5/75	6.7		57/75	76	
<b>Significância</b>								Input: 0.044 Sig.: 0.045		
<b>Significância</b>								Input: 0.762 Sig.: 0.484		
<b>Significância</b>								Input: 0.172 Sig.: 0.604		

O resultado para a variável *grau de definitude do nome locativo* não permite confirmar a hipótese testada, pois a preposição *em* não se correlaciona com locativo [+ definido] para nenhum dos verbos, os quais, com exceção de *ir* (P.R. 0.59), apresentam P.R. muito próximo de 0.5. A preposição *a* do verbo *voltar* é o contexto que favorece fortemente a ocorrência de locativos [- definido], e a preposição *para* do verbo *ir* (P.R. 0.69), a ocorrência de locativos [- definido]. Portanto, nossos resultados não ratificam as tendências encontradas por Mollica (1996), Ribeiro (1996; 2008) e Vallo (2005). São exemplos desse grupo de fator linguístico [definitude]:

- (a) *aí o W. ajudô(u) eles a levá(r) até a cama né?... ele acabô(u) dormin(d)o no ...* [-definido]  
[AC-011; NR: L-89-90]
- (b) *depois éh eu fui pa casa da minha avó* [+definido]  
[AC-014; NE: L.25-26]
- (c) *quando você entra na minha casa dá pa vê(r) a estante televisão...*[+definido]  
[AC-014; DE: L.167-168]

Cabe aqui a consideração de que os critérios que utilizamos para a variável *definitude* são ligeiramente distintos daqueles utilizados pelos demais autores. Enquanto eles basearam a análise dessa variável em critérios semânticos e formais, optamos por privilegiar apenas o critério semântico-discursivo. Talvez esse procedimento metodológico diferenciado tenha interferido no resultado, porém confirmam os resultados de Wiedemer (2008a), em que aplicamos os mesmos critérios aqui pesquisados.

## 2.2.4 Pessoa do discurso

Diante dos resultados de Wiedemer (2008a), confirmados por Jesus (2012), procuramos investigar uma tendência de uso das preposições relacionadas à pessoa do discurso, variável por meio da qual esperamos encontrar o uso de *a* favorecido por sujeitos de primeira pessoa, *em* por sujeitos de segunda pessoa, e *para* por sujeitos de terceira pessoa. Os resultados estão mostrados na tabela 5.8.

**Tabela 5.8 - Influência da variável *pessoa do discurso* sobre o uso de *a/para/em* na introdução de complementos de verbos de movimento (Amostra Iboruna)<sup>94</sup>**

Verbo	Pessoa do discurso	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
ENTRAR	1ºP	0/0	0	-	1/42	2.4	0.255	41/42	97.6	<b>0.745</b>
	2ºP	0/0	0	-	4/48	8.3	0.560	44/48	91.7	0.440
	3ºP	0/0	0	-	7/75	9.3	0.591	68/75	90.7	0.409
	a gente	0/0	0	-	1/7	14.3	<b>0.700</b>	6/7	85.7	0.300
<b>TOTAL</b>					13/172	7.6		159/172	92.4	
<b>Significância</b>		Input: 0.933 Sig.: 0.421								
Verbo	Pessoa do discurso	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
IR	1ºP	2/245	0.8	0.252	135/245	55.1	<b>0.542</b>	108/245	44.1	0.482
	2ºP	2/52	3.8	0.621	21/52	40.4	0.396	29/52	55.8	<b>0.597</b>
	3ºP	15/247	6.1	<b>0.726</b>	122/247	49.4	0.486	110/247	44.5	0.486
	a gente	0	0	-	21/44	47.7	0.469	23/47	52.3	0.563
<b>TOTAL</b>		19/588	3.2		270/588	45.9		299/588	50.9	
<b>Significância</b>		Input: 0.024 Sig.: 0.005			Input: 0.508 Sig.: 0.220			Input: 0.459 Sig.: 0.362		
Verbo	Pessoa do discurso	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
LEVAR	1ºP	1/58	1.7	0.169	34/58	58.6	<b>0.607</b>	23/58	39.7	0.510
	2ºP	12/40	40	<b>0.885</b>	6/40	20	0.214	12/40	20	<b>0.514</b>
	3ºP	10/93	10.8	0.583	48/93	51.6	0.537	35/93	51.6	0.489
	a gente	0	0	-	0	0	-	0	0	-
<b>TOTAL</b>		23/181	12.7		88/181	48.6		70/181	38.7	
<b>Significância</b>		Input: 0.079 Sig.: 0.000			Input: 0.479 Sig.: 0.002			Input: 0.387 Sig.: 0.957		
Verbo	Pessoa do discurso	A			PARA			EM		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
VOLTAR	1ºP	3/42	7.1	<b>0.577</b>	31/42	73.8	0.469	8/42	19	<b>0.512</b>
	2ºP	1/2	50	-	1/2	50	-	0/2	0	-
	3ºP	1/29	3.4	0.389	23/29	79.3	<b>0.545</b>	5/29	17.2	0.482
	a gente	0/2	0	-	2/2	100	-	0/2	0	-
<b>TOTAL</b>		5/75	6.7		57/75	76		13/75	17.3	
<b>Significância</b>		Input: 0.053 Sig.: 0.455			Input: 0.762 Sig.: 0.608			Input: 0.183 Sig.: 0.776		

<sup>94</sup>Tendo em vista a aproximação entre os pesos relativos associados aos fatores *a gente* e *nós/eu*, bem como o valor discursivo de ambos, que envolve a primeira pessoa, esses fatores foram amalgamados em novas rodadas para o verbo *levar*, em função da baixa frequência de [*a gente*].

Observando-se os pesos relativos na seleção de preposição de cada verbo, os resultados não permitem confirmar nossa hipótese para a variável *pessoa do discurso*. O uso da preposição *a* é mais fortemente favorecido por sujeitos de 3P do verbo *ir* (P.R. 0.72) e de 2P do verbo *levar* (P.R. 0.88); o uso de *para*, mais por sujeito de 1P plural *a gente* do verbo *entrar* (P.R. 0.7) e 1P do verbo *levar* (P.R. 0.6); e, o uso de *em*, mais por sujeito de 1P do verbo *entrar* (0.74). Dessa forma, os resultados contrariam a hipótese testada, sem que seja possível observar uma tendência geral para o grupo de fatores testados.

### **2.3 Tendências gerais de uso das preposições na fala do interior paulista**

Como já mencionado, consideramos, neste estudo, que as preposições que complementam os verbos de movimento *entrar*, *ir*, *levar* e *voltar* e que apresentaram variação são camadas de um domínio funcional; nos termos labovianos, são variantes de uma mesma variável linguística. Segundo, Hopper (1991) as camadas velhas (formas/significados) não são necessariamente descartadas, mas podem coexistir e interagir com as camadas novas, conforme o princípio da estratificação.

Uma situação de estratificação/variação pode ser suavizada ou mesmo resolvida por meio da especialização de uso de uma das formas: ou por *generalização* – uma camada/variante passa a se sobrepor às demais assumindo os papéis daquelas que teriam sua frequência diminuída ou que seriam mesmo eliminadas; ou por *especificação* – as camadas/variantes são usadas em contextos sociolinguísticos distintos (GÖRSKI; TAVARES, inédito).

Avaliando os resultados até aqui empreendidos, se atentarmos para a frequência de uso das preposições na fala do interior paulista à luz da metodologia laboviana, podemos dizer que temos evidências atuais de recuo da preposição *a*, especialmente no que concerne ao verbo *ir*, com um percentual de uso de 3,05% de frequência, e por outro lado, identificamos uma variação estável entre as preposições *para* e *em*, porém com tendência de a preposição

*para* se generalizar e de seu significado sofrer abstração, permitindo assim novos complementos, tais como com função “meta”, mais metafóricos, ou mesmo verbos infinitivos.

Temos, portanto, indícios que sustentam a hipótese de mudança em andamento rumo à diminuição crescente e gradativa de uso de uma das formas, de modo que as outras variantes, possivelmente, continuarão competindo entre si, a fim de representar o domínio funcional em questão. É justamente nesta direção que os demais trabalhos que focalizam esse objeto pesquisado no PB têm apontado, conforme resenhamos no segundo capítulo.

As tendências gerais e os contextos que particularizam o uso de cada preposição podem ser caracterizados por uma confluência de traços que constituem os motivadores da mudança, sociais e linguísticos, como mostra a síntese exposta no quadro a seguir.

**Quadro 5.3 – Contextos sociolinguísticos preferenciais de uso das preposições *a/para/em* na introdução de complementos de verbos de movimento na fala do interior paulista**

Grupo de fatores	VERBO	PREPOSIÇÕES		
		A	PARA	EM
Faixa etária	Entrar	-	7 a 15 anos	17 a 25 anos
	Ir	16 a 25 anos	+ 55 anos	7 a 15 anos
	Levar	+ 55 anos	26 a 35 anos	7 a 15 anos
	Voltar	36 a 55 anos	7 a 15 anos	36 a 55 anos
Sexo	Entrar	-	Feminino	Masculino
	Ir	Feminino	Feminino	Masculino
	Levar	Masculino	Feminino	Masculino
	Voltar	Masculino	Feminino	Masculino
Escolaridade	Entrar	-	1º CEF	EM
	Ir	Superior	Superior	1º CEF
	Levar	2º CEF	1º CEF	EM
	Voltar	1º CEF	Superior	1º CEF
Configuração do complemento locativo	Entrar	-	Inst. personificada	Lugar
	Ir	Objeto	Espaço geográfico	Evento
	Levar	Objeto	Espaço geográfico	Evento
	Voltar	Inst. personificada	Lugar	Inst. personificada
Movimento	Entrar	-	Não-concreto	Concreto
	Ir	Não-concreto	Concreto	Não-concreto
	Levar	Não-concreto	Concreto	Concreto
	Voltar	Não-concreto	Concreto	Concreto
Definitude	Entrar	-	-definido	+definido
	Ir	-definido	+definido	-definido
	Levar	-definido	+definido	+definido
	Voltar	-definido	+definido	+definido
Pessoa do discurso	Entrar	-	a gente	1ª pessoa
	Ir	3ª pessoa	1ª pessoa	2ª pessoa
	Levar	2ª pessoa	1ª pessoa	2ª pessoa
	Voltar	1ª pessoa	3ª pessoa	1ª pessoa

Considerando a síntese dos resultados acima, algumas tendências podem ser apontadas em relação aos contextos de uso das preposições.

Em relação aos fatores sociais, evidenciamos um padrão de uso relacionado ao grupo de fator *sexo/gênero*, em que informantes do sexo masculino privilegiam o uso das variantes *a* e *em*, enquanto informantes do sexo *feminino*, o uso da preposição *para*.

Se voltarmos a atenção para os resultados dos fatores linguísticos, percebemos certa confluência da atuação dos grupos de fatores linguísticos *concretude do movimento* e *definitude* na combinação com determinada preposição: movimento não concreto e locativo [-definido] são traços inteiramente associados à preposição *a*, e movimento concreto e locativo [+definido] são traços associado tanto a *para* quanto a *em*. Ao contrário, para a variável *pessoa do discurso*, verifica-se uma associação oscilante na seleção das preposições: *a* aparece mais associada à 1P, *para* flutua entre *a gente*, 1P e 3P e *em*, entre 1P e 2P, não sendo possível, nesse caso, identificar um padrão de uso.

Tal panorama evidencia que as preposições *para* e *em* vem expandindo seu uso na fala do interior paulista, tratando-se de uma variação estável, motivada por fatores sociais e linguísticos.

Resumidamente, os resultados apontam algumas tendências gerais como indícios de especialização por especificação, além de uma clara competição entre as preposições que complementam os verbos de movimento, em alguns contextos, especialmente em relação à *definitude* do complemento, à *concretude do movimento* e ao *sexo/gênero*.

Até aqui, nossa pesquisa sincrônica revelou que há diferentes fenômenos atuando sobre a variação no uso das preposições que complementam os verbos de movimento *entrar*, *ir*, *levar*, *voltar*: (i) há um processo de mudança em andamento com recuo gradativo da preposição *a* (em acordo com o que já foi atestado em estudos de caráter histórico) e uma

concomitante expansão de uso das preposições *para* e *em*; (ii) há um processo de variação relativamente estável entre as preposições *para* e *em*; (iii) há um processo de generalização por especificação, com indicadores de contextos particularizados para as três preposições.

### 3 PAINEL GERAL DE USO DAS PREPOSIÇÕES *A/PARA/EM* NO COMPLEMENTO LOCATIVO DO VERBO *IR* NO PB

Confrontamos na tabela abaixo nossos resultados com os resultados apresentados para o uso variável das preposições *a/para/em* que complementam o verbo de movimento *ir* (MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 1996, 2008; JESUS, 2012; VALLO, 2004; ASSIS, 2009; WIEDEMER, 2008a).

**Tabela 5.9 - Frequência de uso das preposições *a/para/em* na introdução de complementos locativos do verbo *ir* em diferentes amostras do PB**

Autores / Preposição	Mollica (1996) Rio de Janeiro	Ribeiro (1996; 2008) Rio de Janeiro	Jesus (2012) Semiárido baiano	Vallo (2004) João Pessoa	Assis (2009) Bahia	Wiedemer (2008a) Santa Catarina	Amostra do Interior Paulista
<b>A</b>	54%	86%	71%	13%	0%	13%	3,05%
<b>PARA</b>				72%	46%	44%	44,85%
<b>EM</b>	46%	14%	29%	15%	54%	43%	49,85%

Primeiramente, os resultados obtidos para a *preposição* são possíveis de serem visualizados em seus dois polos de usos: as pesquisas de Mollica (1996), Assis (2004), Wiedemer (2008a) e os resultados desta pesquisa apontam para uma frequência bastante aproximada de uso dessa preposição, com a frequência variando de 43% a 54%, diferentemente das pesquisas de Ribeiro (1996; 2008), Vallo (2004) e Jesus (2012), cuja frequência para a mesma preposição varia de 14% a 29%. Assim, no que toca ao uso da preposição *em*, a fala do interior paulista comporta-se de modo mais aproximado das falas do Rio de Janeiro, investigada por Mollica (1996), da Bahia, investigada por Assis (2009), e de

Santa Catarina, e mais distante das falas carioca, investigada por Ribeiro (1996; 2008), do semiárido baiano, investigada por Jesus (2012), e de João Pessoa.

Quanto à frequência de uso da preposição *a*, nossos resultados se aproximam mais dos resultados de Assis (2009), com regra categórica ou semi-categórica, diferem em 10 pontos percentuais das frequências apuradas por Vallo (2004) e Wiedemer (2008a, 2010b), o que demonstra que o processo de recuo dessa preposição *a* na fala do interior paulista encontra-se em estágio bastante adiantado.

Comparando-se as frequências de usos das preposições *a* e *para* conjuntamente, como fizeram Mollica (1996), Ribeiro (1996; 2008) e Jesus (2012) os resultados para a fala do interior paulista (47,9%) se aproximam mais aos de Mollica (1996), para a fala carioca (54%), de Assis (2009), para a fala baiana (46%), e de Wiedemer (2008a), para a fala catarinense (54%), e distanciam-se substancialmente dos resultados de Ribeiro (1996; 2008), para a fala carioca (86%), de Jesus (2012), para a fala do semiárido baiano (71%), e de Vallo (2004), para a fala pessoense (85%).

Relativamente às preposições que complementam o verbo de movimento *ir*, uma comparação mais abrangente dos dados expostos na tabela 5.9 não permite traçar uma aproximação dos dialetos considerados, em função do espaço geográfico. Se por um lado a fala do interior paulista se aproxima da fala catarinense e carioca, comunidades situadas mais ao sul do país, por outro, ela também se aproxima da fala nordestina, representada pela fala baiana, e diverge do dialeto carioca retratado por Ribeiro, e dos outros dois dialetos nordestinos (pessoense e do semiárido baiano).

Assim, o fenômeno da variação das preposições que complementam o verbo *ir* ganha contornos particulares, a depender do dialeto, pois se trata de variação que opera abaixo do nível de consciência da comunidade de fala. Assim, a busca de padrões de distribuição das diferenças continua sempre como objeto de investigação.



Passamos a apresentar, na seção seguinte, um quadro conceptual para os usos das preposições que complementam verbos de movimento, a partir da proposta desenvolvida por Lehmann (1992).

#### 4 INTERPRETANDO OS RESULTADOS À LUZ DA PROPOSTA DE LEHMANN (1992)

Considerando a abordagem tipológica e conceptual proposta por Lehmann (1992), conforme resenhamos em nosso primeiro capítulo, buscamos, na sequência, articular os resultados da amostra contemporânea e interpretá-los a partir dessa proposta. Assim, após evidenciarmos a sistematicidade dos usos das preposições no *corpus* de fala rio-pretense, resumimos esse panorama das ocorrências segundo o verbo de movimento, conforme exposto no quadro (5.4).

**Quadro5.4 - Distribuição do uso das preposições segundo o verbo de movimento na amostra *Iboruna***

<b>Verbo</b>	<b>Preposições</b>
<b>Caminhar</b>	<i>até / em / para / por</i>
<b>Chegar</b>	<i>a / até / de / em / para</i>
<b>Entrar</b>	<i>em / para / por</i>
<b>Ir</b>	<i>a / até / em / para / por</i>
<b>Levar</b>	<i>a / até / em / para</i>
<b>Mudar</b>	<i>para</i>
<b>Partir</b>	<i>para</i>
<b>Sair</b>	<i>de / em / para / por</i>
<b>Voltar</b>	<i>a / de / em / para</i>

Primeiramente, para representar as relações espaciais, as preposições mobilizam as categorias cognitivas de regiões espaciais, que resultam dos seus sentidos básicos. Dessa forma, temos para as preposições *de*, *em*, *para* e *por*, no PB, os seguintes sentidos bases:

- a) Preposição *a/para*: implicando a ideia de “em direção a x”;
- b) Preposição *por*: implicando a ideia de “passar por x”;
- c) Preposição *em*: implicando a ideia de “estar em x”; “no interior de x”.
- d) Preposição *de*: implicando a ideia de “vir de x”.

Tomando em conta a teoria apresentada em Lehmann (1992) e sumariada no primeiro capítulo deste trabalho, conforme o autor, o relator é uma característica de um idioma local e exprime uma relação local entre o objeto localizado e o objeto de referência/ponto de referência. Assim, em PB, defendemos que as preposições expressam as relações locais, e os verbos exigem que o objeto localizado tenha uma relação com o objeto de referência/ponto de referência. Assim, considerando as relações locais (Quadro 4.2, Capítulo II), e os traços bidimensionais apresentados no quadro 4.3, conforme sugere Lehmann (1992), podemos propor, para o PB, o quadro 5.5, para tratar das preposições *a*, *de*, *em*, *para* e *por*.

**Quadro 5.5 – Relatores locais (preposições) de complementos de verbos de movimento no português brasileiro**

<b>Dinamicidade</b>			
Estático	Dinâmico		
Essivo	Locativa		
<b>Orientação</b>			
<i>Em</i>	<i>a /para</i>	<i>de</i>	<i>por</i>
<b>Relações locais</b>	Alativo	Ablativo	Perlatoivo
Inerente / interior	Contato	Origem	Contato

No quadro acima, temos, primeiramente, a representação de uma situação local, que combina uma relação que existe entre o local da situação e o objeto de referência, neste caso, dada por um relator. Como os verbos de movimento exigem um objeto localizado que apresenta uma relação com o ponto de referência, ocorrem as preposições, e, por sua vez, as relações locais (*essivo*, *alativo*, *ablatoivo* e *perlatoivo*), conforme a representação, em amarelo. Também se inserem, nesta representação, os parâmetros de dinamicidade, em termos de ser *estático* ou *dinâmico*, o que habilita um verbo de movimento a corroborar o uso de uma preposição *estática*, por exemplo, a preposição *em*. Além disso, na utilização de um objeto de referência (ponto de referência/local), este espaço carrega propriedades espaciais desse objeto, e, como consequência, seu entorno imediato, dados pelas regiões espaciais, por exemplo, interioridade, contato, origem, entre outras.

Assim, as preposições possuem um sentido prototípico de base, e os demais sentidos são derivados por processos pragmáticos; dessa forma, para representar esses significados extraídos das preposições que complementam os verbos de movimento e suas relações, propomos o quadro (5.6). Avaliando os significados a partir dos resultados encontrados para as preposições que analisamos, além dos significados previstos, ou seja, prototípicos, encontramos o desenvolvimento de significados mais abstratos, os quais denominamos, aqui, de “inespecífico”.

**Quadro 5.6 - Relações locais no português brasileiro**

		<b>Essivo</b>	<b>Alativo</b>	<b>Ablativo</b>	<b>Perlatoivo</b>
Inespecífico		<i>Em</i>	<i>a/para</i>	<i>de</i>	
Contato	<b>Topologia</b>	<i>Em</i>	<i>a/para</i>		<i>por</i>
Inerente/interior		<i>Em</i>			

Com isso, os desenvolvimentos de novos significados da preposição *para*, como vimos na seção anterior, são representados nesta visão, pois, originalmente a preposição *para*, que pressupõe na sua significação um ponto de referência “meta”, passa a admitir outros tipos de complementos locativos mais abstratos, ou seja, quanto maior o processo de desbotamento semântico, maior o seu grau de gramaticalização, e, por consequência, seu significado passa a depender mais do contexto pragmático.

Já a preposição *em* pode ser caracterizada como a forma não-marcada na indicação do papel semântico “lugar” no PB, e por meio de inferência pragmática, deduzimos esse sentido. Conforme Ferrari (1997, p. 121), “quando ouvimos emissões do tipo ‘O livro está na mesa’ ou ‘O quadro está na parede’, inferimos que o livro está em cima da mesa e que o quadro está na superfície da parede, dado nosso conhecimento pragmático”.

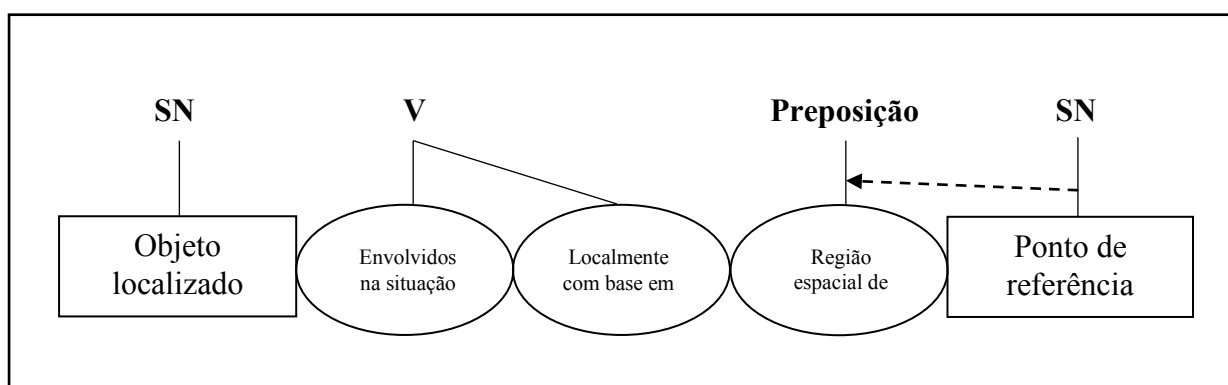
Com isso, podemos propor a seguinte noção: o significado básico da preposição *em* é locativo; no nível sintático, expressa uma relação essiva, a qual representa o significado

dinâmico dado pelo verbo *ir*. Já o significado genérico da preposição *em* relaciona-se com as regiões espaciais, por exemplo, interioridade, que pode ser recuperado diacronicamente. Outros sentidos podem emergir como sentidos inespecíficos.

Os valores dos componentes conceituais (esquema 5.1) são marcados por diferentes estratégias por um idioma específico. Sobre isso, Lehmann (1992, p. 5) teoriza que, em resumo, as línguas podem diferir na simbolização de uma situação local em relação aos seguintes aspectos: “1) Os componentes conceituais podem ser implementados em categorias gramaticais em graus variados; 2) Os componentes conceituais podem ser agrupados em estruturas sintáticas diferentes e combinados em unidades”<sup>95</sup>. Sobre isso, Lehmann (1992) demonstra, na realização de trabalho comparativo de diferentes línguas, que, por exemplo, na língua Avaré, há uma relação icônica um-para-um com a representação sintática das representações conceituais, processo diferente na língua alemã, que faz uso das relações espaciais para descrever a combinação de casos e preposições.

Assim, considerando os componentes conceituais universais propostos por Lehmann (1992), sugerimos a seguinte representação para a língua portuguesa, conforme o esquema.

**Esquema 5.1 – Componentes conceituais da língua portuguesa**



<sup>95</sup> Cf. original: “1. Die begrifflichen Komponenten können in unterschiedlichen Maße in grammatische Kategorien umgesetzt. 2. Die begrifflichen Komponenten können in der syntagmatischen Struktur verschieden gruppiert und zu Einheiten zusammengefaßt werden”.

A leitura desse esquema é a seguinte: no PB, as preposições desempenham, primeiramente, na ordem da oração, a função relacional. O relator, a preposição, faz a função de exprimir uma relação local entre o objeto localizado e um objeto de referência/ponto de referência. Com verbos que exigem um objeto localizado, que apresenta uma relação com um ponto de referência (essivo, alativo, ablativo ou perlativo), ocorrem as preposições.

Conforme já antecipamos, para Lehmann (1991), primeiramente, há uma situação nuclear, definida por um verbo. Após os parâmetros da dinamicidade, a situação definida pelo núcleo e toda a dinamicidade são avaliadas em termos de ser *estática* ou *dinâmica*. Além disso, a situação nuclear, conforme Lehmann (1992), inclui um núcleo e seus participantes, e a situação local é aquela que está conceitualmente ligada ao local, representada no espaço (localmente com base em).

O espaço definido pelas propriedades espaciais de um objeto, mais notadamente o objeto de referência (ponto de referência), e como consequência, seu entorno imediato, é determinado pelas regiões (topológica, dimensional).

Aqui ainda, a partir dos resultados desta pesquisa e da análise de Wiedemer (2008a) sobre a atuação da configuração do ponto de referência, defendemos que a seleção das preposições que complementam os verbos de movimento pode sofrer influência do significado do ponto de referência. Dessa forma, temos a influência de dois processos: o sintático e o pragmático, este com maior atuação na adjunção, e aquele na complementação. Esse pensamento abaliza a hipótese apresentada por Ilari *et. al.* (2008), em que os autores tratam o fenômeno de uso das preposições a partir dessas duas determinações.

Dessa forma, um verbo pode selecionar uma ou mais preposições, que podem estar em processo de variação/mudança, e a seleção de determinada preposição pode se dar em função da carga semântica exercida pelo ponto de referência. Em resumo: o ponto de referência atua

na seleção de determinada preposição, principalmente, na resolução de ambiguidades, por exemplo, *para* e *em*.

Para salientar a ideia da influência do ponto de referência na seleção de preposições de complemento de verbos de movimento, retomamos o pensamento de Herskovits (2004) sobre a influência das características dos objetos na seleção das preposições, e salientamos que tanto os aspectos formais do objeto, quanto aos fatores contextuais estão relacionados à codificação das preposições. Para o autor, tomar como parâmetro o significado nuclear das preposições que codificam noções espaciais não é suficiente para determinar suas condições de uso, mesmo porque tais significados estão sujeitos a transformações de acordo com os contextos. Para tanto, faz-se necessário um processo de mediação entre significados e condições de usos envolvidos no processo. A produção e a interpretação das preposições espaciais variam, portanto, consoante às características dos objetos e fatores contextuais.

Com isso, contrariamente ao que estamos há muito acostumados a ouvir, que o verbo exige o uso de determinada preposição, os resultados demonstrados apontam que há uma relação entre o tipo de complemento com dado verbo, e, por sua vez, o tipo de complemento/ponto de referência condiciona a escolha de determinada preposição.

Conforme demonstramos, as preposições designam exclusivamente relações especiais, e a relação local, em vez disso, está implícita na valência semântica e sintática do verbo. Além disso, apresentamos um quadro conceptual das diferenças de significados das preposições a partir dos apontamentos de Lehmann (1992), e demonstramos que, nos casos mais simples, existe uma relação regular entre o significado básico e o significado genérico. A comprovação da contribuição semântica do verbo ou da preposição pode ser mostrada por meio da seguinte interpretação:

- (i) a preposição *em* sempre indica “local onde”, e, nesse caso, o sentido de movimento direcionado fica a cargo do verbo (*ir na praia vs. ficar na praia*)<sup>96</sup>;
- (ii) se o verbo não tem o sentido de movimento direcionado, por exemplo, *caminhar*, o complemento com *em* indica apenas “local” (*caminhar na praia*). Já para obter o sentido de direção é necessário o uso das preposições *para* ou *até* (*caminhar para/ até a praia*), com ou sem a leitura de “término final do movimento”.

Assim, as preposições do PB combinam dois componentes de significados: um que designa certa região espacial e outro que determina o objeto de referência (em alguns exemplos, de proximidade, em outros, de interioridade).

### **Em resumo ...**

Ao longo deste capítulo evidenciamos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação/mudança no uso das preposições que complementam os verbos de movimento na amostra de fala do interior paulista, e, com isso, sustentamos a multiplicidade de fatores que envolvem o fenômeno aqui investigado. Além disso, aplicamos a abordagem tipológica e conceptual proposta por Lehmann (1992) aos resultados encontrados. Para ratificarmos as tendências encontradas, no próximo capítulo, apresentamos os resultados da amostra do século XIX.

---

<sup>96</sup> Retomaremos este assunto em nosso Capítulo VI, seção 2.

# CAPÍTULO VI

## RESULTADOS DA AMOSTRA DE ESCRITA DO PB HISTÓRICO (SÉCULO XIX)

Neste capítulo, tratamos da ampliação dos valores semânticos e das funções das preposições que complementam os verbos de movimento, confirmando o processo de gramaticalização desses itens. Para tanto, os resultados da análise da fase contemporânea do PB são confrontados com os resultados obtidos com base em dados extraídos de textos diversos do século XIX. Procuramos delinear os padrões preferenciais de distribuição das preposições que complementam os verbos de movimento. Além disso, à luz do Sociofuncionalismo, apresentamos um panorama mais geral da variação/mudança, via gramaticalização, das preposições *a/para/em* que complementam os verbos de movimento.

### 1 PANORAMA NO USO DAS PREPOSIÇÕES DE COMPLEMENTOS DE VERBOS DE MOVIMENTO NO PB DO SÉCULO XIX

Após verificarmos os usos das preposições que complementam os verbos de movimento no *corpus* diacrônico, do mesmo modo como procedemos na amostra sincrônica, procuramos, primeiramente, determinar a frequência de uso de cada preposição para avaliarmos a produtividade das formas aqui investigadas. Os resultados obtidos com a tabulação dos dados recolhidos são observados na tabela 6.1, abaixo.



Tabela 6.1 – Distribuição do uso das preposições segundo o verbo de movimento (Amostra diacrônica)

Preposições Verbo	A		PARA		EM		POR		ATÉ		DE		TOTAL
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
<b>Caminhar</b>	-	-	7	87,5	-	-	1	12,5	-	-	-	-	8
<b>Chegar</b>	55	63,5	12	11,90	1	2,925	-	-	1	2,925	16	18,75	85
<b>Entrar</b>	1	-	17	14,5	74	65	23	20,5	-	-	-	-	115
<b>Ir</b>	50	49,6	46	45,50	-	-	2	1,95	3	2,95	-	-	101
<b>Levar</b>	21	44,7	26	55,1	-	-	-	-	1	0,2	-	-	48
<b>Mudar</b>	-	-	4	100	-	-	-	-	-	-	-	-	4
<b>Partir</b>	-	-	11	100	-	-	-	-	-	-	-	-	11
<b>Sair</b>	3	2,5	5	4,75	-	-	28	26,75	-	-	69	66	105
<b>Voltar</b>	8	29,5	15	55,5	-	-	-	-	-	-	4	15	27
<b>TOTAL</b>	<b>138</b>		<b>136</b>		<b>75</b>		<b>54</b>		<b>4</b>		<b>89</b>		<b>496</b>

Como se pode observar na tabela acima, a frequência de ocorrências das preposições associadas aos verbos de movimentos não se compara com a do *corpus* sincrônico. A primeira ressalva é justamente a baixa frequência dessas preposições na amostra diacrônica, processo distinto quanto à amostra da fala do interior paulista, porém a amostra sincrônica (Iboruna) é maior que a amostra diacrônica, em termos de *tokens* e *types*, e esse desequilíbrio pode explicar a frequência menor de ocorrências de preposições no *corpus* diacrônico.

De acordo com a tabela 6.1, são seis os verbos (*chegar, entrar, ir, levar, sair* e *voltar*) que são acompanhados da preposição *a*, para um total de 138 ocorrências na amostra diacrônica. Esse comportamento em relação às preposições *para* e *em*, semelhante ao encontrado na amostra sincrônica, já revela um processo de recuo da preposição *a* no período pretérito. Não encontramos usos de *em* associados aos verbos *caminhar, ir* e *levar* (encontrados na amostra paulista), nem aos verbos *mudar, partir, sair* e *voltar*; *em* só ocorre na amostra diacrônica com os verbos *chegar* e *entrar*. O uso da preposição *para* ocorre com todos os mesmos verbos da amostra paulista, o que confirma seu estatuto mais genérico, pois ao complementar todos os verbos aqui analisados, parece não sofrer restrição sintática ou semântica.

Dessa forma, os resultados revelam o início da variação/mudança na introdução de complemento, principalmente com os verbos *ir*, *chegar*, *levar*, *entrar* e *sair*, bem como uma maior generalização de uso da preposição *para* já no período diacrônico. Confirmamos, assim, os achados de Berlinck (2000; 2004), de Oliveira (2002) e de Kewitz (2007), que mostram diacronicamente o processo de variação entre as preposições *a* e *para*, nos casos dos verbos de movimento.

Em relação ao **verbo *caminhar***, levantamos apenas oito ocorrências, porém, diferentemente da amostra sincrônica, no recorte diacrônico o padrão de uso de preposições é menos diverso, com a utilização apenas das preposições *por* (6.1a) e *para* (6.1b).

(6.1)

- (a) *...e aí permanece por alguns instantes, silencioso. Paulino, enquanto o Pedestre caminha para a mesa, e durante o tempo que aí demora-se sentado, levanta a cabeça e observa.*

[Martins Pena - Os ciúmes de um pedestre]

- (b) *Vamos a arriscar, e caminhemos à maneira do sapo; senão, arrebento as ventas. Principia a caminhar pela cena, saltando de pés juntos.*

[Martins Pena - Os ciúmes de um pedestre]

Poderíamos ser levados a afirmar que o uso da preposição *para* com o verbo *caminhar* se trata de um processo de variação, porém como se pode observar na ocorrência (6.1a), o uso dessa preposição é condicionado por restrições sintáticas exigidas pelo complemento; construções com *caminhara* tendem a rejeitar complementos interpretados como [-animado], como também não é permitida a substituição da preposição *para*, neste exemplo, nem por *em* nem por *por*, pois isso afetaria o sentido de “meta” atribuído pela preposição *para*.

Quanto ao verbo **chegar**, há, na amostra diacrônica, uma variedade maior de preposições que complementam esse verbo (*a, para, em, até e de*) conforme exemplificado em (6.2).

(6.2)

- (a) *MARCELO - Quando eu soube, pus-me a caminho. Quinze dias [e] quinze noites andei sem descanso. **Cheguei à casa de minha mãe**, tomei a sua bênção e continuei a jornada, trazendo por companhia minha espingarda carregada com duas balas.*

[Martins Pena –O diletante]

- (b) *...até que em 11 de Outubro do mesmo anno **chegou a Ilha Guanahany**, que é uma das Lucayas, a qual pôz o nome de S. Salvador.*

[19CGM]

- (c) *BOLINGBROK - Oh, God! JOHN - Há dois anos que **chegaste de Inglaterra** e estabeleceste, na Bahia, uma casa...*

[Martins Pena - As casadas solteiras]

- (d) *...que lhe devo, eu lhe dizia o que eu sinto. (Sai, **chega na porta** e diz:) Porém tenho prudência; calo-me e...*

[Martins Pena - Comédia sem título]

- (e) *...Manuel e João, que ouvem as vozes dos dois, **chegam-se para a janela**, e dando com os dois no banco...*

[Martins Pena – O namorador ou a noite de S João]

- (f) *.. (Tomando nos braços o pequeno, que está no chão.) Só para fugir-me... (**Chegando-se para a porta** por onde saiu Pacífico...*

[Martins Pena – As desgraças de uma criança]

- (g) *...ANGÉLICA - Vamos a ver. (**Chega-se para Quitéria e examina-a.**) Isto não é nada...*

[Martins Pena – A família e a festa na roça]

Diferentemente dos resultados da amostra de fala do interior paulista, a frequência de uso da preposição *a* com o verbo *chegar*, nesta amostra, é bastante expressiva, com um total de 63,5% (=55/85). Seis de 12 ocorrências apresentam o sentido de “aproximar-se”, conforme (6.2g), e os demais casos são de complemento de lugar, conforme (6.2e) e (6.2f). Assim sendo, evidenciamos um processo de mudança da preposição *a* para *em* na complementação do verbo *chegar*, da amostra sincrônica à amostra diacrônica, ou seja, evidenciamos a substituição da preposição *a* por *em*, nesse contexto.

Retomando informação de nosso primeiro capítulo, já, no latim, ocorria uma indefinição de uso das preposições *ad* e *in*, o que acarretou a ocorrência, provavelmente, do processo de variação, no português, das preposições *a* e *em*. Assim, parece forte a hipótese de que a preposição *em* seja a concorrente natural da preposição *a*, na marcação de “meta-localização”.

Diferentemente de Kewitz (2007) e Oliveira (2002), que observaram a variação das preposições *a* e *em* em textos de anúncios e cartas do século XIX, em nossa amostra diacrônica não evidenciamos esse processo variável com o verbo *chegar*. Uma possível explicação para tal diferença é a de que o uso de determinada preposição possa ser condicionado pelo tipo de gênero textual, pois utilizamos uma amostra diferente das analisadas por essas autoras.

Os resultados para o **verbo *entrar*** apresentaram um quadro de usos das preposições bastante semelhante ao padrão encontrado na amostra sincrônica, com um total de 115 ocorrências, nas quais se manifestaram as preposições *para* (14,5%), *em* (65%) e *por* (20,5%), conforme exemplos em (6.3). Encontramos uso da preposição *a*, apesar de ser apenas uma única ocorrência, conforme (6.3c).

(6.3)

- (a) *João Dias Golis ou Solis em 1515, correndo a costa do Brazil, **entrou na Bahia do Rio de Janeiro**, seguiu depois para o Sul...*

[19CGM]

- (b) *Venci. **Entre** na sociedade triunfante com o meu título.*

[França Junior - As doutoras]

- (c) *...o fizessem baixar a cabelas e as costas para **entrar a porta** do pantheon litterario...*

[19CAQ]

- (d) *...Meu Deus, isto foi um mal que me **entrou pela porta!** Isaías (Sempre impassível)*

[Artur Azevedo - Amor por anexins]

- (e) *... (Para Rosinha e Perpétua.) Minhas senhoras, **entrem para esta casa** e não tenham receio...*

[França Junior – Como se fazia um deputado]

- (f) *... **Entrou para o ministerio** remediado, delle sahio pobre, para viver unicamente dos seus honorários como qualquer trabalhador comum...*

[11CGM]

Dos usos da preposição *em* com *entrar*, (6.3a) exemplifica casos em que a preposição sinaliza ponto de referência “meta-lugar”; em (6.3b), o sentido atribuído pelo verbo é de “acessar” e a preposição *em* indica “local/pertencer a x”. Também evidenciamos esses dois processos (6.3a) e (6.3b) com a preposição *para*: o primeiro, na introdução de complemento de movimento (6.3e), ou seja “meta-lugar”, e o segundo (6.3f), o verbo *entrar* com sentido de “acessar”, na indicação de “meta/pertencer a x”. Assim, as preposições *em* e *para* em (6.3b) e (6.3f), além de referir o significado “meta/lugar”, atribui ao ponto de referência o valor acessório de “pertença/membro de”, conferindo a leitura de “acessar” ao verbo *entrar*.

Este esquema só faz sentido nos casos de complementos “lugar/objeto” conforme (6.3b) e (6.3f), pois em complementos que denotam “evento”, por exemplo “baile”, esse tipo

de significado se torna ambíguo, já que o complemento “evento” não atribui o significado “pertencer a x”, e sim “deslocamento/direção”. Assim, o uso das preposições *em* e *para*, conforme acima (6.3a-f), conduz a padrões que são produtivos na língua e são dependentes de regras sintáticas.

Podemos reafirmar que, em algumas situações, as preposições desempenham um papel puramente sintático; em outros contextos, mais pragmático. De qualquer forma, as preposições *em* e *para*, neste caso, exprimem uma relação local (espaço) entre o objeto localizado e o objeto de referência, e os demais significados são derivados e se atualizam no discurso, se consideramos as noções de significado básico e de significado genérico conforme propõe Jakobson (1936).

O verbo *levar* aparece combinado, em 21 ocorrências, com a preposição *a* (6.4a) e (6.4b) e, em 26 ocorrências, com a preposição *para*, como segue exemplificado em (6.4c).

(6.4)

(a) *Que educação dás a teus filhos? **Leva-os à procissão** feito anjinhos e contentas-te com isso.*

[Martins Pena - Quem casa quer casa]

(b) *...O MINISTRO - (para outro) Parte imediatamente (depois de haver feito outro ofício), **leva este à Fortaleza da Laje**; disse ao respectivo Comandante que igual resolução comuniquei a todos os outros comandantes!*

[Qorpo Santo - Hoje sou um e amanhã outro]

(c) *...Carolina toma o doutor pela mão e **leva-o para o jardim**. Josefa não dá pela saída dos dois...*

[Artur Azevedo e Urbano Duarte – O escravocrata]

Diferentemente da amostra sincrônica, não encontramos o verbo *levar* associado à preposição *em*<sup>97</sup>. As variantes *a* e *para* apresentam frequência semelhante, processo contrário na amostra sincrônica, em que observamos uma maior frequência da preposição *para* em relação à preposição *a*.

Kewitz (2007) lança a hipótese de que cada verbo configura uma cena distinta e acarreta diferentes relações entre seus participantes e, no caso de *levar*, a combinação dos participantes, “aquele que leva” (agente) e “aquele que é levado” (paciente), se configura ao mesmo tempo. A partir desse pensamento da autora e de nossos resultados em relação à classificação do ponto de referência do verbo *levar* (que pode ser referido como pessoa, evento, objeto ou lugar físico), pode ocorrer a variação entre as preposições *a* e *para*, pois se trata de um verbo com movimento causado.

Como verificamos variação entre *a* e *para* com o verbo *levar*, resolvemos avaliar a influência dos fatores linguísticos na seleção da preposição, e verificamos apenas a influência da variável *configuração do complemento locativo/ponto de referência*, conforme apresentamos na tabela 6.2.

**Tabela 6.2 - Influência da variável *configuração do complemento locativo/ponto de referência* sobre o uso de *a/para/em* com o verbo *levar* (Amostra diacrônica)**

Verbo	Configuração Ponto de referência	A			PARA		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
LEVAR	Lugar	6/21	28.6	0.370	15/21	71.4	<b>0.630</b>
	Objeto	7/14	50	0.595	7/14	50	0.405
	Instituição	3/3	100	-	0/3	0	-
	Espaço geográfico	2/5	40	0.495	3/5	60	0.505
	Inst. personificação	0	-	-	0	-	-
	Evento	3/4	75	<b>0.815</b>	1/4	25	0.185
<b>TOTAL</b>		21/47	44.7		26/47	55.3	
<b>Significância</b>		Input: 0.595 Sig.: 0.					

Na configuração do complemento locativo/ponto de referência, em relação ao verbo *levar* evidenciamos a atuação do fator [*lugar*] na seleção do uso de *para*, e a preposição *a* é

<sup>97</sup>Segundo Berlinck (1996), o verbo *levar* representa uma extensão da ideia de transferência por complementar a noção de movimento físico em direção a um alvo, e com isso o alvo é um locativo.

condicionada pelo ponto de referência [*evento*]. Assim, os resultados confirmam os achados de Wiedemer (2008a), em que o contexto de uso da preposição *a* é [*evento*]. Além disso, o autor evidenciou um comportamento variável entre as preposições *a/para* diante desse grupo de fatores. Assim, pode-se dizer que as preposições *a/para* estão claramente em variação nos contextos [*evento*] e [*lugar*]. As ocorrências abaixo ilustram a tendência de uso das preposições associadas ao fator *configuração do complemento locativo/ponto de referência*.

- (a) ...*não me tem deixado sossegar um só instante: **leva-me a bailes, festas, teatros, passeios... enfim...*** [*evento*]

[França Junior - Tipos da atualidade]

- (b) ... *nós brigamos seriamente. JULIÃO - Pois **levo-o para a estrebaria**. DOROTÉIA - Por causa daquele...* [*lugar*]

[França Junior - Entrei para o Clube Jácome]

Levantamos no *corpus* diacrônico apenas quatro ocorrências do verbo *mudar*, e em todas elas *para* é a preposição selecionada (6.5), na indicação de “meta-localização”.

(6.5)

- (a) ...*todos os dias dizer lá em casa que tem vontade de **mudar-se para a cidade**. Olhe, se há alguma coisa...*

[França Junior - Direito por linhas tortas]

Associadas ao verbo *voltar*, ocorrem como variante as preposições *a* e *para*, conforme exemplos em (6.6).



(6.6)

- (a) *...Vou fazer-me de novo abolicionista, e voltar ao Clube Pai Tomás, para ver se melhora...*

[Artur Azevedo e Urbano Duarte - O escravocrata]

- (b) *Pelo mesmo motivo, receando piorar, resolvo-me a voltar amanhã para Villa do Conde.*

[19CAQ]

Diferentemente da amostra sincrônica, não evidenciamos usos de *voltar* com a preposição *em*. É perceptível o aumento da frequência de uso da preposição *para* da amostra diacrônica para a sincrônica, com recuo da preposição *a*. De forma geral, o uso da preposição *para* está correlacionado com o ponto de referência [espaço geográfico], conforme (6.6b), o que caracteriza seu uso como indicador de ponto de chegada.

Quanto às preposições associadas ao **verbo sair**, encontramos 66% (=69/105) de usos de *de* (6.7a), 4,7% (=5/105) de *para* (6.7b), 2,5% (3/105) de *a* (6.7c), e 26,75% (28/105) de *por*.

(6.7)

- (a) *...Na segunda viagem sahio de Cadix á 25 de Setembro de 1493; na terceira em 1498...*

[19CGM]

- (b) *...É certo que os moradores do Batovy vieram mais da pesca do que da caça, porém, cação também muito e quando sahem para as matas vão em grande numero trazendo de regresso muitas aves e outros animaes que guardão por muitos dias conservando-os moqueados.*

[19RV]

- (c) *... o lhe respondam com quatro gargalhadas, não poder sair à rua sob pena de lhe gritarem: á burro, ó sandeu...*

[França Junior - Meia hora decinismo]

- (d) *VICENTE - Esconda-se, esconda-se, senhor; não há tempo a perder. Eles sobem já a escada. (Miguel vai **sair por uma das portas da direita**, que deve estar fechada, esbarra-se nela e esconde-se embaixo da mesa.).*

[França Junior – Amor com amor se paga]

Constituem usos alternantes na combinação com o verbo *sair*, as preposições *a* e *para*, como mostrado nas ocorrências acima. Nesses casos, ambas as preposições introduzem “meta-destino”.

Consideremos os resultados para o verbo *ir*. Primeiramente, há um padrão variável de usos entre as preposições *a* e *para*, conforme exemplos em (6.8), abaixo.

(6.8)

- (a) *...Ontem à noite **fui ao quarto de Gustavo**... Ele estava ardendo em febre...*

[Artur Azevedo e Urbano Duarte – O escravocrata]

- (b) *... Eu saí do teatro depois do que houve e **fui para a casa** corrida de vergonha.*

[França Junior - Direito por linhas tortas]

- (c) *...Levanta-se; os gritos continuam.) É pega ladrão! (**Vai para a porta do fundo**...*

[Martins Pena – Os irmãos das almas]

- (d) *...ele não prometer-me que há de **ir para o Rio de Janeiro**. LIMOEIRO - Como deputado...*

[França Junior – Como se fazia um deputado]

Comparando os resultado para o verbo *ir*, nas amostras sincrônica e diacrônica, ocorre um aumento da frequência de *para* e *em* e um recuo da preposição *a*. Outro resultado importante é que a variação de preposições associadas ao verbo *ir* já ocorria na sincronia do século XIX apenas entre *a* e *para*, sem registro ainda de ocorrências da preposição *em*.

Frente a esse resultado para o verbo *ir*, cuidamos de verificar os fatores linguísticos condicionantes dos usos alternantes de *a* e *para*. O programa *GoldVarb X* indicou a atuação de dois grupos de fatores: *configuração do complemento locativo/ponto de referência* e *definitude*. Na tabela 6.3, seguem os resultados para a variável *configuração do complemento locativo/ponto de referência*.

**Tabela 6.3 - Influência da variável *configuração do complemento locativo/ponto de referência* sobre o uso de *a/para/em* com o verbo *ir* (Amostra diacrônica)**

Verbo	Configuração Ponto de referência	A			PARA		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
IR	Lugar	22/40	55	0.678	18/40	45	0.322
	Objeto	4/17	23.5	0.374	13/17	76.5	0.626
	Instituição	4/7	57.1	0.227	3/7	42.9	0.773
	Espaço geográfico	14/25	56	0.243	11/25	44	0.757
	Inst. Personificação	-	-	-	-	-	-
	Evento	6/7	85.7	0.908	1/6	14.3	0.092
<b>TOTAL</b>		50/96	52.1		46/96	47.9	
<b>Significância</b>				Input: 0.472 Sig.: 0.015			

Conforme os resultados acima, observamos que os fatores da configuração do complemento locativo encontram-se em distribuição de usos quanto à preposição selecionada pelo verbo *ir*: favorecem a seleção da preposição *a* os fatores [*lugar*] e [*evento*] e da preposição *para*, os fatores [*objeto*], [*instituição*] e [*espaço geográfico*]. O resultado de *para* confirma os achados da amostra sincrônica, que também apresentou esse fator como preferencial na seleção dessa preposição, porém os resultados da preposição *a* confirmam os achados de Wiedemer (2008a), mas não os resultados da fala rio-pretense, aqui investigados.

Os resultados para o grupo de fatores [*definitude*] seguem apresentados na tabela 6.4, abaixo.

Tabela 6.4 - Influência da variável *definitude* sobre o uso de *a/para/em* com o verbo *ir* (Amostra diacrônica)

Verbo	Definitude	A			PARA		
		Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
IR	[+definido]	21/30	70	<b>0.848</b>	9/30	30	0.152
	[-definido]	29/66	43.9	0.314	37/66	56.1	<b>0.686</b>
TOTAL		50/96	52.1		46/96	47.9	
Significância				Input: 0.472 Sig.: 0.015			

De acordo com os resultados acima, complementos [+definidos] favorecem o uso da preposição *a*, e [-definido] a preposição *para*. Diferentemente da amostra sincrônica, os resultados dessa amostra ratificam as tendências encontradas por Mollica (1996), bem como por Ribeiro (1996; 2008) e Vallo (2005), segundo os quais a preposição *para* ocorre mais frequentemente com nome locativo vago e/ou impreciso [-definido].

Após apresentarmos nossos resultados sincrônicos e diacrônicos, na sequência procuramos sintetizar, à luz do sociofuncionalismo, um panorama mais geral da variação/mudança, via gramaticalização, das preposições *a/para/em* que complementam os verbos de movimento.

## 2 INTERPRETANDO A VARIAÇÃO/MUDANÇA DAS PREPOSIÇÕES *A/PARA/EM* À LUZ DO SOCIOFUNCIONALISMO

Conforme revisão bibliográfica, a preposição *em*, que na atualidade indica “lugar onde”, deriva de *in* (onde) do latim, no qual designava duas relações: (i) lugar onde, regendo ablativo; (ii) lugar para onde, regendo acusativo. As noções de “estado” e de “movimento”, originalmente associadas a *in*, acabam por causar certa indefinição entre o uso de *ad* e *in*, o que leva a preposição *ema* ser utilizada com certos verbos na indicação de movimento. Para comprovarmos essa interpretação, vejamos as duas relações, “lugar onde” (6.9a-b) e “lugar para onde” (6.9c-d), expressas pela preposição *em*, na amostra sincrônica do *Iboruna*.

(6.9)

- (a) ...*tiramos bastante fotografia jun::tos também... então assim foi uma história assim muito legal... e na época que nós nos casamo(s) nós moramo(s)... na prime(i)ra residência nossa **foi ali na no bairro Anchieta... na rua Panamá.....***

[AC-092; NE: L. 55-58]

- (b) ....*ah o dia de casamento... eu me casei na::... dia vinte e cinco de jane(i)ro de... mil novecentos e setenta e cinco... a gente/ o casamento **foi na Basílica... Nossa Senhora da Aparecida...***

[AC-133; NE: L. 39-41]

- (c) ...*a moça sentô(u) na cade(i)ra e ela não conseguia sai(r)... essa foi a prime(i)ra vez que ela **foi na igreja...** porque eles fizeram de ela/ doze horas de jejum...*

[AC-106; NE: L. 195-197]

- (d) ...*ai depois que janta lá a gente saía pa dá(r) uma volta a gente **ia no centro da cidade de Santos...** e lá tem uma fe(i)rinha... né?*

[AC-037; DE: L.199-201]

O resultado é que, com a substituição dos casos latinos por preposições, *ad* e *in* que regiam o acusativo e também *in* que regia o ablativo disputam um mesmo espaço sintático, o que leva a preposição *em* a ser utilizada com certos verbos de movimento, juntamente com as preposições *a* e *para*. Aqui é importante frisar que esses processos não aconteceram ao mesmo tempo, tanto que o processo de inserção da preposição *para*, por exemplo, é mais tardio na história da língua portuguesa.

Como a preposição *para* passa a representar certa ambiguidade de uso, também representada pelo sentido “alativo”, essa preposição passa a representar a mesma função referencial, ou seja, a indicar a mesma mensagem que a preposição *a*. Dessa forma, com a evolução do latim ao português, outras preposições como *para* e *em* passam a desempenhar a complementação de verbos de movimento.

Retomando Givón (1995), na correlação entre forma e função, é preciso admitir a existência de certa arbitrariedade na codificação linguística, pois a iconicidade está sujeita a pressões diacrônicas corrosivas tanto na forma (código/estrutura) quanto na função (mensagem), fato que faz com que o código tenha alterações provocadas pelo atrito fonológico, e a mensagem, alterações em virtude da elaboração criativa do falante. Essas alterações, por sua vez, podem gerar, por certo período de tempo, ambiguidades na forma e na função; ou seja, na forma, verifica-se a correlação entre uma forma e várias funções (polissemia); quanto à mensagem, observa-se a correlação entre várias formas e uma função (variação). É o que parece explicar o processo de variação e mudança envolvendo as preposições *a*, *para* e *em*.

Revisitando os achados da amostra sincrônica, evidenciamos o processo de variação entre *a*, *para* e *em* com os verbos *entrar*, *ir*, *levar* e *voltar*, corroborado na amostra diacrônica.

Ao representar a mesma função referencial, a preposição *para* retoma o significado da preposição *a*, pois parte do seu conteúdo renova o significado de *a*. A preposição *para*, entretanto, inova seu significado e passa a atribuir novos sentidos aos complementos dos verbos de movimentos, por exemplo, na combinação com complementos mais abstratos. Ao se generalizar, essa preposição permite novas construções, incluindo, além de locativos metafóricos, também complementos com verbos infinitivos, e passa a ser mais frequente. Representamos no quadro (6.1) os processos de renovação e inovação da preposição *para*, e na sequência são mostrados, em (6.10a), complemento de movimento, em (6.10b-c), complemento “meta” (mais abstrato), e, em (6.10d-e), complemento com verbo infinitivo.

**Quadro 6.1 – Processos de Renovação e Inovação da preposição *para***

Latim	Português	Sentidos atribuídos
	<i>a</i>  <i>para</i>	[complemento de movimento]  [complemento de movimento] [complemento mais abstrato] [complemento Vinfinitivo]
<p><b>Renovação:</b> o conteúdo semântico da preposição <i>para</i> renova o significado da preposição <i>a</i>, pois possui na sua base etimológica a estrutura <i>ad</i>, representada pelo círculo acima.</p> <p><b>Inovação:</b> a preposição <i>para</i> passa a representar novas funções: indicação de complementos mais abstratos e “complemento com verbo infinitivo”.</p>		

(6.10)

- (a) *...no dia seguinte... pegamos o ô::nibus tu::do nós fomos pra São Paulo sete hora da manhã::... chegamos lá....*

[AC-087; NE: L. 13-14]

- (b) *...os noivos foram hospitalizados... na Santa Casa de Rio Preto... não puderam nem partí(r) para a lua-de-mel... ficaram ali... hospitalizados mas...*

[AC-113; NR: L. 90-91]

- (c) *Inf.: tem que tê(r) uma... rivalidade sadia não uma:: rivalidade ignorante igual igual tá ten(d)o agora... eu acho que num:: precisa partí(r) pra esse princípio não de de violência dessas coisa não...*

[AC-131; RO: L. 257-259]

- (d) *... aí eu limpava a minha casa que era separada do quintal dela... e limpava a dela também porque nada mais justo do que ela sai(r) pra trabalhá(r) e eu ficá(r) em casa fazia o serviço dela também...*

[AC-036; NE: L.120-121]

É pertinente destacarmos que os casos de mudança semântica podem ser tratados de forma unificada como em determinadas situações em que uma dada forma codificadora de um dado significado passaria a ser polissêmica e a codificar novos significados relacionados ao significado anterior, ou motivados pelo significado anterior, conforme sugerem Traugott e

Dasher (2005) por meio da *Teoria da Inferência Sugerida*. Isso pode ser comprovado pelo aumento da frequência do uso da preposição *para* ao longo do tempo, conforme já comprovado pelos estudos de Berlinck (2000), Oliveira (2002) e Ribeiro e Oliveira (2003), e agora pelos nossos resultados.

Na sequência de estágios de desenvolvimento das preposições, a preposição *para*, como vimos, principalmente, com os resultados da amostra sincrônica, se dessemantiza e passa a indicar novos significados (vide quadro 6.1), tendo como resultado o processo de *especialização por generalização*, conforme sugere Hopper (1991): a preposição *para*, que tinha relativa variação com as preposições *a* e *em*, em contextos de complemento de verbos de movimento, se especializa na indicação desses novos significados.

Com isso, além de renovar o significado de movimento associado à preposição *a*, a preposição *para* inova, pois passa a possuir outros significados. A confluência desses dois processos, inovação e renovação, e a obrigatoriedade de uso da preposição *para* na indicação de complementos mais metafóricos, tornam essa preposição mais frequente, passo inicial para seu processo de gramaticalização.

Ao retomar os resultados da amostra sincrônica relativos à preposição *para*, conforme o panorama que evidenciamos, percebemos que essa preposição como introdutora de complemento de verbo de movimento, além de indicar a função “meta-destino”, passa a indicar “meta-evento” e “meta-inespecífico”, o que permite que o ponto de referência seja mais abstrato, confirmando o caminho de concreto a abstrato previsto pelo paradigma da gramaticalização.

Isso significa dizer que, na gramaticalização da preposição *para*, há uma continuidade de uma determinada estratégia gramatical em duas etapas históricas de uma língua. Lehmann (1985, p. 7), ao tratar do assunto, cita o caso da gramaticalização de marcação de casos relacionais do latim ao francês, em que “há uma continuidade com relação às preposições do



latim ao francês”<sup>98</sup>; é o que parece ocorrer também no português. Dessa forma, na gramaticalização da preposição *para*, ela passa a cumprir a função anterior da preposição *a*, e é acompanhada por um processo de renovação. Como resultado, a variação entre as duas formas, *a* e *para*, ao longo do tempo, é resolvida: *para* passa a desempenhar novas funções, além das funções já desempenhadas por *a*.

Outro passo importante é o processo de recuo no uso da preposição *a*, ao longo do tempo, mais perceptível na oralidade e, em grau menor, na escrita, processo de recuo que revela que a preposição *a* é substituída por outra preposição ou é apagada. Vale lembrar, que além dos trabalhos revisados que comprovam esse processo, também o ratificamos na amostra de fala do interior paulista aqui investigada. Elaboramos, no quadro abaixo um cenário do desenvolvimento das preposições *a*, *para* e *em*, do latim ao português.

**Quadro 6.2 - Desenvolvimentos da variação/gramaticalização das preposições *a/para/em* do latim ao português**

eixo da gramaticalização →	
<i>Latim</i>	<i>Português</i>
<i>ad</i>	<div style="text-align: center;"> </div>
<i>in</i>	<div style="text-align: center;"> </div>

Podemos reconhecer a confluência de três processos: (i) a gramaticalização por generalização da preposição *para*; (ii) a gramaticalização por especialização da preposição *em*; (iii) e a lexicalização da preposição *a*. Trataremos dessas questões na sequência.

<sup>98</sup> Cf. original: “as there is continuity with to prepositions in Latin and French”.

## 2.1 A gramaticalização por generalização da preposição *para*

Concomitante à ampliação de seus valores semânticos e à consequente polissemia, a preposição *para* torna-se mais frequente ao longo do tempo, já que passa, progressivamente, a desempenhar novas funções. Assim, o aumento da frequência do item constitui outra evidência empírica de que existe um processo de gramaticalização por generalização instaurado.

Vários processos contribuem para afirmarmos que a preposição *para* esteja em processo de gramaticalização por generalização, tais como: (a) a dessemantização, por meio da qual a preposição passa a se combinar com pontos de referências mais abstratos; (b) a redução fonética de *para* > *pra* > *pa*, principalmente na fala; (c) a maior possibilidade, na fala, de amálgama (contração da preposição com artigos, por exemplo); (d) o aumento da frequência de uso.

Quanto à dessemantização da preposição *para*, quanto mais avançado o processo, maior é a possibilidade da ocorrência de complementos locativos diversos e em predicções formadas por verbos de movimento variados (conforme resultados das amostras sincrônica e diacrônica). Além disso, dentro do paradigma da gramaticalização (LEHMANN (1995 [1982])), é esperado que, ao lado da dessemantização, ocorra também erosão fonológica do item, como é o caso exemplar da preposição em questão, como efeito do aumento da frequência de uso, (BYBEE; PAGLIUCA, 1985). Este processo de redução de material fônico é revelado por inúmeras ocorrências da amostra sincrônica, conforme os exemplos destacados em (6.11).

(6.11)

(a) ...a gente ficava junto... e depois ele **ia pra Atibaia** porque o pai dele mora em Atibaia...

[AC-021;]

(b) ...eu achei óh por/ por mais que:: você sai daqui **vai lá pa Goiânia**... mais de quinhentos... era só ganhá(r) o time perde...

[AC-033; RO: L. 122-123]

(c) ...bem HOje... já:: já oferece dinhe(i)ro aí esse a pessoa já **vai pum clube** o o(u)tro oferece **MAIS** então...

[AC-129; RO: L.279-280]

A redução fonética da preposição *para* é acompanhada de combinações com pronomes e artigos, processo diferente da preposição *a*, que apresenta restrições na formação desse paradigma. Para demonstrarmos esse pensamento, utilizamos os resultados apresentados por Kewitz (2007), que expõe o seguinte quadro da possibilidade de amálgama das preposições *a* e *para*.

Quadro 6.3 - Amálgama das preposições *a* e *para* no PB

<i>Artigo</i>	<b>PARA</b>	<b>A</b>
a(s)	pra(s) / pa(s)	à(s)
o(s)	pro(s) / po(s)	ao(s)
um / uns	prum / pruns	--
<i>Pronome</i>		
ele(s) / ela(s)	prele(s) / prela(s)	
esse(s) / essa(s)	presse(s) / pressa(s)	
este(s) / esta(s)	preste(s) / presta(s)	
aquele(s) / aquela(s)	praquele(s) / praquela(s)	àquele(s) / àquela(s)
você(s) – ocê(eis) – cê (eis)	procê / proceis / procê / p'cê / p'ceis	--
Eu	Preu	--
aqui / ali / aí	praqui / prali / praí	--

**Fonte:** Kewitz (2007, p. 104)

Avaliando o quadro acima, podemos presumir que a preposição *para* oferece um quadro bem diverso de paradigma de combinações com pronomes e artigos em relação à preposição *a*, o que permite, por sua vez, aos falantes de língua a utilização de maiores

possibilidades de uso em diferentes construções, contribuindo para uma maior frequência do item.

Na análise de dados sincrônicos e diacrônicos, observamos contextos de ambiguidade em relação ao uso da preposição *para*: da indicação de direção (6.12), passa, por um processo de abstração do significado, a indicar pelo menos dois significados, “direção/meta” e “direção/propósito”, como em (6.13).

(6.12) [movimento com deslocamento] (direção):

a. *ABINO, gago - Ficaram prontas e já foram para a igreja. NICOLAU - Muito bem...*

[Martins Pena - Quem casa quer casa]

[+direção, +deslocamento, - propósito] foram *em / para / a* igreja.

(6.13) [movimento com propósito]

a. *depois do chá... já se sabe (abraçando-o), vamos para a cama dormir quentinhos!*

[Qorpo Santo – Um assovio]

[+ direção, + deslocamento + propósito] vamos *para/\*em/\*a* cama dormir

(6.14) movimento abstrato

a. *O prêmio vai para o diretor do melhor filme estrangeiro*

[+ direção, - deslocamento, - propósito] vai *para/\*em/\*a*o diretor

Ao ser utilizada com o significado de “movimento com propósito” (6.13), a preposição *para* passa a apresentar nuance semântica diferente. O resultado disso é o processo identificado como *gramaticalização por generalização*, em que *para* é a única preposição possível no contexto de “movimento abstrato”. Em outras palavras, a preposição *para*, que tinha relativa variação com as preposições *a* e *em*(6.12), em casos de complemento do verbo *ir* de movimento, passa a ser item obrigatório com o verbo *ir* indicando “movimento abstrato” (6.14), conforme procuramos representar abaixo, no quadro (6.4).

**Quadro 6.4 - Significados do verbo *ir* (movimento)**

Estrutura morfossintática: SV	[(SPrep [SN] ([Vinf])]
Estrutura semântica: Ir [movimento (com propósito)]	[[a/para/em] [ponto de referência] ([propósito)]]
Ir [movimento abstrato]	[[ <i>para</i> ] [SN]]

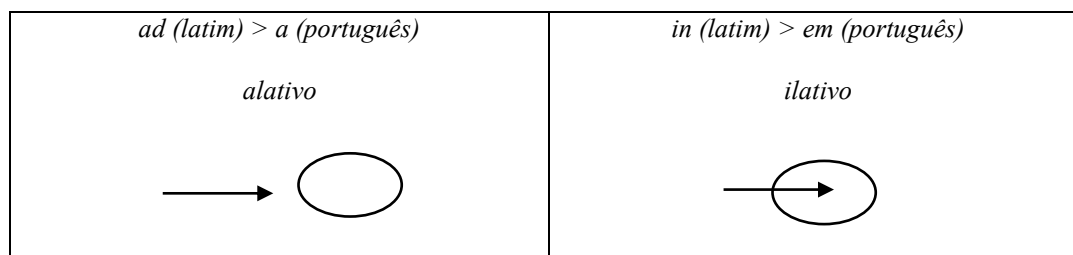
O importante a observar nesse processo é a implementação do parâmetro da “obrigatoriedade” envolvendo a preposição *para* na indicação da noção de “movimento abstrato” (LEHMANN, 1985). O parâmetro prevê que, dentro de um paradigma, a escolha de um dos membros torna-se restrita por regras gramaticais.

## 2.2 A gramaticalização por especialização da preposição *em*

Conforme apresentamos no início deste capítulo, na evolução dos casos do latim às preposições do português, os significados de “locativo” e “alativo” passam a fazer parte do sentido da preposição *em* e, como consequência, além do significado de “interioridade”, a preposição passa a indicar significados cada vez mais inespecíficos.

A ideia de “interioridade” é compartilhada por muitos autores (CASTILHO, 2010; ILARI et al., 2008; entre outros) para exemplificar o uso da preposição *em*, associando a ideia de “sistema de caixa” ao significado dessa preposição. Porém, em uma rápida incursão à etimologia dessa preposição, é possível percebermos que este sentido está na sua base diacrônica, conforme esquema abaixo, ou seja, faz parte do seu significado básico.

**Espaços cognitivos dos casos alativo e ilativo da preposição *em***



Ao tratar da definição cognitiva das preposições, Cançado (2005c) adverte que o esquema do recipiente tem sido usado para investigar a semântica das preposições em um grande número de línguas. Dando continuidade sobre os sentidos atribuídos às preposições, a autora comenta que “várias situações do mundo real têm uma descrição de natureza metafórica e estão relacionadas ao esquema subjacente do recipiente”. Além disso, a “relação entre os vários sentidos polissêmicos não é arbitrária, mas sistemática e natural” (p. 108).

Dessa forma, a mudança semântica envolvida na gramaticalização da preposição *em* é uma extensão do significado muito regular, e os demais significados desenvolvidos são resultados dessa extensão de um significado mais básico, ao ponto de se tornar um conceito inespecífico, que depende de fatores contextuais para sua definição. Vejamos os exemplos.

(6.15)

- a) *Pedro vai **ao/para/no** mercado.*
- b) *O professor vai **na** porta.*
- c) *Eu confio **em** mulheres.*
- d) *O pássaro voa **na** torre.*

Observemos que na utilização da preposição *em* no exemplo (a), a noção de “interioridade” é clara. Em (b), tem-se a inferência da ideia de “local/contato”, sem indicar interioridade. Já em (c), a noção de “interioridade” ou de “contato” não ocorre, apenas a ideia de “inespecífico”, pois esse sentido está associado ao verbo, assim como em (d), a ideia de

“contato” também não é clara, apenas o seu sentido metafórico. Além disso, em alguns casos os significados de “deslocamento/direção” e “interioridade” nem sempre estão correlacionados à preposição *em*, e como consequência seu significado pode ser altamente dependente do contexto sintagmático.

Considerando novamente nossos resultados, a partir dos traços bidimensionais e das regiões espaciais, sugeridos por Lehmann (1992), podemos propor, para o PB, o quadro 6.5 abaixo, para tratar dos vários sentidos das preposições *em*, conforme os resultados apresentados na amostra sincrônica.

**Quadro 6.5 – Relatores locais (preposição *em*) de complementos de verbos de movimento**

Regiões espaciais	Topologia	Essivo
Inespecífico		Em ↑
Contato/inclusão/abrangência		Em
Vizinhança		
Inerente/interior		Em

No quadro 6.5, estão representados os três significados da preposição *em*, “interioridade”, “contato” e “inespecífico”, a “seta” indica o caminho da gramaticalização, do sentido mais concreto ao mais abstrato (inespecífico). Assim, de acordo com Traugott e Dasher (2005), a coexistência de significados associados à mesma forma é motivada pela mudança semântica via polissemia.

Em resumo, o significado básico da preposição *em*, mais específico, representado pela região “interioridade”, pode ser recuperado diacronicamente, e o significado inespecífico é representado pelo significado genérico que emerge do sentido básico. Esse desenvolvimento é representado pelo cline de gramaticalização, indicado pela seta no quadro acima.

### 2.3 A lexicalização da preposição *a*

Da amostra diacrônica à amostra sincrônica, evidenciamos o processo de recuo da preposição *a*, processo também confirmado por diversas pesquisas (conforme Capítulo II).

Uma questão que decorre da análise de nossos resultados é que se a preposição *a* é a mais gramaticalizada, como explicar usos que não permitem sua alternância com outras preposições, como em (6.16a-b) ou mesmo usos bastante produtivos, como em (6.17a-e)?

(6.16)

- (a) *O príncipe veio a cavalo.*
- (b) *Os alunos foram a campo. (fazer pesquisa)*

(6.17)

- (a) *O príncipe dirigiu-se à rainha.*<sup>99</sup>
- (b) *O príncipe dirigiu-se a caçar.*
- (c) *O príncipe dirigiu-se à caçada.*
- (d) *O príncipe decidiu a favor da caça.*
- (e) *O príncipe decidiu a /ø caçar.*

Sobre o assunto, Lehmann (2002, p. 6), primeiramente, adverte que “em cada fase dessa evolução, a preposição é sensível às categorias sintáticas que constituem o seu contexto”.<sup>100</sup> Apoiados na análise de Lehmann (2002) para a preposição *zu* (*a/para*), da língua alemã, e considerando os exemplos em (6.17), podemos verificar que, em português, na construção em (a), o complemento preposicional é concreto, e em (b), abstrato. Já nas construções em (c) e (d), o complemento é nominalizado. Em (e), pode aparecer como um

<sup>99</sup> Exemplos de (a) a (e) são adaptados de Lehmann (2002, p. 6).

<sup>100</sup> Cf. original: “at each stage of this evolution, the preposition is sensitive to the syntactic categories that constitute its context”.



elemento não obrigatório de uma construção que é formada pela composição de regras de sintaxe. O uso da preposição *a*, conforme esses exemplos, conduz a padrões produtivos na língua e são dependentes de regras sintáticas.

Já o uso da preposição *a* ou mesmo *para* em construções com complemento locativo como o em (6.17g, h), não é permitido, porém a combinação com complemento locativo, como demonstrado em (6.17i), é produtiva na língua, o que permite a utilização de outras preposições na indicação do mesmo contexto. Em (6.17k), no entanto, somente a preposição *a* é permitida.

(6.17)

- (g) *O príncipe reside em/\*para/\*a São José do Rio Preto.*
- (h) *O príncipe estava em/\*para/\*a casa.*
- (i) *O príncipe veio a/para/em casa.*
- (k) *O príncipe veio a/\*para/\*em cavalo.*

Defendemos, juntamente com Lehmann (2002), que as construções em *g*, *h* e *k* são exemplos de lexicalização. De forma geral, há uma forte associação do verbo com a preposição, resultando em fraseologismos ou idiossincrasias.

Em construções locativas, a preposição *a* pode ser substituída por outras preposições, como é o caso das preposições *para* e *em*.

Conforme já apontamos, segundo Cançado (2005b) e Godoy (2009), as preposições *inerentes* não se encaixam em nenhum dos subtipos de preposições funcionais; além de serem fixas, não podem ser trocadas por outras, têm uma existência idiossincrática. Para Lehmann (2002), os verbos governam seus complementos em diferentes contextos sintáticos, entre eles

está o sintagma preposicional. Com isso, um verbo regula o caso do seu complemento e pode governar uma preposição específica.<sup>101</sup>

Assim sendo, sobre a preposição *a*, podemos afirmar que esta passa pelo processo de lexicalização, pelos seguintes fatores: metaforização do item; dessemantização e baixa produtividade. Procuramos representar no quadro abaixo os dois processos: a gramaticalização por generalização da preposição *para* e a lexicalização da preposição *a*.

**Quadro 6.6 – Gramaticalização e lexicalização da preposição *a***

<i>Latim</i>	<i>Português</i>
<i>Ad</i>	$>a$ $>$ $\emptyset$ (zero)

Sobre os diferentes domínios do desenvolvimento da gramática, Lehmann (1985, p. 7) adverte que “em todos esses casos, existe, no plano sincrônico, uma escolha entre estratégias alternativas que gozam de diferentes graus de autonomia gramatical, e no eixo diacrônico, um movimento contínuo na direção da menor autonomia e uma forte gramaticalização”<sup>102</sup>. De forma geral, as diferenças de sentido das preposições são resultado da interação de fatores associados com a semântica desses itens e de outros elementos, como: a) significado do ponto de referência/locativo; b) estrutura interna; c) contexto mais amplo. Dessa forma, em um campo lexical sempre há divergências, e assim uma mesma forma linguística apresenta um *continuum* entre léxico e gramática.

<sup>101</sup> Godoy (2009) encontrou mais de cem exemplos em português de uso de verbos que selecionam preposições específicas.

<sup>102</sup> Cf. original: “In all cases, there is, on the synchronic level, a choice among alternative strategies which enjoy different degrees of grammatical autonomy, and on the diachronic axis, a steady movement in the direction of lesser autonomy and stronger grammaticalization”

# CONCLUSÃO

Nesta tese, analisamos os usos variantes, via gramaticalização, de preposições que complementam os verbos de movimento *caminhar*, *chegar*, *entrar*, *ir*, *levar*, *mudar*, *partir*, *sair* e *voltar* com o objetivo de mapear os aclives de mudanças por que passam as preposições ligadas ao complemento locativo de verbos de movimento no português brasileiro.

Assim sendo, (a) investigamos os contextos de usos dessas preposições; (b) identificamos os fatores condicionantes que atuam no processo de variação/gramaticalização; (c) analisamos e comparamos os resultados de nossa pesquisa com os de outros estudos já realizados com amostras de diferentes comunidades de fala do Brasil; (d) a partir dos resultados encontrados, na amostra sincrônica, aplicamos a abordagem tipológica e conceptual de Lehmann (1992) aos casos dos verbos de movimento do português brasileiro; (e) confrontamos os resultados da amostra sincrônica com os da amostra diacrônica, e constatamos a ampliação dos valores semânticos das preposições, confirmando a pertinência de tratar esse processo na interface de duas teorias: a da Gramaticalização e a da Variação e mudança linguística..

Com base nesse modelo sociofuncionalista de análise, **na perspectiva contemporânea**, primeiramente, constatamos, na amostra *Iboruna*, variação estável das preposições *para* e *em*, e um processo de recuo gradativo da preposição *a*. Em relação à frequência de usos das preposições, evidenciamos maior recorrência das preposições *para* e *em*, em relação à preposição *a*, para os verbos *ir*, *levar* e *voltar*. Já para os verbos *entrar* e *sair*, os resultados apontam para um processo, em primeiro lugar, de variação no emprego de preposições, e em segundo, de maior generalização de uso da preposição *para*.

Além disso, identificamos nessa amostra de fala que o fenômeno de variação está associado menos à estratificação social e mais à influência de fatores linguísticos para os verbos *entrar*, *ir*, *levar* e *voltar*. Em relação aos fatores sociais, há um padrão geral de uso favorecido pelo *sexo/gênero* do informante: informantes do sexo masculino privilegiam o uso das variantes *a* e *em*, enquanto informantes do sexo feminino, o uso da preposição *para*, o que confirma o apontamento de Labov (2001) de que as mulheres são mais inovadoras, no sentido de usar significados mais abstratos, ou seja, inovam no uso de novos significados. Os demais contextos sociais não se mostraram relevantes.

Quanto aos resultados das fatores internos à língua, identificamos uma tendência geral de atuação das variáveis *concretude do movimento* e *definitude* na combinação com determinada preposição: *movimento não concreto* e locativo [- *definido*] são traços inteiramente associados à preposição *a*, e *movimento concreto* e locativo [+ *definido*] são traços associado tanto a *para* quanto a *em*, o que demonstra que as preposições encontram-se em distribuição complementar. Já a variável *pessoa do discurso*, verificamos uma associação oscilante na seleção das preposições: *a* aparece mais associada à 1P, *para* flutua entre *a gente*, 1P e 3P, e *em*, entre 1P e 2P, não sendo possível, nesse caso, identificar um padrão de uso. Por fim, a variável *configuração do ponto de referência* devido, em parte, à situação de competição entre as variantes, não apresentou um padrão geral de uso, porém permitiu identificarmos alguns contextos preferenciais para os verbos *ir* e *levar*: a preposição *a* associa-se mais a locativo *objeto*, a preposição *para*, mais à *espaço geográfico*, e a preposição *em*, mais a *evento*.

Em resumo, os resultados para o recorte contemporâneo evidenciam que: (i) há um processo de mudança em andamento com recuo gradativo da preposição *a* e uma concomitante expansão de uso das preposições *para* e *em*; (ii) há um processo de variação relativamente estável entre as preposições *para* e *em*; (iii) há um processo de generalização

por especificação, com indicadores de contextos particularizados para as três preposições. Essas evidências corroboram nossa hipótese inicial de que o funcionamento das preposições no complemento locativo dos verbos de movimento apresenta-se num *continuum* de variação/gramaticalização.

**Na amostra do século XIX**, em relação à frequência de usos das preposições, encontramos a preposição *a* associada aos verbos *chegar*, *entrar*, *ir*, *levar*, *sair* e *voltar*, porém, com baixa produtividade, quando comparada às frequências da preposição *para* e da preposição *em*, o que já revela um processo de recuo da preposição *a* em sincronias pretéritas. Diferentemente da amostra sincrônica, a preposição *em* só ocorre associada aos verbos *chegar* e *entrar*. Esses resultados apontam, assim, para maior generalização de uso da preposição *para*, já no século XIX, o que confirma os achados de Berlinck (2000; 2004), de Oliveira (2002) e de Kewitz (2007), que mostram diacronicamente o processo de variação entre as preposições *a* e *para*, em contextos de verbos de movimento.

Apesar de na amostra diacrônica o fenômeno de variação ocorrer com os verbos *chegar*, *entrar*, *ir*, *levar* e *sair*, foi possível identificarmos como condicionantes linguísticos de usos na seleção de determinada preposição as variáveis *configuração do ponto de referência*, para *levar* e *ir*, e *definitude*, para *ir*. Esses resultados mostram que, na *configuração do locativo/ponto de referência* do verbo *levar*, as preposições *a/para* estão claramente em variação quando o locativo refere-se a *[evento]* e *[lugar]*; para o verbo *ir*, há uma distribuição complementar entre *[lugar]* e *[evento]* na seleção de *a*, e de *[objeto]*, *[instituição]* e *[espaço]* na seleção de *para*. Para a variável *definitude*, complementos *[+definidos]* favorecem o uso da preposição *a*, e *[-definido]*, a preposição *para*, o que confirma os estudos empreendidos para essa variável por Mollica (1996), Ribiro (1996; 2008) e Vallo (2005).

Comparando as duas amostras, os resultados permitem constatar que houve ampliação do uso das preposições *para/em* e a redução da preposição *a* do século XIX para o XXI, especialmente quando se trata do verbo *ir*. Na sincronia, identificamos uma variação estável entre as preposições *para* e *em*, porém com uma tendência de a preposição *para* se generalizar e de seu significado sofrer abstração, permitindo, dessa forma, novos complementos, tais como locativos mais abstratos e verbos infinitivos, o que ratifica os resultados obtidos na amostra diacrônica, por meio dos quais evidenciamos usos generalizados da preposição *para* com todos os verbos e um processo de variação/gramaticalização já iniciado no século XIX.

Em relação à frequência de usos das preposições em relação aos verbos de movimento, em ambas as amostras, o uso da preposição *para* é categórico com os verbos *mudar* e *partir*. Em relação ao verbo *caminhar*, na amostra sincrônica, evidenciamos o uso da preposição *em*, uso que não identificamos na amostra diacrônica. Esse resultado deve-se à evolução do uso da preposição *em*, do latim ao português, na indicação de duas regências: ablativo e acusativo. Quanto ao verbo *chegar*, demonstramos um expressivo aumento de uso da preposição *em* do século XIX ao XXI, o que abona os achados de Ignácio e Vieira (2009). Para o verbo *ir*, entre os dois períodos avaliados, constatamos aumento expressivo das preposições *para* e *em*, o que confirma as pesquisas de outros autores (MOLLICA, 1996, BERLINCK, 2000b, WIEDEMER, 2008a, entre outros). Diferentemente de Kewitz (2007) e de Oliveira (2009), que excluem de suas análises a preposição *em*, vimos que o uso dessa preposição é frequente com os verbos *chegar* e *ir*, por exemplo. Já os usos das preposições associadas ao verbo *entrar* são semelhantes em ambas as amostras, com certa redução de uso da preposição *em* ao longo do tempo. Outros dois verbos que apresentam aumento de uso das preposições *para* e *em* são *levar* e *voltar*.

Os dados analisados sugerem três tipos de mudança, via gramaticalização, em relação às preposições: (a) *gramaticalização por generalização* da preposição *para*; (b) *gramaticalização por especialização* da preposição *em*; (c) *lexicalização* da preposição *a*.

Concomitante à ampliação dos valores semânticos e à conseqüente polissemia da preposição *para*, esta generaliza seu uso, sendo usada em diversos contextos, tendo como resultado o processo de *gramaticalização por generalização*. Além disso, ao se tornar mais frequente, inova seu significado. Ao mesmo tempo, o uso da preposição *em* passa a ser mais específico, para indicar nomes concretos (indicando contato) e lugares (indicando interioridade), tendo como resultado o processo de *gramaticalização por especialização*. Além disso, em alguns casos, a preposição *a* apresenta forte associação com o verbo que a seleciona, resultando em fraseologismos ou idiossincrasias, o que atesta a *lexicalização* dessa preposição.

De forma geral, as diferenças de sentido das preposições são resultado da interação de fatores associados com a semântica desses itens e de outros elementos, como: a) significado do ponto de referência; b) estrutura interna da predicação; c) contexto mais amplo em que elas ocorrem.

Considerando ainda a abordagem proposta por Lehmann (1992), e aplicada aqui a partir dos resultados da sistematicidade das preposições, demonstramos que os usos das preposições combina dois componentes de significados: um que designa uma certa região espacial e outro o objeto de referência (em alguns exemplos, de proximidade, de interioridade, entre outros). Além disso, os resultados também permitem constatar que as preposições que complementam os verbos de movimento, do português brasileiro designam exclusivamente relações espaciais, e a relação local, em vez disso, está implícita na valência semântica e sintática do verbo. Assim, os resultados evidenciam que, com o aumento gradual da pragmatização do significado (inferência) das preposições, há também o aumento de abstratização (estratégias

metafóricas). Com isso, decorre, no panorama sincrônico, o processo de variação estável das preposições *em* e *para*, com *para* se submetendo a maior abstratização de significado, permitindo a inserção de novos complementos. Já na perspectiva diacrônica qualitativa, ratificamos que a mudança semântica envolvida na gramaticalização das preposições, que complementam os verbos de movimento, é geralmente uma extensão de significado muito regular, em que o significado básico de uma expressão é o ponto de partida do seu desenvolvimento semântico, enquanto o significado genérico é o resultado, nos moldes de Jakobson (1936).

Como perspectivas para as quais estes resultados apontam estão:

- a) a necessidade de investigação diacrônica do uso dessas preposições, recuando-se a sincronias anteriores ao século XIX para se verificarem, com mais propriedade, as motivações que desencadeiam e/ou intensificam o processo de mudança, à luz do paradigma de gramaticalização.
- b) a aplicação da abordagem tipológica e conceptual proposta por Lehmann (1992) a outras preposições que complementam outros tipos de verbos, além dos verbos de movimento, para se estabelecer um quadro mais completo de usos das preposições do PB.



# REFERÊNCIAS

- AGUILAR, R. C. **El español a través de los tiempos**. 5.ed. Madrid: Arco-Libros, 2002.
- ALMEIDA, N. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 22. ed. São Paulo: Saraiva, 1969.
- ALVAR, M.; POTIER, B. **Morfología histórica del español**. Madrid: Gráficas Cóndor, 1983.
- ARAÚJO, P. J. O. Alternância no uso das preposições *para* e *em* na fala de comunidades quilombolas: análise sob a perspectiva da linguística cognitiva. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38 , n. 1, p. 335-346, 2009.
- ASSIS, T. S. B. A atuação das variáveis linguísticas na regência de verbos de movimento no português afro-brasileiro. **Papia: revista de crioulos de base iberica** n.19, São Paulo, p. 39-49, 2009.
- AVELAR, J. O. de. **Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 2006.
- AZEREDO, J. C. de. **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos da gramática do português**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- AZEVEDO FILHO, L. A. de. **Gramática básica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1966.
- BARBADINHO NETO, R. **Sobre a norma literária do modernismo**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1977.
- BARÐDAL, J. **Productivity: evidence from case and argument structure in icelandic**. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- BARÐDAL, J.; CHELLIAH, S. (Ed.) **The role of semantic, pragmatic, and discourse factors in the development of case**. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- BARÐDAL, J.; KULIKOV, L. Case in decline. In.: MALCHUKOV, A.; SPENCER, A. (Ed.) **The Oxford handbook of case**. Oxford: Oxford University Press, 2009.p. 470-78.
- BASTARDAS PARERA, J. **Particulares sintacticas del Latin medieval**. Barcelona: Escuela de Filologia, 1953.
- BECHARA, E. **Moderna gramática da língua portuguesa**. 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983 [1999].
- BERLINCK, R. de A. The portuguese dative. In.: VAN BELLE, W.; VAN LANGENDONCK, W. **The dative: descriptive studies**. Amsterdam: John Benjamins, 1996. v. 1.

\_\_\_\_\_. O objeto indireto no português brasileiro do século XIX. Comunicação oral. II Congresso Nacional da ABRALIN, 1999. In.: **Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Linguístico**. Florianópolis, p. 210-220, 2000.

\_\_\_\_\_. Complementos preposicionados: variação e mudança no português brasileiro. **Conferência proferida no Congresso Internacional “500 anos da Língua Portuguesa no Brasil”**. Universidade de Évora. Évora, Portugal. 2000b.

\_\_\_\_\_. dativo ou locativo? sobre o sentido e formas do dativo no português. **Revista Letras**, n. 56, Curitiba, p. 159-175, 2001.

\_\_\_\_\_. **Relatório final do projeto de pesquisa “Complementos preposicionados no português paulista do século XIX”**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. Crônicas e relatos de viagens: fontes para o estudo da história da língua. In: MURAKAWA, C. A. A.; GONÇALVES, M. F. (Org.) **Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa**. Araraquara: Laboratório Editorial da Faculdade de Ciências e Letras; São Paulo: Ed. UNESP; Cultura Acadêmica, 2007. p. 11-27.

BERLINCK, R. de A. et al. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n.2, p. 169-195, 2008.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BOLINGER, D. Adjectives in English: attribution and predication. **Lingua**, v. 18, p. 1-34, 1967.

\_\_\_\_\_. **Meaning and form**. Londres: Longmans, 1977.

BORBA, F. S. A. **Sistemas de preposições em português**. Tese de Livre-Docência. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo- USP. São Paulo, 1971.

\_\_\_\_\_. **Uma gramática de valência para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. Informação gramatical nos dicionários. **Alfa**. São Paulo, 51(1), p. 137-149, 2007.

BORJA, P. S.B. **La variación lingüística en los documentos de la catedral de Toledo (siglos XII y XIII)**, 2006. Disponível em: <<http://dspace.uah.es/jspui/bitstream/10017/7303/1/Variaci%C3%B3n%20Ling%C3%BC%3%ADstica.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

BRINTON, L. J.; TRAUOGOTT, E. C. **Lexicalization and language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, J. L. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. **Language Variation and change**, 14, p. 261-290, 2002.

\_\_\_\_\_. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Ed). **A handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackweel, 2003. p. 602-623.

\_\_\_\_\_. Los mecanismos de cambio como universals lingüísticos. In: MAIRAL, R.; GIL, J. (Ed.) **En torno a los universales lingüísticos**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 245-263.

- BYBEE, J. L.; PAGLIUCA, W. Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning. In: FISIÁK, J. (Ed.) **Historical semantic and historical word formation**. Berlim: De Gruyter, 1985. p. 58-83.
- BYBEE, J. L.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: the grammaticalization of tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, J. L.; HOPPER, P. (Ed.) **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2000.
- CALABRESE, A. Some remarks on the Latin case system and its development in romance. In: AMASTAE, G. et al. (Ed.) **Contemporary research in romance linguistics: papers from the 22<sup>nd</sup> linguistic symposium on romance languages**, El Paso/Cd. Juárez, 1992. Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 71-126.
- CAMACHO, R. O formal e o funcional na teoria variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2003. p. 55-65.
- CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, [1975], 1985. 1976.
- \_\_\_\_\_. Línguas europeias ultramar: o português do Brasil. In: UCHÔA, C. E. F. (Org.) **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** Nova ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 113-126.
- CANÇADO, M. Hierarquia temática: uma proposta para o PB. **Revista Letras**, Curitiba, v. 61, p. 60-62, 2003a.
- \_\_\_\_\_. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In.: MÜLLER, A. L. et al. **Semântica formal**. São Paulo: Contexto, 2003b. p. 95-124.
- \_\_\_\_\_. Propriedades semânticas e posições argumentais. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2005a.
- \_\_\_\_\_. Argumentos: complementos e adjuntos. In: CANÇADO, M. **Oficina de semântica: maio de 2005**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2005b. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/marciacancado/artigos.htm>>. Acesso em 13 de abr. de 2012.
- \_\_\_\_\_. **Manual de semântica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005c.
- \_\_\_\_\_. Argumentos: complementos e adjuntos. **ALFA**, v. 53, n. 1, Araraquata, p. 35-59, 2009.
- CARDEIRA, E. **Entre o português antigo e o português clássico**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2005.
- \_\_\_\_\_. Revisitando a periodização do português: o português médio. **Domínios da Linguagem**, ano 3, n. 2, p. 103-115, 2009.
- CARVALHO, C. S. **Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista**. 2004. Tese (Doutorado em linguística). Campinas: UNICAMP, 2004.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. **O ‘achar’ no português do Brasil: um caso de gramaticalização**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 1999.
- CASTILHO, A. T. de. **Para a história do português brasileiro**. São Paulo: USP, 1998. (Primeira ideias, v. 1).

\_\_\_\_\_. Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no português brasileiro. In.: RAMOS, J.; ALCKMIN, M. (Org.). **Para a história do português brasileiro: Estudos sobre mudança linguística e história social**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO Z. (Org.) **Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises**. Salvador: Editora da UFB, 2006. v. 6, p. 223-296.

\_\_\_\_\_. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, I. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

\_\_\_\_\_. **Introdução à história do português**. Lisboa: Ed. Colibri, 2006.

CATARINO, J. C.; PINTO, C. Em torno de preposições causativas. In: FREITAS, T.; MENDES, A. (Orgs.) **Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: APL, p. 275-381, 2004.

CAVALCANTE, R. Complementos dativos sem preposição no dialeto mineiro. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL**, Porto Alegre, v. 7, n. 12, p. 1-18, 2009.

CHAMBERS, J. K. Linguistic correlates of gender and sex. **English World-Wide**, 13, p. 173-218, 1992.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistics theory: linguistic variation and its social significance**. Oxford: Blackwell, 1995.

CLIMENT, M. B. de. **Sintaxis latina**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1981.

COATES, J. The expression of root and epistemic possibility in English. In.: BYBEE, J.; FLEISCHMANN, S. (Ed.) **Modality in grammar discourse**. Amsterdam: John Benjamins, p. 56-66, 1995.

COELHO, F. S. As preposições portuguesas e italianas: analogias e contrastes. **Cadernos do VI Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, Série VI, n. 1, Rio de Janeiro, 2002.

COHEN, M. A. BTLH – Banco de textos para pesquisa em linguística histórica – dados de Barra Longa – MG. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 119-142, 1998.

CORRÊA, R.; CANÇADO, M. Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático-semântica. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 14, p. 1-25002E, 2006.

COSTA, E. P. F. S. C. **Características prosódicas das preposições de dos prefixos em latim clássico**. 2006. Dissertação (Mestrado). UFRGS, Porto Alegre, 2006.

COUPLAND, N. **Style: language variation and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CROFT, W. **Explaining language change: an evolutionary approach**. London: Logman, 2000.

CUNHA, C. F. da. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.

\_\_\_\_\_. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.

CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIAS, A. E. da S. **Sintaxe histórica do português**. Lisboa: Clássica, 1970.

DIK, S. C. **The theory of functional grammar**: part. 2: complex and derived constructions. 2. ed. rev. Berlin; Mouton de Gruyter. 1997.

DIÓRIO JUNIOR, E. **Preposições no português brasileiro**: um estudo frequencial. Dissertação (Mestrado), UFPR, 2002a.

O uso das preposições no séculos XIV a XVIII: um estudo preliminar. **Boletim da Universidade Estadual de Londrina**, Londrina, p. 123-145, 2002b.

DUARTE, I.; GONÇALVES, A. Construções de subordinação funcionalmente defectivas: o caso das construções perceptivas em PE e PB. Comunicação apresentada na **Abralin**, Fortaleza 14-16 março 2001.

DUQUE, P. H. **Organização da gramática em componentes**. Disponível em: <<http://cognicaoelinguagem.wordpress.com/page/3/>>. Acesso em: 10 ago.11.

ECKERT, P. The whole woman: sex and gender differences in variation. **Language Variation and Change** 1, p. 245-267, 1989.

\_\_\_\_\_. **Language variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

EVANS, V.; TYLER, A. Applying cognitive linguistics to pedagogical grammar: the English prepositions of verticality. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, 5(2), p. 11-42, 2005.

FAGUNDES, E. D. *Ir, vir e andar*: a evolução da metáfora espacial para a metáfora temporal. **Anais do CelSul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**, p. 1-5, 2000.

FARACO, C. A. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1998.

FARIAS, J. G. Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n.1, p. 213-234, 2006.

FERRARI, L. V. Variação e cognição: o caso das preposições locativas em e ni no português do Brasil. **Revista da ANPOLL**, n. 3, p. 121-133, 1997.

FEREIRA, C. P.; COUTO, P. R. Frecuencia y contextos de uso de las preposiciones “a”, “en”, “para” y “por” en la habla espontánea de Madrid y Buenos Aires. **Anais do XV Congresso Internacional da ALFAL**, Montividéu: Uruguai, 2008.

FERNANDES, F. O. **Construções com os verbos andar, continuar, ficar e viver seguidos de gerúndio**: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização: relatório de iniciação científica à FAPESP. 2010. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2010.

FINEGAN, E.; BIBER, D. Register variation and social dialect variation: the register axiom. In.: ECKERT, P. ; RICKFORD, J. R. (Ed.) **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge University Press, 2001.p. 235-267.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2002.

FONSECA, A. M. H. **A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano**: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização. 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado em

Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2010.

FREITAG, R. M. K. Emergência e inovação na língua: explorando o paradigma funcional da gramaticalização. **Fólio:Revista de Letras – Vertentes e interfaces II:estudos linguísticos e aplicados**, v. 2, n.1, p. 143-161, 2010.

FROUD, K. Preposition and the lexical/functional divide: aphasic evidence. **Lingua**,111 (1), p. 1-28, 2001.

FURLAN, O. A. **Latim para o português**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

GEERAERTS, D. Vagueness's puzzles, polysemy's vagaries. **Cognitive linguistics**, Berlim, v. 4, n. 3, p. 223-272, 1993.

GENTNER, D.; BORODITSKY, L. Individuation, relativity ad early word learning. In.: BOWERMAN, M.; LEVINSON, S. **Language acquisition and conceptual development**.Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 215-256.

GIBBÓN, A. O. **A expressão de tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist's field trip. **Chicago Linguistic Society**, Chicago, 7, p. 394-415, 1971.

\_\_\_\_\_. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

\_\_\_\_\_. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1984. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. **Sintax: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 2001a. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Sintax: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 2001b. v. 2.

GODOY, L. Preposições e os verbos transitivos indiretos: interface sintaxe-semântica lexical. **Revista ABRALIN**, n. 7, n. 1, p. 49-68, jan/jun.2008.

GÓIS, C. **Sintaxe de regência**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1957.

GOMES, C. A. **Aquisição e perda de preposição no português do Brasil**. Tese (Doutorado), Faculdade de Letras, UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. Processos variáveis e aquisição de preposição em L2. In.: RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (Org.). **Variação e aquisição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 103-116.

GOMES, C. Efeito funcional no uso variável de preposição. **Revista de Estudos Linguísticos**, São José do Rio Preto, v. 7, n.2, p. 61-70, 1998.

\_\_\_\_\_. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In.: PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. (Org) **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

GONÇALVES, S. P. de. Relatório final do projeto “**Variação em complementos de verbos de movimento no português paulista do século XX**”: PIBIC –UNESP/CNPq. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **A preposição “para” e o processo de construção referencial**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – UNESP, Araraquara, 2008.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil.** Tese de doutorado (Doutorado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 2003.

\_\_\_\_\_. **O português falado na região de São José do Rio Preto:** constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo: relatório científico final à FAPESP. São José do Rio Preto, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2007.

\_\_\_\_\_. Projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista). In: MAGALHÃES, J. P.; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). **Múltiplas perspectivas em linguística.** Uberlândia: UFU, 2008a. v. 1. p. 1-10.

\_\_\_\_\_. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): questões teóricas e metodológicas sobre a constituição de um banco de dados de língua falada. In: TAGNIN, E.; VALE, O. A. (Org.). **Avanços da linguística de corpus no Brasil.** São Paulo: Humanitas, 2008b. v. 1, p. 217-245.

GONÇALVES, S. C. L. et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L., LIMA-HERNANDES, M., CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.) **Introdução à gramaticalização:** princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, E. et al. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org) **Português brasileiro:** contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 106-122.

GÖRSKI, E.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. **Working Papers em Linguística**, 10 (1). jan/jun., Florianópolis, p. 73-91, 2009.

GÖRSKI, E.; TAVARES, M. A. **Teoria da variação/mudança e funcionalismo linguístico:** (in) compatibilidades? (No prelo)

GUEDES, M.; BERLINCK, R. de A. Variação em complementos preposicionados no português paulista do século XIX. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. XXXII, CDROM, 2003. Publicação do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo.

GUY, G. R. The sociolinguistic types of language change. **Diachonica**, Amsterdam, v. 7, n. 1, p. 47-67, 1990.

\_\_\_\_\_. The quantitative analysis of linguistic variation. In.: PRESTON, D. R. (Ed.) **American dialect research.** Amsterdam: John Benjamins, p. 223-249, 1993.

\_\_\_\_\_. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. **Organon:** Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28/29, p. 17-32, 2000.

\_\_\_\_\_. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. **Abralin.** Disponível em <[http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais\\_con2int\\_conf02.pdf](http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf)>. Acesso em: 10 de out. de 2010.

HASAN, R. **Semantic variation:** meaning in society and in sociolinguistics. Collected works of Ruqaiya Hasan, Volume 2. London: Equinox, 2009.

HEINE, B. **Auxiliaries:** cognitive forces and gramaticalization. New York: Oxford University Press, 1993.

HEINE, B. et al. **Grammaticalization:** a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B. et al. From cognition to grammar: evidence from african languages. In.: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to grammaticalization**. v. 1, Amsterdam: John Benjamin, p. 149-187, 1991.

HEINE, B.; KUTEVA, T. On the evolution of grammatical forms. In.: WRAY, A. (Ed.). **The transition to language**. Oxford: Oxford University Press, p. 376-397, 2002.

\_\_\_\_\_. **Language contact and grammatical change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. **The changing languages of Europe**. Oxford: University Press, 2006.

HEINE, B.; REH, M. **Grammaticalization and reanalysis in African languages**. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HERSKOVITS, A. **On the spacial uses of prepositions**. Stanford University, p. 1-5, 2004.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. Proceedings of **Beckerley Linguistics Society**, v. 13, p. 139-57, 1987.

\_\_\_\_\_. On some principles of grammaticalization. In: \_\_\_\_\_. **Approaches to Grammaticalization**, v. 1, Amsterdam: John Benjamin's Publishing Company, p. 17-35, 1991.

\_\_\_\_\_. Some recent trends in grammaticalization. **Annual Review Anthropology**, 25, p. 217-236, 1996.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HORA, D. **Projeto variação linguística no Estado da Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 1993.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: Gráfica Editora Pallotti, 2004.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IGNÁCIO, S. E. Estrutura argumental e morfossintática das orações construídas a partir de verbo de movimento no português escrito contemporâneo do Brasil. In.: **Anais do XXI do Grupo de Estudos Linguísticos...**, 1992. Disponível em <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/acomunic.htm>. Acesso em: 30 de jan. de 2012.

ILARI, R. et al. A preposição. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**, v. II: classes de palavras e construções. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, p. 623-808, 2008.

JAKOBSON, R. Beitrag zur allgemeinen Kasuslehre. Gesamtbedeutungen der russischen Kasus. *Travaux du Cercle Linguistique de Prague* 6, (Reproduzido por HAMP, E. P.; HOUSEHOLDER, F. W.; AUSTERLITZ, R. (eds.) **Readings in linguistics II**. Chicago e London: Chicago University Press, 1966 p. 51-89), 1936.



JESUS, H. M de. A variação de preposições com verbo *ir* de movimento em comunidades rurais do semiário baiano. **Entrepalavras**, Fortaleza, ano 2, v. 2, n.1, p. 306-325, jan./jul. 2002.

JOHNSON, M. **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KAY, P; McDANIEL, Ch. K. On the logic of variable rules. **Language in Society**, p. 151-187, 1979.

KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in functional discourse grammar. **ALFA**, São Paulo, 51 (2), p. 35-56, 2007.

KEWITZ, V. **Para a gramaticalização das preposições ‘a’ e ‘para’ no português brasileiro**. 2004. Acesso em 22 de abr. de 2012: <<http://www.fflch.usp.br/dlev/lport>>.

\_\_\_\_\_. **A gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no Português Brasileiro (séculos XIX e XX)**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – USP, São Paulo, 2007.

KLEPPA, L. A. A forma da preposição na fala de uma criança. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL**. Ano 3, n.5, p. 1-21, 2005.

KRESCH, D. F. Preposição diante do pronome relativo no português brasileiro e europeu. **D.E.L.T.A.**, 24:1, p. 51-72, 2008.

KROCH, A. Syntactic change. In: BALTIN, M. ; COLLINS, C. (Ed) **The handbook of contemporary syntactic theory**. Oxford: Blackwell, p. 699-729, 2001.

KULIKOV, L. Case systems in a diachronic perspective: a typological sketch. In: KULIKOV, L.; MALCHUKOV, A; de SWART, P. (Ed). **Case, valency and transitivity**. Amsterdam: John Benjamins, p. 23-47, 2006.

\_\_\_\_\_. Case variation in indo-european and beyond: a diachronic typological overview. In: BARÖDAL, J.; CHELLIAH, S. (Ed). **The ole of semantics and pragmatics in the development of case**. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

KURYŁOWIZC, J. **The evolution of grammatical categories**. Munich: Kink, 1975 [1965].

LABOV, W. On the meaning of variable rules. **Language in Society**, 10, p. 251-258, 1981.

\_\_\_\_\_. The social motivation of a sound change, **Word**, n. 19 p. 273-309, 1963. ,

\_\_\_\_\_. The reflection of social process in linguistic structures. In: FISHMANN, J. (Ed.) **Readings in the sociology of language**. The Hague: Mouton, p. 240-251, 1968.

\_\_\_\_\_. **The social stratification of English in New York City**. Washington Center for Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistic patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972. .

\_\_\_\_\_. The boundaries of words and their meanings. In: BAILEY, C. K.; SHUY, R. W (Ed.). **New ways of analyzing variation in English**. Washington: Georgetown University Press, p. 340-373, 1973.

\_\_\_\_\_. On the use of the present to explain the past. In: HEILMANN, L. (Ed.). **Proceedings of the 11<sup>th</sup> International Congress of Linguistics**. Bolonha, II Mulino, p. 825-851, 1975.

\_\_\_\_\_. Where does the linguistic stop? a response to Beatriz Lavandera. **Working Papers Sociolinguistics**, n.º. 44, 1978.

- \_\_\_\_\_. Resolving the neogrammarian controversy. **Language**, 57, p. 30-87, 1981. \_\_\_\_\_ . Building on empirical foundations. In.: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.) **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1982, p. 11-92.
- \_\_\_\_\_. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.
- \_\_\_\_\_. **How I got into linguistics, and what I got out of it**. Disponível em <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/HowIgot.html>>, 1997. Acesso em jan. 2009. \_\_\_\_\_ . **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.
- \_\_\_\_\_. Some sociolinguistic principles. In.: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, p. 234-250, 2003.
- LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago, 1987.
- LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, v. 1., 1987.
- \_\_\_\_\_. **Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Grammar and conceptualization**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.
- LAPESA, R. **Historia de la lengua española**. 9. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1981.
- LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic stop? **Language Society**, 7, p. 171-182, 1978.
- LAVRADIO, M. do. **Cartas da Bahia**. [1768-1769]. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1972.
- LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. **Lingua e Stile W**, p. 303-18, 1985.
- \_\_\_\_\_. Predicate classes and participation. In.: SEILER, H.; PREMPER, W. (Ed.) **Participation: das sprachliche Erfassen von Sachverhalten**. Tübingen: G. Narr (Lus, 6), p. 183-239, 1991. Erfassen von Sachverhalten.
- \_\_\_\_\_. Yukatekische locale relatoren in typologischer perspektive. **Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung**, 45, Berlin: p. 626-641, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Thoughts on grammaticalization**. 2nd. revised edition. Erfurt: University of Erfurt, 2002. Disponível em: <http://www.uni-erfurt.de/sprachwissenschaft/ASSidUe/ASSidUe09.pdf>. Acesso em: 25 de nov. de 2008.
- \_\_\_\_\_. New reflections on grammaticalization and lexicalization. WISCHER; I.; DIEWALD (Ed.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins (TSL, 49), p. 1-18, 2002 [2005].
- \_\_\_\_\_. Gramaticalização e lexicalização. Resumo de trabalho apresentado no **Colloquium "Questions of Language change"**. Centro de Estudos Alemães e Europeus. Universidade de Lisboa, 2006. (mimeo).
- \_\_\_\_\_. A auxiliarização de *ficar*: linhas gerais. In.: LIMA, de; SIBERG, B. (Ed) **Questions of language change**. Lisboa: Colibri, p. 1-17, 2008.
- \_\_\_\_\_. Gramática funcional. funcionalismo: princípios, metas e métodos. **Revista Guariva Letras: Atas do I Simpósio Internacional de Linguística Funcional**, p. 7-22, 2011.

\_\_\_\_\_. **Grundbedeutung und Gesamtbedeutung.** Disponível em <  
[http://www.christianlehmann.eu/ling/lg\\_system/sem/Grundbedeutung\\_gesamtbedeutu...](http://www.christianlehmann.eu/ling/lg_system/sem/Grundbedeutung_gesamtbedeutu...)  
 Acesso em: 04 e jun. de 2011.

LICHTENBERK, F. On the gradualness of grammaticalization. In.: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, E. (Ed) **Approaches to grammaticalization.** Vol. I, Amsterdam: John Benjamins, 1991.

LIMA-HERNANDES, M. C. Mudança gramatical: caminhos a percorrer. In.: LIMA-HERNANDES, M. C. **Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino.** São Paulo: Paulistana, 2010.

LLOYD, P. M. **From Latin to Spanish: historical phonology and morphology of in Spanish language.** Philadelphia: American Philosophical Society, v. 1, 1987.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira.** Rio de Janeiro: Editora Globo, 1985.

LURAGHI, S. Patters of case syncretism in indo-european languages. In.: RAMAT, A. G.; CARRUBA, O.; BERNINI, G. (Ed). **Papers from the VII<sup>th</sup> Internacional Conference on Historical Linguistic.** Amsterdam: John Benjamins, p. 355-371, 1987.

MACHADO, J. P. **Dicionário da Língua Portuguesa Etimológico.** 7. ed. Lisboa: Livros Horizonte. v. 3, 1995.

MARTELOTTA, M. E. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (Org) Estudos de processos **de gramaticalização em português: metodologias e aplicações.** Campinas: Mercado das Letras, p. 139-171, 2010.

\_\_\_\_\_. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso.** São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção leituras introdutórias).

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe.** São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível.** São Paulo: Parábola, 2008.

MAURER JR. T. H. **Gramática do latim vulgar.** Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

\_\_\_\_\_. **O problema do latim vulgar.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

\_\_\_\_\_. **O problema do latim vulgar.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962. Resenha de CASTILHO, A. T. de. Disponível em: <  
<seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/3212/2939>>. Acesso em: 22 de jan. de 2013.

MEIRELLES, V. A. G. A variação no sistema preposicional do português do Brasil. **Ao Pé da Letra**, n. 3, Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

MELO, G. C. **Gramática fundamental da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

MENDES, R. B. **A gramaticalização da perífrase estar + gerúndio no português falado.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas, UNICAMP, 1999.

MENDONÇA, M. A. A. de. Reexame de um caso clássico à luz de novos dados: a gramaticalização e a reanálise de mente. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (Org.) **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações.** Campinas: Mercado das Letras, p. 57-74, 2010.

- MENON, O. P. S. Perífrases com o verbo ir: variação e gramaticalização. In.: PUSCH, C. D.; WESCH, A. (Org.) **Verbalperipharsen in den (íbero-) romanischen sprachen**. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 2003.
- MILROY, L. Social networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGIL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed) **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, p. 549-569, 2002.
- MILROY, J. On the discourse of historical linguistics: language-internal explanation and language ideologies. **Court of the University of St. Andrews**, 39, v. 4, p. 357-370, 2003.
- MÓDOLO, M. et al. A variação na regência dos verbos “ir” e “chegar” com sentido de direção. **Ciências Humanas e Sociais em Revista Sociopédica**, v. 33, n. 1janeiro/junho, p. 43-55, 2011.
- MOLLICA, M. C. de M. A regência variável do verbo ir de movimento. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Org.) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 149-167 e p. 285-293, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Da fala coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.
- MONTEIRO, C. **Português da Europa e português da América: aspectos da evolução do nosso idioma**. Rio de Janeiro: Livraria J. Leite, 1931.
- NARO, A. J. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.
- \_\_\_\_\_. O dinamismo das línguas. In.: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (Org.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- NARO, A. J.; BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/gramaticalização. **Gragoatá**, Niterói, n. 9, 2. sem., p. 125-134, 2000.
- NARO, A. J.; SCHERE, M. M. P. Variação linguística, expressividade e tradição gramatical. In: GÖRSKI, E.; COELHO, I. L. (Org.) **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: EDUFSC, p. 235-266, 2006.
- NARROG, H.; HEINE, B. **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: University of Oxford, 2011.
- NEVALAINEN, T; PALANDER-COLLIN, M. Grammaticalization and sociolinguistic. In.: NARROG, H.; HEINE, B. **The Oxford handbook of grammaticalization** Oxford: University of Oxford, 2011.
- NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed.UNESP, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. Gramaticalização, discursividade e determinações cognitivo-perceptuais. In.: LIMA-HERNANDES, M. C. (Org.) **Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino**. São Paulo: Paulistana, p. 13-26, 2010.
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual Review of Anthropology** 13, p. 97-117, Stanford, 1984.
- NICHOLS, J.; TIMBERLAKE, A. Grammaticalization as retextualization. [S.l.], 1991. In: TRAUOGOTT, E.C.; HEINE, B. (eds.), **Approaches to Grammaticalization**, I, Amsterdam: John Benjamins, 129-146, 1991.

- OLIVEIRA, A. *Relações semânticas-cognitivas no uso da preposição “em” no português do Brasil*. Tese de Doutorado. – UFMG, 2009.
- OLIVEIRA, G. de P. **A variação das preposições “para” e “a” na fala de Uberaba e Montes Claros**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFU, Uberlândia, 2009.
- OLIVEIRA, J. M. de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.
- OLIVEIRA, J. O. N. de. **Enlaces e desenlaces entre participípios e gerúndios**. Tese (Doutorado em Letras) – UFBA, 2004.
- OLIVEIRA, M. **Adjuntos e complementos verbais introduzidos pela preposição “a”**. Texto apresentado no V Seminário do Projeto para a História do Português Brasileiro. Ouro Preto, outubro de 2002. (mimeo).
- OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. (Org.) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**: Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- OLIVEIRA E SILVA et al. Diferenças linguísticas entre sexos: fronteiras entre o biológico e o cultural. MOLLICA, M. C. de M.; LOPES, L. P. de M. (Org.) **Linguagem e cognição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, abril/junho, p. 61-66, 1994.
- PAIVA, D. de F. **História da língua portuguesa - II século XV e meados do século XVI**. São Paulo: Ática, 1988.
- PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, p. 33-42, 2003.
- PAREDES DA SILVA, V. L. A abordagem laboviana. Mesa redonda: os estudos de variação no Brasil: situação atual. **Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL**. Goiânia, 1993.
- PARERA, J. B. **Particularidades sintacticas del latin medieval**. Barcelona, 1953.
- PENNY, R. **A history of Spanish language**. 2.ed. New York: Cambridge University Press, 2002.
- PEREIRA, E. C. **Grammatica historica**. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1916.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PIRES, A. M. A. **Regência verbal: norma e uso em confronto**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras/UERJ, Rio de Janeiro, 1999.
- PIRILLO, F. C. **Os argumentos espaciais preposicionados selecionados por verbos de deslocamento: um trabalho contrastivo português-alemão**. Dissertação (Mestrado em Letras) – USP, São Paulo, 2009.
- POGGIO, R. M. G. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista**. Bahia: EDUFBA, 2002.
- PONTES, E. **Espaço e tempo na língua portuguesa**. Campinas: Pontes, 1992.
- POPLACK, S.; TAGLIAMONTE, S. **African American English in the diaspora**. Oxford: Blackwell, 2001.

POTTIER, B. **Systématique des elements de relation**: étude de morphosyntaxe romane. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1962.

\_\_\_\_\_. **Linguística moderna y filología hispánica**. Madrid: Gredos, 1976.

RAMOS, J. O emprego de preposições no português do Brasil. In.: TARALLO, F. (Org.) **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, 1989.

RAMOS, J.; VITRAL, L. **Gramaticalização** – uma abordagem formal. Belo Horizonte: UFMG, FALE; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

RAMOS, J.; VITRAL, L. **Gramaticalização – uma abordagem formal**. Belo Horizonte: FALE/Tempo Brasileiro, 2006.

RAMOS, J. V. B. **Aquisição da preposição “de” em L1**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. Variação e funcionalidade no uso de preposições e a regência do verbo ir na fala carioca. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Org) **Anthony Naro e a linguística no Brasil**: uma abordagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 87-94, 2008.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Sobre o sincretismo de a e em no exprimir direção, em estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)**. Rio de Janeiro: Simões, 1969.

\_\_\_\_\_. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ROSÁRIO, I. da C. do. Preposições – itens destituídos de significado? **Anais do III CLUERJ-SG**, Volume Único, Ano 3, n. 2, p. 1-26, 2006.

ROSCH, E. Principles of categorization. In.: ROSCH, E; LLOYD, B. B. (Ed) **Cognition and categorization**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, p. 27-48, 1978.

RUBBA, J. Grammaticalization as semantic change: a case study of preposition development. In.: PAGLIUCA (Ed.). **Perspectives on grammaticalization**. n. 124 1994.

SAID, A. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Brasília: Ed. Universidade Brasília, 1964.

SALOMÃO, M. **Polysemy, Aspect and Modality in Brazilian Portuguese**: the case for a cognitive explanation of grammar. 1990. Tese (Doutorado em Linguística). Graduate Division of the University of California at Berkeley, 1990.

SANKOFF, D.; LABOV, W. On the uses of variable rules. **Language in Society**, 8, p. 189-222, 1979.

SANKOFF, G. **The Social life of language**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1982.

SANKOFF, D. Variable rules. In.: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATHEIER, K. J. (Ed). **Sociolinguistics**: an international handbook of the science of language and society, v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter,

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, J. R. dos. **A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução: A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. [1916]
- SCHER, A. P. **As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo**. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UNICAMP, Campinas, 1996.
- SILVA, A. **A expressão de futuridade no português falado**. Araraquara: Ed. UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.
- SILVA, B. L. **O dialeto crioulo de Cabo Verde**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1956.
- SILVA, G. M. O; SCHERRE, M. M. P. (Org.) **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**: Tempo Brasileiro, 1996.
- SILVA NETO, S. **Fontes do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- SOUZA LIMA, M. P. **Grammatica expositiva da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- SVOROU, S. **The grammar of space**. Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- SWARTLEY, K. E. **Las preposiciones a, de, em, para y por: sugerencias para la enseñanza**, Dissertação de Mestrado. College of Bowling Green State University, 2008.
- SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TAGLIAMONTE, S. A. Comparative sociolinguistics. In.: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed.) **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, p. 729-762, 2002.
- \_\_\_\_\_. Quantitative analysis. In.: BAYLEY, R.; LUCAS, C. **Sociolinguistic variation: theories, methods, and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 190-214, 2009.
- TALMY, L. **Toward a cognitive semantics**. Cambridge/London: MIT Press, 2000. 2 v.
- TARALLO, F. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Philadelphia, University of Pennsylvania, PhD Dissertation. Mimeo, 1983.
- \_\_\_\_\_. Zelig: uma camaleão-linguística. **D.E.L.T.A**, São Paulo: 2, p. 127-144, 1986.
- \_\_\_\_\_. Por uma sociolinguística “paramétrica”: fonologia e sintaxe. **Ensaio de Linguística**. Belo Horizonte, n. 13, p. 51-83, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.
- \_\_\_\_\_. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além-mar ao final do século XIX. In.: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Ed.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001.
- TAVARES, M. A. **A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequência retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. Tese de Doutorado. UFSC, 2003.
- TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization – prototypes in linguistic theory**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

- TESNIÈRE, L. **Éléments de syntaxe structurale**. Paris: Klincksiek. 1969.
- TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Tradução. Celso Cunha. Lisboa: Sá de Costa, 1982.
- TÔRRES, A. A. **Moderna gramática expositiva da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963 [1959].
- TORRES-CACOULLOS, R. **El estudio de la variación morfosintáctica: volver a la “complementariedad débil”** por los canales de gramaticalización. In.: BUTRAGUENO, P. M (Ed.) México: El Colegio de México (a sair). Disponível em: <<http://www.personal.psu.edu/rct11/>> Acesso em 07 de fev. de 2011.
- TORRES-MORAIS; BERLINCK, R. de A. A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In.: LOBO, J.; RIBEIRO, J.; CARNEIRO, Z; ALMEIDA, N.(Org.) **Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises**. Salvador: EDUFBA, p. 73-106, 2006.
- TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In.: LEHMANN, W. P.; YAKOV, M. (Eds.) **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, p. 245-271, 1982.
- \_\_\_\_\_. Pragmatic strengthening and grammaticalization. **Proceedings of the 14th Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society**, p. 406-416, 1988.
- \_\_\_\_\_. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Department of Linguistics, Stanford University: Manchester, 1995.
- \_\_\_\_\_. The role of pragmatics in semantic change. In.: VERSCHUEREN, J. (Ed.) **Pragmatics in 1998: selected papers from the 6<sup>th</sup> International Pragmatics Conference**. Antwerp: International Pragmatics Association, p. 93-102, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Legitimate counterexamples to unidirectionality**. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/ectpaperonline.html>>. Acesso em: 21 de fev. 2012.
- \_\_\_\_\_. Grammaticalization and mechanisms of change. In.: NARROG, H.; HEINE, B. **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: University of Oxford, 2011.
- TRAUGOTT, E. C; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUGOTT, E.C; KÖNNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In.: TRAUGOTT, E. C.; HEINE. B. (Ed). **Approaches to grammaticalization**.v. I. (Focus on Theoretical and Methodological Issues). Amsterdam: John Benjamins, p. 189-218, 1991. v. 1.
- TRAVAGLIA, L. C. Sobre as possíveis razões da ausência e presença da preposição no objeto direto. **Letras e Letras**, v. 1, n. 1, p. 15-39, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- TYLER, A.; EVANS, V. **The semantics of English prepositions: spatial scenes, embodied meaning and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- VALLO, M. A. G. do. A regência do verbo *ir* de movimento na perspectiva variacionista. In: HORA, D. da (Org.) **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: Gráfica Editorial Pallotti, p. 207-217, 2004.
- VÄÄNÄNEN, V. **Introducción al Latín vulgar**. Madrid: Gredos, 1971.



VIEIRA, M. J. B. A variação das preposições em verbos de movimento – uma abordagem funcionalista. Trabalho apresentado no **V Senale – Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino**, 2007, Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, 2007.

\_\_\_\_\_. Variação das preposições em verbos de movimento. **SIGNUM: Estudos Linguísticos**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 423-445, 2009.

VILELA, M. **Gramática de valências**: teoria e aplicação. Coimbra: Almedina, 1984.

VITRAL, L. A negação: teoria da checagem e mudança linguística. **D.E.L.T.A.**, 15(1): 00, 1999.

VOTRE, S. J. (Org.) **Funcionalismo em linguística**: iconicidade. Edição de Suzana d' Ávila C. Rigoni. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1993. Edição de Suzana d' Ávila C. Rigoni Edição de Suzana d' Ávila C. Rigoni

\_\_\_\_\_. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p. 51-58, 2003.

VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. **A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro**: materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

WEINER, J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, 19, [1977]1983p. 339-384.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MACKIED, Y. (Ed.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, p. 97-195, 1968.

WHELOCK, F. M. **Wheelock's Latin**. 6. ed. New York: Harper Collins, 2005.

WIEDEMER, M. L. **A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2008a.

\_\_\_\_\_. As faces da comunidade de fala. **Linguagens-Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 2, n.1, p. 21-35, 2008b.

\_\_\_\_\_. Sociolinguística: questões teórico-metodológicas fundamentais. **Revista Querubim**, ano 5, nº 8, v. 2, p. 92-100, 2009a.

\_\_\_\_\_. Introdução aos conceitos básicos da Sociolinguística. **Cadernos do CNLF, Livro de Minicursos**, v. 13, nº 3, p. 129-140, 2009b.

\_\_\_\_\_. Ampliação da noção teórica da comunidade de fala na pesquisa sociolinguística. In: Anais do XII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e II Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2009, Uberlândia. **Anais do SILEL**, 2009c. v. 1.

\_\_\_\_\_. A atuação dos fatores sociais na seleção das preposições de regência do verbo *ir* (movimento) na fala de Santa Catarina. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 39, n. 2, São Paulo, p. 640-655, 2010a.

\_\_\_\_\_. Influência das variáveis sociais sobre o uso das preposições no complemento locativo do verbo *ir* na fala catarinense. **Revista Gatilho**, Ano VI, v. 11, p. 1-16, 2010b.

\_\_\_\_\_. Evidências de novos fatores linguísticos na seleção de preposições de complemento locativo do verbo *ir*. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Rio de Janeiro, n. 8. Rio de Janeiro, p. 203-221, 2011.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 18.11.2013

MARCOS LUIZ WIEDEMER